

Cibele Gadelha Bernardino

**O METADISCURSO INTERPESSOAL EM ARTIGOS
ACADÊMICOS: ESPAÇO DE NEGOCIAÇÕES E CONSTRUÇÃO
DE POSICIONAMENTOS**

Belo Horizonte
UFMG - FALE - POSLIN
2007

Cibele Gadelha Bernardino

**O METADISCURSO INTERPESSOAL EM ARTIGOS
ACADÊMICOS: ESPAÇO DE NEGOCIAÇÕES E CONSTRUÇÃO
DE POSICIONAMENTOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutora em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguística Aplicada

Linha de Pesquisa: Estudos da Linguagem, Identidade e Representação.

Orientadora - Profa. Dra. Adriana Silvina Pagano.

Belo Horizonte
UFMG – FALE – POSLIN
2007

B423m Bernardino, Cibele Gadelha

O metadiscorso interpessoal em artigos acadêmicos:
espaço de negociações e construção de posicionamentos /
Cibele Gadelha Bernardino. — Belo Horizonte, 2007.

243 p.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adriana Silvina Pagano

Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) –
Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

1. Artigo acadêmico. 2. Metadiscorso interpessoal. 3.
Marcadores metadiscursivos. I. Universidade Federal de
Minas Gerais.

CDD:410

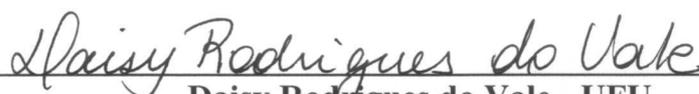
Tese defendida por CIBELE GADELHA BERNARDINO em 26/06/2007 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelas Profas. Dras. relacionadas a seguir:



Adriana Silvina Pagano - UFMG
Orientadora



Vera Lúcia Santiago Araújo - UECE



Daisy Rodrigues do Vale - UFU



Heliana Ribeiro de Mello - UFMG



Célia Maria Magalhães - UFMG

AGRADECIMENTOS

A Deus, sempre.

A minha família, pelo apoio e imenso carinho.

Ao meu amado irmão Cid Gadelha, pela presença sempre carinhosa.

Ao meu amado esposo Vladimir Rosas Rodrigues pelo apoio e carinho.

À professora Adriana Silvina Pagano, pela orientação atenciosa e competente.

Aos queridos amigos sempre presentes Adail Rodrigues Junior e Edemar Amaral Cavalcante, pelo apoio, presença e carinho incondicionais.

A minha querida amiga Tatiana Macedo, pela presença amiga e dedicada.

Aos amigos Paulo Henrique Caetano e Carolina Duarte Santana, pelo companheirismo e carinho.

À querida amiga Tarcileide Bezerra, pela amizade sincera sempre presente.

À amiga Ana Maria Pereira, pelo apoio.

Às instituições Universidade Estadual do Ceará e CAPES.

Aos membros do projeto CORDIAL da Faculdade de Letras da UFMG.

RESUMO

Esta tese investiga a construção do metadiscorso interpessoal em exemplares de artigos acadêmicos produzidos por autores(as) brasileiros(as), visando indagar como os marcadores metadiscursivos interpessoais (HYLAND, 2000) realizados por adjuntos modais (HALLIDAY, 1994) são utilizados pelos(as) autores(as) brasileiros(as) da área de lingüística em exemplares de artigos acadêmicos experimentais, teóricos e de revisão de literatura (SWALES, 2004). Para cumprir tal objetivo, investigamos um *corpus* composto por 10 exemplares de artigos experimentais, 10 exemplares de artigos de revisão de literatura e de 10 exemplares de artigos teóricos, compilados a partir de exemplares do periódico D.E.L.T.A. disponíveis no site <http://www.scielo.br>, e publicados no período compreendido entre os anos de 1997 e 2004. Para o levantamento e mapeamento dos adjuntos modais que funcionaram como marcadores interpessoais foi feita uma anotação manual do *corpus* que permitiu extrair dados quantitativos com o programa *WordSmith Tools*. No primeiro momento de análise, os advérbios que funcionaram como adjuntos modais foram manualmente anotados, depois fizemos uma classificação dos tipos de adjuntos segundo Halliday (1994) e Halliday & Matthiessen (2004) em diálogo com abordagens funcionais do português (NEVES, 2000). Em um terceiro momento, identificamos os adjuntos modais que funcionaram como marcadores interpessoais (HYLAND, 1998/2000). Por fim, uma análise mais detalhada de cada tipo de artigo e de suas unidades retóricas foi realizada para examinar os marcadores interpessoais em seus co-textos. A análise dos dados apontou para os seguintes resultados: (a) nos três *corpora* o marcador metadiscursivo mais utilizado pelos(as) autores(as) foi o marcador atributivo realizado por adjuntos modais de validade, intensidade e usualidade; (b) Os marcadores metadiscursivos de ênfase foram realizados por adjuntos modais de suposição, persuasão, probabilidade, obviedade e intensidade e o número de ocorrências desses marcadores foi muito próximo nas três categorias de artigos, sendo levemente maior em artigos teóricos (c) os marcadores metadiscursivos de atenuação foram realizados, nos três *corpora*, por adjuntos modais de probabilidade e suposição, com predomínio absoluto dos adjuntos de probabilidade. O número de marcadores de atenuação foi bastante superior nos exemplares dos artigos experimentais se comparado ao número desses marcadores em artigos teóricos e de revisão de literatura; e (d) os marcadores metadiscursivos atitudinais realizados pelos adjuntos modais de desejo, predição e intensidade foram os menos utilizados em todas as três categorias de artigos. É importante salientar que os(as) autores(as) de artigos experimentais utilizaram mais marcadores metadiscursivos que os(as) autores(as) de artigos teóricos e de revisão de literatura. Esta distinção deve-se, principalmente, às diferenças quanto ao uso dos marcadores metadiscursivos interpessoais de atenuação nos três *corpora*, uma vez que esse tipo de recurso metadiscursivo foi, preferencialmente, utilizado nos artigos experimentais. Este fato deve-se à presença marcante desses marcadores na unidade retórica Resultados e Discussão, que é típica dos artigos experimentais. Isto indica que em contraste com artigos teóricos e de revisão de literatura, em artigos experimentais, os(as) autores(as) parecem ter uma maior preocupação em atenuar a força asseverativa de suas afirmações, assim como em apresentar-se como fonte de suas proposições, deixando um espaço de negociação mais amplamente aberto com seus pares da comunidade disciplinar.

ABSTRACT

This dissertation examines metadiscourse (Hyland, 1998/2000) in research articles written by Brazilian researchers within the field of linguistics with a view to investigating the role of interpersonal markers (Hyland, 2000) realized by modal adjuncts (Halliday, 1994) in the writers' projection of a stance and negotiation with their academic disciplinary communities. In order to pursue this, drawing on Swales (2004) a corpus composed by 10 experimental articles, 10 theoretical articles and 10 review articles published between 1997 and 2004 was compiled from a Brazilian indexed journal (DELTA). Firstly adverbs functioning as modal adjuncts were manually annotated in the corpus and quantitative data regarding their occurrence per article and per rhetorical section were retrieved with the software Wordsmith Tools. In a second stage, adjuncts were classified following Halliday (1994) and Halliday & Matthiessen (2004) supplemented by insights gathered from functional approaches to Portuguese (NEVES, 2000). A third step was to identify modal adjuncts functioning as interpersonal markers according to Hyland (1998/2000). Finally, a more detailed analysis of articles of each type was carried out in order to examine markers interpersonal within their co-text. Our analysis shows that attribute markers realized by modal adjuncts of validity, intensity and usuality were the most frequent markers occurring in the three types of research articles. Metadiscourse markers of emphasis realized by modal adjuncts of presumption, persuasion, probability, obviousness and intensity also occurred in the three types of articles, their frequency being slightly higher in theoretical articles. Moreover, the three types of article showed occurrences of hedges, which were realized by modal adjuncts of probability and presumption, the former being significantly more frequent. Our analysis further shows that hedges occurred more frequently in experimental articles than theoretical and review articles and that attitudinal markers realized by modal adjuncts of desire, prediction and intensity were the least frequently used category in all the three types of articles. Of the three types of articles, experimental articles showed the highest frequency of metadiscourse markers, mostly due to the significant occurrence of hedges in this type of articles, particularly in the rhetorical section of Results and Discussion, a section typically present in experimental articles. This seems to point to a concern on the part of writers of experimental articles about expressing statements with caution and negotiating their claims to gain acceptance in their disciplinary communities.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AA	Artigo Acadêmico
AE	Artigo Experimental
AT	Artigo Teórico
AR	Artigo de Revisão
ADM	Adjunto Modal
ADMINT	Adjunto Modal de Intensidade
ADMINT-MAT	Marcador Atitudinal realizado por Adjunto Modal de Intensidade
ADMINT-MATR	Marcador Atributivo realizado por Adjunto Modal de Intensidade
ADMINT-ME	Marcador de ênfase realizado por Adjunto Modal de Intensidade
ADMOBV	Adjunto Modal de Obviedade
ADMOBV-ME	Marcador de Ênfase realizado por Adjunto Modal de Obviedade
ADMPERS	Adjunto Modal de Persuasão
ADMPERS-ME	Marcador de Ênfase realizado por Adjunto Modal de Persuasão
ADMPOL	Adjunto Modal de Polaridade
ADMPRED	Adjunto Modal de Predição
ADMPRED-MAT	Marcador atitudinal realizado por Adjunto Modal de Predição
ADMPRO	Adjunto Modal de Probabilidade
ADMPRO-MA	Marcador de Atenuação realizado por Adjunto Modal de Probabilidade
ADMPRO-ME	Marcador de Ênfase realizado por Adjunto Modal de Probabilidade
ADMSUP	Adjunto Modal de Suposição
ADMSUP-MA	Marcador de Atenuação realizado por Adjunto Modal de Suposição

ADMSUP-ME	Marcador de Ênfase realizado por Adjunto Modal de Suposição
ADMTEM	Adjunto Modal de Tempo
ADMTIP	Adjunto Modal de Tipicidade
ADMUSU	Adjunto Modal de Usualidade
ADMUSU-MATR	Marcador atributivo realizado por Adjunto Modal de Usualidade
ADMVAL	Adjunto Modal de Validade
ADMVAL-MATR	Marcador atributivo realizado por Adjunto Modal de Validade
EGPE	Estudos de Gêneros para propósitos Aplicados
GSF	Gramática Sistemico-Funcional
LSF	Linguística Sistemico-Funcional
MA	Marcador de Atenuação
MAT	Marcador Atitudinal
MATR	Marcador Atributivo
ME	Marcador de Ênfase

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 -	Metáforas de gênero (SWALES, 2004:68).....	35
FIGURA 2 -	Modelo CARS (Swales, 1990:141).....	41
FIGURA 3 -	Síntese da organização retórica da seção de Resultados e Discussão	45
FIGURA 4 -	Esquema demonstrativo do Sistema de Modo da Língua	78
FIGURA 5 -	Sistema dos adjuntos de modo (Halliday; Matthiessen, 2004:128).....	85
FIGURA 6 -	System network of modality (Halliday; Matthiessen, 2004:150).....	90
FIGURA 7 -	Excertos do <i>corpus</i> 1 que apresentam os objetivos dos exemplares dos Artigos experimentais (AE).....	120
FIGURA 8 -	Excertos do <i>corpus</i> 2 que apresentam os objetivos dos exemplares dos Artigos teóricos (AT).....	123
FIGURA 9 -	Excertos do <i>corpus</i> 3 que apresentam os objetivos dos exemplares dos Artigos de revisão de literatura (AR).....	126
FIGURA 10 -	Significados dos adjuntos modais de intensidade.....	142
FIGURA 11 -	Significados dos marcadores metadiscursivos de atenuação realizados por adjuntos modais (advérbios simples) no corpus de artigos experimentais.....	166
FIGURA 12 -	Significados metadiscursivos dos marcadores de atenuação realizados por adjuntos modais (advérbios simples) no corpus de artigos teóricos.....	188
FIGURA 13	Significados construídos pelos marcadores metadiscursivos de atenuação em artigos de revisão de literatura.....	207
FIGURA 14 -	Resumo das ocorrências dos marcadores metadiscursivos interpessoais em artigos experimentais.....	220
FIGURA 15 -	Resumo das ocorrências dos marcadores metadiscursivos interpessoais em artigos teóricos.....	221
FIGURA 16 -	Resumo das ocorrências dos marcadores metadiscursivos interpessoais em artigos de revisão de literatura.....	222
QUADRO 1 -	MODO 1 – oração declarativa afirmativa.....	79
QUADRO 2 -	Funções discursivas – tipos de modo da oração.....	80
QUADRO 3 -	Adjuntos de modalidade e polaridade.....	84
QUADRO 4 -	Adjuntos modais de temporalidade.....	84
QUADRO 5 -	Adjuntos modais de modo.....	84
QUADRO 6 -	Realizações metafóricas de modalidade	88
QUADRO 7 -	Modalidade: variáveis de tipo e orientação combinadas.....	92

QUADRO 8 -	Valores da modalidade.....	92
QUADRO 9 -	Tipo X valor X polaridade.....	93
QUADRO 10 -	Adjuntos de comentário e seus significados.....	95
QUADRO 11 -	Adjuntos de comentário.....	96
QUADRO 12 -	Classes de adjuntos X Significados construídos na linguagem.....	105
QUADRO 13 -	Organização retórica dos exemplares de artigos acadêmicos do <i>corpus</i> da análise piloto.....	111
QUADRO 14 -	Unidades retóricas dos artigos experimentais do <i>corpus</i> 1.....	121
QUADRO 15 -	Unidades retóricas dos artigos teóricos do <i>corpus</i> 2.....	124
QUADRO 16 -	Unidades retóricas dos exemplares do artigo de revisão (AR) (<i>corpus</i> 3).....	126
QUADRO 17 -	Advérbios dos <i>corpora</i> 1,2 e 3 que funcionaram como adjuntos modais (modalização).....	146
QUADRO 18 -	Significados dos marcadores de ênfase realizados por adjuntos modais (advérbios simples) no corpus de artigos experimentais.....	174
QUADRO 19 -	Significados dos marcadores de ênfase realizados por adjuntos modais (advérbios simples) no corpus de artigos teóricos.....	196
QUADRO 20 -	Significados dos marcadores de ênfase em exemplares de artigos de revisão de literatura.....	210

LISTA DE TABELAS

1-	Percentual de adjuntos modais realizados por advérbios simples em relação ao total de palavras não-repetidas (8.664) do <i>corpus</i> 1 (10 artigos experimentais completos).....	147
2 -	Percentual dos tipos de adjuntos modais em relação ao total de adjuntos modais (1.019) do <i>corpus</i> 1 (10 artigos experimentais completos).....	148
3 -	Distribuição dos adjuntos modais no <i>corpus</i> 1 (10 Artigos experimentais completos) (resultado do cálculo da Lista de Consistência Detalhada).....	149
4 -	Percentual de adjuntos modais realizados por advérbios simples em relação ao total de palavras não-repetidas (7.710) do <i>corpus</i> 2 (10 artigos teóricos completos).....	149
5 -	Percentual dos tipos de adjuntos modais em relação ao total de adjuntos modais (902) do <i>corpus</i> 2 (10 artigos teóricos completos).....	150
6 -	Distribuição dos adjuntos modais no <i>corpus</i> 2 (10 artigos teóricos completos) (Resultado do cálculo da Lista de Consistência Detalhada).....	151
7 -	Percentual de adjuntos modais realizados por advérbios simples em relação ao total de palavras não-repetidas (10.067) do <i>corpus</i> 3 (10 Artigos de Revisão completos).....	151
8 -	Percentual dos tipos de adjuntos modais em relação ao total de adjuntos modais (962) do <i>corpus</i> 3 (10 Artigos de Revisão completos).....	152
9 -	Distribuição dos adjuntos modais no <i>corpus</i> 3 (10 Artigos de Revisão completos) (Resultado do cálculo da Lista de Consistência Detalhada).....	153
10 -	Comparação entre os <i>corpora</i> 1, 2 e 3.....	153
11 -	Comparação entre as ocorrências de marcadores interpessoais nos <i>corpora</i> 1, 2 e 3.....	158
12 -	Marcadores do metadiscurso interpessoal por unidade retórica – artigos experimentais (5 exemplares).....	159
13 -	Marcadores do metadiscurso interpessoal por unidade retórica – artigos teóricos (5 exemplares).....	184

14 - Marcadores do metadiscurso interpessoal por unidade retórica – artigos de revisão de literatura (5 exemplares).....	204
15 - Marcadores interpessoais atributivos realizados por adjuntos modais de usualidade.....	214

SUMÁRIO

RESUMO.....	04
ABSTRACT.....	05
CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO.....	13
1.1 As questões e os objetivos que mobilizaram a pesquisa.....	13
1.2 A organização retórica do texto da Tese.....	19
CAPÍTULO 2: GÊNEROS ACADÊMICOS: ESPAÇO DE NEGOCIAÇÕES E CONSTRUÇÃO DE POSICIONAMENTOS.....	21
2.1 Um panorama dos estudos sobre gêneros textuais.....	21
2.2 Algumas breves considerações sobre o gênero artigo acadêmico.....	39
2.3 Estudos sobre significados interpessoais em gêneros acadêmicos.....	46
CAPÍTULO 3: ELEMENTOS TEÓRICOS PARA COMPREENSÃO DA CONSTRUÇÃO DOS SIGNIFICADOS INTERPESSOAIS DA LINGUAGEM.....	55
3.1 O estudo sobre modalidade: um breve panorama.....	55
3.2 Um panorama sobre a categoria dos advérbios.....	60
3.3 Metafunção interpessoal: a gramática da interação.....	75
CAPÍTULO 4: METODOLOGIA.....	108
4.1 O objeto de estudo.....	109
4.2 Descrição dos <i>corpora</i> de análise.....	110
4.3 Procedimentos de análise.....	112
CAPÍTULO 5: OBSERVANDO OS ADJUNTOS MODAIS.....	119
5.1 Reconhecendo e classificando os adjuntos modais nos exemplares dos <i>corpora</i> 1, 2 e 3.....	128
5.2 Apresentando a frequência e a distribuição dos adjuntos modais nos exemplares dos <i>corpora</i> 1,2 e 3.....	146
CAPÍTULO 6: OBSERVANDO OS MARCADORES METADISCURSIVOS.....	157
CAPÍTULO 7: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	218
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	235

Capítulo 1

Introdução

Significant genres, such as the research article (RA), are integral to a disciplines methodology as they ensure that information is conveyed in ways that conform to its norms and ideology. Thus for writers to publish and influence their fields, they must exploit their understanding of these genres.

Ken Hyland, *Writing without conviction? Hedging in science research articles.*

1.1 As questões e os objetivos que mobilizaram a pesquisa

Acredito que a inquietação necessária para a gestação de uma pesquisa pode partir de três pontos: de lacunas teóricas as quais o(a) pesquisador(a) almeja preencher e para tanto busca um *locus* de análise que lhe seja fértil; do contato com um objeto que provoque questões relevantes a um ambiente teórico, ou da interseção entre estes dois pontos de partida. Posiciono-me no ponto de partida da interseção, posto que, por um lado, as questões referentes às diversas esferas da interação social e os gêneros textuais que as mobilizam têm sido objeto de meu interesse e estudo desde 1999, quando iniciei a pesquisa para minha dissertação de mestrado (BERNARDINO, 2000) e, por outro lado, o gênero artigo acadêmico passou a ocupar a minha atenção, em meados de 2002, particularmente no que diz respeito à construção dos posicionamentos e das avaliações dos(as) pesquisadores(ras). É, pois, a partir deste encontro entre um campo teórico, a Análise de Gêneros, e um objeto de análise, o artigo acadêmico, que localizo a questão central que impulsiona esta pesquisa, a saber: *como os(as) pesquisadores(as) constroem seus posicionamentos e suas avaliações no gênero textual artigo acadêmico?*

É relevante salientar que foi no espaço do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais que encontrei o terreno

favorável para a investigação desta questão. Pois foi neste espaço que pude desenvolver um trabalho consistente a partir da formação do grupo de pesquisa registrado no diretório do CNPq, “Conhecimento Experto em Comunidades Disciplinares Acadêmicas”. E é exatamente porque esta pesquisa nasceu e se desenvolveu no ambiente desse grupo e sob a presente orientação da prof^a. Adriana Pagano que passo, a partir deste ponto do meu texto, a escrever em primeira pessoa do plural.

É importante lembrar que alguns(mas) pesquisadores(as) já envidaram esforços para buscar responder à questão proposta acima, olhando-a a partir de pressupostos teóricos e metodológicos distintos. No cenário internacional citamos, sobretudo na vertente anglo-americana de estudos, os trabalhos de Crompton (1997) sobre o uso de *hedges* (marcadores de atenuação) em escrita acadêmica; de Hyland (1998/ 2000) sobre o uso de *hedges* (marcadores de atenuação) e *boosters* (marcadores de ênfase) como mecanismos de negociação entre membros de uma área disciplinar; de Varttala (1999) sobre o uso de *hedges* (marcadores de atenuação) em artigos de divulgação científica; de Myers (1999) sobre a pragmática da polidez em textos acadêmicos; de White (2003) sobre marcadores dialógicos no texto acadêmico, entre outros.

Quanto ao cenário brasileiro, contemplando vertentes distintas, chamamos a atenção para os trabalhos de Coracini (1991) que busca analisar marcas textuais indicadoras da subjetividade da autoria a partir dos pressupostos teóricos da Lingüística da Enunciação, de Figueiredo-Silva (2001) sobre o ensino do uso de atenuadores em escrita acadêmica; de Balocco (2002) sobre o uso de enunciados em primeira pessoa no texto acadêmico e de Araújo (2005) sobre indicadores textuais da subjetividade da autoria em artigos acadêmicos em língua portuguesa e em língua inglesa.

Nossa proposta de trabalho insere-se neste interesse de pesquisa. Assim, a partir da análise de um *corpus* de artigos produzidos por pesquisadores(as) brasileiros(as) no periódico D.E.L.T.A., buscamos perceber e analisar como, na área de Lingüística, os(as) autores(as) de exemplares do gênero textual artigo acadêmico constroem significados interpessoais de posicionamento avaliativo ao produzirem seus textos. Esta questão parte da consideração de que diferentes padrões de avaliação podem exercer papéis específicos em gêneros específicos e, portanto, cabe levantar tais padrões nos termos de suas ocorrências e seus funcionamentos, articulando-os aos valores e propósitos dos grupos sociais que utilizam tais gêneros.

Como delimitação deste objetivo central, esta pesquisa busca realizar os seguintes objetivos específicos:

1. Mapear e analisar os marcadores metadiscursivos interpessoais (HYLAND,1998/2000) realizados por meio de adjuntos modais (HALLIDAY, 1994/2004).
2. Verificar como estes elementos se apresentam em artigos acadêmicos Experimentais, Teóricos e de Revisão de Literatura (SWALES, 2004).
3. Comparar como estes marcadores metadiscursivos se apresentam em cada uma das unidades retóricas prototípicas do gênero artigo acadêmico em exemplares de artigos experimentais, teóricos e de revisão de literatura. (SWALES, 2004).
4. Analisar quais as relações entre o padrão de posicionamento e avaliação do(a) pesquisador(a)-autor(a), ao produzir exemplares de artigos experimentais, teóricos e de revisão e os propósitos e valores da comunidade disciplinar.

Para tanto, trabalhamos com a articulação entre três teorias de base: a análise de gêneros textuais, com foco na produção teórica de John Swales (1990/2004), o estudo do metadiscurso interpessoal de Hyland (1996/1998/2000) e a teoria sistêmico-funcional de M. A. K. Halliday (1994/2004), particularmente para o tratamento dos adjuntos modais.

Em primeiro lugar, queremos justificar que, em meio a variadas perspectivas para a abordagem de gêneros, optamos pela perspectiva da vertente anglo-americana de John Swales, porque a produção deste autor é reconhecidamente voltada para aplicações em análise de gêneros em contextos acadêmicos, em especial para o tratamento do gênero artigo acadêmico. Inclusive, no Brasil, a descrição de diferentes gêneros acadêmicos é feita, predominantemente, com base neste autor. Além disso, Swales (1990/2004) estabelece conceitos fundamentais para o exame de gêneros textuais, propondo a análise textual como caminho para iluminar questões sobre a caracterização dos gêneros e a relação com suas práticas sociais subjacentes.

A teoria de Swales (1990/2004) é utilizada neste trabalho, basicamente, para o tratamento retórico dos exemplares de artigos acadêmicos.

Se por um lado, o referencial teórico de Swales possibilita visualizar a organização retórica dos gêneros acadêmicos, por outro lado, não nos oferece instrumentos suficientes para a análise dos caminhos utilizados pelos(as) autores(as) para construir seus posicionamentos e avaliações. Assim, foi no conceito de *metadiscurso interpessoal* utilizado por Hyland (1996/1998/2000) que encontramos a categoria teórica satisfatória para averiguar a construção de posicionamentos desses(as) autores(as) em exemplares de textos acadêmicos, pois este autor, em grande parte da sua produção, dedica-se ao estudo do metadiscurso em exemplares de gêneros textuais que circulam na comunidade acadêmica. Para Hyland (1998), o metadiscurso interpessoal

refere-se a aspectos do texto que explicitamente sinalizam a atitude do autor em relação ao conteúdo proposicional e em relação à audiência. O metadiscurso é, portanto, essencialmente interacional e avaliativo.

Hyland (1998) aponta cinco categorias que podem ser averiguadas para a análise do metadiscurso interpessoal: *hedges* (marcadores de atenuação), *emphatics* (marcadores de ênfase), *attitude markers* (marcadores de atitude), *relational markers* (marcadores relacionais) e *person markers* (marcadores pessoais)¹. É fundamental para a compreensão do percurso realizado nesta pesquisa que se esclareça que esses marcadores metadiscursivos podem ser realizados por diferentes elementos léxico-gramaticais, mas que Hyland não se preocupou, em seus estudos, em estabelecer critérios para o mapeamento desses elementos do ponto de vista léxico-gramatical. Assim, buscamos na teoria sistêmico-funcional de Halliday (1994/2004) o instrumental teórico-metodológico adequado para verificar e mapear quais elementos léxico-gramaticais são responsáveis pela construção dos significados metadiscursivos interpessoais em exemplares de artigos acadêmicos.

Desta feita, nesta pesquisa interessou, particularmente, o detalhamento da função interpessoal da linguagem apontada por Halliday (1994/2004), uma vez que é, principalmente, por meio dos significados interpessoais que os falantes se posicionam e posicionam seus interlocutores no ato da interação. Para Halliday (1994), a construção dos significados interpessoais se faz, predominantemente, por meio dos sistemas de modo e modalidade da língua que serão descritos pormenorizadamente no Capítulo 2 desta tese.

Como é possível perceber, as questões aqui levantadas trazem em seu bojo reflexões sobre que elementos podem ser considerados mais apropriadamente definidores para a caracterização de um gênero textual. Ao observar o padrão de

construção do metadiscurso interpessoal do(a) pesquisador(a)-autor(a), pretendemos, pois, perceber as relações entre este padrão e os propósitos e valores da comunidade disciplinar ao escrever artigos acadêmicos e, desta forma, perceber em que medida os elementos léxico-gramaticais (particularmente os adjuntos modais) utilizados para construir tal metadiscurso são relevantes para a caracterização deste gênero.

A proposta de pesquisa apontada nesta tese traz contribuições tanto para o campo da Análise de Gêneros quanto para a perspectiva Sistêmico-Funcional. Para o primeiro campo, a pesquisa pode contribuir, como propõe Swales (2000), para afunilar o olhar em direção a uma micro-análise dos exemplares de gêneros, verificando em que medida elementos lingüísticos podem ou não ser caracterizadores dos gêneros textuais. Para a Lingüística Sistêmica, esta pesquisa pode favorecer, não só a compreensão sobre como as escolhas léxico-gramaticais dos falantes funcionam para estabelecer propósitos e valores sociais, mas também a aplicação dos conceitos e da metodologia de análise desta teoria a um *corpus* em língua portuguesa.

Outra importante contribuição da investigação aqui proposta está relacionada ao ensino da escrita acadêmica, uma vez que o reconhecimento, a descrição e a análise do padrão léxico-gramatical de construção do metadiscurso interpessoal construído pelos(as) autores(as) pode contribuir, sobremaneira, em dois importantes aspectos. Primeiro, para ampliar o campo de descrição dos gêneros textuais da academia que têm sido, preferencialmente, estudados em relação à caracterização das suas unidades e subunidades de informação prototípicas. Segundo, para subsidiar a produção de materiais didáticos, a exemplo da importante produção do material organizado por Motta-Roth (2002b) sobre redação acadêmica.

Por fim, é interessante observar que o momento atual é bastante propício à análise e descrição dos padrões de posicionamento e avaliação da autoria, posto que

¹ Tradução de nossa responsabilidade.

parece estar ocorrendo uma maior conscientização sobre a necessidade de se estudar como o(a) autor(a) se compromete e se posiciona frente ao discurso construído. Assim, o estudo ora proposto pode contribuir para a explicitação desse metadiscurso.

1.2 A organização retórica do texto da Tese

O texto desta tese estará dividido em sete capítulos.

Na Introdução ou primeiro capítulo, apresentamos os objetivos e a justificativa para a realização da pesquisa.

No capítulo 2, apresentamos a discussão teórica acerca das noções de gênero textual e comunidade disciplinar, a caracterização do gênero artigo acadêmico e uma discussão sobre a construção do metadiscurso interpessoal em gêneros textuais que circulam na academia.

No capítulo 3, realizamos um breve panorama dos estudos sobre modalidade, para em seguida tratar sobre a categoria dos advérbios, particularmente, dos modalizadores e finalizamos com o tratamento detalhado da metafunção interpessoal da Gramática Sistêmico-funcional, focalizando, principalmente, o papel dos adjuntos modais na construção de significados metadiscursivos.

No capítulo 4, apresentamos o objeto de estudo, a descrição dos *corpora* de análise, os procedimentos para a realização da análise e os resultados prévios da análise piloto realizada quando da elaboração do projeto de pesquisa que deu origem a este trabalho.

No capítulo 5, primeiro capítulo de análise propriamente dita, apresentamos os resultados quantitativos aos quais chegamos sobre o mapeamento, a distribuição e a classificação dos adjuntos modais nos três *corpora* de análise. Este capítulo visa não somente apresentar tais resultados, mas também o percurso realizado para depreendê-los, assim como as dificuldades de análise que foram sendo resolvidas neste percurso. É

importante salientar aqui que o levantamento dos adjuntos modais visa verificar quais desses adjuntos funcionaram como marcadores do metadiscurso interpessoal.

No capítulo 6, após termos mapeado os adjuntos modais utilizados pelos(as) autores(as) (capítulo 5), passamos a observar esses dados, verificando quais desses adjuntos modais funcionaram como marcadores de metadiscurso interpessoal. A partir daí, realizamos um novo levantamento quantitativo para verificar a ocorrência dos marcadores metadiscursivos nos exemplares dos artigos experimentais, teóricos e de revisão. Discutimos, então, os resultados encontrados, interpretando-os à luz dos propósitos comunicativos do gênero artigo acadêmico e dos valores, convenções e relações de poder que regulam as interações na comunidade disciplinar em foco.

Por fim, no capítulo 7, sistematizamos os resultados encontrados ao longo dos capítulos 5 e 6.

Capítulo 2

Gêneros textuais acadêmicos: espaço de negociações e construção de posicionamentos

Increasingly, then, mainstream research has moved away from simple constituency representations of genre staging to examine clusters of register, style, lexis and other rhetorical features which might distinguish particular genres. An important feature of much recent work has been a growing interest in the interpersonal dimensions of academic and technical writing. This research has sought to reveal how persuasion in various genres is not only accomplished through the representation of ideas, but also by the construction of an appropriate authorial self and negotiation of accepted participant relationships.

Ken Hyland, *Disciplinary discourse: Social interactions in academic writing*.

O objetivo deste capítulo é oferecer um panorama dos estudos sobre os gêneros textuais acadêmicos como espaço de interação social, de negociação entre pares, de construção de posicionamento e avaliação. Para tanto, inicialmente apresentaremos um breve panorama para situar as diferentes abordagens que têm se debruçado sobre as questões referentes ao estudo dos gêneros textuais, para em seguida tratar sobre a construção de significados interpessoais no gênero artigo acadêmico que é o objeto específico desta pesquisa.

2.1 Um panorama dos estudos sobre gêneros textuais

Os estudos sobre gêneros textuais têm ocupado espaço importante no cenário dos estudos sobre a linguagem em uso, principalmente, no que diz respeito à interação em comunidades acadêmicas e profissionais e ao ensino de língua materna e segunda língua.

Podemos apontar quatro importantes vertentes que devem ser consideradas neste cenário: a Escola de Genebra; a Escola de Sydney e as perspectivas norte-americanas da Nova Retórica e dos Estudos de Gêneros para Propósitos Específicos.

A Escola de Genebra, situada na perspectiva teórica do interacionismo sócio-discursivo, tem como principais nomes os de Jean-Paul Bronckart e de Bernard Schneuwly.

O cenário teórico do interacionismo sócio-discursivo tem suas bases na psicologia social de Vygotsky (1934/1985), na sociologia de Habermans (1987) e de Ricoeur (1986) e na perspectiva sócio-enunciativa de Bakhtin (1953/1992) na qual podemos encontrar a abordagem de gênero da Escola de Genebra.

Essa abordagem tem como objetivo central o estudo de gêneros para a construção de uma experiência aplicada à escola elementar. Na perspectiva de análise proposta por Bronckart (1999), a ênfase da análise de gêneros é lançada sobre a análise dos *tipos de discurso* em relação com os *mundos discursivos* (termos do autor). Entendendo tipos de discurso como: *formas lingüísticas que são identificáveis nos textos e que traduzem a criação de mundos discursivos específicos, sendo esses tipos articulados entre si por mecanismos enunciativos que conferem ao todo textual sua coerência seqüencial e configuracional.* (BRONCKART, 1999:149)

Assim, para este autor, os tipos do discurso são analisados em termos sócio-psicológicos, ou seja, o analista tenta definir as operações constitutivas dos mundos discursivos e sua materialização em tipos lingüísticos.

Esta perspectiva dos estudos sobre gêneros é a que mais dificilmente estabelece diálogo com as demais três abordagens, uma vez que transita mais especificamente pelos meandros teóricos da psicologia social.

Quanto às demais abordagens, há pontos de contato, particularmente entre a abordagem de Estudos de Gêneros para Propósitos Específicos de Swales e Bhatia e a Abordagem Sistêmico-Funcional da Escola de Sydney. Antes, porém, iniciemos pelo tratamento da perspectiva de estudo de gênero conhecida como Nova Retórica cujo trabalho seminal é o de Carolyn Miller (1984) intitulado “*Genre as social action*”.

Neste ensaio, Miller discute o conceito de situação recorrente relacionando-o ao conceito de gênero que é visto como ação retórica recorrente. Assim, o termo gênero está relacionado a uma classificação baseada na prática retórica organizada em torno de ações típicas de uma situação também típica. Sob este ponto de vista, o gênero é percebido como cultural, histórico e, portanto, dinâmico.

É importante compreender, ainda, que para esta autora, o conceito de situação é parte de uma concepção semiótica, ou seja, uma situação tipificada não é igual à sua ocorrência; é, na realidade, uma representação social, uma estrutura semiótica. Então, o gênero é entendido como uma ação retórica recorrente dirigida a situações sociais recorrentes que são entendidas como representações coletivas de situações reais que se tornam típicas em uma determinada cultura. Miller (1994), em seu artigo *Rhetorical Community: the cultural basis of genre*, toma o conceito de cultura como um modo particular de vida em um determinado tempo e lugar em toda a sua complexidade experienciada por um grupo que se reconhece enquanto uma identidade comum. Para a autora, é possível caracterizar uma cultura a partir de seu conjunto de gêneros posto que este conjunto representa um sistema de ações e interações que apresentam localizações e funções sociais específicas e com valor recorrente. Como consequência desta interpretação, Miller aponta, ainda, para o gênero como um espaço mediador entre o micro-nível do processamento da linguagem natural e o macro-nível da cultura. É sob este prisma que a

autora aponta que o gênero possibilita aos sujeitos a aprendizagem de como agir retoricamente em situações recorrentes.

Outros importantes nomes neste campo são os de Charles Bazerman; Aviva Freedman e Peter Medway. Para esses autores, os gêneros não podem ser tomados como formas típicas prontas para uso, pois esta visão desconsidera que o gênero é uma categoria essencialmente sócio-histórica sempre em mudança. Assim, gêneros são vistos como tipificações dinâmicas e históricas.

Como aponta Paltridge (2001), as reflexões sobre gênero da Nova Retórica são menos de caráter lingüístico em sentido estrito e mais de natureza retórica e histórico-cultural. Jonhs (2002) nos diz que os teóricos da Nova Retórica preferem focalizar sua análise sobre as situações retóricas mais do que sobre as características de linguagem. É ainda importante salientar que é comum entre os teóricos desta abordagem, diferenciando-os da Escola de Sydney e dos Estudos de Gêneros para Propósitos Específicos (EGPE), a consideração de que gêneros são complexos e variados demais para serem retirados de sua situação retórica original e transplantados para a sala de aula (FREEDMAN, 1994). Assim, esses teóricos tendem a explorar gêneros fora da realidade escolar.

Acreditamos que, apesar de estudiosos como Miller, Bazerman e Swales serem considerados como pertencendo à corrente norte-americana de estudos de gêneros, do ponto de vista metodológico, há pouco contato entre esses autores, posto que como apontam autores como Paltridge (2001) e Jonhs (2002), o foco dos analistas da Nova Retórica recai, mormente, sobre os aspectos culturais e históricos mais do que sobre os aspectos de linguagem, enquanto que o foco dos Estudos de Gêneros para Propósitos Específicos recai sobre a análise de elementos retóricos e léxico-gramaticais relacionados aos aspectos contextuais de uso dos exemplares dos gêneros. Além desse fator, cabe ainda sublinhar que

autores como Swales têm claramente uma orientação para aplicação pedagógica dos estudos de gêneros, orientação que não se aplica aos estudiosos da Nova Retórica.

Tomemos agora para tratamento a chamada Escola de Sydney, que tem como principal referência teórica a teoria da linguagem como semiótica social.

Mesmo que os estudos sobre gêneros na Austrália tenham se desenvolvido no mesmo período dos estudos em Inglês para Propósitos Específicos e da Nova Retórica, eles tiveram um desenvolvimento independente destas tradições, centrando-se, principalmente, nas bases teóricas da Lingüística Sistemico-Funcional (LSF) de Halliday. Esta teoria vê a linguagem em termos das escolhas, descritas em nível funcional, que o falante realiza no sistema da língua em contextos particulares de uso.

Embora o registro mais do que o gênero tenha sido a construção analítica central de Halliday, alguns de seus discípulos na Austrália, como Jim Martin, têm desenvolvido teorias sobre os gêneros textuais dentro do arcabouço teórico da LSF. Refletindo a preocupação de Halliday em conectar forma, função e contexto social, Martin e outros teóricos têm definido gênero como “*staged goal-oriented social processes*” e, portanto, como formas estruturais que a cultura usa em certos contextos para alcançar vários propósitos. Neste ponto, podemos novamente perceber uma certa aproximação, guardadas as diferenças, com as propostas de teóricos como Swales e Bhatia que também estabelecem a relação entre a estrutura retórica dos gêneros e os propósitos comunicativos dos grupos sociais que os utilizam. Aliás, a este propósito, Johns (2002:07) nos diz que os *moves* de Swales e os *stages* de Martin são conceitos bastante aproximados.

Por outro lado, como afirma Hyon (1996), estudiosos da Escola de Sidney têm se diferenciado da abordagem em EGPE, mormente por focalizarem prioritariamente os

gêneros escolares e não-profissionais, mais do que os gêneros acadêmicos e profissionais que são o foco em EGPE. Pensamos, contudo, que apesar desta distinção metodológica, o objetivo para fins aplicados de ambas as áreas, seja em contextos do ensino básico ou na academia, é um importante fator de aproximação entre estas abordagens. Mas vejamos mais detidamente como os teóricos de Sidney trabalham o conceito e a análise de gêneros textuais.

A perspectiva sistêmico-funcional da análise de gênero objetiva explicar padrões da linguagem motivados pelo alcance de objetivos específicos, ou, em outros termos, padrões da linguagem em uso em termos das regularidades de propósitos, conteúdo e forma, levando em consideração o aspecto dinâmico da natureza genérica. Como nos diz Paltridge (2001), os analistas de gênero desta perspectiva teórica argumentam que uma perspectiva de estudo da linguagem baseada na análise de gêneros textuais tem o mérito de relacionar as escolhas de linguagem aos propósitos culturais, possibilitando, assim, perceber como os usuários da linguagem engajam-se em objetivos sócio-culturais.

Mas, como é compreendida a relação texto-contexto sob o ponto de vista sistêmico-funcional? Para Halliday (1994), o contexto é visto prioritariamente em termos do conceito de registro, apontando, pois, para a análise das variáveis lingüísticas e situacionais em relação a um contexto de situação específico. Como nos diz Leckie-Tarry (1995), o registro, para Halliday, é constituído por características lingüísticas que estão tipicamente associadas à configuração de características do contexto situacional.

Ao analisar o registro, Halliday (1994) aponta o *Campo*, o *Modo* e as *Relações* como aspectos do conteúdo de situação que são relevantes para as escolhas dos falantes. Como nos diz Eggins (1994), é importante ressaltar que estas variáveis de registro são tomadas como as mais relevantes porque estão estreitamente vinculadas aos três tipos de

significados que a linguagem realiza (significados ideacionais, interpessoais e textuais) e porque cada variável mantém uma relação sistemática e predizível com os padrões léxico-gramaticais do sistema lingüístico. Assim, o *Campo* de um texto pode estar associado à realização de significados experienciais que, por sua vez, são realizados por meio de padrões de transitividade da gramática; o *Modo* pode estar associado aos significados textuais que se estruturam por meio dos padrões de geração e continuidade temática e as *Relações* associam-se aos significados interpessoais realizados através das estruturas de modo e modalização da língua.

Por outro lado, outros teóricos vinculados à abordagem sistêmico-funcional, preferem trabalhar a noção de contexto a partir do conceito de gênero, apontando que a noção de registro não é suficiente para dar conta dos aspectos sócio-culturais mais amplos da dimensão contextual. Segundo Leckie-Tarry (1995:08):

Uma das afirmações da recente teoria de gêneros funcionalista/crítica é que ‘a teoria de gêneros difere da teoria de registro no grau de ênfase dado ao propósito social com variável determinante no uso da linguagem...Em essência, a teoria de gêneros é uma teoria do uso da linguagem’ (Martin, Christie and Rothery, 1987:119), isto é, uma teoria da linguagem como discurso. Em outras palavras, eles vêem a teoria de registro como uma teoria que coloca pouco peso nos processos sociais e, conseqüentemente, nos aspectos sócio-funcionais dos textos. A teoria de registro é considerada, portanto, uma teoria da linguagem enquanto texto, ao invés de uma teoria do discurso (LECKIE-TARRY (1995:08).²

Uma tentativa de resolver tal aparente conflito é realizada por Eggins e Martin (1997) que tomam os conceitos como complementares e propõem um processo analítico que apreenda ambos os conceitos como instrumentais, estando a dimensão contextual de registro mais relacionada à situação específica de interação; e a noção de gênero, a propósitos institucionais, a dimensões sócio-culturais mais amplas. Sob o ponto de vista

² One of the claims of recent functionalist/critical genre theory is that ‘genre theory differs from register theory in the amount of emphasis placed on social purpose as a determining variable in language use.... In essence genre theory is a theory of language use (MARTIN, CHRISTIE AND ROTHERY, 1987:119), that is, as a theory of language as discourse. In other words, they see register theory as placing to little weight on social processes and hence upon socio-functional aspects o texts. Register is therefore considered a theory of language as text, rather than as a theory of discourse. (Nossa tradução)

desses autores, este tipo de análise está baseada, por um lado, na predição textual e, por outro, na dedução contextual. Isto é, dada a descrição do contexto, é possível antecipar os significados e as características lingüísticas que, probabilisticamente, figurarão no texto; e, por outro lado, dado o texto, é possível deduzir, também probabilisticamente, elementos do contexto no qual o texto foi produzido. Como apontam Eggins e Martin (1997), para que a antecipação e a dedução sejam possíveis, os analistas devem relacionar categorias de contexto a especificações detalhadas de padrões lingüísticos, apontando como os contextos situacional e cultural são realizados sistemicamente por escolhas lingüísticas. Assim, os termos registro (contexto de situação) e Gênero (contexto de cultura) são as duas dimensões contextuais que exercem maior impacto sobre o texto, sendo, portanto, os maiores responsáveis pelas variações textuais. Outro aspecto importante da relação texto-contexto, sob o ponto de vista sistêmico-funcional, é que textos não são meras codificações da realidade, mas elaborações semióticas de significados socialmente construídos e isso implica dizer que a análise da linguagem sob as perspectivas dos contextos de registro e gênero não pode ser uma mera descrição das variações lingüísticas entre textos, mas também uma investigação e uma explicação de como os textos servem a interesses divergentes em construções discursivas da vida social.

Finalmente, vamos tratar do nosso principal foco de interesse: a perspectiva teórica reconhecida como Análise de Gêneros para Propósitos Específicos que tem como principal referência a produção teórica de John Swales.

Como já afirmamos, a produção de Swales tem sido uma das mais relevantes no campo dos Estudos de Gêneros para Propósitos Específicos, fato que podemos perceber através do conjunto de dissertações, teses e artigos acadêmicos que têm tomado este autor como referência. Por exemplo, no Brasil, temos as produções de Motta-Roth e Hendges

(1996) sobre análise de gêneros em resumos de artigos de pesquisa; de Biasi-Rodrigues (1998) sobre resumos de dissertações; de Silva (1999) sobre descrição da seção de Resultados e Discussão em artigos da área de química; de Hendges (2001) sobre a caracterização de artigos acadêmicos eletrônicos, particularmente, da seção de Revisão de Literatura; de minha própria pesquisa de mestrado (BERNARDINO, 2001), na qual descrevo a comunidade discursiva dos Alcoólicos Anônimos e o uso do gênero textual Depoimento dos Alcoólicos Anônimos como espaço de realização dos propósitos comunicativos dessa comunidade; de Oliveira (2005) sobre a representação do discurso nos gêneros artigo acadêmico e de divulgação científica e de Macedo (2006) sobre a citação como recurso de afiliação acadêmica.

Ao tratarmos da proposta de Swales, é importante ressaltar que, segundo o próprio autor, o objetivo central de sua produção intelectual é oferecer uma concepção para o ensino e pesquisa do inglês padrão ministrado nas universidades, sobretudo em contextos de aprendizes para os quais o inglês não é a língua materna ou primeira língua. Para tanto, o autor focaliza a análise de gêneros como um caminho para o estudo dos textos escritos e falados para fins aplicados. Outra importante observação é que a produção de Swales, que tem como marco central o livro *Genre Analysis* (1990), tem sido bastante visitada e também criticada, o que tem provocado várias revisões da teoria, inclusive por parte do próprio autor. Assim, apresentaremos a produção de Swales a partir da proposta de 1990 em diálogo com suas respectivas revisões e com o posicionamento de outros autores.

Para Swales (1990), o conceito de gênero textual está intimamente ligado ao conceito de comunidade discursiva que, por sua vez, tem como principal critério de classificação o reconhecimento dos propósitos comunicativos comuns e partilhados que regulam a interação. É sob este prisma que Swales aponta os propósitos comunicativos

como o fator central na conceituação e no reconhecimento dos gêneros textuais, fator cuja importância supera a necessidade do reconhecimento de marcas formais.

Em Swales (2004), a proeminência do propósito comunicativo como critério para reconhecimento de gêneros é posta em questão. Na verdade, tal questionamento já vem desde 1998, quando Swales passa a apontar o reconhecimento dos propósitos não mais como critério predominante, mas como critério que deve estar associado a outros critérios tais como a forma, a estrutura, as expectativas da audiência e os papéis dos participantes. Essa reformulação parte, em certa medida, da consideração de que não é tarefa simples reconhecer tais propósitos comunicativos, posto que, se por um lado, há gêneros cujos propósitos são mais facilmente identificáveis, por outro, há uma gama de gêneros que podem apresentar mais de um propósito ou apresentar alguns propósitos explícitos e outros implícitos, como é o caso dos gêneros textuais das esferas da política e da publicidade. Ainda há que se considerar qual o grau de amplitude ou de restrição de tais propósitos para que eles possam ser considerados como definidores de um gênero. Por exemplo, podemos dizer que o gênero artigo acadêmico tem um propósito geral e que o elemento diferencial entre os tipos de artigos (artigo experimental, artigo teórico e artigo de revisão segundo SWALES, 2004) são seus propósitos específicos? Então por que não considerá-los gêneros diferentes? Talvez, exatamente, porque o propósito não seja o único fator definidor de tal diferenciação.

Isto implica dizer que a caracterização e a conceituação de um gênero textual não repousam sobre o reconhecimento de atributos essenciais e necessários, já que não há limites bem definidos entre exemplares e não-exemplares de um gênero textual enquanto uma classe conceitual. Assim, ao descrevermos um gênero textual, não podemos esperar que seus exemplares sejam facilmente detectáveis, uma vez que nem todos teriam,

necessariamente, os mesmos atributos. Aliás, já em 1990, Swales apontava que a descrição de gêneros textuais não poderia ser vista como o reconhecimento e a normalização de atributos essenciais, fixos e necessários e que na descrição dos gêneros, podemos encontrar exemplares mais ou menos típicos, mais próximos ou mais distantes do protótipo.

Outro aspecto central na proposta de 1990 é o de comunidade discursiva. Ao tratar deste conceito, Swales apontou a necessidade de estabelecer critérios definidos para o reconhecimento de tais comunidades. Tal justificativa paira sobre o reconhecimento de que a expressão Comunidade Discursiva, empregada, em geral, por pesquisadores que adotam uma visão social do processo de escrita, era utilizada de forma muito indeterminada, favorecendo, assim, críticas acerca do esvaziamento e da circularidade do termo. Respondendo antecipadamente a tais críticas, Swales (1990) determina seis critérios para o reconhecimento de comunidades discursivas, implicando afirmar que nem todo grupo que interage verbalmente pode ser reconhecido como tal. Os critérios em questão são:

1. uma CD tem um acordo quanto aos objetivos públicos comuns;
2. uma CD tem mecanismos de intercomunicação entre seus membros;
3. uma CD utiliza mecanismos para promover participação e *feedback*;
4. uma CD utiliza e compartilha o conhecimento de um ou mais gêneros textuais;
5. uma CD compartilha um léxico específico;
6. uma CD deve manter equilíbrio entre os membros experientes e os membros iniciantes.

É interessante pontuar que o conceito de comunidade discursiva é um dos mais importantes e, talvez, também um dos mais polêmicos da teoria de Swales. As

controvérsias acerca deste conceito impulsionaram o autor a revisitá-lo em 1992 e, posteriormente, em 1998.

Em 1992, Swales realizou modificações na proposta de 1990, incluindo novos critérios e alterando alguns aspectos dos critérios já postulados. As reformulações propostas possibilitaram a ampliação e a flexibilização do conceito de comunidade discursiva, pois consideraram a possibilidade de modificação do gênero textual, a expansão do léxico, a importância da manutenção de um sistema de crenças e de um espaço profissional e a composição hierárquica implícita e explícita da comunidade.

Porém esta reformulação ainda deixou espaços para críticas tais como a ilusão de homogeneidade da comunidade, a constatação de que o conceito aplica-se a comunidades bem estruturadas, mas não em construção e, por fim, como apontam Hemais e Biasi-Rodrigues (2003), a ausência de mecanismos para delimitar a abrangência do termo. Assim, em 1998, Swales passa a considerar a comunidade discursiva sob um ponto de vista capaz de abrigar a instabilidade, a tensão e as divergências entre seus membros.

É importante ressaltar, ainda, que para Swales (1998) os membros experientes da comunidade buscam constantemente compartilhar e instruir os membros iniciantes sobre as tradições, os valores e as práticas discursivas mais apropriadas para interagir e serem aceitos pela comunidade, sem, no entanto, desconsiderar a heterogeneidade e, portanto, a tensão própria de todo grupo social.

Estes avanços na proposta de Swales podem ser extremamente úteis para refletirmos sobre a comunidade discursiva da academia. Ou seria melhor dizer, sobre as comunidades discursivas da academia? A esse propósito, consideramos bastante interessante recorrer à discussão realizada por Hyland (2000) sobre culturas disciplinares.

Para Hyland (2000), as comunidades discursivas não podem ser vistas como realidades monolíticas e estáveis, pois são compostas por indivíduos com variadas experiências, comprometimentos e influências. Assim, comunidades são, frequentemente, pluralidades de práticas e crenças que acomodam o desacordo e viabilizam para grupos e indivíduos a possibilidade de inovar dentro das margens de suas práticas, sem, no entanto, por em risco o espaço de engajamento em ações comuns. Como alternativa ao conceito de comunidade discursiva, Hyland, (ibid.) nos aponta o conceito de *Cultura Disciplinar*. Primeiro é importante entender o conceito de *Disciplina*, aqui tomada como *uma instituição humana onde ações e compressões são influenciadas por relações pessoais e interpessoais, assim como por fatores sociais e institucionais* (Hyland: 2000:09). As disciplinas podem ser vistas como sistemas nos quais múltiplas crenças e práticas se sobrepõem e interagem. Algumas são caracterizadas, inclusive, por perspectivas que competem para ocupar espaço dentro da própria disciplina. Para o autor, cada disciplina pode ser vista como um grupo com normas, nomenclaturas, campos de conhecimentos, conjuntos de convenções, objetos e metodologias de pesquisa, constituindo uma cultura disciplinar particular que se manifesta e é também construída pelos respectivos discursos disciplinares. Tais culturas diferem em torno de dimensões cognitivas e sociais, apresentando contrastes não somente em seus domínios de conhecimento, mas também em seus objetivos, comportamentos sociais, relações de poder, formas de estruturar os argumentos, etc.

Nos termos de Bhatia (2004:32), disciplinas devem ser compreendidas em termos de conhecimento específico, metodologias e práticas compartilhados pelos membros de uma comunidade. Ou seja, suas formas de pensar, construir e consumir conhecimentos, suas normas e epistemologias específicas, seus objetivos e as práticas disciplinares para alcançar tais objetivos.

Desta forma, considerando que textos são produzidos para serem compreendidos dentro de um certo contexto cultural, podemos dizer que a análise de gêneros pode levar a importantes considerações sobre o que está subjacente em culturas disciplinares, apresentando e ao mesmo tempo construindo as percepções do(a) acadêmico(a) sobre os valores e as crenças de sua comunidade disciplinar. Assim, para Hyland (2000), estudar a produção escrita na academia implica perceber a produção, distribuição e consumo de gêneros como práticas institucionais particulares.

Como aponta Bhatia (2004:32), os gêneros são sensíveis às variações disciplinares. Assim, livros didáticos em Economia, por exemplo, partilham similaridades com livros didáticos em Ciências Sociais, uma vez que têm em comum o propósito de apresentar conhecimento aos membros iniciantes da comunidade. Entretanto, diferem em termos de suas características disciplinares, especialmente na maneira como abordam o conhecimento da área, como apresentam seus argumentos e os tipos de evidências que são válidos em cada disciplina. Pode-se acrescentar que diferem também na forma como constroem seus posicionamentos e sua relação com o leitor.

Em torno desta questão, Hyland (2000) chama bastante a atenção para o caráter fundamentalmente interativo da produção acadêmica:

Isso nos leva a ver a escrita como um engajamento em um processo social no qual a produção de texto reflete metodologias e estratégias retóricas projetadas para moldar apropriadamente contribuições disciplinares. Criar um ambiente de leitura convincente envolve, então, evidenciar convenções disciplinares e genéricas específicas tais como 'o artigo publicado é um híbrido multifacetado co-produzido pelos autores e pelos membros do público ao qual é dirigido' (Knorr-Cetina, 1981:106). Significados textuais, em outras palavras, são socialmente mediados, influenciados pelas comunidades às quais escritores e leitores pertencem (HYLAND, 2000:12).³

³ It leads us to see writing as an engagement in a social process, where the production of texts reflects methodologies, arguments and rhetorical strategies designed to frame disciplinary submissions appropriately. Creating a convincing reader environment thus involves deploying disciplinary and genre-specific conventions such that 'the published paper is a multilayered hybrid co-produced by the authors and by members of the audience to which it is directed' (KNORR-CETINA, 1981:106). Textual meanings, in other words, are socially mediated, influenced by the communities to which writers and readers belong. (Nossa tradução)

Como podemos perceber, para o autor, nos gêneros textuais acadêmicos há uma forte preocupação em se estabelecer negociação e acordo entre os membros da comunidade disciplinar. Assim um dos principais propósitos dos autores é serem persuasivos, convencendo seus pares a aceitarem suas proposições. Há que se considerar, porém, que esse objetivo geral irá variar em campos disciplinares distintos. Acerca desta questão, teceremos maiores comentários no tópico 1.3.

Voltando à proposta de Swales, podemos verificar que outra considerável mudança em relação à publicação de 1990 está na própria conceituação do termo gênero textual. Em sua publicação de 2004, Swales põe em questão a conceituação de gênero proposta em 1990, uma vez que passa a considerar que tal conceituação não pode ser tomada como plenamente aceitável em diferentes contextos e em diferentes momentos históricos. Assim, ao invés de tomar um conceito categórico para a noção de gênero, Swales opta por tratar tal noção a partir de uma caracterização multifacetada como pode ser percebido na figura abaixo:

METAPHORS	VARIABLE OUTCOMES	
Frames of Social Action	Guiding principles	G
Language Standards	Conventional Expectations	E
Biological Species	Complex Historicities	N
Families and prototypes	Variable Links to the Center	R
Institutions	Shaping Contexts; Roles	E
Speech Acts	Directed Discourses	S

FIGURA 1 – Metáforas de gênero
Fonte: Swales, 2004:68.

Como podemos notar, Swales propõe observarmos os gêneros textuais a partir de uma perspectiva multifacetada, articulando diferentes abordagens, sem a preocupação de estabelecer um conceito definitivo e que abarque a totalidade da noção de gênero. Vejamos, então, mais detalhadamente, a interpretação da FIGURA 1.

A noção de gênero como *frame* está pautada em Bazerman (1997) e apresenta os gêneros como *frames* para a ação social e não como a ação em si mesma. Assim, o gênero é um ponto de partida, é uma orientação inicial, é uma matriz por meio da qual os falantes/escritores podem organizar seus planos e idéias e por meio da qual os ouvintes/leitores podem orientar suas expectativas. Desta forma, parece que o gênero passa a ser visto como um dos fatores responsáveis pelo sucesso da ação comunicativa, ou seja, o gênero é freqüentemente necessário para que haja esse sucesso, mas não é condição suficiente para isso.

A segunda metáfora para a caracterização de gêneros textuais (baseada em DEVITT, 1997) aponta para o gênero como um espaço no qual ocorrem padrões de restrição e criatividade; de regularidade e mudança; de limitação e escolhas. Neste ponto é interessante remeter à discussão realizada por Bhatia (2004) na qual o autor aponta que:

- embora os gêneros textuais sejam identificados sob as bases de características convencionais, eles continuamente mudam;
- embora os gêneros textuais estejam associados a padrões de textualização, membros experientes e/ou em posição de poder em comunidades disciplinares podem alterar tais padrões;

- embora os gêneros textuais respondam a propósitos comunicativos socialmente reconhecidos, eles podem ser explorados para responder a motivações de organizações ou de indivíduos;
- embora haja uma tendência em se identificar e conceituar os gêneros como formas puras, no mundo real, eles, freqüentemente, são híbridos;
- embora os gêneros textuais estejam relacionados a limites institucionais, tais limites, freqüentemente, sofrem variações;
- embora a análise de gêneros seja tipicamente vista como uma investigação textual, uma abordagem mais interpretativa tende a expandir tal visão, articulando a análise textual com aspectos etnográficos, cognitivos, computacionais, ideológicos, etc.

A terceira metáfora, pautada no trabalho de Fishelov (1993), diz respeito à comparação entre o desenvolvimento, a expansão e o declínio de gêneros textuais em um dado contexto cultural e o desenvolvimento de espécies biológicas. A partir desta comparação, o autor diz que gêneros são *como novas espécies animais que surgem em pequenas populações isoladas do rebanho principal, nas margens do território*. Na analogia com os gêneros, a margem pode estar localizada no surgimento de algum novo avanço tecnológico, na contribuição individual de algum membro renomado ou de algum grupo de destaque em um determinado campo do conhecimento.

A quarta metáfora, também baseada em Fishelov (1993), discute a questão da prototipicidade das famílias de gêneros, apontando, como já foi discutido anteriormente, para a constatação de que há exemplares mais ou menos próximos do protótipo.

Ainda com base em Fishelov, Swales discute, como quinta metáfora, o gênero, enquanto uma instituição. Para esta perspectiva, o gênero é uma instituição complexa,

envolvendo processos mais ou menos tipificados de produção e recepção e fazendo parte de uma ampla rede de valores. Outro aspecto importante da consideração dos gêneros enquanto instituição é que eles posicionam seus usuários enquanto papéis institucionais, mais do que enquanto indivíduos.

Por fim, Swales considera a metáfora do gênero enquanto ato de fala, novamente com base em Bazerman (1994). Segundo Bazerman, os propósitos, o reconhecimento dos propósitos, o alcance dos propósitos com a co-participação de outros e as ações provocadas pelos propósitos, tudo isso existe no campo do fato social construído pela manutenção de esferas padronizadas de interação e pelos gêneros que materializam as interações verbais típicas dessas esferas.

Bazerman (1994) afirma que um texto composto por vários atos de fala, somente pode ser reconhecido como um único ato de fala se for identificado por um gênero, posto que isto o eleva ao *status* de um tipo singular de ação social.

A proposta de percepção multifacetada do conceito de gênero apontada por Swales parece sugerir um percurso metodológico de análise que investigue os exemplares de um gênero sob aspectos múltiplos e não mais, preponderantemente, retóricos.

A respeito dessa trajetória de investigação, Bhatia (1993) nos diz que é importante salientar que qualquer percurso de análise dependerá, em grande medida, dos objetivos da investigação, do gênero em questão e seu contexto de uso e do grau de conhecimento acumulado que já se tem sobre este gênero. Para Bhatia (1993:23), a análise de um gênero requer:

- localizar os exemplares do gênero em um contexto situacional e refinar os instrumentais para realizar tal análise. Isto significa, nos termos do autor, definir as relações entre falante/audiência e definir seus objetivos na

interação; definir a localização social, histórica, cultural e filosófica da comunidade que usa o gênero; identificar o objeto/a realidade extra-textual que os exemplares do gênero buscam representar, mudar ou utilizar e a relação desses exemplares com a realidade;

- localizar o contexto institucional, ou seja, observar as regras e convenções (lingüísticas, sociais, culturais, acadêmicas organizacionais e profissionais) que governam o uso da linguagem em determinado ambiente institucional;
- decidir que nível de análise lingüística é mais apropriado para a investigação em questão. Bhatia aponta três níveis principais: a análise de características léxico-gramaticais, a análise de padrões de textualização e a análise do padrão de organização retórica dos exemplares do gênero;
- conferir os resultados de análise com as informações de membros experientes da cultura disciplinar na qual o gênero é utilizado.

Encerrado este panorama, passemos, então, a considerações sobre o gênero artigo acadêmico.

2.2 Algumas breves considerações sobre o gênero Artigo Acadêmico

Tomando o conceito de Swales (1990), que tem sido referência obrigatória no tratamento desta questão, temos que o gênero artigo acadêmico (AA) é associado a gêneros escritos que reportam a alguma investigação feita por seus(suas) autores(as) com vistas à apresentação de descobertas e/ou à discussão de questões teóricas e/ou metodológicas. Swales (2004:207), ao retomar a caracterização do gênero AA, leva em consideração as diferenças entre artigos experimentais propriamente ditos, artigos teóricos e artigos de revisão. Estes últimos, por sua vez, se desdobram, ainda, em artigos que apresentam uma

visão histórica de um determinado campo de conhecimento; artigos que descrevem a situação atual de um campo do conhecimento; artigos que propõem uma teoria ou modelo para resolver alguma questão no campo de conhecimento e artigos que chamam a atenção para alguma questão do campo de conhecimento (SWALES, 2004:208).

Corroborando Swales, Motta-Roth (2002b) nos diz que o artigo acadêmico é o gênero textual mais recorrente para a produção e divulgação de conhecimento na comunidade acadêmica, pois tem como objetivos básicos apresentar e discutir resultados de pesquisas ou ainda apresentar revisão de literatura da área. É importante ressaltar, porém, que a posição hierárquica de um gênero irá variar em diferentes práticas disciplinares (SWALES, 2004). Ainda segundo Motta-Roth (2002b), ao produzirem e publicarem exemplares deste gênero, os(as) autores(as) buscam construir, frente à comunidade acadêmica, a identidade de um(a) pesquisador(a) capaz de refletir sobre estudos relevantes para um campo de pesquisa e, a partir daí, pontuar um problema ainda não totalmente estudado neste campo, elaborando articulações teóricas e metodológicas para a investigação deste problema.

Hyland (2000:12) pontua, ainda, como objetivos do gênero artigo acadêmico: estabelecer a produção científica em questão como uma novidade para a comunidade disciplinar; reconhecer produções anteriores e estabelecer as hipóteses em questão dentro do contexto geral do discurso disciplinar; oferecer garantias sobre as proposições construídas no artigo; demonstrar um *ethos* disciplinar apropriado e habilidade para negociar com os pares na academia.

Para Silva (1999), a recorrência do uso do gênero artigo acadêmico relaciona-se, ainda, a duas necessidades básicas que movimentam a produção científica a saber: a necessidade de estabelecer uma interação constante e dinâmica entre os membros

experientes ou iniciantes da academia e a necessidade, por parte dos(as) autores(as), de terem seus trabalhos reconhecidos para efeito de financiamento junto a órgãos de fomento.

Em 1990, Swales descreve a caracterização retórica do gênero artigo acadêmico, apresentando quatro unidades retóricas básicas: Introdução, Métodos, Resultados e Discussão, as quais, acreditamos, se prestam mais à descrição do artigo experimental, mas não, tão claramente, aos demais tipos de artigos acadêmicos. Já em 2004, esse autor nos diz que a caracterização retórica, provavelmente, sofrerá flutuações em diferentes áreas do conhecimento. Como exemplo, Swales cita que na área de humanidades é muito comum a inexistência da seção de metodologia, haja vista a natureza ensaística de alguns dos artigos dessa área.

Em sua descrição da caracterização retórica do gênero artigo acadêmico, Swales (1990) dá especial atenção à unidade retórica Introdução. A partir desta abordagem, surge o chamado modelo CARS que tem sido um aparato metodológico importante para a descrição de gêneros a partir da caracterização de suas unidades retóricas.

O modelo CARS é uma representação esquemática da organização retórica da Introdução em torno de um objetivo central, ou seja, a apresentação da pesquisa dentro de um contexto. Vejamos, então, o modelo:

1 Estabelecer um território

Passo 1 Asseverar a importância da pesquisa e/ou
Passo 2 Fazer generalizações sobre o assunto e/ou
Passo 3 Revisar itens da pesquisa prévia

2 Estabelecer um nicho

Passo 1A Apresentar evidências contrárias a estudos prévios ou
Passo 1B Indicar uma lacuna ou
Passo 1C Levantar questões ou
Passo 1D Continuar uma tradição

3 Ocupar o nicho

Passo 1A Esboçar os objetivos ou

Passo 1B Anunciar a presente pesquisa

Passo 2 Anunciar os principais resultados

Passo 3 Indicar a estrutura do artigo

FIGURA 2 – Modelo CARS (SWALES, 1990:141) – Tradução de Silva (1999).

A partir de agora, passaremos à descrição da contribuição de Motta-Roth (2002b) à caracterização do gênero artigo acadêmico. Este enfoque é importante para esta pesquisa, uma vez que esta autora detalha as unidades retóricas apontadas por Swales e acrescenta, em sua descrição, a seção Revisão de Literatura que tem grande relevância para o corpus de análise deste trabalho. A autora apresenta, com base em Swales, também quatro unidades retóricas de organização das informações no gênero, mas o faz a partir de outra distribuição, segundo a qual os artigos acadêmicos seriam estruturados por Introdução, Revisão de Literatura, Metodologia e Resultados/Discussão. Observemos, rapidamente, algumas importantes características destas unidades retóricas.

Na Introdução, os(as) autores(as), geralmente, contextualizam o ambiente teórico do trabalho de pesquisa, delimitando o campo no qual sua investigação estará situada. Como já vimos, segundo Swales (1990), nesta unidade retórica, os(as) autores(as), comumente, apresentam um território de conhecimento, constroem um *nicho* para sua pesquisa e ocupam este *nicho* com seu trabalho.

A unidade retórica Revisão de Literatura é elaborada, principalmente, para apresentar e dialogar com as teorias e os autores que serão pertinentes para a fundamentação da investigação e da análise a serem realizadas no percurso da pesquisa, emprestando, assim, uma voz de autoridade ao texto construído. Segundo Motta-Roth (2002b), ao construir esta seção do artigo, os(as) autores(as) buscam demonstrar que

reconhecem a importância intelectual de outros autores e que estão qualificados como *membros de uma determinada cultura disciplinar por meio da familiaridade com a produção de conhecimento prévio na área* (Ibid.:54).

É válido sublinhar também que a Revisão de Literatura, prototipicamente, realiza as seguintes sub-funções (Motta-Roth, 2002b): estabelecer interesse profissional no tópico; fazer generalizações sobre o tópico ou, ainda, citar, estender, contra-argumentar ou indicar lacunas em relação a pesquisas prévias.

Quanto à unidade retórica Metodologia, podemos, em linhas gerais, dizer que é nesta seção que os(as) autores(as) apresentam o objeto de investigação e os procedimentos e categorias apropriados à realização da análise. Para Motta-Roth:

[...] a metodologia se aproxima de uma narrativa em que o autor vai relatando para o leitor cada passo dado ao longo do processo de coleta e de análise dos dados, sem interpretações ou deduções de dados, mas apenas descrição dos recursos usados e narrativa das ações realizadas com esses recursos para coletar e analisar os dados, sem mencionar ainda quais os dados obtidos ou como eles foram interpretados (MOTTA-ROTH, 2002b:71).

Passemos, agora, à apresentação da unidade retórica Resultados/Discussão que nos interessa mais de perto, uma vez que, como já foi apresentado no tópico sobre os objetivos desta pesquisa, pretendemos verificar e analisar como os marcadores metadiscursivos, particularmente aqueles realizados por adjuntos modais, são utilizados pelos(as) autores(as) nesta seção dos artigos acadêmicos.

Como nos informa Motta-Roth (2002b), é na seção Resultados/Discussão que os(as) autores(as) apresentam, comentam, interpretam e discutem os resultados obtidos em relação aos conhecimentos, até então, acumulados na área de pesquisa na qual o estudo está inserido.

Segundo Silva (1999:17), a seção Resultados e Discussão dos artigos acadêmicos é, praticamente, *a responsável pela garantia da permanência da pesquisa na área de sua atuação*, ou seja, é nesta seção que o(a) autor(a) deverá ter a capacidade de legitimar sua pesquisa e ganhar a adesão de seus pares na comunidade acadêmica. Ainda, para esta autora, é na seção Resultados e Discussão que a autoria se revela de forma mais clara, posto que esta unidade retórica tem como objetivos centrais apresentar e discutir resultados, declarar opiniões e argumentar a favor dos achados da pesquisa com o intuito de convencer os leitores acerca de sua validade.

Swales (1990:172) discute a partir da descrição apontada por Hopkins e Dudley-Evans (1988) os movimentos retóricos que caracterizariam a unidade Resultados/Discussão. Tais movimentos seriam⁴:

- 1 *Background information* (Informação anterior)
- 2 *Statement of results* (Declaração de resultados)
- 3 *(Un)expected outcome* (resultado (in)esperado)
- 4 *Reference to previous research* (referência a pesquisas anteriores)
- 5 *Explanation* (Explicação do resultado)
- 6 *Exemplification* (Exemplificação)
- 7 *Deduction and Hypothesis* (Dedução/Hipóteses)
- 8 *Recommendation* (Recomendações)

De forma sucinta, Swales (1990:172) nos diz que o movimento 1, geralmente, apresenta informações relevantes sobre a metodologia usada; o movimento 2 é a declaração dos resultados e, como aponta Swales (1990), é, praticamente, obrigatório nesta seção do artigo; o movimento 3 apresenta comentários sobre as descobertas, destacando os resultados esperados ou não-esperados; o movimento 4 oferece comparação desses resultados com os de pesquisas anteriores e o movimento 5 explica esses resultados, particularmente, quando são não-esperados; o movimento 6 constitui uma exemplificação a

⁴ Realizamos adaptações na tradução de Silva (1999:21).

partir de outras pesquisas para dar suporte aos resultados apresentados; o movimento 7 apresenta deduções a partir de determinados resultados e uma busca de generalizações a partir destes resultados e, por fim, o movimento 8 aponta sugestões para futuros trabalhos.

Como síntese da organização retórica da seção Resultados e Discussão, Motta-Roth(2002b) nos apresenta a seguinte figura:

MOVIMENTO 1 – Recapitulação de informação metodológica
MOVIMENTO 2 – Declaração dos resultados
MOVIMENTO 3 - Explicação do final in(esperado)
MOVIMENTO 4 – Avaliação da descoberta
MOVIMENTO 5 – Comparação da descoberta com a literatura
MOVIMENTO 6 – Generalização
MOVIMENTO 7 – Resumo
MOVIMENTO 8 - Conclusão

FIGURA 3- Síntese da organização retórica da seção Resultados e Discussão
Fonte: MOTTA-ROTH, 2002b:79.

A autora nos informa, ainda, que os movimentos 2, 3, 5 e 8 são essenciais à construção desta seção dos artigos acadêmicos enquanto os demais movimentos podem ser usados com maior ou menor frequência a depender das circunstâncias do estudo.

Quanto às características lingüísticas da seção Resultados e Discussão, Motta-Roth (2002b:86) nos diz que é freqüente o uso de *marcadores metadiscursivos que indicam um discurso mais modalizado para a incerteza, possibilidade ou probabilidade do que para a certeza, justamente porque não nos encontramos na posição de oferecer a verdade*. Isto parece sugerir a propensão ao uso dos adjuntos modais de probabilidade e obviedade (Halliday, 1994) como recursos lingüísticos produtivos na construção da avaliação nesta seção dos artigos acadêmicos.

Para finalizar, gostaríamos de sublinhar que apesar dos esforços de vários(as) autores(as) na busca de elementos caracterizadores deste gênero textual tão importante para a interação na comunidade acadêmica, muito ainda há por investigar, particularmente no que diz respeito às características léxico-gramaticais dos artigos acadêmicos. O estudo sobre os recursos lingüísticos selecionados pelos(as) autores(as) para a construção de significados de avaliação, entre outras possibilidades, pode ser uma perspectiva importante por meio da qual este gênero textual pode ser estudado. É, pois, partindo desta compreensão que passamos à discussão do ponto que segue.

2.3 Estudos sobre significados interpessoais em gêneros acadêmicos

Com já foi apontado, são consideráveis os trabalhos que, de forma pontual, abordam a construção de significados interpessoais em gêneros acadêmicos. Podemos citar, entre outros, o trabalho sobre o uso de atenuadores em escrita acadêmica (CROMPTON, 1997); de *hedges* e *boosters* como mecanismos de negociação entre membros de uma área disciplinar (HYLAND, 1998); a discussão sobre a pragmática da polidez em textos acadêmicos (MYERS, 1999); sobre o uso de atenuadores em artigos de divulgação científica na área de medicina (VARTTALA, 1999) e o trabalho de White (2003) sobre marcadores dialógicos no texto acadêmico. Temos ainda a importante contribuição de Hyland (1998/2000) que será tratada com maior vagar adiante. No cenário nacional, chamamos a atenção para os trabalhos de Figueiredo-Silva (2001) sobre o ensino do uso de atenuadores em escrita acadêmica e de Balocco (2002) sobre o uso de enunciados em primeira pessoa no discurso acadêmico.

Há entre esses autores um importante ponto de contato no que diz respeito ao discurso acadêmico: a visão de que esse discurso é, antes de tudo, um espaço de construção e negociação de significados mais do que, simplesmente, de apresentação de dados. Para

Hyland (2000), por exemplo, as diferenças entre a produção escrita de diferentes áreas disciplinares não está apenas no conteúdo, mas, principalmente, nas diferentes formas de construir tal conteúdo, nas diferentes formas de estabelecer conhecimento partilhado, nas diferentes maneiras de engajar-se com o leitor, ou diferentes formas de avaliar ou modalizar as proposições e estas diferenças são resultantes de forças sociais e institucionais. É importante salientar que o gênero textual é um espaço significativo de interação no qual os membros de uma comunidade disciplinar irão engajar-se, contribuindo para a manutenção e ao mesmo tempo para o processo de inovação dos valores, práticas e crenças dessa comunidade.

Para Myers (1999), por exemplo, o discurso construído na academia envolve a interação entre cientistas cuja manutenção da face é essencial, visto que a constituição desse discurso passa pela construção de alianças e negociações que tendem a buscar aceitação frente à comunidade acadêmica. Hyland (2000) também nos diz que ao publicarem seus textos, cientistas engajam-se em uma rede de associações profissionais e sociais, uma vez que é, particularmente, através de suas publicações que esses(as) cientistas constroem a credibilidade dos conhecimentos de uma área disciplinar, estabelecem seus sistemas de hierarquia e recompensa e constroem e mantêm sua autoridade cultural. Assim, Hyland (2000) considera que, na academia, os textos produzidos incorporam as negociações sociais da área disciplinar. Sob esse ponto de vista, o autor nos diz que o conhecimento acadêmico é produzido em áreas disciplinares constituídas por normas, nomenclaturas, objetos e objetivos de pesquisa, comportamentos sociais, relações de poder, interesses políticos, constituindo uma cultura disciplinar particular que deve ser apreendida por aqueles que desejam inserir-se em tais áreas. Assim, os gêneros textuais que circulam na comunidade acadêmica constituem um espaço onde tal cultura é construída.

É, pois, exatamente, porque textos são escritos para serem compreendidos em um certo contexto cultural, que a análise de gêneros textuais pode fornecer importantes evidências sobre os valores e as práticas institucionais de uma cultura disciplinar, inclusive sobre as práticas de negociação e disputa de poder entre os membros da academia.

Ainda segundo Hyland (2000), o objetivo central que permeia a produção de gêneros do discurso acadêmico é a busca de aceitação entre os pares de uma comunidade disciplinar. Ou seja, autores(as), ao publicarem seus artigos, resenhas, livros, etc., não buscam apenas expor suas idéias, mas também agir no sentido de colocar tais idéias em uma posição de respeitabilidade e talvez aceitação frente a seus pares. Ao fazer isso, escritores(as) utilizam, fundamentalmente, na construção de seus textos, recursos léxico-gramaticais vinculados aos significados interpessoais (HALLIDAY, 1994). A escolha desses recursos parece visar, sobremaneira, resolver dificuldades de aceitação dos argumentos do texto, evitar desacordos e confrontos com as teorias e métodos já constituídos na área disciplinar ou, se necessário, disputar posições e poder dentro da própria área ou fora dela. Em outras palavras, as interações sociais nos gêneros acadêmicos originam-se da tentativa do escritor de antecipar possíveis reações negativas em relação a seus argumentos.

Trabalho fundamental a esse respeito é a publicação de Hyland (2000) na qual o autor analisa o uso de vários marcadores de posicionamento e atitude dos(as) autores(as) em diferentes gêneros acadêmicos. Interessa à nossa pesquisa, particularmente, a caracterização que esse autor faz das categorias realizadoras do metadiscurso interpessoal: os marcadores de atenuação (*Hedges*), os marcadores de ênfase (*Boosters*), os marcadores atitudinais (*Attitude markers*), os marcadores relacionais (*Relational markers*) e os marcadores pessoais (*Person markers*), (HYLAND, 2000:111).

Para Hyland, o metadiscorso interpessoal conduz o(a) escritor(a) a expressar sua perspectiva em direção às proposições ou aos leitores. Aqui, o metadiscorso está intimamente relacionado ao elemento contextual de relações (*tenor*), pondo em pauta a proximidade ou distância do(a) autor(a) em relação à audiência e a expressão de atitude e comprometimento do(a) autor(a) em relação às suas proposições. Como já foi apontado, a realização desse metadiscorso se dá, principalmente, por meio dos elementos tratados a seguir.

Os marcadores de atenuação e de ênfase são, para Hyland (1998), estratégias comunicativas utilizadas para ampliar ou atenuar a força das declarações. Sua importância no discurso acadêmico tem conexão com as relações interativas entre autores(as) e leitores(as), recobrando tanto significados epistêmicos quanto afetivos. Ou seja, essas estratégias não somente expressam o grau de compromisso do(a) escritor(a) com a verdade da proposição como também uma atitude em relação à audiência.

Tratando sobre os marcadores de atenuação (*hedges*), Hyland (1996:439) nos diz que há diferentes graus de *especificação*, *verificação*, *agentividade* e *cooperação* quando usamos esses marcadores.

A *Especificação* aponta o grau de precisão com a qual o conteúdo proposicional é expresso. Um alto grau de especificação dos elementos proposicionais está associado com estratégias orientadas ao conteúdo e é, particularmente, realizado por marcadores atributivos (*Attribute hedges*), posto que esses marcadores determinam como e em que medida os termos usados descrevem, com precisão, eventos ou estados referidos na proposição.

A *Verificação* refere-se ao reconhecimento de incertezas sobre a verdade da proposição, indicando a segurança que pode ser investida, pelo leitor, na declaração. Assim, a verificação está associada ao grau de confiabilidade.

A *Agentividade* refere-se a se a ação ou o estado descrito na proposição é explicitamente associado ao escritor. Ou seja, se o(a) escritor(a) é ou não reconhecido como a fonte da proposição.

Por fim, a *Cooperação* indica a extensão pela qual o(a) escritor(a) procura envolver o(a) leitor(a) na ratificação de suas proposições.

É interessante observar sobre esta classificação de Hyland (1996) que, como ele afirma, esses significados estão, geralmente, imbricados e somente são separados para efeito metodológico de análise.

Continuando a descrição da caracterização proposta por Hyland (2000), verificamos que os marcadores de ênfase (*Boosters*) como *obviamente*, *claramente*, expressam a convicção dos(as) escritores(as) em relação ao conteúdo da proposição, mas também expressam envolvimento e solidariedade com a audiência, sublinhando o conteúdo proposicional como informação partilhada. A construção desse *status* da proposição proporciona uma significação de pertencimento ao grupo, por parte do(a) autor(a), e um conseqüente engajamento com seus pares.

Por outro lado, os marcadores de atenuação (*Hedges*) como *possivelmente* e *talvez* expressam o enfraquecimento de uma declaração através de uma qualificação explícita do compromisso do(a) escritor(a), mostrando que a informação é apresentada mais como uma opinião do que como um fato. Ou segundo Myers (1989), esses marcadores podem indicar respeito e deferência à visão dos pares da academia.

É importante ressaltar, ainda, que ao limitar seu compromisso por meio do uso de atenuadores, escritores(as) oferecem um valor ao *status* da proposição, atestando seu grau de precisão e veracidade. Olhando por outro ângulo, isto quer dizer que o uso de atenuadores (*hedges*) implica que a proposição está baseada sobre argumentos e razões plausíveis mais do que sobre conhecimento fático. E que, portanto, pode tornar-se objeto de debates e disputas.

Existem, ainda, os marcadores atributivos (*Attribute hedges*) (HYLAND, 1998:362), tais como *aproximadamente*, *parcialmente*, *geralmente*, *largamente*, *tipicamente*, *usualmente*, que diferem dos demais tipos de atenuadores porque se referem ao relacionamento entre elementos proposicionais mais do que à relação entre escritor(a) e proposição. Assim, tais mecanismos limitam o escopo de acompanhamento da declaração mais do que nos falam sobre o grau de certeza do(a) escritor(a).

Enquanto marcadores de atenuação e de ênfase nos mostram o grau de comprometimento, certeza e deferência que os(as) escritores(as) desejam sinalizar em seus textos, os marcadores atitudinais indicam uma avaliação afetiva do(a) escritor(a), ou seja, se sua atitude em relação ao texto expressa surpresa, avaliação de importância, concordância, etc.

Os marcadores relacionais, por sua vez, são mecanismos que explicitamente dirigem-se aos(às) leitores(as), tentando focalizar sua atenção ou incluí-los(as) como co-participantes da teia discursiva. Hyland (2000:113) observa que, na prática, é difícil distinguir entre os marcadores relacionais e os atitudinais, uma vez que ambos apresentam implicações relacionais. A maior distinção está em que os marcadores atitudinais são explicitamente direcionados ao escritor e são sinalizados por verbos de atitudes, modalizadores de necessidade e advérbios sentenciais. Já os marcadores relacionais são

direcionados à participação do leitor e são sinalizados por pronomes de segunda pessoa, modos imperativo e interrogativo, etc.

Por fim, os marcadores pessoais referem-se ao grau de presença do autor no texto, indicado, principalmente, pelo uso de pronomes de primeira pessoa e por adjetivos possessivos.

Ao analisar livros didáticos de diferentes áreas, Hyland (2000) mostrou que os recursos interpessoais mais utilizados pelos(as) escritores(as) foram os marcadores epistêmicos de atenuação (*hedges*) e de ênfase (*boosters*) e os marcadores relacionais. Mostrou ainda que o metadiscurso interpessoal foi mais utilizado pelos(as) escritores(as) das áreas de Ciências Sociais e Humanidades. Para Hyland (2000), isto mostra que, nestas áreas, há uma preocupação maior em projetar a autoridade dos(as) autores(as) e em engajar os(as) leitores(as) na teia argumentativa do discurso do que nas áreas das Ciências chamadas exatas. Nestas últimas, as explicações baseadas em dados e experimentos parecem gerar uma menor necessidade da presença autoral e do engajamento com os(as) leitores(as).

Ao analisar uma comparação entre a incidência do uso de marcadores epistêmicos em livros didáticos e artigos científicos, Hyland (1998) nos diz que livros didáticos possuem menos marcadores que os artigos porque enquanto os(as) autores(as) de artigos acadêmicos apresentam conhecimento novo que necessita de um maior empenho argumentativo para aceitação junto à comunidade; os(as) autores(as) de livros didáticos apresentam conhecimento já aceito e estabelecido na área disciplinar.

Vartalla (1999), por sua vez, nos diz que textos como livros didáticos parecem requerer menos recursos atenuadores como *hedges* porque, neste gênero, não há uma forte

preocupação em proteger a face dos(as) autores(as), posto que o presumido conhecimento técnico da audiência seria menor que o dos(as) autores(as).

Por outro lado, ao analisar comparativamente artigos científicos e artigos de divulgação científica, Vartalla (1999) nos diz que o uso e a distribuição de atenuadores nestes gêneros são consideravelmente similares e que estes recursos estão, predominantemente, concentrados nas seções Introdução e Discussão dos Resultados. Se o uso de atenuadores em artigos científicos tem relação com a preservação da face dos autores frente a um público de pares experientes da área disciplinar, por que tal uso em artigos de divulgação onde tal preocupação não é a tônica?

Para Vartalla (1999), isto ocorre porque o uso de atenuadores presta-se também à construção da imprecisão das proposições. Portanto, o grau relativamente baixo de exatidão em artigos de divulgação deve-se, parcialmente, ao uso de marcadores de atenuação. Observando por outro ângulo, Vartalla (1999) considera que a audiência de artigos de divulgação, geralmente, não está apta a realizar avaliações e questionamentos frente às informações apresentadas. Assim, os(as) autores(as) desse tipo de artigo têm de ser mais explícitos na descrição do trabalho científico, inclusive no que diz respeito aos graus de importância e precisão atribuídos às informações. Nesse sentido, o uso de marcadores de atenuação e de ênfase estaria associado à necessidade do(a) autor(a) em apresentar a precisão ou a imprecisão, a certeza ou a incerteza, a probabilidade ou a improbabilidade, a importância ou não-importância atribuídas à informação apresentada ao público alvo.

Outra interpretação para o uso de atenuadores nesse gênero pode ter relação com a estratégia de polidez positiva, ou seja, ao utilizar recursos aproximados aos

utilizados em artigos de pesquisa, os(as) autores(as) de artigos de divulgação procuram fazer com que sua audiência sintam-se integrada à comunidade científica.

Como podemos perceber, o uso de recursos interpessoais, como os marcadores de atenuação e ênfase, os marcadores atitudinais e relacionais é uma importante ferramenta para construir as relações de interação nos gêneros acadêmicos, mas como diz Hyland :

Enquanto pode parecer óbvio que escrita é interação, não é de maneira alguma evidente o que um texto, em particular, nos diz sobre essa interação ou sobre aqueles que dela participam. O que motiva as interações em escrita acadêmica? Que traços linguísticos realizam essas interações? Quais estratégias estão envolvidas e que princípios são aplicados? Quais as crenças e práticas disciplinares envolvidas na interação? (HYLAND, 2000:02)⁵

Há, ainda, que se considerar que a análise do uso de atenuadores assim como de outros marcadores interpessoais de avaliação, posicionamento e interação poderá variar em diferentes gêneros acadêmicos e, provavelmente, em diferentes culturas disciplinares (HYLAND, 2000). E que o domínio de tais recursos é extremamente importante para o trânsito da produção acadêmica de pesquisadores que desejem ser aceitos no âmbito de sua área disciplinar. Assim, são extremamente pertinentes pesquisas que incrementem tais questões.

A pesquisa aqui proposta tem, pois, como objetivo contribuir para a compreensão do funcionamento desses recursos construtores de significados interpessoais em artigos acadêmicos em língua portuguesa.

No próximo capítulo, observaremos, a partir do referencial teórico da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), quais elementos léxico-gramaticais realizam esses significados.

⁵ While it might be obvious that writing is interaction, it is not at all evident just what a particular text tells us about that interaction or about those who participate in it. What motivates interactions in academic writing? What linguistic features realise these interactions? What strategies are involved and what principles are employed? What do these tell us about the beliefs and practices of the disciplines? (Nossa tradução)

Capítulo 3

Elementos teóricos para a compreensão da construção dos significados interpessoais da linguagem

Metadiscourse refers to aspects of a text which explicitly organise the discourse, engage the audience and signal the writer's attitude.

Ken Hyland, *Persuasion and context:
The pragmatics of academic metadiscourse*

Uma vez que este trabalho se propõe à análise da construção do metadiscorso interpessoal realizado por adjuntos modais em exemplares do gênero artigo acadêmico, o presente capítulo tem como objetivo estabelecer o percurso dos estudos sobre o uso de recursos modalizadores do discurso, especialmente o uso dos advérbios, confluindo para um tratamento detalhado da abordagem teórica desta questão sob o ponto de vista da Gramática Sistêmico Funcional que será um dos suportes teóricos para o tratamento dos dados desta pesquisa.

3.1 O estudo sobre modalidade: perspectivas da pragmática

A questão da modalidade mobiliza há bastante tempo o interesse de estudiosos da linguagem, particularmente, no que diz respeito à construção de significados que incluem noções de atitude, opinião, comprometimento, subjetividade, não-factualidade, não-asserção, possibilidade e necessidade na relação entre o falante e as proposições por ele produzidas.

Segundo Palmer (1986), são trabalhos pioneiros sobre a questão da modalidade as classificações tipológicas de Von Wright (1951), de Rescher (1968) e de Searle (1979).

Como Palmer (1986) informa, para Von Wright (1951), a modalidade pode ser de quatro tipos: alética ou modalidade da verdade; epistêmica ou modalidade do conhecimento; deôntica ou modalidade da obrigação; e existencial. A modalidade alética mobiliza significados de necessidade, possibilidade/impossibilidade e contingência. A modalidade epistêmica mobiliza significados de verificação, indecisão e verdade/falsidade. A modalidade deôntica, significados de obrigação, permissão, indiferença e proibição e a modalidade existencial mobiliza significados de universalidade, existência e vaguidão.

Quanto ao trabalho de Rescher (1968), Palmer (1986) chama a atenção para quatro novas classificações que este autor acrescenta às tipologias já estabelecidas: a modalidade temporal, que trata das noções de frequência e usualidade; a modalidade volitiva, que trata das expressões de desejo; a modalidade avaliativa, que constrói significados de valoração e a modalidade causal, que trata sobre a factualidade do estado-de-coisas.

Por fim, Palmer (1986) associa a categorização dos tipos de atos de fala, proposta por Searle (1979), à categorização dos tipos de modalidades. Assim, os atos de fala assertivos, que são descritos nos termos das crenças ou comprometimentos dos falantes, estariam associados à modalidade epistêmica. Os atos de fala diretivos e comissivos estariam associados à modalidade deôntica e os atos de fala expressivos corresponderiam à modalidade avaliativa de Rescher (1968).

Palmer (1986:16) define a modalidade como a gramaticalização das atitudes e opiniões subjetivas dos falantes e a sua transposição para o conteúdo do enunciado. Para este autor, a modalidade na linguagem está, então, ocupada com as características subjetivas dos enunciados.

É interessante pontuar, ainda, a exemplo do que apontam Bybee e Fleischman (1995), que o fenômeno da modalidade pode ser expresso na linguagem por uma variedade de recursos morfológicos, lexicais, sintáticos e entonacionais que não são mutuamente exclusivos, posto que os falantes podem combiná-los de tal forma a realizar significados interpessoais específicos. Em língua portuguesa, Castilho (1993:116) aponta alguns destes recursos tais como os alongamentos vocálicos, os modos verbais indicativo, subjuntivo e imperativo, o uso dos verbos auxiliares modais e o uso de adjetivos e advérbios de predicação modalizadora.

Além, disso, os mesmos recursos lingüísticos podem realizar significados modais distintos. Analogamente como apontado para a língua inglesa, Neves (1996) assinala que o exame de auxiliares modais como *poder* e *dever* em língua portuguesa revela que o primeiro pode indicar possibilidade, mas também permissão enquanto o segundo pode apontar obrigatoriedade, mas também probabilidade.

Esta polissemia de significações modais nos mostra que a categorização de elementos lingüísticos modais isolados ou mesmo na extensão do domínio da frase não permite a percepção adequada dos significados construídos. Faz-se, portanto, necessário operar com tais classificações no âmbito de contextos discursivos mais amplos como os de registro e gênero, por exemplo.

Passemos a um olhar mais detido sobre os dois tipos básicos de modalidade: as modalidades epistêmica e deôntica. Segundo Palmer (1986), semanticamente, modalidade epistêmica e deôntica têm pouco em comum. A primeira está preocupada com a linguagem enquanto informação, com a expressão do grau ou da natureza do comprometimento do falante com a verdade do que é dito. A segunda está relacionada à linguagem como ação, com a expressão por parte do falante.

Assim, a modalidade epistêmica tem a ver com a possibilidade ou a necessidade da verdade das proposições e está, conseqüentemente, envolvida com conhecimentos e crenças. A modalidade deôntica, por outro lado, relaciona-se à necessidade ou possibilidade de atos realizados por *agentes moralmente responsáveis* (BYBEE e FLEISCHMAN, 1995:4) e está, conseqüentemente, associada às funções sociais de permissão e obrigação.

Neves (1996) nos diz que a modalidade deôntica ou modalização no eixo da conduta, situa-se no domínio dos significados ligados às noções de obrigação e permissão e estas noções, por sua vez, envolvem algum tipo de controle humano intrínseco dos eventos (NEVES, 1996:187) em contraposição à modalidade epistêmica que envolve avaliação do falante.

Como esta tese pretende indagar o metadiscurso interpessoal na construção de exemplares do gênero artigo acadêmico, trataremos com maior vagar a modalidade epistêmica.

Segundo Palmer (1986), a modalidade epistêmica trata de crenças, conhecimentos ou opiniões dos falantes e, portanto, torna a proposição objeto de julgamento, de possibilidade ou de necessidade. Além disso, este tipo de modalidade também indica o grau de engajamento do falante em relação à verdade do que é dito.

Para Palmer (1986), há quatro formas básicas pelas quais o falante pode indicar que não está apresentando o que diz como um fato: ele pode apresentar a proposição como uma especulação, como uma dedução, como uma possibilidade ou como uma informação proveniente de outra fonte. Estas quatro representações são utilizadas para indicar o grau de comprometimento do falante com a verdade da proposição.

Assim, pode-se categorizar dois tipos básicos de modalidade epistêmica: a modalidade construída preponderantemente pelo modo declarativo e a modalidade

construída pelos modos de evidência e de julgamento. No primeiro tipo, as proposições são tomadas como garantidas via a força de diversas convenções e, portanto, são construídas como proposições não desafiáveis pelo ouvinte e, conseqüentemente, como proposições que não requerem justificativas por parte do falante. No segundo tipo, as proposições ou são afirmadas com relativa convicção, mantendo-se abertas aos questionamentos dos ouvintes e, portanto, requerendo ou admitindo justificativas por parte do falante, ou são afirmadas como dúvidas ou hipóteses, estando, pois, abertas tanto ao questionamento quanto à necessidade de evidências que abonem o que é dito.

Para Neves (1996), o uso da modalidade epistêmica posiciona o enunciador (termo da autora) em algum ponto do *continuum* entre a certeza e os indefinidos graus do possível. Posicionado no extremo da certeza, o enunciador é aquele que toma como verdadeiro o conteúdo da proposição, bloqueando, assim, a possibilidade de que o dito seja relativizado ou questionado. Por outro lado, quando o enunciador coloca-se no terreno dos graus de possibilidade, apresenta-se como aquele que, por não poder asseverar, constrói ressalvas em suas proposições.

Dirigindo o olhar para um estudo baseado na perspectiva da LSF, vemos o estudo de McCabe (2004) sobre a construção da autoridade autoral em livros didáticos de História. Neste trabalho McCabe nos mostra que a escolha dos autores entre o uso ou não de recursos modalizadores tem importantes implicações para a mediação do conhecimento entre os escritores e os leitores. O uso de qualquer marcador de modalidade coloca o conteúdo da proposição como objeto de negociação entre escritor e leitor ao passo que o uso de declarativas não modalizadas simula uma relação consensual entre os mesmos.

Para McCabe (2004), os escritores, ao modalizarem suas proposições, procuram desfazer a impressão de factualidade impressa em declarativas não-modalizadas e abrem as

proposições a múltiplas interpretações, sugerindo, portanto, a falta de consenso e por conseqüência, pondo em questão a autoridade da declaração. Assim, parece que o uso dos recursos de modalização permite, ao falante, marcar a distância em que se coloca com relação ao enunciado que produz seu maior ou menor grau de engajamento com relação ao que é dito, determinando, desta forma, o grau de tensão que se estabelece entre os interlocutores.

Após este breve panorama dos principais conceitos e tipologias que estão envolvidos na questão da modalidade segundo a abordagem de alguns teóricos da pragmática, passaremos a olhar este fenômeno lingüístico a partir do conceito de avaliação discutido em Hunston e Thompson (2000). Para os autores este conceito está associado à descrição da modalidade no âmbito da metafunção interpessoal proposta por Halliday (1994). Mas, antes, porém, vejamos o tratamento da categoria *advérbio* sob o ponto de vista de outras teorias que não a sistêmica-funcional.

3.2 Um panorama sobre a categoria dos advérbios

Como já apontamos na Introdução deste trabalho, esta pesquisa irá mapear e analisar o metadiscorso interpessoal construído por meio de adjuntos modais (Halliday, 1994) realizados pela classe de palavras *advérbio* em um *corpus* de Artigos Acadêmicos em língua brasileira. Assim, este tópico visa apresentar um panorama dos estudos sobre a categoria “advérbio” em língua inglesa e em língua portuguesa a fim de colher subsídios para a compreensão dos diversificados valores semânticos e discursivos que o uso dessa categoria favorece.

Iniciaremos pela abordagem da categoria advérbio em inglês (sob outras perspectivas além da sistêmica-funcional), priorizando o tratamento da categorização semântica dos advérbios. Isto será feito para auxiliar a compreensão do funcionamento

dessa classe de palavras como adjuntos modais no contexto da Gramática Sistemática Funcional.

Segundo Biber et al. (1999), os advérbios podem funcionar como parte modificadora de um elemento da oração (advérbios modificadores), assim como podem receber o *status* de elemento da oração (adverbiais). Os advérbios modificadores, comumente, incidem sobre adjetivos ou outros advérbios. Os adverbiais são elementos da oração que apresentam circunstâncias relacionadas à oração (adverbiais circunstanciais); expressam sentimentos, avaliação ou comentários do falante sobre o conteúdo proposicional (adverbiais de atitude) e estabelecem ligações entre orações (adverbiais de ligação).

Uma observação inicial que deve ser feita diz respeito à diversidade de significações que um mesmo advérbio pode construir em contextos distintos. Segundo Biber et al. (1999), os advérbios podem ser usados em sentido literal assim como em sentido metafórico. Por exemplo, o advérbio *perfectly* pode significar “de maneira perfeita”, mas muito comumente também é utilizado para expressar significado de grau (no sentido de completamente).

Assim, sob o ponto de vista semântico, os autores apresentam oito tipos de advérbios a saber: advérbios de lugar, de tempo, de maneira, de grau, adição, de restrição, atitude e advérbios de ligação. Trataremos especificamente dos advérbios de tempo, grau, restrição e atitude que, em nossa compreensão, mais diretamente realizam a função de adjunto modal proposta na GSF (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

Ainda segundo Biber et al. (1999), os advérbios de tempo expressam as significações temporais em quatro dimensões: o tempo como posição (nos diz quando o

evento ocorre); o tempo como frequência (nos diz sobre o quão frequentemente um evento ocorre); o tempo como duração (nos diz sobre quanto tempo um evento se mantém) e o tempo como relação (nos informa sobre a relação temporal entre dois eventos, estados ou momentos). É importante sublinhar, ainda, que um mesmo advérbio pode incorporar mais de um significado temporal ao mesmo tempo, assim como um mesmo advérbio pode realizar diferentes significados temporais em contextos distintos.

Os advérbios de grau, por sua vez, respondem a questões como “*Até que ponto?*” “*Em que medida?*”, ou seja, esses advérbios podem ser utilizados para expressar em que medida algo está próximo ou distante de um padrão usual de normalidade. Estes advérbios ocorrem tanto como modificadores quanto como adverbiais e podem ser divididos em dois tipos: os advérbios intensificadores e os *diminishers* (advérbios redutores)⁶.

Os advérbios modificadores intensificadores modificam adjetivos graduáveis e indicam variados graus de intensidade elevada sobre uma escala (*muito, extremamente*) ou indicam, ainda, o topo dessa escala (*totalmente, absolutamente*). Os advérbios redutores, por sua vez, indicam variados graus de baixa intensidade. Para Biber et al., (1999) alguns desses advérbios funcionam como *hedges* (marcadores de atenuação), uma vez que podem expressar que o uso do item modificado não é preciso, exato. Os advérbios intensificadores intensificam a mensagem da oração enquanto os redutores ou atenuadores diminuem a intensidade dessa mensagem.

Os advérbios restritivos, tais como *somente*, direcionam o foco da atenção do interlocutor para algum elemento da oração, ou seja, funcionam para enfatizar a

⁶ Nossa tradução.

importância de uma parte da proposição ou, ainda, para restringir o valor de verdade da proposição ou de parte dela. Os advérbios restritivos enfatizam que a idéia da oração é em algum aspecto limitada, ou seja, quando dizemos *somente algo é X*, estamos dizendo que nenhuma outra coisa é X.

Passemos aos advérbios de atitude que muito interessam a esta pesquisa. Esses advérbios adicionam comentários do falante sobre o conteúdo proposicional e o fazem a partir de três categorias: os advérbios epistêmicos, os advérbios de atitude e os advérbios de estilo (BIBER et al., 1999:557).

Os advérbios epistêmicos são aqueles que constróem níveis de certeza ou dúvida sobre o conteúdo proposicional (*provavelmente, certamente, definitivamente*); ou que comentam sobre a veracidade ou não veracidade da proposição (*realmente*); ou que mostram que a proposição está baseada em alguma evidência (*aparentemente*); ou, ainda, que mostram uma delimitação sobre o conteúdo da proposição (*tipicamente*); ou que passam a idéia de imprecisão sobre esse conteúdo. Estes últimos são chamados por Biber et al. (1999) de *hedges* (marcadores de atenuação).

Os advérbios de atitude mostram o posicionamento, a avaliação do falante em direção à proposição (*surpreendentemente, curiosamente*). Todos esses advérbios funcionam como adverbais.

Finalmente, os advérbios de estilo apresentam o comentário do falante sobre o estilo ou a forma do enunciado (*tecnicamente falando, precisamente, formalmente falando*). Passemos a seguir à categorização dos advérbios em português brasileiro.

Assim como em inglês, os estudos sobre a categoria dos advérbios em português brasileiro constituem um terreno extremamente movediço tanto no que diz respeito ao reconhecimento dos itens que funcionam como advérbios quanto em relação às

variadas categorizações dos diferentes tipos dessa classe. Como diz Perini (2000:338) “[...] os advérbios do português estão muito pouco estudados em seu conjunto; temos apenas estudos parciais.”

Sob o ponto de vista de abordagens teóricas do português, vejamos algumas definições de *advérbio*:

- Advérbio é fundamentalmente um modificador do verbo. A essa função básica, geral, certos advérbios acrescentam outras que lhes são privativas. Assim, os chamados advérbios de intensidade e formas semanticamente correlatas podem reforçar o sentido de um adjetivo ou de um advérbio. Saliente-se, ainda, que alguns advérbios aparecem, não raro, modificando toda a oração (CUNHA-CINTRA, 1985: 529).
- “Chama-se advérbio a palavra invariável que serve de núcleo a um sintagma adverbial” (AZEREDO, 2002:143).
- Para Neves (2000:233) a conceituação de advérbio tem vários pontos de partida. “[...] de um ponto de vista morfológico, o advérbio é uma palavra invariável.” “De um ponto de vista sintático, ou relacional, o advérbio é uma palavra periférica, ou seja, funciona como satélite de um núcleo.”
- “[...] a marca categorial do advérbio é a de modificar: o verbo, a frase, o adjetivo, o próprio advérbio, ou a enunciação” (VILELA; KOCH, 2001:245).

Como podemos perceber nas conceituações acima apresentadas, a classe dos advérbios é, em linhas gerais, conceituada a partir do critério morfológico (palavra invariável; palavra que recebe o sufixo *-mente*), do critério sintático (palavra relacionada

sintaticamente ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio) e do critério nocional (palavra que indica circunstância e modificação). No entanto, alguns autores a exemplo de Ilari (1990) e Perini (2000) põem em questão tais conceituações. Para Ilari (1990), tais critérios de classificação somente se aplicam a um número restrito de ocorrências, uma vez que, na maioria dos casos, o uso de tais critérios esbarra em classificações conflitantes. Para este autor, “tratar do advérbio é, antes de mais nada, tomar consciência desses equívocos, constatando a diversidade de emprego dessas expressões (ILARI, 1990:69). Para Perini (2000:340):

[...] não existe uma classe que compreenda, mesmo aproximadamente, os itens tradicionalmente chamados advérbios. As diferenças sintáticas entre os ‘advérbios’ são muito profundas, em parte comuns a palavras de outras classes tradicionais, e não autorizam a postulação de uma classe única. Temos aqui, na verdade, diversas classes que podem, sem dúvida, agrupar-se, mas dificilmente de maneira análoga à proposta pela análise tradicional.

Esse autor questiona, principalmente, a idéia de que o advérbio é sempre um elemento modificador do verbo, do adjetivo e de outro advérbio. Perini (2000:342) apresenta o exemplo *Somente André percebeu a situação* no qual o item lexical *somente*, tradicionalmente tomado como advérbio, incide sobre um substantivo. Por outro lado, alguns adjetivos também podem incidir sobre um verbo como em *ela escreve rápido* (PERINI, 2000:342). Outra questão que deve ser tomada em consideração é que alguns itens que são classificados como advérbios, nem sempre correspondem, de fato, a uma realização de tal categoria. Por exemplo, Ilari (1990:72) cita itens como *lá* e *aqui* que apresentam usos bastante variados para além de sua rotulação como advérbios de lugar. Em textos orais, por exemplo, estes itens podem funcionar como marcadores de distância do locutor em relação ao conteúdo de sua asserção, realizando um efeito de sentido modalizador no enunciado. Ainda pondo em questão o caráter de modificador do advérbio, Ilari (1990) nos diz que os chamados advérbios intensificadores (muito, bastante...)

“[...] não se limitam ao papel de modificador que a tradição gramatical lhes atribui ao classificá-los como advérbios, eles podem funcionar como determinantes no âmbito de um sintagma nominal complexo, podem atuar como argumentos de um predicado e mesmo constituir o núcleo do predicado em orações de predicado nominal (ILARI, 1990:75).”

As questões levantadas por esses autores nos levam a refletir que os advérbios não constituem uma classe com características uniformes; eis o porquê de Ilari (1990:80) nos dizer que

[...] seria um contra-senso propor ou até mesmo ensaiar neste trabalho uma definição geral de advérbio – [...] o que parece necessário é, ao contrário, aprofundar as distinções, tentando organizar a heterogeneidade das palavras que a tradição gramatical tem lançado acriticamente nessa classe.

A partir da perspectiva acima, mais importante do que conceituar a classe dos advérbios é perceber as variadas funções e os variados significados provocados pelos usos dessa “classe”. Assim, passaremos às propostas de classificações dos tipos de advérbios e suas realizações. Antes, porém, cabe explicitar que iremos traçar um panorama dessa classificação sob o ponto de vista de variadas perspectivas teóricas, com o objetivo de realizar um apanhado dos comentários sobre os advérbios em português brasileiro.

Para Castilho (1993:73), os advérbios se dividem em dois grandes grupos: os predicativos e os não-predicativos. Os primeiros referem-se aos advérbios que dão contribuição ao sentido da classe-alvo; os segundos, por outro lado, não o fazem.

Os advérbios predicativos se dividem em predicativos qualitativos, predicativos quantificadores e predicativos modalizadores. Os advérbios não-predicativos dividem-se em advérbios de verificação, advérbios do *dicto* e advérbios circunstanciais. Iniciaremos pelo tratamento dos advérbios predicativos.

Os advérbios qualificadores são aqueles que se realizam por predicação qualificadora, ou seja, por um processo semântico-sintático por meio do qual um operador incide sobre uma classe-alvo, modificando ou confirmando seus traços semânticos. Tais

advérbios subdividem-se em Qualificadores Quase-Argumentais, Qualificadores Graduadores, Aspectualizadores, Aproximadores e Confirmadores.

Os advérbios qualificadores quase-argumentais, correspondem aos advérbios de Modo na gramática tradicional e podem ser substituídos por *um adjetivo*, por *um advérbio de modo + adjetivo* ou por um *sintagma preposicionado*. Além disso, Castilho (1993) nos diz que esses advérbios preservam a restrição seletiva de seus adjetivos de base de tal forma que podemos ter a realização *falar pausadamente*, mas não parece fácil aceitar **proibir pausadamente*. Alguns advérbios que aparentemente funcionam como Qualificadores, podem em algumas circunstâncias não sê-lo. Como exemplos, Castilho (1993:209) nos apresenta os advérbios *justamente* e *exclusivamente*. Em *agi justamente com ele* temos um Qualificador, posto que podemos ter as paráfrases *agi de modo justo com ele* ou *agi com justiça com ele*. Por outro lado, em *comi justamente três pratos* temos um advérbio Focalizador (que será tratado mais adiante) cuja paráfrase **comi três pratos de modo justo* não parece adequada. Igualmente esclarecedor é o exemplo *Peixe aqui no Rio Grande do Sul eu tenho a impressão que se come peixe exclusivamente na semana santa* a partir do qual Castilho (1993:210) faz a seguinte análise: se considerarmos que o advérbio incide sobre o verbo *comer*, teremos um advérbio Qualificador Quase-Argumental possível de ser expresso por meio da paráfrase *peixe se come de modo exclusivo na semana santa*. Por outro lado, se considerarmos que o advérbio incide sobre o sintagma *semana santa*, então teremos um advérbio Focalizador expresso pela paráfrase *se come peixe apenas na semana santa*. Essa diferença foi, para esta pesquisa, bastante interessante, uma vez que, no primeiro momento de nossa análise, tivemos que realizar uma triagem entre os advérbios que funcionavam como adjuntos modais ou como adjuntos circunstanciais no escopo da GSF. Os advérbios Qualificadores Quase-Argumentais mostraram-se, preferencialmente

como adjuntos circunstanciais, enquanto os Focalizadores mostraram-se, preferencialmente como modais.

Os advérbios Qualificadores Graduadores afetam os traços semânticos dos termos sobre os quais incidem (principalmente sobre verbos e adjetivos que exibem o traço semântico /+ graduável/), acrescentando-lhes uma noção de graduação (Castilho, 1993:216). Essa escala de graduação, em termos gerais, corresponde a uma escala socialmente estabelecida e partilhada pelos interlocutores. Dessa forma, ao selecionar um graduador, o falante apresenta-se como alguém que avalia um fenômeno como posicionado em um ponto normal dessa escala (Graduador Normalizador), em um ponto acima da normalidade (Graduador Intensificador) ou em um ponto abaixo da normalidade (Graduador Atenuador).

Quanto aos advérbios Qualificadores Aproximadores, Castilho (1993) nos diz que eles afetam as propriedades semânticas da classe-alvo, apagando algumas dessas propriedades e mantendo outras. Dessa forma, tais advérbios comprometem a prototipicidade da classe-alvo, contribuindo, assim, para o abrandamento do compromisso do locutor em relação ao conteúdo da proposição. Os advérbios *todo* e *quase* são exemplares dos aproximadores.

Temos, ainda, os advérbios Qualificadores Confirmadores que desempenham um papel oposto ao dos aproximadores, ou seja, enquanto estes generalizam o sentido de sua classe-alvo, apresentando-a como não-prototípica, os advérbios confirmadores especificam o sentido dessa classe, selecionando todas as suas propriedades semânticas. Desta forma, os advérbios confirmadores configuram-se como operadores de prototipicidade. São alguns exemplos desse tipo de advérbio: *totalmente*, *tipicamente*, *estritamente*, *simplesmente*, *puramente*.

Quanto aos advérbios Quantificadores, Castilho (1993:156) nos diz que “a predicação adverbial quantificadora é um processo semântico-sintático por meio do qual um operador incide sobre uma classe modificando sua extensão, isto é, sua propriedade de designar um conjunto de indivíduos”. Os quantificadores se dividem em quantificadores aspectualizadores e delimitadores. Os primeiros dizem respeito à quantificação, propriamente dita, por isso não interessam à classificação realizada nesta pesquisa. Os segundos, por outro lado, tendem a funcionar como delimitadores (*hedges*), apresentando, pois, um efeito modalizador. Segundo Castilho; Castilho (2002:232), *os advérbios delimitadores estabelecem as condições para o entendimento de uma sentença ou de seus constituintes* e, portanto, devem ser considerados como advérbios modalizadores.

Para Neves (2000:250), sob uma perspectiva funcional, embora distinta da teoria sistêmica de Halliday, esses advérbios são classificados como modalizadores delimitadores por meio dos quais os falantes circunscrevem os limites dentro dos quais o enunciado ou um constituinte do enunciado deve ser interpretado, e dentro dos quais, portanto, se pode procurar a factualidade, ou não, do que é dito.

Ainda segundo esta autora, a delimitação adverbial é realizada por dois mecanismos: a) pela delimitação da validade da proposição a partir da perspectiva do falante (*Pessoalmente, não vejo nenhuma vantagem para eles que eu assine*) ou b) pela fixação da validade do enunciado no âmbito de um domínio do conhecimento (*as mulheres são biologicamente iguais aos homens*). Por outro lado, há também advérbios delimitadores que podem marcar como limite um todo genérico indicando idéia de generalização como em *São em geral terras ricas em ferro, em cálcio ou em fósforo* ou

indicando idéia de restrição como em *Um dos trabalhos que atraiu atenção era importado de São Paulo, mais especificamente do Hospital das Clínicas.*⁷

Chegamos, agora, ao ponto que mais interessa a esta pesquisa, os advérbios modalizadores. Segundo Neves (2000:244),

Os advérbios modalizadores compõem uma classe ampla de elementos adverbiais que têm como característica básica expressar alguma intervenção do falante na definição da validade e do valor de seu enunciado: modalizar quanto ao valor de verdade, modalizar quanto ao dever, restringir o domínio, definir a atitude e, até, avaliar a própria formulação lingüística.

Neves (2000) considera as seguintes subclasses de modalizadores: a) os modalizadores epistêmicos, b) os modalizadores delimitadores, c) os modalizadores deônticos e d) os modalizadores afetivos.

Os modalizadores epistêmicos são aqueles que indicam crença, opinião ou expectativa do falante sobre o conteúdo da proposição. Como nos diz Neves (2000), esses advérbios são marcas de adesão do falante em relação ao que ele diz. São, pois, advérbios asseverativos.

Os modalizadores epistêmicos asseverativos se subdividem em asseverativos afirmativos, asseverativos negativos e asseverativos relativos.

Ao utilizar os asseverativos afirmativos, os falantes apresentam o conteúdo da proposição como algo que é certo que não pode ser posto em dúvida. Segundo Neves (2000), esses advérbios podem expressar que o falante sabe algo, uma vez que apresenta o enunciado como uma evidência (*evidentemente, reconhecidamente*), como algo irrefutável (*incontestavelmente, indubitavelmente, indiscutivelmente*), como verdade dos fatos

⁷ Os exemplos estão em Neves (2000:250-52)

(*verdadeiramente, realmente*), como resultado da naturalidade dos fatos (*naturalmente, logicamente*) ou como crença ou certeza dele próprio, falante (*certamente, seguramente*).

Ao discorrer sobre os advérbios epistêmicos asseverativos em língua portuguesa, Castilho e Castilho (2002) mostram que alguns desses advérbios produzem efeitos de sentidos outros além do sentido de asseveração, por exemplo sentidos intensificadores ou focalizadores, fenômeno que esses autores chamam de *valor agregado*. Por exemplo, em um enunciado como *é realmente parecido*, os autores nos dizem que são possíveis duas paráfrases a saber: *é um fato real que X é parecido* (valor asseverativo) e *X é muito parecido* (valor agregado de intensidade). Já em *com uma preocupação realmente de homem da ciência*, o valor agregado é o de focalização como podemos perceber por meio da paráfrase *com uma preocupação exatamente de homem da ciência*.⁸

Quanto aos asseverativos negativos e relativos, Neves (2000) nos diz que os primeiros indicam contrafactualidade (*de forma alguma, de jeito nenhum*), já os segundos, indicam que o conteúdo é apresentado como uma crença do falante quanto à possibilidade/impossibilidade, probabilidade/improbabilidade de algo. Dessa forma, diferentemente dos advérbios asseverativos afirmativos e negativos, os advérbios asseverativos relativos posicionam o falante como alguém que não se compromete com a verdade do que é dito, alguém que diz *eu acho que/ é possível que*. Em Castilho (1993:140), esses advérbios são chamados de Modalizadores Epistêmicos Quase-Asseverativos.

Passaremos, agora, aos modalizadores deônticos, uma vez que já discutimos sobre os modalizadores delimitadores anteriormente. Segundo Castilho (1993:144), os

⁸ Os exemplos estão em Castilho e Castilho (2002:219-20)

modalizadores deônticos “predicam o conteúdo de P que passa a ser entendido como um estado de coisas que precisa ocorrer obrigatoriamente.” Assim, os efeitos de sentido provocados pelos modalizadores deônticos são os de obrigação, proibição, permissão e volição. Neves (2000) nos diz que é bastante comum que esses advérbios ocorram com predicados já modalizados deonticamente, geralmente por meio de verbos auxiliares modais como em *É preciso abandonar os sindicatos e organizar obrigatoriamente uniões operárias paralelas e livres* (NEVES, 2000:252).

Por fim, tratemos dos modalizadores afetivos (NEVES, 2000; CASTILHO e CASTILHO, 2002) também designados como pragmáticos por Castilho (1993). Para Castilho e Castilho (2002), esses advérbios expressam uma avaliação fundamentada na percepção que o falante tem de P. e são, portanto, advérbios orientados para o falante. Para Neves (2000), ao utilizar os advérbios afetivos, o falante exprime reações emotivas em relação a P. Para Castilho (1993:147), os advérbios pragmáticos (afetivos) deixam a proposição em segundo plano para predicar os participantes do discurso, expressando as reações do locutor (ou do locutor em face do interlocutor) frente ao conteúdo proposicional, ou seja, o locutor é aquele que diz *eu sinto X diante de Y ou em face de P*.

Os modalizadores afetivos podem ser de dois tipos: os subjetivos e os interpessoais ou intersubjetivos. Os modalizadores afetivos subjetivos são aqueles que envolvem as emoções e os sentimentos do falante frente ao conteúdo proposicional e podem ser parafraseados por *Eu sinto X em face de P*; os modalizadores interpessoais (NEVES, 2000) ou intersubjetivos (CASTILHO, 1993; CASTILHO e CASTILHO, 2002), por sua vez, ressaltam os sentimentos do locutor diante do interlocutor em face do conteúdo proposicional, o que pode ser expresso pela paráfrase *Eu sinto X diante de você devido a P*. É importante ressaltar, ainda, que enquanto os modalizadores subjetivos são biorientados,

ou seja, predicam o locutor e o conteúdo da proposição; os afetivos interpessoais ou intersubjetivos predicam o locutor, o interlocutor e o conteúdo proposicional. Outra importante observação diz respeito ao posicionamento dos advérbios afetivos. Castilho (1993) nos informa que esses advérbios tendem a posicionar-se nas periferias da sentença, constituindo-se, pois, preferencialmente, como advérbios sentenciais. Quando advérbios como *francamente*, *sinceramente* aparecem posicionados após o verbo, geralmente tendem a figurar não mais como modalizadores afetivos, mas como advérbios qualificadores quase-argumentais. Essa distinção é importante para a análise dessa pesquisa, uma vez que fornece um importante suporte para diferenciar quando o mesmo advérbio pode ser interpretado como adjunto circunstancial ou adjunto modal. No caso acima citado, advérbios como *francamente* ou *sinceramente* quando figurando como advérbios qualificadores quase-argumentais podem ser tomados como adjuntos circunstanciais e não modais, uma vez que constróem um pano de fundo para o processo na oração. Esses mesmos advérbios em posição periférica e, portanto, funcionando como advérbio modalizador, tendem a figurar como adjuntos modais de comentário, posto que apresentam o posicionamento do falante frente ao todo do conteúdo proposicional.

Passemos, agora, ao tratamento dos advérbios não-predicativos, particularmente, ao tratamento dos não-predicativos focalizadores que, em nossa compreensão, podem funcionar como adjuntos modais no escopo da GSF.

Segundo Ilari (2002:183), a focalização ocorre quando

[...] aplicada a um segmento da oração explicita que esse segmento fornece informações mais exatas que a média do texto em decorrência de uma operação prévia de verificação que, por sua vez, implica um roteiro próprio, por exemplo, a comparação implícita com algum modelo ou parâmetro recuperável no co(n)texto.

Para Ilari (2002), os focalizadores constróem sentidos de verificação de número (*são **exatamente** nove filhos*), verificação de proporção (*eu estou sendo **absolutamente** fiel à comunicação[...]*); verificação de coincidência com um protótipo (*uma preocupação **realmente** de homem da ciência*); verificação de identidade (***exatamente**, é uma previsão [...]*); e verificação de factualidade (*[...] um líquido semelhante a um colostro provando que **realmente** são glândulas sebáceas*).

Para o tratamento desses advérbios faz-se necessário esclarecer algumas possíveis confusões, como, por exemplo, a confusão entre advérbios focalizadores e intensificadores. Para Ilari (2002), os advérbios intensificadores estabelecem comparação entre dois elementos quanto à intensidade que uma mesma propriedade assume em relação a ambos ou quanto à intensidade assumida por duas propriedades distintas em um mesmo elemento. Na focalização, por sua vez, o advérbio põe em relevo uma propriedade em relação a si mesma. Um outro critério de distinção diz respeito à possibilidade de substituição dos advérbios em análise pelo intensificador prototípico *muito*.

Outra confusão desfeita por Ilari (2002) diz respeito à diferença entre advérbios focalizadores e delimitadores. Para este autor, enquanto os delimitadores têm o papel discursivo de contrastar universos de discurso ou de operar deslocamentos entre o universo corrente (que pode ser de uma dada disciplina ou de uma área de atuação prática ou de senso comum) e outros universos; os focalizadores não deslocam de um universo para outro, eles informam sobre a precisão que se deve atribuir a uma determinada asserção.

Por fim, Ilari (2002:198) nos diz que

Os advérbios focalizadores ao evocarem verificações de vários tipos contribuem para construir a impressão de que o locutor dispõe de argumentos fortes para comprometer-se com a verdade do dito; acarretam, assim, um efeito de ênfase. Como os focalizadores se aplicam a parte da sentença, determinando o efeito de fundo e figura, a ênfase atinge de fato alguns constituintes, à exclusão de outros.

Como pudemos perceber, apesar das significativas pesquisas sobre o tema, o tratamento dos advérbios em português brasileiro encontra-se, ainda, em campo aberto às dúvidas e a interpretações variadas; possibilitando, assim, investigações futuras. Isto se dá, em grande medida, pelo fato de que os mesmos advérbios podem variar não somente quanto ao seu posicionamento na sentença, assim como em relação ao seu posicionamento frente aos constituintes internos da sentença, construindo diferentes significados e, portanto, sendo classificados diferentemente em co-textos distintos. Essa constatação nos remete à tarefa metodológica de analisar caso a caso os advérbios que apresentarem essa heterogeneidade em sua classificação.

Para a pesquisa aqui em questão, o trabalho de análise desdobra-se, ainda, em categorizar os advérbios que funcionam como adjuntos modais (HALLIDAY, 1994) e em discutir como esses adjuntos contribuem para a construção do metadiscurso interpessoal em artigos acadêmicos.

3.3 Metafunção interpessoal: a gramática da interação

Antes de iniciar a descrição da proposta teórica de Halliday (1994) sobre os significados interpessoais da linguagem, consideramos importante contextualizar a análise do sistema de modalidade da língua como parte do fenômeno maior da avaliação nos termos de Hunston e Thompson (2000). Para estes autores, o fenômeno da avaliação (*evaluation*) abriga atitude, postura, ponto de vista e apreciação de valor do falante frente às entidades ou proposições sobre as quais esteja falando. Sob este prisma, a modalização é vista como uma subcategoria da avaliação.

Ainda a favor desta consideração, podemos tomar as três funções para as quais se presta a avaliação a saber: expressar opinião do falante, construir e manter relação entre

os interlocutores e organizar o discurso (HUNSTON; THOMPSON, 2000). Como podemos ver, o sistema de modalidade cumpre adequadamente as duas primeiras funções e, de forma secundária, realiza também a terceira função como demonstram Thompson e Zhou (2000) ao tratarem os disjuntos como adjuntos conjuntivos que realizam avaliação.

Outra consideração preliminar que se torna relevante é justificar que, apesar de Halliday (1994) não parecer compartilhar o posicionamento de que o sistema de modalização faça parte da avaliação, posto que para ele a avaliação está mais vinculada ao léxico do que à gramática, adotamos sua descrição do sistema de modo e modalização porque consideramos que não há entre os posicionamentos de Halliday (1994) e Hunston e Thompson (2000) uma oposição epistemológica, mas uma distinção quanto à extensão dos fenômenos lingüísticos que podem ser tomados como avaliativos. As diferentes posições podem estar relacionadas ao fato de que para Halliday a avaliação está mais estreitamente relacionada a julgamento de valor e para Hunston e Thompson, como já foi exposto, está relacionada a posicionamento e a construção de ponto-de-vista de uma forma geral. A não-contradição entre esta articulação reside também na consideração de que Halliday (1994) inclui a avaliação no escopo da função interpessoal assim como está o sistema de modalidade. Então, julgamento de valor e posicionamento, ambos os fenômenos, estão no mesmo ambiente de análise – a análise dos significados interpessoais.

Feitos estes esclarecimentos, passemos, então, à apresentação da gramática da interação ou gramática dos significados interpessoais proposta por Halliday (1994).

Para Halliday (1994), o princípio básico da função interpessoal é que os falantes, no ato da interação, adotam para si um papel discursivo e sinalizam um papel complementar para seus interlocutores. Assim, ao realizar uma ordem, o falante se posiciona como alguém autorizado a ordenar e posiciona seu interlocutor como aquele que

pode e deve efetivar o que foi ordenado. Desta forma, a função interpessoal da linguagem está relacionada com os papéis e as relações que os interlocutores constroem no ato das trocas interativas.

Halliday (1994) aponta dois tipos básicos de trocas que permeiam as interações: as *trocas de bens e serviços* e as *trocas de informações*. Se o falante realiza um ato de fala com o propósito de induzir o interlocutor a fazer algo, estaremos lidando com a troca de bens e serviços e tomaremos como unidade de análise, as *propostas*. Por outro lado, se o falante objetiva obter uma resposta verbal do interlocutor, estaremos tratando de uma troca de informações e teremos as *proposições* como unidade de análise.

Como já salientamos, procederemos à análise da função interpessoal em artigos acadêmicos e por isso nos deteremos apenas na gramática da oração como troca de informação, ou seja, nosso olhar estará voltado para a troca de *proposições*.

A primeira questão que é necessário responder para discutir a relação entre a função interpessoal e os significados interpessoais construídos na interação é quais estruturas do sistema lingüístico são preferencialmente utilizadas pelos falantes para a construção dessa relação.

Antes, porém, de responder a tal questão, consideramos pertinente, a exemplo do que foi feito em Bernardino e Macedo (2004), estabelecer, para efeitos metodológicos, as diferenças entre as variadas nuances do termo MODO encontradas no referencial teórico de M. A. K. Halliday.

Nesse *constructo* teórico, a análise do Sistema de Modo da Língua utiliza o mesmo termo MODO em três níveis distintos expressos pelos termos em inglês *MOOD* e *Mood* (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004:113).

- ◆ Modo (*MOOD*) como tipo de função discursiva das interações;
- ◆ Modo (*Mood*) como estrutura central da oração na qual estão os constituintes léxico-gramaticais dos significados interpessoais;
- ◆ Modo (*Mood*) como parte da estrutura interna do Modo referido no item acima, constituída por Sujeito, Finito e Adjuntos Modais.

Adotaremos para efeito de nossos comentários acerca destes três níveis de utilização do termo MODO a terminologia sugerida por Bernardino e Macedo (2004) a saber: MODO1 para indicar o modo como tipo de função discursiva, MODO2 para indicar a estrutura central da oração na qual estão os significados interpessoais e MODO3 para indicar a parte do MODO2 constituída por Sujeito, Finito e Adjuntos Modais

Esta terminologia é utilizada apenas para facilitar a leitura deste texto, não implicando nenhuma apreciação de valor acerca dos conceitos apresentados.

A figura abaixo nos permite uma melhor percepção das relações entre os termos:

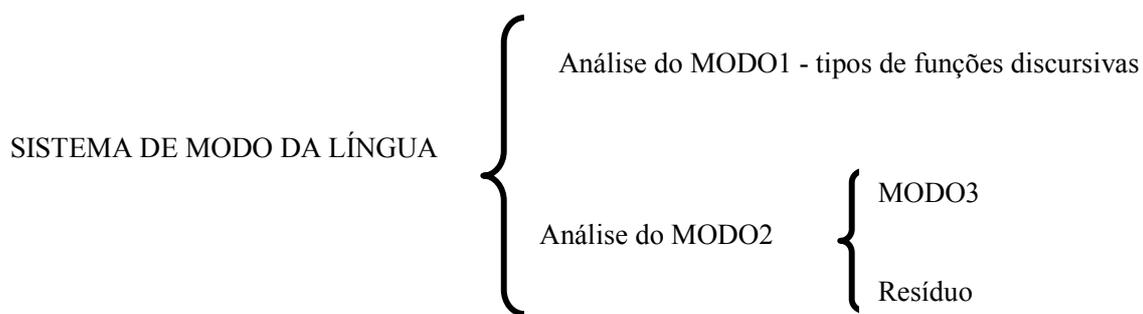


FIGURA 4- Esquema demonstrativo do Sistema de Modo da Língua
 Fonte: (BERNARDINO e MACEDO, 2004:10)

Para efeito de visualização, apresentamos a seguir o QUADRO1⁹ no qual uma oração é analisada de acordo com os elementos constituintes do Sistema de Modo da Língua:

QUADRO 1
MODO1 – oração declarativa afirmativa

O significado da palavra	pode	ser	transparente [...]
Sujeito	Finito	Predicador	Complemento

Retomando a questão acima proposta, como Martin et al. (1997) apontam, é na estrutura dos elementos do MODO1 da gramática que o viés negociável da interação se revela com maior nitidez. Cabe, então, perguntar quais os constituintes relevantes para a descrição da estrutura do MODO1 da oração e em que diferentes configurações eles podem ocorrer.

Para Halliday (1994), os quatro tipos básicos de trocas interativas são *declarar*, *questionar*, *oferecer* e *comandar*. Assim, o ponto inicial das interações se dá por meio da escolha de uma dessas funções e sua encenação através de estruturas gramaticais típicas. Observemos o QUADRO 2 abaixo que nos mostra a relação entre as principais funções discursivas e os tipos de modos da oração que tipicamente as encenam (EGGINS, 1994:153).

⁹ Exemplo retirado do *corpus* de 10 artigos da área de lingüística compilados a partir da Revista D.E.L.T.A. no site <http://www.scielo.br>.

QUADRO 2
Funções discursivas – tipos de modo da oração

Funções discursivas	Modo típico da oração
Declaração	Modo declarativo
Pergunta	Modo interrogativo
Comando	Modo imperativo
Oferta	Modo interrogativo modulado
Resposta	Modo declarativo elíptico
Reconhecimento	Modo declarativo elíptico
Recebimento/ concordância	Oração mínima (<i>minor clause</i>)
Concordância	Oração mínima (<i>minor clause</i>)

Fonte: Egging, 1994:153, tradução de Bernardino e Macedo, 2004:11.

É importante considerar, ainda, que há variações nesse padrão. Por exemplo, o comando pode ser apresentado por meio de uma interrogativa modulada¹⁰ ou por uma declarativa, a oferta pode ser apresentada por meio de imperativa ou declarativa e a pergunta através de uma declarativa modulada.

O passo seguinte da análise é observar de forma mais verticalizada a estrutura dessas orações e para fazer isto é necessário analisar o MODO2 aqui tomado como a estrutura central da oração na qual estão os constituintes léxico-gramaticais dos significados interpessoais. Do ponto de vista interpessoal, Halliday (1994) nos diz que a oração está dividida em MODO3 e RESÍDUO, sendo o MODO3 constituído por Sujeito, partícula verbal de Finito e Adjuntos Modais e o RESÍDUO por Predicador, Complementos e Adjuntos Circunstanciais.

Antes de partirmos para a descrição de cada um desses constituintes, gostaríamos de chamar a atenção para as reflexões propostas por Thompson (2002) para

¹⁰ Cf. Egging (1994: 153)

quem os significados interpessoais não estão exclusivamente ligados a constituintes específicos, mas se expandem na totalidade da oração. Para efeito metodológico, é importante considerar os elementos do MODO2 como o centro da análise interpessoal, não esquecendo, porém, que os significados interpessoais podem ser reforçados e expandidos em outras estruturas da oração, ou seja, estes significados tendem a estar em torno do MODO2, mas não estão confinados a ele. Esta mesma perspectiva teórica é encontrada em Thompson e Zhou (2000), posto que esses autores, ao analisarem o significado textual dos disjuntos avaliativos, põem em questão a idéia de que diferentes elementos léxico-gramaticais estão associados especialmente a cada uma das metafunções propostas por Halliday (1994). Para eles, as classes de palavras (as conjunções e os adjuntos modais, por exemplo) não podem ser assinaladas como elementos de uma metafunção em particular, posto que podem realizar, simultaneamente e de forma imbricada, significados em mais de uma metafunção.

Passaremos, agora, ao tratamento dos constituintes do MODO3 e do RESÍDUO. Para tanto, tomaremos os conceitos e as descrições apontados por Halliday (1994), complementadas por trabalhos de divulgação desta teoria, tais como os de Eggins (1994), Martin et al. (1997) e Thompson (2002) e atualizadas em Halliday e Matthiessen (2004).

Como já apontamos, o MODO3 é constituído por Sujeito, Finito e Adjuntos Modais. Halliday (1994) chama, constantemente, a atenção para a compreensão de que na estrutura do MODO3, o Sujeito não deve ser tomado apenas como uma categoria gramatical cuja função predominante é a sintática. Em proposições, por exemplo, podemos caracterizar o significado do Sujeito em termos de que elemento do significado interpessoal o falante põe em questão, ou seja, o Sujeito é o elemento em relação ao qual o ouvinte pode

construir afirmações, negações, questionamentos. Como nos diz Thompson (2002), o Sujeito expressa a entidade que o falante deseja tornar responsável pela validade da proposição. Ou seja, em proposições, especificar o elemento responsável, significa identificar sobre quem ou o que a validade da proposição é realizada.

No dizer de Eggins (1994), o Sujeito é o elemento que realiza a entidade referida para que a proposição seja afirmada, negada, posta em questão, ou seja, a pessoa ou coisa sobre a qual é investido o sucesso da proposição.

Quanto ao Finito, Halliday (1994) nos diz que é o constituinte do MODO3 que tem a função de localizar a proposição no tempo (presente, passado, futuro), tornando-a algo sobre o que se pode comentar. Para Thompson (2002), a função do Finito é orientar o ouvinte em direção ao tipo de validade que está sendo chamado para a proposição, relacionando-a ao aqui e ao agora da realidade do evento de fala e/ou relacionando-a à atitude do falante.

Eggins (1994) explora dois operadores verbais do Finito: os operadores de tempo e os operadores modais. Os primeiros ancoram a proposição na noção de tempo, se presente, passado ou futuro. Os segundos ancoram a proposição não por referência ao tempo, mas por referência à modalidade, ou seja, são elementos do finito que expressam o julgamento do falante sobre as possibilidades ou obrigações envolvidas no que é dito. Assim, a proposição torna-se alvo de comentário por ser apresentada como provável/improvável; desejável/indesejável; possível ou não. É importante considerar, ainda, que, no inglês, o Finito também carrega a noção semântica de polaridade (afirmativo/negativo). Acerca deste ponto, é válido fazer algumas considerações sobre a noção de Finito a partir das realizações do padrão modo-temporal em língua portuguesa. Em primeiro lugar, deve-se apontar que o modo e o tempo verbal em português são noções

desinenciais, assim, mais do que no inglês, a noção de Finito se faz, em geral, na própria estrutura do Predicador e, nos casos de expressões verbais, na estrutura do verbo auxiliar. Outra consideração importante é que, em português, diferentemente do inglês, a noção de polaridade não está no Finito, mas nos adjuntos modais de polaridade que, via de regra, estão posicionados junto ao Finito na organização sintagmática da oração.

Por fim, podemos considerar, ainda, na estrutura do MODO3, os Adjuntos Modais. Para Halliday e Matthiessen (2004), o Adjunto é o elemento que não tem o potencial de ser Sujeito, ou seja, é o elemento que não pode ser elevado ao *status* interpessoal de responsabilidade modal e que é, tipicamente, realizado por um grupo adverbial ou por uma frase preposicional. Halliday (1994) apresenta três classes de Adjuntos: os Adjuntos Modais, os Circunstanciais e os Adjuntos Textuais.

Os Adjuntos Modais, propriamente ditos, são aqueles mais intimamente associados ao SISTEMA DE MODO, imprimindo significados de polaridade, modalidade, temporalidade e intensidade (HALLIDAY, 1994/2004). Como explica Eggins (1994), estes Adjuntos adicionam significado interpessoal à oração por estarem relacionados à geração e manutenção do diálogo. O tratamento sobre a categorização e as significações dos Adjuntos Modais na perspectiva sistêmica-funcional exige, primeiramente, que situemos tais questões no âmbito das diferenças entre as abordagens das edições de 1994 e de 2004 da Gramática Sistêmica Funcional (GSF).

Na segunda edição da GSF, Halliday (1994:82) aponta três tipos de Adjuntos Modais a saber: os adjuntos de polaridade e modalidade, os adjuntos de temporalidade e os adjuntos de modo. Vejamos nos quadros abaixo, traduzidos para o português brasileiro, os principais significados realizados por estes adjuntos:

QUADRO 3
Adjuntos de modalidade e polaridade

Significados	Realizações
Polaridade	Sim / não / provavelmente / possivelmente
Probabilidade [modalização]	Provável / possível / certamente / talvez
Usualidade [modalização]	Usualmente / às vezes / sempre /nunca, raramente...
Inclinação [modulação]	Certamente / facilmente / alegremente
Obrigação [modulação]	Definitivamente / absolutamente / possivelmente...

Fonte: Halliday, 1994: 82, tradução de Bernardino e Macedo, 2004:14). Trata-se da tradução dos exemplos em inglês, pois não dispomos ainda de descrição do português sob a perspectiva da GSF.

QUADRO 4
Adjuntos modais de temporalidade

Significados	Realizações
Tempo	Ainda que, até agora, já, uma vez que, anteriormente, logo em breve...
Tipicidade	Ocasionalmente, geralmente, na maioria das vezes, regularmente...

Fonte: Halliday, 1994: 82, tradução de Bernardino e Macedo, 2004:14). Trata-se da tradução dos exemplos em inglês, pois não dispomos ainda de descrição do português sob a perspectiva da GSF.

QUADRO 5
Adjuntos modais de modo

Significados	Realizações
Obviedade	De fato, obviamente, claramente, certamente, evidentemente, seguramente...
Intensidade	Somente, meramente, sempre, simplesmente, puramente, realmente (de fato), apenas, só, unicamente...
Grau	Inteiraente, muito, quase, totalmente, escassamente, completamente, unicamente, apenas, plenamente, categoricamente, peremptoriamente, irrestritamente, bastante, raramente, dificilmente, absolutamente, exclusivamente...

Fonte: Halliday, 1994: 82, tradução de Bernardino e Macedo, 2004:14). Trata-se da tradução dos exemplos em inglês, pois não dispomos ainda de descrição do português sob a perspectiva da GSF.

Na edição de 2004, Halliday e Matthiessen apontam uma nova classificação dos Adjuntos Modais propriamente ditos que podemos visualizar na figura abaixo:

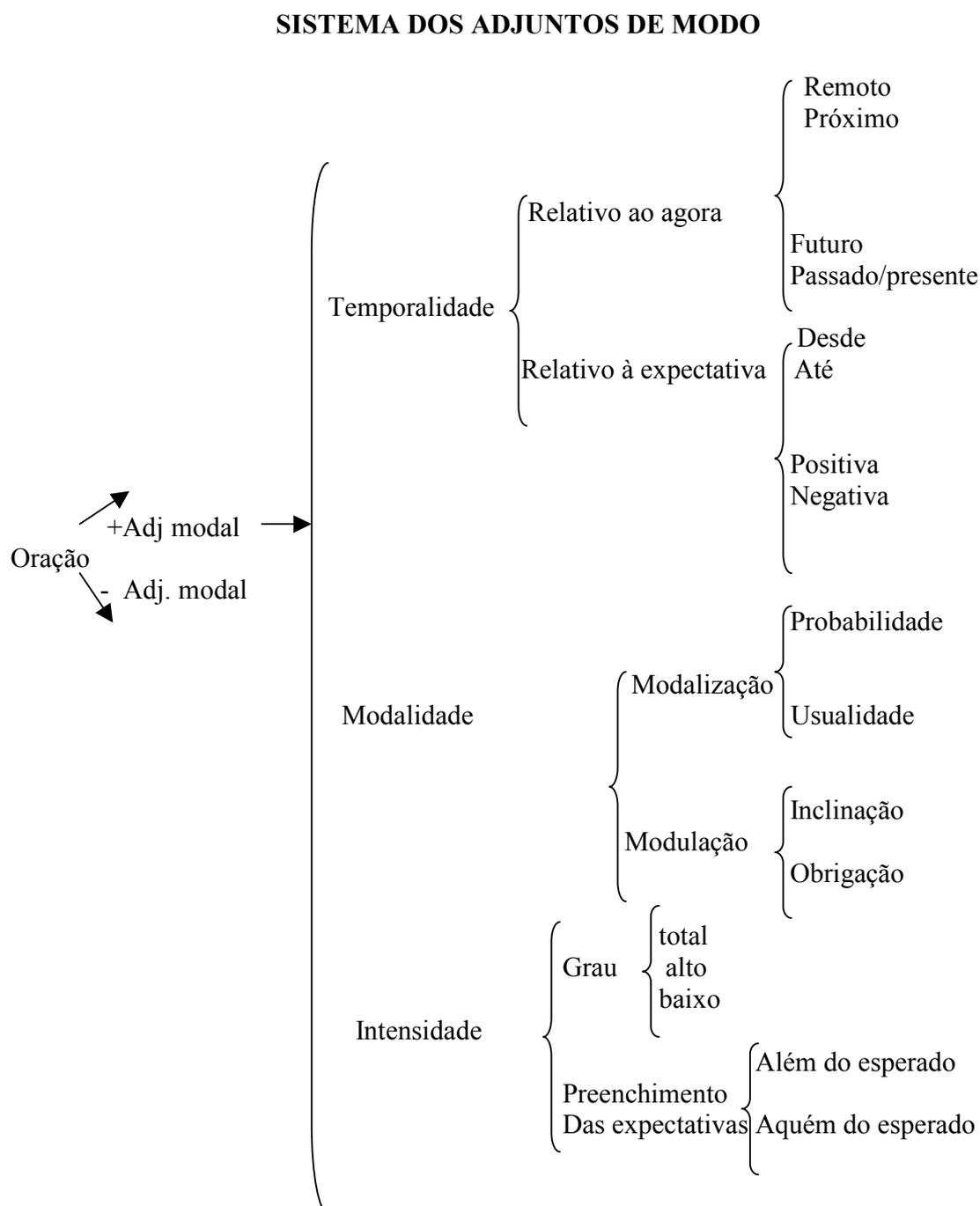


FIGURA 5 – Sistema dos adjuntos de modo
Fonte: Halliday e Matthiessen, 2004:128.

Na proposta de 2004, é possível perceber mudanças na classificação dos Adjuntos Modais de temporalidade e dos chamados Adjuntos Modais de Modo. Como podemos visualizar no QUADRO 4 e na FIGURA 2, os Adjuntos de temporalidade relacionam-se ao tempo interpessoal dêitico, ou seja, relacionam-se à noção temporal propriamente dita, indicando tempo próximo ou remoto, passado ou futuro, focalizando o tempo relativo ao agora do falante. Porém, enquanto a proposta de 1994 enfoca também o aspecto temporal de recorrência/tipicidade, a versão de 2004 focaliza o aspecto temporal relacionado ao preenchimento das expectativas do falante (se além ou aquém do esperado) com respeito ao tempo em questão. Expressões como *inclusive, na realidade, de fato* indicariam preenchimento das expectativas além do esperado, enquanto termos como *apenas, simplesmente* indicariam preenchimento das expectativas aquém do esperado.

Outra importante alteração diz respeito ao deslocamento do significado de intensidade como uma das expressões dos Adjuntos Modais de Modo para a posição de um tipo de Adjunto Modal. Assim, em Halliday e Matthiessen (2004), o chamado Adjunto Modal de Modo passa a Adjunto Modal de Intensidade que engloba os significados de grau e preenchimento das expectativas.

Os Adjuntos de Grau, comumente, estão associados a processos e atributos que expressam significados interpessoais, funcionando também como sub-modificadores em grupos nominais. Estes adjuntos são, ainda, divididos em uma escala de valor que se distribui entre os níveis *total (inteiramente, totalmente, completamente)*, *alto (muito, bastante, quase, por pouco)* e *baixo (raramente, dificilmente)*¹¹. Quanto aos adjuntos de preenchimento das expectativas, seus significados dizem respeito à expressão de

¹¹ Fonte dos exemplos: Halliday e Matthiessen (2004:129).

significados positivos (*realmente, de fato*) ou negativos (*somente, meramente, apenas*) em relação ao que é esperado pelo falante. Tais adjuntos ocorrem, na língua inglesa, mais comumente em posição média ou em posição final e dificilmente em posição inicial.

É válido observar, ainda, que o significado de obviedade na subclassificação dos Adjuntos Modais de Modo (HALLIDAY, 1994) passa, na edição de 2004 da GSF, a figurar como tipo de Adjunto de Comentário como veremos mais à frente.

Quanto aos Adjuntos Modais de Modalidade não houve alterações significativas entre as duas edições da Gramática. Ao analisarmos os Adjuntos de Polaridade e Modalidade, percebemos que além de considerarmos a proposição como algo que pode ser negado ou afirmado (polaridade) é fundamental considerar que entre os extremos da polaridade há uma gradação de níveis de certeza e/ou de usualidade que deve ser observada. Segundo Eggins (1994), são a essas escolhas intermediárias que associamos o termo modalização. Sob o ponto de vista sistêmico-funcional, a modalização é uma parte da gramática geral do campo da modalidade. Assim, quando a modalidade é usada para argumentar sobre a probabilidade ou a frequência das proposições, estamos nos referindo à modalização. Por outro lado, quando a modalidade é utilizada para argumentar sobre a obrigação ou a inclinação para a realização de propostas em trocas de bens e serviços, estamos nos referindo à modulação.

A modalização é a expressão da atitude do falante em relação ao que ele diz, é o caminho por meio do qual o falante expressa julgamento sobre a certeza, a probabilidade ou a frequência de algo acontecer ou ser. Geralmente, a modalização expressa julgamento implícito do falante, mas como nos diz Eggins (1994), ela também pode ser expressa explicitamente por meio de metáfora gramatical do modo como podemos visualizar no quadro apresentado por Martin et al. traduzido para o português brasileiro (1997:70):

QUADRO 6¹²

Realizações metafóricas da modalidade

Tipo de modalidade	Realizações congruentes	Realizações metafóricas
Probabilidade	Finito (implicitamente subjetivo) – <i>deve, deveria, pode, poderia (can./could, may/might, will/would, should, must)</i> Adjunto de Modo (implicitamente objetivo) – possivelmente, provavelmente, certamente	Oração mental (explicitamente subjetiva) - <i>eu penso que... eu acho que eu sei que...</i> Oração atributiva (explicitamente objetiva) – <i>é possível que ..., é provável que ..., é certo que ...</i>
Usualidade	Finito (implicitamente subjetivo) - <i>can./could, may/might, will/would, should, must;</i> Adjuntos Modais (implicitamente objetivos) às vezes, usualmente, sempre.	Oração atributiva (explicitamente objetiva) – <i>não é comum que..., não é usual que...</i>
Obrigação	Finito (implicitamente subjetivo) - <i>can./could, may/might, will/would, should, must;</i> Adjuntos Modais (implicitamente objetivos) – <i>necessariamente, obrigatoriamente...;</i> Predicador (implicitamente objetivo) – <i>ser obrigado a, ser conduzido a ...</i>	Oração mental de afetividade (explicitamente subjetiva) – <i>eu desejo que, eu espero que... quero que</i> Oração atributiva (explicitamente objetiva) – <i>é permitido, é esperado, é necessário que.. espera-se que pressupõe-se que</i>
Inclinação	Finito (implicitamente subjetivo) - <i>can./could, may/might, will/would, should, must;</i> Adjuntos Modais (implicitamente objetivos) – <i>ansiosamente, avidamente, voluntariamente;</i> Predicador (implicitamente objetivo) - <i>estar determinado a...estar disposto a</i>	Oração mental em grupo verbal complexo (explicitamente subjetivo) – <i>eu gostaria de partir; Eu quero partir...</i> Oração atributiva (explicitamente objetiva) – <i>Seria maravilhoso partir.</i>
Facilidade e habilidade	Finito (implicitamente subjetivo) – <i>can/could;</i> Não apresenta adjuntos modais; Predicador (implicitamente objetivo) – <i>ser/ estar apto a ...</i>	Oração atributiva (explicitamente objetiva) – <i>“Ele pode partir”.</i>

Fonte: Martin et al., 1997: 70, Tradução de Bernardino e Macedo, 2004:15.

Como Martin et al. (1997) nos mostram, realizações metafóricas são encontradas na modalidade, expandindo o campo dos significados modais para além daqueles realizados pelos verbos e pelos adjuntos modais. Na noção de probabilidade, um

¹² Como podemos perceber, as autoras optaram por não traduzir as partículas verbais de finito modal. Endosso esta opção uma vez que tais partículas podem ser traduzidas para o português por meio de operadores modais diversos, como os modais *poder, dever, ter que*, entre outros, realizando graus variados de modalização e variações nos significados aspectuais e temporais desses verbos.

dos tipos de realização metafórica envolve a elaboração de uma oração que seja construída em primeira pessoa, no tempo presente, por meio de processo de cognição mental (*eu penso que...*) ou processo relacional atributivo de estado cognitivo (*É possível que ...*). Esta forma de realização metafórica é conhecida como modalidade explícita subjetiva na qual o falante explicitamente se responsabiliza pela declaração. A subjetividade pode ser expressa, ainda, por meio da primeira pessoa, do tempo presente e do processo mental de afeição (*eu desejo, eu necessito...*). Há também a possibilidade de realizar a modalização explicitamente objetiva através de nominalizações de probabilidade e usualidade, construídas por meio de adjetivos ou nomes como em *É provável que, não há possibilidade de...*, etc. Aqui a fonte pronominal está oculta para emprestar maior objetividade ao julgamento e os recursos ideacionais para construir os participantes são elaborados para distanciar a declaração produzida do falante que a produz e, conseqüentemente, afastar a possibilidade de negociação.

Assim, como podemos perceber, existem variados ângulos de análise a partir dos quais podemos observar as manifestações da modalidade. Para Halliday e Matthiessen (2004:620), tais ângulos podem ser categorizados, principalmente, pelas variáveis de Tipo, Orientação, Valor, e Polaridade. Observemos melhor a distribuição dessas variáveis a partir da figura abaixo (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004:150):

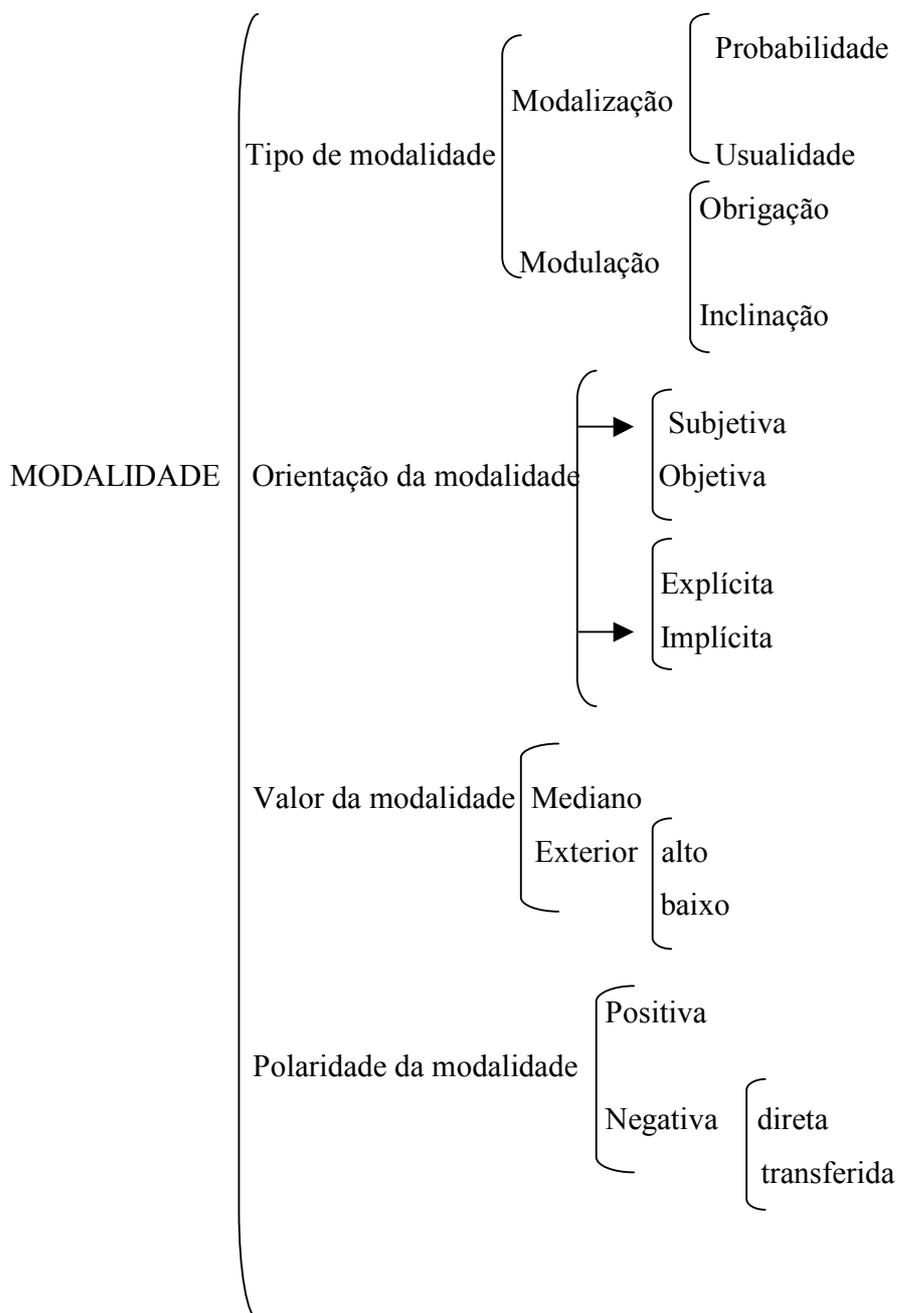


FIGURA 6 – System network of MODALITY

Fonte: Halliday e Matthiessen, 2004:150. (Nossa tradução)

A variável Tipo já foi devidamente apresentada no QUADRO 3. A variável Orientação diz respeito à distinção entre modalidade subjetiva e objetiva; explícita e implícita. Thompson (1996:60) utiliza a expressão *Responsabilidade Modal* para se referir

a esta variável. Assim, a orientação da modalidade tem a ver com o quanto o falante abertamente aceita a responsabilidade pela atitude que está sendo expressa. É válido, ainda, esclarecer que a orientação é implícita quando a modalidade é expressa na mesma oração da proposição central e é explícita quando o falante constrói a responsabilidade modal por meio de uma oração distinta da oração da proposição central. Observemos, ainda, que a orientação subjetiva é mais comumente construída por meio dos operadores verbais de Finito e de recursos pronominais, enquanto a orientação objetiva parece ter como recurso central o uso de advérbios e adjetivos. Em expressões como *Tenho certeza de que* percebemos que o falante está explicitamente mostrando a fonte da convicção sobre o conteúdo proposicional, porém em *é certo que* a explicitação de tal convicção é feita por meio de um viés objetivo, enquanto que em *tenho certeza de que*, a orientação é subjetiva. Por outro lado, há expressões implícitas da fonte de convicção que também podem diferir em torno das dimensões de objetividade e subjetividade. Enquanto uma forma como *certamente* é um mecanismo de objetividade da avaliação do falante, a forma adverbial *felizmente* apresenta um viés subjetivo, expressando um julgamento afetivo do falante frente ao conteúdo proposicional. Vejamos abaixo um quadro ilustrativo da combinação entre as variáveis Tipo e Orientação da Modalidade.

QUADRO 7

Modalidade: variáveis de tipo e orientação combinadas

Orientação → Tipo ↓	Subjetiva explícita	Subjetiva implícita	Objetiva implícita	Objetiva explícita
Modalização probabilidade	Eu penso que ela sabe; em minha opinião, ela sabe..	Ela sabe	Ela provavelmente sabe	É provável que Mary saiba
Modalização usualidade	_____	Ele fica sentado quieto	Geralmente ele fica sentado quietinho	É comum ele ficar sentado quietinho
Modulação obrigação	Eu quero que ele vá	Ele deveria ir	Supostamente ele é que iria?	Espera-se que ele vá
Modulação inclinação	_____	Ela vai ajudar	Ela gosta de ajudar	_____

Fonte: Halliday e Matthiessen (2004:620) – Nossa tradução

Quanto à variável Valor que é identificada por Thompson (1996:59) como Compromisso Modal, está relacionada ao grau de julgamento modal; se alto, médio ou baixo. Vejamos as escalas desta variável no quadro que segue:

QUADRO 8

Valores da modalidade

Tipo → Valor ↓	Probabilidade	Usualidade	Obrigaçã	Inclinação
Alto	Certo	Sempre	Requer-se que...	Estar determinado a...
Médio	Provável	Usualmente	Espera-se que ...	gostar de ...
Baixo	Possível	Às vezes	Permite-se que...	Estar disposto a...

Fonte: Halliday e Matthiessen (2004:620) – Nossa tradução

Halliday e Matthiessen (2004) nos apresentam, ainda, o comportamento dessa escala de valores quando expressa no eixo da polaridade, particularmente no que diz respeito à passagem da estrutura negativa direta à estrutura negativa transferida. Assim, apresentamos a seguir algumas ilustrações das combinações entre as variáveis Tipo, Valor e

Polaridade (vistas sob o ponto de vista da orientação objetiva explícita, no caso da probabilidade, e objetiva implícita, no caso da usualidade). Centraremos nossa atenção apenas nos tipos referentes à modalização, já que, como foi dito, é a *proposição* e não a *proposta* que constitui a unidade de análise deste trabalho.

QUADRO 9
Tipo X Valor X Polaridade

Tipo / Valor	Negativa direta	Negativa transferida
Probabilidade alta	É certo que ela não sabe	Não é possível que ela saiba
Probabilidade média	É provável que ela não saiba	É improvável que ela saiba
Probabilidade baixa	É possível que ela não saiba	Não é certo que ela saiba
Usualidade alta	Ele sempre não fica Ele nunca fica	*Às vezes ele não fica
Usualidade média	Ele geralmente não fica	Ele raramente/difícilmente fica
Usualidade baixa	Algumas vezes, ele não fica	Não é sempre que ele fica

Fonte: Halliday e Matthiessen (2004:621) – Nossa tradução.

Em se tratando da língua inglesa, Halliday (2004) nos mostra que o valor médio é o único que se mantém quando da passagem da negativa direta para a negativa transferida. Com os outros dois valores, no entanto, se a negativa é transferida o Valor muda, ou seja, o valor alto (*É certo que ela não sabe*) passa a baixo (*Não é possível que ela saiba*) e o Valor baixo passa a alto.

Cabe ainda focalizarmos os chamados Adjuntos de Comentário e os Adjuntos Vocativos. Para Halliday (1994) a diferença entre o Adjunto de Comentário e o Adjunto de Modo propriamente dito é que o primeiro expressa a atitude do falante em relação à proposição como um todo e não apenas aos elementos do MODO3. Assim, estes Adjuntos são menos integrados à estrutura do Modo e ocorrem em pontos da oração que são significativos para a organização textual, sendo, fortemente, associados às fronteiras entre

as unidades de informação do texto. Eles ocorrem, principalmente, em posição inicial (como Tema), mas podem ocorrer também no rema, entre o Modo e o Resíduo ou ainda em posição final (HALLIDAY, 1994:83). Apesar de não incidirem diretamente sobre a estrutura do modo da língua, os Adjuntos de Comentário são considerados, tanto por Halliday (1994) quanto por Thompson (2002), como uma categoria dos Adjuntos Modais uma vez que agregam expressões de atitude e avaliação ao significado da proposição.

Como Bloor e Bloor (1995:55) e Butt et al. (2003:122) explicam, os Adjuntos de Comentário são aqueles que constroem significados interpessoais de avaliação (julgamento, posicionamento, construção de atitude), tais como os realizados pelos advérbios *francamente, felizmente, lamentavelmente*. Diferentemente, os Adjuntos Modais propriamente ditos nos informam sobre significados modais de probabilidade, frequência e generalidade.

Vejamos, no quadro proposto por Halliday (1994:49, nossa tradução), os tipos de significados realizados por esses adjuntos.

QUADRO 10
Adjuntos de comentário e seus significados

Tipo	Significado	Exemplos
Opinião	Eu penso	Em minha opinião, pessoalmente, no meu entender...
Admissão	Eu admito	Francamente, para ser honesto, para falar a verdade...
Persuasão	Eu asseguro	Honestamente, realmente, falando sério, acredite...
Solicitação	Eu solicito	Por favor, por gentileza...
Suposição	Eu presumo	Evidentemente, aparentemente, sem dúvida, supostamente...
Desejo/necessidade	Nível de satisfação de desejos	Felizmente, para minha alegria, afortunadamente, por sorte...
Ressalva/restrição	Nível de confiabilidade	Provisoriamente, a princípio, pensando bem...
Validação	Nível de validade	Em geral, estritamente falando, em princípio, como um todo...
Avaliação	Nível de sensatez	Sabidamente, sensatamente, compreensivelmente, equivocadamente, ridiculamente...
Predição	Nível de preenchimento de expectativas	Para minha surpresa, surpreendentemente, como esperado, inesperadamente, por acaso...

Este mesmo quadro é também apresentado em Halliday e Matthiessen (2004:82); no entanto, esta nova edição da GSF apresenta, ainda, um conjunto de subcategorizações dos Adjuntos de Comentário cuja complexidade dificulta investimentos analíticos. Esta apreciação resulta, sobretudo, da percepção de que muitas dessas subcategorizações são apontadas, mas não são suficientemente exploradas e ilustradas pelos autores. Este, aliás, é um dos motivos pelos quais optamos por trabalhar, predominantemente, com a classificação proposta na edição de 1994. A título de ilustração,

vejamos, então, o esquema de distribuição dos Adjuntos de Comentário em Halliday e Matthiessen (2004):

QUADRO 11

Adjuntos de Comentário

Tipo					Advérbios
Proposicional	Sobre a proposição	Asseverativo	Comum (natural)		Naturalmente, inevitavelmente, é claro
			Óbvio		Obviamente, claramente...
			Certo		Indubitavelmente,
		Qualificativo	Predição	Predizível	Previsivelmente, não surpreendentemente...
				Surpreendente	Surpreendentemente, inesperadamente...
			Suposição	Rumor	Supostamente,...
				Argumento/prova	Comprovadamente,...
				Hipótese	Presumivelmente...
			Desejo	Desejável: fortuna	Felizmente, afortunadamente...
				Desejável: esperança	Confiantemente... Se tudo der certo (não temos um adjunto, mas expressões)
				Não desejável	Infelizmente, desafortunadamente...
	Sobre o sujeito	sabedoria	Positiva		Sabidamente, doutamente, sensatamente, habilmente, brilhantemente, inteligentemente...
			Negativa		Estupidamente, tolamente, ridiculamente, insensatamente...
		Virtude	Positiva		Corretamente, justificadamente...
			Negativa		Injustificadamente, incorretamente...
Discursivo-funcional	Não qualificada	Persuasivo	(Convicção, Garantia)		Honestamente, seriamente, verdadeiramente
			Concessão		Certamente, sem dúvida, com certeza...
		Factual			Realmente, de fato...
	Qualificada	Validade			Geralmente, amplamente, ordinariamente, como um todo, aproximadamente,
		Engajamento pessoal	Honestidade		Francamente, honestamente...
			Sigilo		Confidencialmente...
			Individualidade		Pessoalmente, da minha parte...
			Exatidão, Precisão		Estritamente, verdadeiramente, de fato...
			Hesitação, Indecisão		Provisoriamente

Fonte: Halliday e Matthiessen, 2004:130 – Nossa tradução.

Como é possível perceber, a proposta acima gera uma quantidade considerável de subdivisões dos tipos de Adjuntos de Comentário. No entanto, distinções entre Adjuntos qualificados e não-qualificados não são suficientemente esclarecidas e distinções entre *Adjuntos de Comentário discursivo-funcional não-qualificado de persuasão por garantia* e *Adjunto de Comentário discursivo-funcional não-qualificado de persuasão por permissão* podem conduzir a análise a focalizar aspectos que não são o foco desta pesquisa de doutorado.

Passemos, agora, aos demais tipos de Adjuntos e suas relações com o sistema de modo da língua: os Adjuntos Vocativos, os Adjuntos Circunstanciais e os Adjuntos Conjuntivos.

Quanto aos Adjuntos Vocativos, como explica Eggins (1994), funcionam para controlar quem será o próximo provável falante da interação. Eles são identificáveis como nomes que não funcionam como Sujeito ou Complemento, mas são usados para se dirigir à pessoa nomeada. Estes Adjuntos não têm impacto direto sobre os constituintes do MODO3, mas afetam a oração como um todo, portanto não são incluídos como parte nem do MODO3 nem do Resíduo.

No que tange aos Adjuntos Circunstancias, Halliday (1994) nos diz que adicionam conteúdo experiencial à oração por expressarem alguma circunstância relacionada ao processo oracional. São, portanto, vinculados aos significados experienciais mais do que aos interpessoais, motivo pelo qual estão posicionados fora do MODO3, fazendo parte do Resíduo. No entanto, é importante salientar, como apontam Martin et al. (1997) e Thompson (2002), que estes Adjuntos podem ser facilmente confundidos com os

Adjuntos Modais. E isso exige que observemos com maior vagar estes dois tipos de Adjuntos.

Como explicam Bloor e Bloor (1995), a diferença entre esses dois tipos de Adjuntos consiste em que enquanto os Adjuntos Circunstanciais expressam informação sobre a circunstância de um processo, ou seja, expressam informações sobre lugar, tempo, maneira associadas aos participantes (Com quem? Com o quê? Quando? Como?), constituindo, portanto, parte do significado experiencial da oração, os Adjuntos Modais têm a função de indicar algum aspecto da atitude do falante em relação à proposição.

Halliday e Matthiessen (2004), ao tratarem da caracterização dos grupos adverbiais, nos dizem que grupos adverbiais funcionam como Adjuntos Circunstanciais quando o advérbio constrói alguma circunstância, por exemplo, uma circunstância de tempo (ontem, hoje, amanhã) ou uma circunstância de qualidade (rapidamente, vagarosamente, bem). Por outro lado, grupos adverbiais que funcionam como Adjuntos de Modo têm como núcleo um advérbio que constrói apreciação de valor. Por exemplo, avaliação de tempo (ainda, já) ou avaliação de intensidade (realmente, somente).

Martin et al. (1997), ao tratar desta questão, apontam que os mesmos itens lexicais que funcionam como Adjuntos Modais de Usualidade e tempo também podem funcionar para a construção de significados circunstanciais. Contudo, os Adjuntos de usualidade são interpessoais porque envolvem gradações entre os pólos positivo e negativo, conseqüentemente, envolvem julgamento do falante e mantêm estreita ligação com o operador verbal de Finito. Os Adjuntos de Tempo, por sua vez, podem funcionar tanto como adjuntos de modo quanto como adjuntos Circunstanciais, mas o que distingue os temporais modais é que eles expressam o tempo da perspectiva das expectativas e julgamentos do falante, estando, pois, referenciados ao momento do falante, à perspectiva

do falante em relação ao tempo de duração da atividade. Como nos mostra Lock (1996), tais Adjuntos podem tomar como realizações prototípicas os seguintes itens lexicais: *already* (já) que indica expectativa positiva em relação ao tempo esperado, *still* (ainda) que indica expectativa negativa em relação ao tempo esperado e *at last* (finalmente - no sentido de “até que enfim”) que indica tempo posterior ao esperado.

Parece, então, que podemos assinalar dois importantes critérios para a distinção entre Adjuntos Modais e Circunstanciais. O primeiro, um critério semântico, responderia a seguinte questão: o Adjunto realiza significado experiencial ou significado avaliativo? O segundo seria um critério posicional segundo o qual o Adjunto Circunstancial estaria mais ligado ao Predicador Verbal, enquanto o Adjunto Modal estaria mais ligado ao Operador Verbal de Finito.

Ao tratarmos com um *corpus* em língua portuguesa, no entanto, ambos os critérios esbarram em limitações. Começemos pelo critério posicional. Em língua portuguesa, a noção de Operador Verbal de Finito temporal é, na maioria das vezes, realizada pelos morfemas desinenciais que constituem o sistema modo/temporal de nossa língua. Assim, não raro, o Finito e o Predicador se fundem em um único item lexical, dificultando, portanto, o critério posicional apresentado acima.

Como focalizaremos, nesta pesquisa, apenas os Adjuntos Modais que são realizados por advérbios simples, é interessante observarmos algumas considerações sobre o posicionamento dos advérbios modais e dos advérbios qualitativos em língua portuguesa, mesmo que advindas de vertentes não sistêmicas uma vez que não dispomos ainda de uma descrição sistêmica da língua portuguesa. Estabeleçemos o contraponto com os advérbios qualitativos porque acreditamos que é exatamente com as ocorrências das circunstâncias de qualidade que a problemática se instala.

Segundo Oliveira (1996:301), o advérbio qualitativo quando funciona como modificador verbal ocorre após o verbo por ele modificado ou após o verbo e seu complemento. O autor sugere que este quesito é inviolável em língua portuguesa. Assim, uma oração do tipo **Eu agora depressa falo* não seria provável em nossa língua.

Para Ilari et al. (1996), o advérbio modalizador tende a assumir posição inicial ou final, mas pode sofrer deslocamento para a posição pós-verbal quando na presença de verbo de ligação. Observemos os seguintes exemplos apresentados por Neves (2000):

- (1) *Além disso, as palavras usadas são **rigorosamente** das mais banais da língua. (p. 250).*
- (2) *É a barra que vai preparar **fisicamente e tecnicamente** um bailarino (p. 252).*
- (3) *O cerrado é **espantosamente** rico em plantas acumuladoras (p.253).*
- (4) *Meu filho Jorge, já havia quase perdido os hábitos infantis enquanto Jacques os conservava **surpreendentemente** aos dezoito anos (p.253)*

Nos exemplos (1) e (2), temos os chamados advérbios modalizadores delimitadores (NEVES, 2000:250) que fixam condições de verdade, isto é, delimitam o âmbito das afirmações e das negações. Mas observemos que, enquanto no exemplo (1), o posicionamento do advérbio modal corresponde ao critério apontado por Ilari et al. (1996), o mesmo não ocorre em (2) já que os advérbios *fisicamente* e *tecnicamente* estão incidindo sobre o verbo *preparar*. O que, aliás, segundo critérios sistêmico-funcionais, os categorizaria como adjuntos circunstanciais e não modais.

Nos exemplos (3) e (4) temos o uso de advérbios modalizadores afetivos subjetivos (NEVES, 2000:253), ou seja, advérbios a partir dos quais o falante exprime reações emotivas como felicidade, surpresa, espanto, etc. em relação ao conteúdo proposicional. Mas novamente o critério apontado em Ilari et al. (1996) falha em (4) onde temos a posição pós-verbal do advérbio frente a um outro verbo que não um de ligação.

Por outro lado, os advérbios qualitativos (OLIVEIRA, 1996:301) ou advérbios qualificadores (NEVES, 2000:236) apresentaram, nas ocorrências ilustradas por Neves (2000), posição sempre pós-verbal.

Uma hipótese plausível, embora a ser testada, é se na língua portuguesa, os adjuntos circunstanciais realizados por advérbios qualitativos posicionam-se, preferencialmente, em posição pós-verbal, ou seja, após o predicador verbal. Já advérbios que realizam adjuntos modais (modal ou comentário) parecem ocupar posições variadas na estrutura da oração.

Se observarmos os mesmos exemplos sob o ponto de vista sistêmico-funcional, perceberemos que nos exemplos (1), (3) e (4) temos a fusão das funções interpessoais de finito e predicador em um mesmo item lexical. Como saber, então, se o adjunto está mais ligado a uma ou a outra função? Já no exemplo (2), apesar de termos o verbo auxiliar realizando a função de finito e o infinitivo realizando a função de predicador, a posição pós-verbal do adjunto gera a dúvida quanto à vinculação mais estreita com uma ou com outra função.

Parece-nos, pois, que o critério posicional não poderá contribuir de forma significativa e definidora para o estabelecimento de tal distinção.

Observemos, então, o critério semântico segundo o qual os adjuntos circunstanciais acrescentariam à oração significados experienciais enquanto os adjuntos modais acrescentariam significados interpessoais de posicionamento do falante. Em algumas realizações como em (5) e (6) abaixo, tal distinção mostra-se com facilidade.

(5) *A cerveja desceu-lhe **docemente** garganta abaixo (Neves, 2000:236).*

(6) *Mas, **certamente**, não era o seu desejo (Neves, 2000:237).*

No exemplo (5), o adjunto responde à questão sobre como o processo aconteceu e pode ser localizado na paráfrase *Isto aconteceu desta forma*, estabelecendo uma circunstância de qualidade (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). Em (6), por outro lado, o adjunto remete à opinião do falante sobre a validade do conteúdo proposicional como um todo. Porém são significativos os casos nos quais os significados experienciais e interpessoais não parecem estar tão facilmente delimitados.

Em um exemplo como (7)¹³ “*Quem situa **magistralmente** esse momento histórico em que a busca da descrição da língua se impunha é Mattoso Câmara.*” , percebemos que o adjunto qualifica o processo, estabelece-se em posição pós-verbal, podendo, pois, ser classificado como adjunto circunstancial de qualidade. No entanto, não podemos negar que há um forte teor avaliativo impresso na significação desse adjunto. Aliás, como Halliday e Matthiessen (2004:268) apontam, os adjuntos circunstanciais de qualidade podem expressar avaliações interpessoais positivas ou negativas do falante.

Vejamos, então, alguns elementos que podem contribuir para a distinção entre os dois tipos de adjuntos. Os adjuntos circunstanciais de modo geralmente respondem às questões *Como algo ocorreu? Quando algo ocorreu? Com que intensidade algo ocorreu?* Assim em uma oração como *Ele comeu muito* temos um Adjunto Circunstancial de Intensidade, posto que o Adjunto remete à quantidade de comida (significado experiencial), está em posição pós-verbal e ligado diretamente ao Predicador, acrescentando uma informação sobre o pano de fundo no qual o processo se estabelece. Já em *Ele é muito amigável*, temos um Adjunto Modal de Intensidade, pois o Adjunto não indica coisa no

¹³ Exemplo do *corpus* de análise.

mundo, mas uma apreciação do falante, além disso temos que o Adjunto incide sobre o Atributo, intensificando-o e não sobre o Processo Relacional em si.

Outro importante fator para esta distinção diz respeito à relação entre tipos de Adjuntos e tipos de Processos. Como nos informam Halliday e Matthiessen (2004:259), comumente os elementos circunstanciais combinam-se livremente com todos os tipos de Processos, mas há, de fato, algumas combinações que são mais ou menos prováveis. Por exemplo, os Adjuntos Circunstanciais de modo são comuns em orações com Processos Mentais e Verbais e, às vezes, com Processos Comportamentais, mas muito raros com outros tipos de Processos. Em orações atributivas, as circunstâncias de modo são normalmente não usuais. No *corpus* de análise desta pesquisa, percebemos que os casos que provocaram maior dúvida quanto à classificação dos adjuntos foram exatamente aqueles nos quais figurava um Processo Relacional.

Em um exemplo como (8)¹⁴ “*Uma categoria vazia precisa ser **formalmente** legitimada e defende-se, em relação aos adjuntos adverbiais que estes são **formalmente** regidos pela categoria a qual se adjungem.*”, teríamos a seguinte interpretação:

Uma categoria vazia	precisa	ser	formalmente	legitimada
Sujeito	Finito Modal	Predicador	Adjunto Circunstancial	Predicador
Meta		Processo Material		Processo Material

¹⁴ Exemplo do *corpus* de análise

[...] estes	são	formalmente	regidos	pela categoria a qual adjungem.
Sujeito	Finito Modal	Adjunto Circunstancial	Predicador	Complemento
Meta			Processo Material	Ator

Já no exemplo (9)¹⁵ “Logo, pertencem, **formalmente** falando, a uma única classe.”, percebemos que o Adjunto expresso pelo advérbio *formalmente* não nos diz como algo aconteceu, mas nos informa sob que domínio de validade algo foi falado, construindo, assim, uma avaliação sobre a proposição enunciada.

Como podemos perceber, a tarefa de distinguir entre Adjuntos Modais e Circunstanciais exige uma articulação de critérios posicionais, semânticos e discursivos que articulados podem contribuir para tal distinção que constitui, sem dúvida, terreno extremamente movediço.

Por fim, a última classe de adjuntos apresentada por Halliday (1994) é a classe dos Adjuntos Conjuntivos. Estes Adjuntos têm caráter textual e não modal. Sua função é estabelecer relações entre partes do texto, realizando uma função semântica de expansão da escrita.

Para concluir este tópico, observemos um sumário das classes de Adjuntos e sua relação com os significados construídos na linguagem:

¹⁵ Exemplo do *corpus* de análise.

QUADRO 12
Classes de adjuntos X Significados construídos na linguagem

Classe de adjuntos	Metafunção	Localização na estrutura do MODO2
Modal	Interpessoal	No MODO3
Circunstancial	Experiencial	No resíduo
Conjuntivo	Textual	Não está na estrutura do MODO2 (fora do modo3 e do resíduo)
Vocativo	Textual	Não está na estrutura do MODO2 (fora do modo3 e do resíduo)

Passemos, agora, ao tratamento do Resíduo na estrutura do MODO2. Como já apontamos, o Resíduo é composto por Predicador, Complemento e Adjuntos Circunstanciais. Focalizaremos o tratamento do Predicador e dos Complementos, uma vez que já discutimos os Adjuntos Circunstanciais no item anterior.

Eggin (1994) nos diz que o Resíduo é a parte da estrutura do MODO2 de menor relevância para os comentários, podendo, pois, ser elidido em respostas no diálogo. O Predicador é a parte da estrutura verbal da oração que guarda a noção de processo, que adiciona a noção de tempo secundário e que especifica a voz verbal, se passiva ou ativa. É importante ressaltar que em estruturas verbais simples as noções de Finito e Predicador estarão fundidas. O Complemento, segundo Halliday (1994) e Thompson (2002), é o elemento do Resíduo tipicamente realizado por um grupo nominal que poderia ter sido escolhido como Sujeito, mas não foi. Martin et al. (1997) também nos dizem que o Complemento tem o estatuto de Sujeito potencial. Há, porém, um tipo de Complemento que não pode ocupar a função de Sujeito: o Complemento Atributivo que constrói significação de Atributo em um Processo Relacional. Assim, a ordenação típica do Resíduo é dada por Predicador seguido de Complemento, seguido de Adjunto. Há, porém, Resíduos descontínuos nos quais, por exemplo, o complemento pode vir antecedendo o Predicador .

Após termos olhado a estrutura do MODO2 na oração, retornemos aos tipos de orações e verifiquemos quais as estruturas típicas de organização de cada uma delas.

Começemos pela estrutura do MODO2 em orações declarativas. Nestas orações temos Sujeito /Finito / Predicador / Complemento / Adjunto. Nas orações interrogativas cabe distinguir entre interrogativas polares e interrogativas abertas do tipo interrogativas de “Q”¹⁶. No inglês, as interrogativas polares se estruturam com o Finito antes do Sujeito; nos casos em que o Finito está fundido ao Predicador é introduzida uma partícula de Finito para as interrogativas. Esta partícula é tipicamente o verbo auxiliar *DO*. Em interrogativas de “Q”, o elemento em aberto (*quem, como, onde, quando, qual...*) pode estar ligado ao Sujeito, ao Complemento ou aos Adjuntos Circunstancias e se mostra como um constituinte do MODO3 ou do Resíduo em acordo com essas ligações. Por exemplo, se o elemento interrogativo estiver ligado ao Sujeito fará parte do MODO3, mas se estiver ligado ao Complemento, será, então, parte do Resíduo. O mesmo ocorre na vinculação com o Adjunto Circunstancial.

É importante considerar, ainda, neste ponto, as situações nas quais temos orações com processos relacionais com o verbo *ser* como em *Qual é o segredo para encantar os leitores?*¹⁷ Nestes casos, torna-se complicado saber se o elemento interrogativo está vinculado ao sujeito ou ao complemento. Eggins (1994) nos diz que para definir isto, devemos formular a resposta e perceber qual o elemento preenchido. Se o elemento preenchido for o complemento, isto indica que o elemento interrogativo está ligado ao Complemento. Para a questão posta acima, por exemplo, teríamos *O segredo para encantar*

¹⁶ Terminologia de Perini (2000:64)

¹⁷ Revista *QUEM acontece*, abril – 2004 n.192: p. 11.

os leitores é [...] (Complemento). A partícula interrogativa, então, está vinculada ao Complemento e, portanto, faz parte do Resíduo. Mas se o elemento preenchido for o Sujeito, então a partícula interrogativa estará relacionada ao Sujeito e, portanto, fará parte do MODO3 da oração.

Ainda segundo Eggins (1994), onde o elemento interrogativo está ligado ao Sujeito, a estrutura da pergunta é similar a das orações declarativas, ou seja, Sujeito precedendo o Finito e onde o elemento interrogativo está ligado ao Complemento ou ao Adjunto, a estrutura é igual à das interrogativas polares, ou seja, Finito precedendo o Sujeito.

Quanto às orações exclamativas, Halliday (1994) nos diz que apresentam um elemento do tipo “Q” (*que, como, quão, quanto ...*) em grupos nominais ou adverbiais. O termo *que*, por exemplo, funde-se a um Complemento que é freqüentemente atributivo. Os termos *como, quanto e quão* fundem-se freqüentemente a um Adjunto ou a um Complemento Atributivo. Em inglês, o Finito precede o Sujeito neste tipo de oração, assim temos nas exclamativas, predominantemente, a ordem Finito / Sujeito.

Vejamos, ainda, como se estruturam as orações imperativas. Para Halliday (1994), as imperativas constituem o modo, por excelência, das trocas de bens e serviços, posto que por meio dele o falante procura levar o interlocutor a fazer algo. Temos dois tipos do modo imperativo: o modo optativo que indica desejo e o modo ordenativo que indica ordem. A estrutura das imperativas é preferencialmente realizada por meio de Finito seguido de Sujeito ou não, pois a elipse do Sujeito é bastante comum neste tipo de oração.

Por fim, vale salientar que do apanhado teórico feito neste tópico, trabalharemos, especialmente, em nossa análise, com a categoria dos Adjuntos Modais que serão mapeados e analisados no CAPÍTULO 5.

Capítulo 4

Metodologia

Academic Knowledge is now generally recognized to be a social accomplishment, the outcome of a cultural activity shaped by ideology and constituted by agreement between a writer and a potentially skeptical discourse community.

Ken Hyland, *Disciplinary discourse: Social interactions in academic writing*

O objetivo deste capítulo é apresentar as escolhas e decisões metodológicas realizadas para a execução deste trabalho.

Em primeiro lugar, é importante esclarecer que os procedimentos de análise dos *corpora* foram realizados a partir de três suportes teóricos centrais: a Análise de Gêneros Textuais de Swales, a Lingüística Sistêmico-funcional hallidayana e a teoria do metadiscorso de Hyland (2000). A lingüística sistêmica contribuiu, particularmente, para o reconhecimento, mapeamento e categorização dos adjuntos modais nos textos; e, portanto, para a melhor caracterização dos elementos léxico-gramaticais que constroem os significados metadiscursivos interpessoais no gênero textual artigo acadêmico e suas subespecificações (artigo experimental, artigo teórico e artigo de revisão de literatura, SWALES, 2004).

Aqui é interessante salientar que mantivemos a denominação “artigo acadêmico” para os três tipos de artigos aqui analisados, uma vez que os próprios membros da comunidade assim o fizeram. Senão vejamos: dos dez autores dos artigos experimentais, seis autores utilizaram a palavra “artigo” para referir-se a seu texto; os demais utilizaram a palavra “trabalho”. O mesmo ocorreu com os autores dos artigos teóricos: sete autores

utilizaram a palavra “artigo” e três, a palavra “trabalho”. A maior variação desse comportamento esteve entre os autores de artigos de revisão de literatura, posto que cinco autores utilizaram a palavra “artigo”, dois utilizaram a palavra “trabalho”, dois outros evitaram utilizar qualquer termo para nomear seu texto e um dos autores utilizou a palavra “retrospectiva” para referir-se ao seu texto. Outro motivo pelo qual mantivemos a denominação diz respeito ao fato de que não era objetivo de nossa pesquisa discutir se os artigos experimentais, teóricos e de revisão de literatura são ou não categorizações do mesmo gênero.

Adicionalmente, tomamos como instrumental de análise os recursos do programa *WordSmith Tools* para o tratamento quantitativo dos dados.

4.1 O objeto de estudo

Como já apresentamos na Introdução desta tese, o objetivo de análise aqui proposto é, principalmente, perceber como os (as) autores (as) constroem significados metadiscursivos interpessoais em exemplares do gênero artigo acadêmico em língua portuguesa do Brasil. Para tanto, realizamos um recorte teórico-metodológico ao analisar tal construção por meio da realização dos marcadores do metadiscorso interpessoal (HYLAND, 2000) que expressam a função de Adjunto Modal (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004) nos exemplares do gênero.

Tal recorte ampara-se, sobremaneira, nas constatações de que o metadiscorso interpessoal é, mais comumente, reconhecido em termos gramaticais, situando-se em torno de elementos como os verbos e os adjuntos modais (THOMPSON, 2000) e de que a função de Adjunto Modal é tipicamente realizada por uma frase proposicional ou por um grupo adverbial (HALLIDAY, 1994).

Assim, tomada esta decisão inicial, passamos à constituição dos *corpora* de análise, passo que será descrito a seguir.

4.2 Descrição dos *corpora* de análise

Tendo em vista que trabalharíamos os dados no ambiente do programa *WordSmith Tools*, constituímos, inicialmente, um *corpus* formado por 40 artigos da área de Linguística, compilados a partir da revista D.E.L.T.A. no site <http://www.scielo.br>, e publicados no período compreendido entre os anos de 1997 e 2004. Como é previsível, os artigos são de autorias diversas e afiliados a diferentes campos teóricos da Linguística. O periódico foi escolhido por se tratar de uma publicação indexada e classificada como *A* (avaliação máxima) no Sistema *Qualis* da CAPES.

Inicialmente, extraímos, de forma aleatória, 10 exemplares para a realização de uma análise piloto, a partir da qual percebemos que havia uma considerável diversidade quanto aos tipos de artigos, uma vez que dos dez exemplares, 2 objetivavam discutir questões estritamente teóricas; 5 preocupavam-se em traçar panoramas do percurso histórico ou de controvérsias teórico-metodológicas da área e 3 apresentavam resultados de pesquisa e análise de dados. Estes diferentes objetivos podem ser percebidos, com maior clareza, a partir do quadro abaixo que apresenta a distribuição das unidades retóricas dos exemplares do *corpus* piloto. Neste quadro podemos perceber que apenas os artigos 1, 5 e 9 apresentaram, de forma demarcada, a unidade retórica de Resultados e Discussão.

QUADRO 13
Organização retórica dos exemplares de artigos acadêmicos do *corpus* da
análise piloto

Exemplares	Introdução	Revisão de Literatura	Resultados/ Discussão	Revisão de Literatura/Discussão	Considerações Finais
Art1	X	X	X	–	X
Art2	X	–	–	X	X
Art3	X	–	–	X	X
Art4	X	–	–	X	X
Art5	X	X	X	–	X
Art6	X	–	–	X	X
Art7	X	–	–	X	X
Art8	X	–	–	X	X
Art9	X	X	X	–	X
Art10	X	–	–	X	X

A partir desta constatação, passamos, então, à constituição do *corpus* de análise da tese propriamente dito, ou melhor dizendo, dos *corpora* de análise, uma vez que constituímos 3 *corpora* distintos, cada um composto por 10 exemplares dos diferentes tipos de artigos identificados na análise piloto, com base em Swales (2004). Assim, o material de análise foi composto por:

Corpus 1 – 10 exemplares de artigos experimentais propriamente ditos.

Corpus 2 – 10 exemplares de artigos teóricos.

Corpus 3 – 10 exemplares de artigos de revisão de literatura.

Feita a delimitação dos *corpora*, iniciamos, então, o processo de reconhecimento e mapeamento dos advérbios que funcionavam como adjuntos modais.

4.3 Os procedimentos de análise

Etapa 1 - Compilação dos *corpora*.

Etapa 2 - Formatação dos *corpora* para adequação à análise no ambiente do programa *WordSmith Tools*.

Etapa 3 - Marcação dos *corpora*, ou seja, a anotação relativa à autoria e à fonte do texto.

Etapa 4 - Aplicação da ferramenta *WordList* para o mapeamento dos advérbios realizadores da função interpessoal de adjuntos modais.

Etapa 5 - Categorização de cada um dos advérbios de acordo com a tipologia de adjuntos modais apontada por Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004). Este momento da análise foi realizado por meio da análise das linhas de concordância de cada uma das ocorrências dos advérbios mapeados.

Etapa 6 - Etiquetamento dos *corpora* a partir da etiqueta <ADM> para identificação dos advérbios que funcionaram como Adjuntos Modais e de etiquetas particulares para cada tipo de adjunto identificado nos *corpora*. A seguir apresentamos, a título de ilustração, exemplos de todos os tipos de Adjuntos encontrados e a forma como o etiquetamento foi realizado.

a) Adjunto modal de polaridade - <ADMPOL>

Ex10.:

Galves (1989), entretanto, demonstra que os efeitos de ilha apontados por Raposo **não** <ADM> <ADMPOL> se aplicam ao português brasileiro. (*corpus* 1 – Art. 2)

b) Adjunto modal de probabilidade <ADMPRO>

Ex11.:

“Este afastamento do cognitivismo deve-se, **provavelmente** <ADM> <ADMPRO>, ao fato de o tipo de texto (ou gênero textual) trazer impressa a marca do contexto social em que se formou, o que atrai o estudioso para uma perspectiva extramental.” (*corpus* 2 – art.12)

c) Adjunto modal de intensidade (significado de intensificação) <ADMINT>

Ex12.:

“Um exemplo que me parece **bastante** <ADM> <ADMINT> elucidativo da idéia de que a nasalidade pode estar organizada de forma diferente nas línguas é o do Islandês, língua que contrasta consoantes nasais surdas e sonoras (cf. Pétursson 1973; 1994).”

d) Adjunto modal de intensidade (significado de grau de restrição) <ADMINT>

Ex13.:

“A identidade de referência textual é clara, mas, como em todos os casos de sinonímia (mesmo nos da denotativa ou descritiva), fatores estilísticos e pragmáticos, ou funcionais, fazem com que as diferentes escolhas referenciais não <ADMPOL> <ADM> sejam **totalmente** <ADM> <ADMINT> substituíveis umas pelas outras.” (*corpus 2* – Art. 11)

e) Adjunto modal de intensidade (significado de preenchimento de expectativa) <ADMINT>

Ex14.:

“Tal assimilação (ou aprendizagem) por parte do professor é vista enquanto processo **meramente** <ADM> <ADMINT> (ou sobretudo) cognitivo (mental), concepção que, como já dissemos, tem por base a crença no sujeito ideal, consciente e uno.” (*corpus 1* – Art- 1)

f) Adjunto modal de usualidade <ADMUSU>

Ex15.:

“Por isso, é preciso afastar, abafar, apagar da nossa consciência esses momentos que são **freqüentemente** <ADM> <ADMUSU> vistos e analisados negativamente como deslizes, lapsos, manifestações do não <ADM> <ADMPOL> controle da situação, de si e dos outros.” (*corpus 1* – Art.1)

g) Adjunto modal de obviedade <ADMOBV>

Ex16.:

“**Evidentemente** <ADMOBV> <ADM> , alguns poderiam pensar que, em compensação, aumenta-se um componente na teoria gramatical.” (*corpus 2* – Art – 13)

h) Adjunto modal de validade <ADMVAL>

Ex17.:

“Na cultura ocidental, **particularmente** <ADM> <ADMVAL> na norte-americana, que é a referência dos autores em questão, o conceito down, é associado a situações negativas, em contraposição ao conceito up, associado a situações positivas.” (*corpus 1* – Art. 4)

i) Adjunto modal de tempo <ADMTEM>

Ex18.:

“A maioria dos teóricos não <ADM> <ADMTEMPOL> deixa de fazer referência à retórica clássica e aí o problema **já** <ADM> <ADMTEM> se colocava, uma vez que Aristóteles fala em metáfora tanto na Arte Retórica quanto na Arte Poética e, desse modo, o conceito de metáfora apresenta-se amplo, justificando a diversidade de enunciados de diferentes tipos que são ditos metafóricos.” (*corpus 1 – Art. 3*)

j) Adjunto modal de tipicidade <ADMTIP>

Ex19.:

“A nova forma **tipicamente** <ADM> <ADMTIP> começa como uma variante usada esporadicamente, sua frequência aumenta à medida que o tempo passa e, finalmente, ela pode vir a substituir a forma antiga.” (*corpus 2 – Art.19*)

k) Adjunto modal de predição <ADMPRED>

Ex20.:

“Em virtude de a transposição com modulação apresentar, na sua essência, características bastante <ADM> <ADMINT> similares às da modulação, podem estender-se as mesmas considerações feitas acima para tradução literária em relação à tradução técnica, que apresenta 3,4% de ocorrências no respectivo *corpus*, e também em relação à tradução jornalística, que registra, **contrariamente** <ADM> <ADMPRED> ao que se supunha para esse *corpus*, apenas <ADM> 2,7% de frequência.” (*corpus 1 – Art. 8*)

l) Adjunto modal de desejo <ADMDES>

Ex21.:

“As respostas, **feliz** <ADM> <ADMDES> ou **infelizmente** <ADM> <ADMDES> , serão obtidas na nossa prática diária e surgirão com a evolução natural tanto de nossa prática pedagógica quanto de pesquisas. “ (*corpus 2 – Art.12*)

m) Adjunto modal de persuasão <ADMPERS>

Ex22.:

“De fato, existe uma certa aceitação geral de que a parte que diz respeito à "fonêmica"1 da língua portuguesa está **seguramente** <ADM> <ADMPERS> bem definida.” (*corpus 1 – Art.3*)

Neste ponto é importante observar que a etiqueta <ADM> foi utilizada tanto para a identificação dos adjuntos modais propriamente ditos, quanto dos adjuntos de comentário (HALLIDAY, 1994). Vale sublinhar, ainda, que o etiquetamento foi feito no ambiente do programa *Word*, mas os arquivos foram armazenados em formato *txt* para a aplicação do *software WordSmith Tools*.

Etapa 7 - Levantamento quantitativo das etiquetas através da ferramenta *WordList*.

Etapa 8 - Realização do cálculo percentual dos adjuntos modais e suas ocorrências em relação ao total de palavras e ao total de palavras não-repetidas do *corpus 1*.

Etapa 9 - Realização do cálculo percentual dos tipos de adjuntos em relação ao total de adjuntos do *corpus 1*.

Etapa 10 - Realização da lista de Consistência Detalhada, do *corpus 1*, que permite visualizar a distribuição dos adjuntos modais e seus tipos em cada artigo separadamente. Esta lista é realizada dentro do ambiente da ferramenta *WordList*.

Etapa 11 - Realização do cálculo percentual dos adjuntos modais e suas ocorrências em relação ao total de palavras e ao total de palavras não-repetidas do *corpus 2*.

Etapa 12 - Realização do cálculo percentual dos tipos de adjuntos em relação ao total de adjuntos do *corpus 2*.

Etapa 13 - Realização da lista de Consistência Detalhada, do *corpus 2*, que permite visualizar a distribuição dos adjuntos modais e seus tipos em cada artigo separadamente. Esta lista é realizada dentro do ambiente da ferramenta *WordList*.

Etapa 14 - Realização do cálculo percentual dos adjuntos modais e suas ocorrências em relação ao total de palavras e ao total de palavras não-repetidas do *corpus 3*.

Etapa 15 - Realização da lista de Consistência Detalhada, do *corpus 3*, que permite visualizar a distribuição dos adjuntos modais e seus tipos em cada artigo separadamente. Esta lista é realizada dentro do ambiente da ferramenta *WordList*.

Etapa 16 - Construção de um quadro comparativo dos dados referentes aos *corpora 1; 2 e 3*.

Após o etiquetamento dos variados tipos de adjuntos modais, passamos, então, à análise de quais desses adjuntos poderiam ser considerados marcadores metadiscursivos interpessoais de acordo com Hyland (2000).

O primeiro passo foi voltar às realizações das linhas de concordâncias dos adjuntos modais e verificar os significados metadiscursivos (HYLAND, 2000) construídos. Após esse levantamento, chegamos ao seguinte quadro: os marcadores metadiscursivos atributivos foram realizados por adjuntos modais de validade, intensidade e usualidade; os marcadores metadiscursivos de ênfase foram realizados por adjuntos modais de suposição, persuasão, obviedade, probabilidade e intensidade; os marcadores de atenuação foram realizados por adjuntos modais de probabilidade e suposição e os marcadores atitudinais foram realizados por adjuntos modais de desejo, predição e, em menor escala, por adjuntos modais de intensidade.¹⁸

O procedimento aqui adotado foi o de fazer novo etiquetamento, acrescentando a nomenclatura dos tipos de marcadores. Este processo foi realizado no ambiente do programa *Word*. Desta forma, percorremos novamente todos os corpora acrescentando as seguintes etiquetas ao lado dos adjuntos modais que funcionaram como marcadores metadiscursivos:

<ME> - MARCADOR METADISCURSIVO DE ÊNFASE

<MA> - MARCADOR METADISCURSIVO DE ATENUAÇÃO

<MATR> - MARCADOR METADISCURSIVO ATRIBUTIVO

<MAT> MARCADOR METADISCURSIVO ATITUDINAL

Esse etiquetamento pode ser visualizado detalhadamente no capítulo 6 quando forem tratados os marcadores metadiscursivos. Com o etiquetamento do tipo: Proponho,

portanto, uma mirada um pouco mais de perto na sugestão do grande mestre (adepto, talvez <ADM> <ADMPRO> <MA> o único em nosso País, da fonologia do Círculo Lingüístico de Praga (*corpus* 1 – Art.3), era possível contabilizar os marcadores metadiscursivos, mas não era possível contabilizar, por exemplo, quantos adjuntos modais realizaram a função de marcador metadiscursivo de atenuação. Assim, procedemos a um novo etiquetamento, acrescentando a sigla <MA> dentro da etiqueta do adjunto modal. Nosso novo etiquetamento tomou a seguinte forma: Proponho, portanto, uma mirada um pouco mais de perto na sugestão do grande mestre (adepto, talvez <ADM> <ADMPROMA> <MA> o único em nosso País, da fonologia do Círculo Lingüístico de Praga (*corpus* 1 –Art.3). Como pode ser percebido, mantivemos a etiqueta <MA> fora e dentro da etiqueta do Adjunto Modal para que fosse possível contabilizar quantos marcadores de atenuação o *corpus* apresentava e quantos marcadores de atenuação realizados por adjunto modal de probabilidade o *corpus* apresentava.

Assim, finalizado esse novo processo de etiquetamento, passamos ao levantamento quantitativo dos marcadores metadiscursivos e de suas realizações por cada tipo de adjunto modal em cada um dos corpora. Primeiro verificamos quantos marcadores de atenuação, de ênfase, atributivos e atitudinais foram utilizados em cada um dos *corpora* (Cf. TABELA 11).

Feito isto, passamos a um olhar mais detido das realizações desses marcadores, analisando variados exemplos de suas realizações e os significados interpessoais produzidos por elas. Tal análise foi feita com base na descrição que Hyland (1998, 2000,2002) faz desses marcadores, particularmente a partir dos critérios por ele denominados de: *agentividade*, *cooperação* e *verificação*.

¹⁸ A classificação dos adjuntos modais está baseada em Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004).

Não houve nesse momento da análise fortes preocupações quantitativas. O interesse central foi o de perceber um pouco mais amiúde os co-textos destas realizações.

Após este olhar mais interpretativo sobre os co-textos, passamos novamente a um levantamento quantitativo dos dados, uma vez que buscávamos perceber a distribuição dos marcadores metadiscursivos nas diferentes unidades retóricas dos exemplares dos corpora. Assim, o primeiro passo foi selecionar 5 exemplares de cada *corpus* e realizar o reconhecimento e a demarcação de suas unidades retóricas. Primeiramente, selecionamos 5 exemplares de artigos experimentais e fizemos a demarcação de suas unidades retóricas em acordo com Swales (1992/2004). Para efeito de análise, separamos essas unidades retóricas em arquivos distintos de *Word*, ficando, assim, com um arquivo agrupando as Introduções dos exemplares, outro arquivo com as seções de Metodologia, outro com as seções de Resultados e Discussão, outro com as unidades de Revisão de Literatura e, por fim, um arquivo reunindo as seções de Considerações Finais. O mesmo procedimento foi realizado em relação aos exemplares de artigos teóricos e de revisão de literatura, sendo que no caso desses exemplares não houve ocorrência das unidades retóricas de resultados e discussão e de metodologia.

Feita a reorganização das unidades retóricas em arquivos distintos pudemos, então, realizar um levantamento comparativo entre as ocorrências dos marcadores metadiscursivos nas diferentes unidades retóricas do mesmo tipo de artigo e entre as mesmas unidades retóricas dos três tipos distintos de artigos. Os dados referentes a esse levantamento são apresentados nas tabelas 12, 13 e 14 (Capítulo 6). A síntese geral dos resultados encontrados pode ser visualizada nas figuras 12, 13 e 14 no Capítulo 7.

Feitos esses esclarecimentos metodológicos, passemos, pois, à análise propriamente dita.

Capítulo 5

Observando os Adjuntos Modais

Modal Adjuncts are those which express the speaker's judgment regarding the relevance of the message.

M.A.K Halliday, *An introduction to functional grammar*

Como foi apontado na Introdução, o propósito deste capítulo é não somente apresentar os resultados obtidos, mas também apresentar o percurso realizado para a extração dos dados uma vez que tal percurso, mais do que apenas um caminho metodológico, foi um momento significativo da análise, pois resultou de escolhas e descobertas realizadas não previamente, mas ao longo do próprio processo de depreensão, observação e interpretação dos dados.

Antes, porém, é válido relembrar o objetivo que guiou esse momento do empreendimento analítico: mapear e analisar os adjuntos modais realizados por meio de advérbios simples que constroem significados referentes ao metadiscurso interpessoal utilizado pela autoria em exemplares do gênero artigo acadêmico.

Como foi assinalado no capítulo anterior, o primeiro passo para a análise consistiu na composição dos próprios *corpora* de análise, uma vez que entre os 40 exemplares de artigos que foram coletados do site *Scielo*, percebemos uma forte diversidade quanto às características dos artigos produzidos. Assim, com base em Swales (2004), dividimos o *corpus* inicial em três distintos *corpora*, como também já foi apontado no capítulo metodológico: *corpus* 1, composto por 10 exemplares de Artigos Experimentais (AE); *corpus* 2, composto por 10 exemplares de Artigos Teóricos (AT) e *corpus* 3, composto por 10 exemplares de Artigos de Revisão (AR) (*Review Article*).

Nesse momento da análise, tomamos como base para a categorização dos exemplares dois critérios centrais: os diferentes propósitos realizados pelos diferentes artigos e a diferente distribuição de suas unidades de informação.

Chamamos aqui de artigo experimental (AE), com base em Swales (2004), aqueles que apresentaram como objetivo central a análise de dados de quaisquer natureza e, portanto, apresentaram necessariamente a unidade retórica de Análise e Discussão dos Dados. Observemos, na figura abaixo, a explicitação desses objetivos a partir de excertos retirados da unidade retórica de Introdução de exemplares do *corpus* 1.

Este artigo tem por objetivo problematizar as relações entre teoria e prática em dois momentos complementares: o primeiro, no âmbito da Linguística Aplicada e sua relação com os professores; e o segundo, no âmbito da escola na relação entre a apropriação dos conhecimentos e a prática de sala de aula. Para isso, foram estudados artigos e livros de autoria de lingüistas aplicados do Brasil e do exterior, além de aulas de leitura e escrita, em língua materna e estrangeira, gravadas em áudio, no 1º e 2º graus da rede estadual de São Paulo e Campinas. (*Corpus* 1 – Art. 1).

Este trabalho se organiza da seguinte maneira. Nas duas primeiras seções definimos o que entendemos por choque acentual dentro da proposta da fonologia prosódica por nós adotada e apresentamos alguns estudos em fonologia que discutem a influência de categorias sintáticas foneticamente vazias, detalhando o problema a ser discutido neste trabalho. A seção 3 trata da discussão sintática sobre as categorias vazias. Na seção 4 analisamos nossos dados, envolvendo categorias sintáticas vazias e aplicação de regras rítmicas. Finalmente, na seção 5 resumimos nossas observações e apontamos algumas questões que passam a merecer atenção, tanto por teorias fonológicas quanto por teorias sintáticas. (*Corpus* 2 – Art. 2).

Problemas levantados pelo estudo e análise da fonologia de línguas indígenas do tronco Macro-Jê - como o Kaingang, o Maxakali e o Mebengokre - levaram-me a confirmar (em D'Angelis 1998) a justeza de algumas intuições de Piggott (1992) e Rice (1993) ao tratar de relações entre nasalidade e soantidade. Verifiquei, então, a aplicabilidade daquela abordagem aos distintos processos de nasalidade e nasalização em língua portuguesa, com resultados surpreendentes, que ao mesmo tempo revalorizam a contribuição de Mattoso Câmara Jr. (sem estacionar nela) e igualmente recuperam intuições de Trubetzkoy. Este artigo apresenta o resultado desse empreendimento e suas conclusões sugerem a validade e a necessidade de se retomar até a análise do próprio "inventário fonêmico" do Português, questão em geral não problematizada no ensino da fonologia, inclusive para tomar em conta as mudanças em andamento no último meio século. De fato, existe uma certa aceitação geral de que a parte que diz respeito à "fonêmica"1 da língua portuguesa está seguramente bem definida. Recusar esse consenso é uma das preocupações desse texto. (*Corpus* 1 – Art.3)

FIGURA 7 - Excertos do *corpus* 1 que apresentam os objetivos dos exemplares dos Artigos Experimentais (AE).

Vejamos, agora, como se comportaram os 10 artigos experimentais analisados quanto à distribuição de suas unidades retóricas:

QUADRO 14
Unidades retóricas destacadas dos artigos experimentais do *corpus 1*

Artigo Experimental	Introdução	Revisão de Literatura	Metodologia	Resultados e Discussão	Considerações Finais
AE1	X	X	-	X	X
AE2	X	X	-	X	X
AE3	X	X	-	X	X
AE4	X	X	X	X	X
AE5	X	-	X	X	X
AE6	X	X	X	X	X
AE7	X	-	-	X	X
AE8	X	X	X	X	X
AE9	X	-	-	X	X
AE10	X	X	X	X	X

Como é possível perceber por meio do QUADRO 14, todos os exemplares do *corpus 1* apresentaram unidades destacadas para análise de dados. Os artigos AE5, AE7 e AE9 não apresentaram uma unidade destacada para Revisão de Literatura uma vez que os pressupostos teóricos estão ou na unidade de Introdução e/ou inseridos na unidade retórica de Resultados e Discussão dos Dados. Este fato, provavelmente, deve-se a dois fatores: 1- segundo Swales (1990), a unidade retórica Introdução de AA tem como um de seus objetivos contextualizar o ambiente teórico do trabalho, delimitando, assim, um território de conhecimento a partir do qual os(as) autores(as) podem construir suas proposições e a partir do qual os(as) leitores(as) podem interpretá-las. Podemos perceber, então, que alguns(as) autores(as) preferem inserir a discussão teórica na seção de introdução dos artigos, não destacando uma seção específica para tal propósito; 2- na unidade retórica Resultados e Discussão dos Dados, encontramos uma subunidade retórica cujo objetivo é *comparar as descobertas com a literatura já existente* (MOTTA-ROTH, 2002b), ou seja, estabelecer um diálogo com a produção teórica já estabelecida. Esta subunidade possibilita

aos (às) autores(as) trazer à tona elementos da revisão de literatura que, provavelmente, já foram apontados na seção de introdução dos artigos.

Os artigos AE1, AE2, AE3, AE7 e AE9 não apresentaram tópico destacado para Metodologia, uma vez que informações metodológicas foram apresentadas na unidade retórica Introdução. Mais uma vez isso se deve aos objetivos da seção de introdução dos artigos acadêmicos que no movimento 3 (*ocupando o nicho*), descrito por Swales (1990;141) prevê a possibilidade que têm os(as) autores(as) de apresentar a pesquisa: o tema abordado(aqui já é possível fazer referência ao objeto de estudo); os objetivos da pesquisa, assim como o percurso realizado para cumprir tais objetivos. Assim, como podemos perceber, todos os AE apresentaram informações teóricas; metodológicas e resultados de análise, mas metade desses artigos apresentou uma variação na distribuição das informações das respectivas unidades retóricas, mostrando que há exemplares mais próximos e exemplares mais distantes do protótipo. Vejamos, agora, a caracterização do *corpus 2*.

O *corpus 2* aqui constituído foi aquele cujo objetivo central consistiu em realizar uma discussão, prioritariamente, teórica sem, necessariamente, recorrer à análise de dados. Isto pode ser mais facilmente percebido através dos excertos retirados das Introduções de exemplares do *corpus*:

“O presente artigo pretende, dado o panorama acima exposto, retomar a reflexão sobre o tipo de texto como esquema cognitivo a partir dessa discussão recente sobre o assunto. O objetivo do artigo, desta forma, é esboçar um conceito psicolinguístico de tipo de texto a partir da contraposição das teorias recentes sobre o tema, principalmente com relação à questão esquema cognitivo de texto versus processo social de convencionalização.” (Corpus 2 – Art.12)

“Dentro dessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é propor uma possível interface entre a semântica e a lingüística textual a partir da relação entre dois de seus principais conceitos, respectivamente: a sinonímia, baseado no significado denotativo, e a referência, que define e é definida pelo significado textual. Serão feitas também considerações acerca da função expressiva da referência, normalmente vista a partir de sua função referencial no âmbito do texto. Uma análise sucinta de exemplos retirados de um texto servirá de ilustração para as questões a serem aqui tratadas.” (Corpus 2 – Art.11)

“Ao apresentar o panorama, ou o que poderia ser compreendido como o estado da arte das controvérsias que presidem os estudos teóricos da terminologia, este artigo visa a destacar os principais pontos nevrálgicos sobre os quais o debate se situa. Em verdade, há uma série de fatores que respondem pelo forte movimento de reavaliação dos princípios da terminologia clássica.” (Corpus 2 – Art.15)

“Assim, o objetivo deste artigo é explorar as divergências entre duas teorias sócio-pragmáticas do discurso no tocante à indeterminação do significado. Para tal, na primeira parte do trabalho, contrapomos as pragmáticas (de Grice e de Searle) com a tradição sócio-interacional de análise do discurso (resultante dos trabalhos de Bateson e Goffman e representada pela obra de Gumperz). Na segunda parte, relacionamos tais oposições com o tratamento da indeterminação, no que diz respeito às divergências sobre as motivações e sobre o escopo do fenômeno.” (Corpus 2 – Art.16)

FIGURA 8 – Excertos do *corpus 2* que apresentam os objetivos dos exemplares dos Artigos Teóricos (AT)

Com exceção do AT11 que apresenta um tópico destacado no qual o autor faz uma análise de um texto a título de exemplificação da discussão teórica, nos demais exemplares analisados não houve uma unidade de Análise e Discussão de Dados destacada. Não consideramos o AT11 como artigo experimental porque o objetivo central do artigo não consistiu na análise de dados, não houve *corpus* constituído. O texto analisado nesse artigo foi utilizado somente para exemplificar os elementos da discussão teórica proposta, não havendo, pois, um objetivo de investigação de dados propriamente ditos. Vejamos, então, a distribuição das unidades retóricas dos exemplares que compuseram o *corpus 2*:

QUADRO 15

Unidades retóricas dos artigos teóricos do *corpus 2*

Artigo Teórico	Introdução	Discussão Teórica	Metodologia	Resultados e Discussão	Considerações Finais
AT11	X	X	-	X	X
AT12	X	X	-	-	X
AT13	X	X	-	-	X
AT14	X	X	-	-	X
AT15	X	X	-	-	X
AT16	X	X	-	-	X
AT17	X	X	-	-	X
AT18	X	X	-	-	X
AT19	X	X	-	-	X
AT20	X	X	-	-	X

É importante salientar, ainda, que a unidade retórica, geralmente, identificada como Revisão de Literatura (nos artigos experimentais), na verdade cumpriu objetivos distintos nos exemplares do *corpus 2* aqui analisados, uma vez que, em alguns exemplares, discutiu-se a *adequação de conceitos*; em outros, *controvérsias entre campos teóricos*, ou, ainda, *o repensar de determinadas concepções teóricas*. Parece que esta variação está ligada aos propósitos dos artigos teóricos, como pode ser percebido na FIGURA 7. Convidamos o leitor a refletir, então, se, na verdade, os artigos teóricos possuem a unidade retórica de Revisão de Literatura tal como a possuem os artigos experimentais ou se a seção na qual se faz discussão teórica em artigos teóricos tem objetivos distintos dos objetivos da seção de Revisão de Literatura dos artigos experimentais. Se tomarmos a proposta de Hendges (2001) que assume o movimento retórico SITUAR A PESQUISA apontado na descrição retórica de abstracts (MOTTA-ROTH E HENDGES;1996) como modelo para descrição da seção de Revisão de Literatura, veremos que esta seção, em artigos experimentais, corresponderia mais claramente às sub-funções 1A, 1B e 2A, ou seja, *Estabelecer interesse profissional no tópico; fazer generalizações do tópico e citar pesquisas prévias*. Por outro lado, esta mesma seção em artigos teóricos corresponderia

mais precisamente às sub-funções 2B, 2C e 2D, a saber: *estender pesquisas prévias*; *contra-argumentar pesquisas prévias* e *indicar lacunas em pesquisas prévias*. Assim, apesar de podermos considerar que estamos tratando de uma mesma unidade informacional identificada como Revisão de Literatura, é fundamental considerar que em artigos experimentais e teóricos, o foco recai sobre diferentes sub-funções. Parece, pois, que em artigos experimentais, a unidade retórica de Revisão de Literatura tem como objetivo central situar a pesquisa em um nicho teórico no qual os dados de análise serão considerados, enquanto que em artigos teóricos, os autores, ao construírem essa unidade retórica, visam, prioritariamente, o estabelecimento do debate teórico. Ou seja, em artigos experimentais, a seção de Revisão de Literatura é o pano de fundo teórico para a análise dos dados; em artigos teóricos, esta seção é aquela na qual se dá o objetivo central do artigo: a discussão teórica em si.

Vale ressaltar, ainda, que em dois dos exemplares (AT13 e AT19), os autores valeram-se de exemplos para ilustrar a discussão teórica, sem, no entanto, destacá-los em uma unidade retórica dirigida somente à análise. Os exemplos são discutidos à medida que a discussão teórica se desenrola. Outra observação relevante diz respeito ao fato de que tais exemplos não constituem um *corpus* de análise, são exemplos avulsos.

Por fim, vejamos os objetivos e o comportamento retórico dos Artigos de Revisão (*corpus* 3), conforme denominação de Swales (2004). O *corpus* 3 de análise foi constituído por exemplares de artigos cujo objetivo central consistiu em apresentar um panorama histórico de uma determinada área de estudo, como podemos perceber por meio dos excertos abaixo:

Este artigo apresenta uma retrospectiva do estudo da aquisição da linguagem, situando a pesquisa em Aquisição da Linguagem conduzida no Brasil nos últimos 30 anos nos desenvolvimentos teóricos desse campo, que tomaram forma em meados deste século. (corpus 3 – Art. 21)

Ao apresentarmos, neste trabalho, um panorama da área, é nosso objetivo abordar mais especificamente o período a partir da década de sessenta, com incursões em períodos anteriores, tentando focalizar a Linguística Indígena dentro de um contexto mais amplo da Linguística no Brasil. (corpus 3 – Art. 22)

Ao abrir este trabalho, que tem por objetivo tentar delinear os caminhos percorridos pela Filologia Portuguesa no Brasil nos últimos dez anos, é de todo importante esclarecer o significado com que se trabalha aqui a palavra Filologia. (corpus 3 – Art.23)

Decorrente disso, como procurarei mostrar na segunda e terceira partes deste texto, os estudos histórico-diacrônicos que se desenvolvem nesses últimos anos no Brasil, em geral, se orientam para o português brasileiro, não só aqueles que do presente olham o passado, mas também aqueles que do passado olham o presente e até mesmo aqueles que, fixando-se em uma sincronia passada, não ignoram, como referência, o presente. (corpus 3 – Art. 27)

FIGURA 9 – Excertos do *corpus 3* que apresentam os objetivos dos exemplares dos Artigos de Revisão de Literatura (AR)

Vejamos como estão distribuídas as informações nos exemplares do *corpus 3*:

QUADRO 16

Unidades retóricas dos exemplares do Artigo de Revisão (AR) (*corpus 3*)

Artigo de Revisão	Introdução	Revisão de Literatura	Metodologia	Resultados e Discussão	Considerações Finais
AR21	X	X	-	-	X
AR22	X	X	-	-	X
AR23	X	X	-	-	X
AR24	-	X	-	-	X
AR25	X	X	-	-	X
AR26	-	X	-	-	X
AR27	X	X	-	-	X
AR28	-	X	-	-	X
AR29	X	X	-	-	X
AR30	X	X	-	-	X

É interessante observar sobre estes exemplares que alguns deles não apresentaram o tópico Introdução, iniciando diretamente pelo levantamento histórico. São os casos dos artigos AR24, AR26 e AR28. Outra observação interessante diz respeito à finalização dos exemplares. Nos exemplares dos artigos experimentais (*corpus 1*) e teóricos (*corpus 2*), a última unidade retórica sempre recebeu a denominação ou de *Considerações Finais* ou de *Conclusão*, mas nos artigos de revisão, essa unidade retórica recebeu

denominações bastante diversas, tais como: *Um balanço final*, *Avaliação/Perspectivas*; *Proliferação de teorias: crise na semântica?*, *Encerrando*, etc. Podemos perceber, ainda, que, de uma forma geral, os artigos de revisão não apresentaram as seções de Metodologia e Resultados e Discussão.

Observando os quadros 14, 15 e 16, podemos perceber alguns indicadores:

- O artigo experimental parece caracterizar-se, principalmente, por: objetivar a análise e discussão de dados, constituídos para fins de investigação; por apresentar, necessariamente, a seção de Resultados e Discussão na organização retórica de seus exemplares; e por apresentar, também necessariamente, informações metodológicas que podem ou não vir em uma unidade retórica destacada.
- Os artigos teóricos e os artigos de revisão parecem apresentar distribuição retórica bastante similar, uma vez que, diferentemente dos artigos experimentais, não apresentam as unidades retóricas de Metodologia e Resultados e Discussão dos Dados. Por outro lado, são distintos quanto aos objetivos que movem a produção de seus exemplares.
- Os artigos de revisão parecem ser os que mais se distanciam do modelo IMRD proposto por Swales (1990) e tomado como protótipo por vários autores para a descrição de artigos científicos.

É certo que tais afirmações são feitas a partir de um número de exemplares restrito e carecem, necessariamente, de uma observação a partir de um *corpus* mais amplo. No entanto, elas são feitas em função da descrição do *corpus* desta pesquisa, que não teve por objetivo principal indagar os tipos de AA.

Por fim, não nos estenderemos pormenorizadamente, neste momento, no tratamento das unidades e subunidades de informação dos exemplares de artigos dos *corpora*, posto que isto será retomado no próximo capítulo de análise. Por enquanto, interessa apenas mostrar que os artigos podem ser distribuídos em três categorizações distintas. Portanto cabe inquirir se a forma como os(as) autores (as) constroem recursos do metadiscorso interpessoal também é ou não distinta. Assim, para tentar responder a esta questão, passemos ao mapeamento dos adjuntos modais nos *corpora* 1, 2 e 3.

5.1 Reconhecendo e classificando os adjuntos modais nos exemplares dos *corpora* 1, 2 e 3.

Como já foi ressaltado, antes de apresentar os dados propriamente ditos, consideramos relevante retomar alguns aspectos metodológicos importantes para a leitura dos resultados encontrados.

Conforme a metodologia deste trabalho, delimitamos para a análise do metadiscorso interpessoal a função gramatical de Adjunto Modal (HALLIDAY; 1994) realizada por advérbios simples. Assim, o primeiro momento da análise consistiu na aplicação da ferramenta *WordList* do programa *WordSmith Tools* para a identificação dos advérbios simples presentes nos *corpora*. Feito um levantamento *grosso modo*, passamos à análise das linhas de concordância dos itens lexicais que poderiam funcionar como advérbios ou como outra classe gramatical. Um exemplo disto pode ser percebido nas ocorrências dos itens *muito* e *só* que além de ocorrerem como advérbios, podem funcionar, ainda, como pronome e adjetivo respectivamente. Após essa primeira triagem das ocorrências, chegamos ao total de 213 advérbios distintos e não-repetidos no corpus 1; 212 no corpus 2 e 201 advérbios no corpus 3. Iniciamos, então, o segundo passo da análise: identificar quais destes advérbios realizavam a função de Adjunto Modal. Para tal análise

foi necessário verificar caso a caso, as ocorrências nos três corpora, por meio da ferramenta *Concord* do programa *WordSmith Tools*, posto que alguns advérbios como *já*, *ainda*, *claramente*, *diferentemente*, *efetivamente*, *especificamente*, *naturalmente*, *socialmente*, *superficialmente*, *formalmente*, *historicamente*, *exclusivamente*, entre outros ora funcionaram como Adjunto Modal, ora como Adjunto Circunstancial ou, ainda, como Adjunto Conjuntivo (HALLIDAY; 1994). Vejamos alguns exemplos dessas ocorrências:

Ex23.:

“A comparação com as alternativas hipotéticas abaixo, permite perceber mais **claramente** a incidência do foco sobre o agente da passiva.” (*corpus 1- Art-9*)

Ex24.:

“O gênero em construção é **claramente** <ADM> aquele que Bakhtin designa como gêneros primários [...]” (*corpus 1- Art-10*)

Começemos por observar as realizações do adjunto **claramente**. No exemplo 23, podemos perceber que há uma vinculação direta do adjunto com o predicador verbal, acrescentando-lhe a circunstância de modo, de tal forma que poderíamos ler a proposição como “[...] *permite perceber de forma mais clara a incidência do foco sobre o agente da passiva*”. Isso implica em classificá-lo como adjunto circunstancial. No exemplo 24, por outro lado, o adjunto **claramente** remete à atitude do(a) autor(a) acerca da certeza com a qual apresenta o conteúdo proposicional, caracterizando-se, assim, como adjunto modal.

Ex25.:

“[...] pode haver entre duas crianças, de inserção sócio-cultural diferenciada, que participam **diferentemente** de pautas interacionais [...]” (*corpus 1 - Art-10*)

Ex26.:

“**Diferentemente** <ADM> de Priscila, o que se privilegia aqui nas interações não é o jogo de ordenar, mas o de contar.” (*corpus 1 - Art-10*)

O mesmo ocorre, em termos, com os exemplos 25 e 26, pois em 25, teríamos a paráfrase “[...] *participam de formas diferentes de pautas interacionais* [...]”, mas em 26 o que temos é um adjunto que não está ligado ao predicador verbal e que constrói um

significado de quebra de expectativa em relação ao que, provavelmente, estaria sendo esperado pelo leitor do texto. Ou seja, o(a) autor(a) antecipa que o(a) leitor(a) espera algo contrário ao que será dito na proposição; então, antes de enunciar a proposição, já desloca/altera essa expectativa do(a) leitor(a) em direção ao que será enunciado. Como nos diz Eggins (1994), os adjuntos modais adicionam significado interpessoal por estarem intimamente relacionados à geração e manutenção do diálogo. Desta feita, temos em 25 um adjunto circunstancial e em 26, um adjunto modal.

Já nos exemplos 27 e 28 apresentados abaixo, temos o advérbio ***já*** sendo utilizado como adjunto textual e como adjunto modal respectivamente. Como podemos perceber em (28), o adjunto constrói uma noção de tempo que revela uma avaliação positiva do(a) autor(a) acerca do dito. Desta forma, o tempo é expresso sob o ponto de vista das expectativas e julgamentos do(a) autor(a).

Ex27.:

“Raramente, o professor realiza essa etapa, **já** que não pode se demorar (perder tempo), porque ainda tem que dar colocação pronominal, "um monte de coisas que vão cair no vestibular.” (*corpus 1 - Art-1*)

Ex28.:

“A maioria dos teóricos não deixa de fazer referência à retórica clássica e aí o problema **já** <ADM> se colocava, uma vez que Aristóteles fala em metáfora tanto na Arte Retórica quanto na Arte Poética e, desse modo, o conceito de metáfora apresenta-se amplo, justificando a diversidade de enunciados de diferentes tipos que são ditos metafóricos.” (*corpus 1 - Art-4*)

No exemplo 29, usamos novamente o critério semântico para o reconhecimento do adjunto circunstancial, ou seja, o adjunto ***formalmente*** apresenta a maneira como o processo se realiza, acrescentando, assim, uma informação ao conteúdo experiencial da oração “[...] *essa relação representa-se de maneira formal* [...]”. Trata-se, pois, de um adjunto circunstancial. Por outro lado, em 30, temos um adjunto modal, uma vez que o adjunto incide sobre o todo proposicional, delimitando o campo de validade dentro do qual

o conteúdo proposicional deve ser interpretado pelo(a) leitor(a). No caso, o dito somente tem validade se observado sob o ponto de vista formal.

Ex29.:

“como Franchi (1975), essa relação representa-se **formalmente** por um meta-predicador.” (*corpus 2 – Art-13*)

Ex30.:

“**Formalmente**, <ADM> temos: (10) papel Temático-Tipo [...]” (*corpus 2 – Art- 13*)

O mesmo ocorre nos exemplos 31 e 32 com os adjuntos realizados pelo advérbio *historicamente*. Em 31, o adjunto constrói significado experiencial, ao constituir uma circunstância ligada ao predicador verbal (*fixar-se historicamente*), funcionando, portanto, como adjunto circunstancial. Em 32, por sua vez, o adjunto, mais uma vez, delimita o domínio de validade do conteúdo proposicional, funcionando, assim, como adjunto modal.

Ex31.:

“Ou seja, um item lexical-predicador contém em sua representação a diátese em que se fixou **historicamente** para seu uso atual, e que contribui para a estruturação da sentença e para sua interpretação, na medida em que determina um conjunto de argumentos explícitos ou implícitos que devem ser realizados em determinadas posições sintáticas.” (*corpus 2 – Art-13*)

Ex32.:

“Isto significa, por exemplo, que a palavra ‘cão’ existe designando o ser cão (animal quadrúpede, doméstico, mamífero, etc.) não porque há intrínseco à mesma algo que a faça designar o ser que designa, nem porque um ‘espírito significante’ convencionou que este seria o nome do ser assim chamado, mas porque **historicamente** <ADM> assim tem sido feito em determinados contextos [...]” (*corpus 2 – Art-18*)

No exemplo 33 abaixo, o adjunto *exclusivamente* vincula-se ao predicador verbal, acrescentando-lhe a noção circunstancial de modo “[...] usado *de forma exclusiva no Brasil*.” Mas em 34, o adjunto incide sobre o complemento e não sobre o operador verbal, informando sobre a precisão que se deve atribuir a um elemento específico da proposição “[...] *exclusivamente (somente) brasileiro* [...]”. Temos em 34, portanto, um adjunto modal.

Ex33.:

“trata-se de uma lista de palavras que apresenta um rol de oito nomes que mudam de significação e outro de cinquenta nomes usados **exclusivamente** no Brasil.” (*corpus 3 – Art-25*)

Ex34.:

“As línguas afiliadas a esse tronco, **exclusivamente** <ADM> brasileiro, são faladas principalmente nas regiões de campos e cerrados, desde o sul do Maranhão e Pará, passando pelos estados do centro oeste até estados do sul do país,” (*corpus 3 – Art-22*)

Avaliando essas e outras ocorrências nos *corpora*, optamos pelo aspecto semântico, como critério central para a distinção entre os tipos de adjuntos. Ou seja, verificar se o adjunto acrescenta significado experiencial ou interpessoal foi tomado como critério definidor nesta análise. A esse critério básico foram associadas, ainda, três importantes considerações.

A primeira consideração diz respeito ao fato de que, ao observar os artigos analisados, percebemos que o problema de dubiedade na classificação deu-se, principalmente, quando os advérbios em questão podiam funcionar, conforme as denominações de publicações sobre língua portuguesa, ora como advérbios qualificadores, ora como advérbios focalizadores (como nos exemplos 33 e 34); ou ora como qualificadores, ora como delimitadores (como nos exemplos 29 e 30; 31 e 32). Ou, ainda, quando o advérbio ocorreu como advérbio qualificador ou como advérbio modalizador epistêmico asseverativo, como nos exemplos 23 e 24.²³ Assim, correlacionando classificações já existentes sobre os advérbios em língua portuguesa com a classificação dos adjuntos apontada pela GSF, parece que os advérbios qualificadores funcionam como

²³ A classificação dos advérbios está baseada em Castilho (1993); Neves (2000) e Ilari (2002).

adjuntos circunstanciais, enquanto os advérbios focalizadores, delimitadores e epistêmicos funcionam, preferencialmente, como adjuntos modais.

A segunda observação nos diz que os adjuntos circunstanciais, particularmente aqueles realizados por advérbios qualificadores, posicionam-se, preferencialmente, após o grupo verbal por eles modificado. Por outro lado, os adjuntos modais, de uma forma geral, não estando necessariamente vinculados ao operador verbal, ocuparam, nos *corpora* desta Tese, posições variadas em relação ao grupo verbal e, muito comumente, ocorreram inseridos como elementos de um grupo nominal. Observemos os exemplos abaixo:

Ex35.:

“Contando os itens lexicais levantados, pode-se encontrar uma extensão **sensivelmente** <ADM> maior do que nas outras modalidades, como no seguinte exemplo, extraído de uma das amostras do *corpus* B referente aos textos jornalísticos4[...]” (*corpus* 1 Art-3)

Ex36.:

“Aubert diferencia-o da simples transcrição, porque, no empréstimo, o termo novo mostra-se **sempre** <ADM> como um desvio em relação à LC, sem o ser, porém, na LP. **Freqüentemente** <ADM>, apresenta-se em itálico ou com aspas, grifos, etc.” (*corpus* 1 - Art-8)

No exemplo 35, o adjunto está inserido como elemento do grupo nominal, realizando a função de Complemento. Em 36, o adjunto realizado pelo advérbio *sempre* posiciona-se após o Predicador Verbal que está fundido ao Finito, acrescentando-lhe a noção temporal de usualidade. Ainda neste mesmo exemplo, o adjunto realizado pelo advérbio *freqüentemente* é posicionado como Adjunto de Comentário, uma vez que se lança sobre o todo proposicional, também atribuindo-lhe uma noção temporal de usualidade. Observemos outros exemplos:

Ex37.:

“Com o perdão do trocadilho, **talvez** <ADM> estamos tratando de psicologia dos corpos sociais: os dados fazem pensar num comportamento arraigado e diferenciado em diferentes extrações sociais. **Talvez** <ADM> seja **muito** <ADM> mais (ou muito <ADM> menos) complexo do que isto: idiossincrasias de núcleos familiares de relações pessoais mãe-criança, ou regularidades de matrizes de atividade de grupos sociais diferenciados podem estar intervindo.” (*corpus* 1 Art-10)

Ex38.:

“Isso acontece **justamente** <ADM> porque se trata, em Abrahão (1996), de verificar até que ponto as reflexões teóricas, que a própria pesquisadora havia proporcionado à professora ao longo de dois anos, foram capazes de transformar sua prática pedagógica.” (*corpus 1 Art-1*)

Em 37, o advérbio modalizador epistêmico *talvez* realiza a função de adjunto modal de probabilidade e posiciona-se antes do operador verbal. Já em 38, o adjunto modal, realizado por advérbio focalizador (ILARI, 2002) (*justamente*), posiciona-se após o predicador verbal, acrescentando a noção de precisão ao posicionamento da autoria.

Como pudemos perceber, os adjuntos modais apresentaram grande mobilidade em relação a seu posicionamento na oração.

A terceira observação importante diz respeito à relação entre os tipos de adjuntos e os tipos de processos. Halliday e Matthiessen (2004:259) nos informam que os adjuntos circunstanciais de modo estão, preferencialmente, associados a processos mentais, verbais e comportamentais, mas raramente estão presentes em orações atributivas. Ao observar os exemplares dos artigos analisados, percebemos uma tendência para a ocorrência de adjuntos modais em orações com processos relacionais. Observemos os exemplos:

Ex39.:

“Portanto, Grice e Searle não incorporaram **efetivamente** fatores sócio-culturais específicos à noção de contexto, limitando esse conceito a um conhecimento de mundo generalizado.” (*corpus 2 – Art. 16*)

Ex40.:

“A burla das máximas, portanto, na verdade mostra que estas são **efetivamente** <ADM> operacionais.” (*corpus 2 – Art. 16*)

Para o primeiro exemplo (39), temos a paráfrase “[...] *não incorporaram de forma efetiva* [...]”, indicando uma circunstância. Para o segundo exemplo (40), temos

outra paráfrase: “[...] *estas são, de fato; realmente, operacionais.*”, indicando um posicionamento da autoria frente ao conteúdo proposicional. Percebamos, ainda, que em 39, o adjunto está diretamente vinculado ao processo, mas em 40, vincula-se mais intimamente ao atributo. Assim, em 39 temos um adjunto circunstancial, enquanto em 40 temos um adjunto modal. O mesmo pode ser visualizado no exemplo 41 abaixo:

Ex41.:

“São **exatamente** <ADM> esses momentos que interessam à pesquisa que vimos realizando, a partir da observação do dizer dos sujeitos (professores, alunos, pesquisadores) sobre leitura e escrita, dando a impressão de que predomina nuns e noutros a ilusão da coerência de suas crenças, a ilusão da unicidade e da univocidade do dizer e do fazer.” (*corpus 1 – Art.1*)

Além dos casos aqui comentados, há outras ocorrências que merecem atenção, precisamente, pela dificuldade que causaram quanto à distinção entre os tipos de adjuntos.

No exemplo 42 abaixo, temos um desses casos curiosos que, certamente, não podem ser analisados sem que parem dúvidas sobre a precisão da análise.

Ex42.:

“Isso se deve à existência de alguns dados empíricos que corroboram a necessidade para uma teoria gramatical de se distinguir **semanticamente** esses papéis.” (*corpus 2 – Art.13*)

Observando o exemplo, podemos verificar que o adjunto realizado pelo advérbio **semanticamente** posiciona-se após o predicador verbal e incide sobre ele, no entanto, parece que, mais do que uma circunstância, o que temos aí é uma delimitação do campo de validade no qual a afirmação se insere. Em outras palavras, a paráfrase mais adequada seria *distinguir esses papéis sob o ponto de vista da semântica* e não *distinguir de forma semântica esses papéis*. Consideramos, ainda, que o advérbio em questão funciona - como recomenda a classificação já existente em língua portuguesa - neste co-texto, como advérbio delimitador (NEVES, 2000) mais do que como advérbio qualitativo. Por estas

razões decidimos tomar tal ocorrência como adjunto modal e não como adjunto circunstancial.

Outro caso igualmente curioso e difícil de caracterizar ocorre no exemplo 43:

Ex43.:

“Este último, no entanto, manifesta-se **plenamente** na expressão: ‘o filho de um próspero comerciante de Cleveland’, onde, além de identificar a referência como em todos os casos de co-referência, a expressão desempenha a função de informar sobre um aspecto do passado do ator provavelmente desconhecido para a maioria dos leitores.” (*corpus 2- Art-11*)

Aqui o adjunto realizado pelo advérbio *plenamente* também posiciona-se após o operador verbal, incidindo sobre ele. Podemos pensar, então, na paráfrase [...] *manifesta-se de forma plena na expressão* [...]. Leitura, aliás, que parece bastante aceitável. No entanto, outra leitura se faz possível, lançando o advérbio à função de adjunto modal. Nesta leitura, o significado realizado pelo advérbio não seria mais o de modo, mas o de intensidade/grau. Ou seja, poderíamos ter a paráfrase [...] *manifesta-se totalmente na expressão* [...]. A questão que se coloca em casos como esses é: em que medida um adjunto pode funcionar ao mesmo tempo como circunstancial e modal, construindo, assim, tanto significados experienciais quanto interpessoais?

A mesma questão se coloca em casos nos quais podemos reconhecer claramente a realização de um adjunto circunstancial, mas sem deixar de salientar que o significado construído não é apenas o de uma informação sobre uma circunstância vinculada ao processo; posto que há também um significado avaliativo (avaliação de valor) agregado. É o que podemos perceber nos exemplos 44 e 45.

Ex44.:

“É nessa ótica que vai tratar de outros elementos não mais restritos aos fenômenos de nominalização privilegiados pela teoria clássica da terminologia, contribuindo **significativamente** para uma nova compreensão dos léxicos terminológicos.” (*corpus 2 Art-15*)

Ex45.:

“Em primeiro lugar, para Wittgenstein, a linguagem não pode ser reduzida a atos de denotar objetos e enunciar estados de coisas. Segundo ele, a teoria representacionista da linguagem engana-se **gravemente** sobre a natureza da linguagem.” (*corpus 2* – Art. 18)

Assim, parece que as dificuldades encontradas neste momento da análise derivam, principalmente, dos seguintes fatores:

- Muitos adjuntos circunstanciais de modo realizam significados avaliativos agregados; fator que dificulta a distinção em relação aos adjuntos modais por via do critério semântico. Isto corrobora a observação de Thompson (2000) de que os significados interpessoais não estão restritos exclusivamente aos sistemas de modo e modalidade das línguas. Na realidade, tais significados encontram-se, também, agregados aos significados experienciais e textuais.
- Os advérbios em língua portuguesa do Brasil que funcionam como adjuntos modais ocupam posições muito diversificadas no interior da oração, dificultando, desta forma, a aplicabilidade do critério posicional sugerido pela GSF para a língua inglesa.

Tomando isto em consideração, torna-se fácil perceber que o reconhecimento dos adjuntos modais realizados por advérbios não constitui tarefa simples, pois requer a articulação de fatores diversos que, nem sempre, são facilmente aplicáveis.

Dificuldade similar foi encontrada para a classificação dos adjuntos modais de acordo com as categorias propostas por Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004). Começamos por apontar os tipos de adjuntos que foram mapeados nos *corpora*, a partir de exemplos de cada categoria.

a) Adjunto modal de polaridade - <ADMPOL>

Ex46.:

“O desenvolvimento de uma teoria da aquisição da linguagem faz supor uma concepção ou modelo do estado estável do desenvolvimento a ser atingido e do estado inicial desse processo. **Não** <ADMPOL> <ADM> há,

contudo, no estudo da aquisição da linguagem, total consenso quanto ao modo de se conceberem os estados inicial e "final". Isso se deve, por um lado, à duplicidade de objetos a que o termo linguagem pode remeter 3/4 língua e forma de expressão verbal, o que dá margem a diferentes modos de se conceber o problema de aquisição.” (*corpus 3 – Art. 21*)

Ex47.:

“**Não** <ADMPOL> <ADM> se deve, pois, esperar aprofundamento dos temas levantados, **nem** <ADM> <ADMPOL> uma revisão por sub-áreas específicas.” (*corpus 3 – Art. 21*)

b) Adjunto modal de probabilidade <ADMPRO>

Ex48.:

“Este afastamento do cognitivismo deve-se, **provavelmente** <ADM> <ADMPRO> , ao fato de o tipo de texto (ou gênero textual) trazer impressa a marca do contexto social em que se formou, o que atrai o estudioso para uma perspectiva extramental.” (*corpus 2 – Art.12*)

Ex49.:

“A principal razão de se estar editando, nestes últimos tempos, textos não-literários em língua portuguesa deve-se **certamente** <ADMPRO> <ADM> à recente retomada dos estudos diacrônicos do português, a qual data de meados da década de oitenta.” (*corpus 3- Art. 21*)

c) Adjunto modal de intensidade <ADMINT> (realizando significado de intensificação/grau)

Ex50.:

Em consequência do espírito **altamente** <ADMINT> <ADM> cooperativo da equipe da UnATI, muitas horas de diálogos foram gravadas durante aproximadamente <ADM> duas semanas (*corpus 1- Art. 5*)

Ex51.:

“Afinal, **apenas** <ADM> <ADMINT> os analistas do discurso, ou o linguista aplicado, respaldados em pesquisas e teorias de mérito reconhecido, seriam capazes de mostrar aos demais (professores e estes, aos alunos) a ideologia que a linguagem encobre (cf. Coracini, 1995a; Fairclough, 1991; Altman, 1981).”

Ex52.:

“Cumprir dizer que, ao longo deste artigo, o termo 'modelo' é usado de maneira **quase** <ADM> <ADMINT> informal, como sinônimo de orientação teórica.” (*corpus 3 – Art. 23*)

d) Adjunto modal de intensidade <ADMINT> (realizando significado agregado de preenchimento de expectativa)

Ex53.:

“Tal assimilação (ou aprendizagem) por parte do professor é vista enquanto processo **meramente** <ADM> <ADMINT> (ou sobretudo) cognitivo (mental), concepção que, como já dissemos, tem por base a crença no sujeito ideal, consciente e uno.” (*corpus 1 – Art. 1*)

Ex54.:

“Em que pesem as limitações do modelo, o presente estudo facultou uma investigação objetiva e **razoavelmente** <ADM> <ADMINT> abrangente, ainda que não exaustiva, da frequência e da distribuição das modalidades tradutórias em três tipologias textuais distintas.” (*corpus 1* – Art. 8)

e) Adjunto modal de usualidade <ADMUSU>

Ex55.:

“Por isso, é preciso afastar, abafar, apagar da nossa consciência esses momentos que são **freqüentemente** <ADM> <ADMUSU> vistos e analisados negativamente como deslizos, lapsos, manifestações do não <ADM> <ADMPOL> controle da situação, de si e dos outros.” (*corpus 1* – Art.1)

Ex56.:

“A semântica não era uma já <ADM> <ADMTEM> nos primeiros anos de Linguística no Brasil (talvez <ADM> <ADMPRO> **nunca** <ADM> <ADMUSU> tenha sido uma) e os semanticistas sabiam disto, e Salomão (1978) o comprova.” (*corpus 3* – Art. 24)

f) Adjunto modal de obviedade <ADMOBV>

Ex57.:

“**Evidentemente** <ADMOBV> <ADM> , alguns poderiam pensar que, em compensação, aumenta-se um componente na teoria gramatical.” (*corpus 2* – Art. 13)

Ex 58.:

“**Evidentemente**, <ADM> <ADMOBV> a questão é: será que a teoria rival não consegue mesmo explicar estas diferenças? Ou será que as explica diferentemente? Se o mesmo fenômeno é explicado diferentemente, então vale o critério explicativo.” (*corpus 3* – Art. 24)

g) Adjunto modal de validade <ADMVAL>

Ex59.:

“Na cultura ocidental, **particularmente** <ADM> <ADMVAL> na norte-americana, que é a referência dos autores em questão, o conceito down, é associado a situações negativas, em contraposição ao conceito up, associado a situações positivas.” (*corpus 1* – Art. 4)

Ex60.:

“Em relação ao segundo ponto, a particularização do português falado culto é mais irrelevante do que contraditória numa morfologia gerativa, mas a abordagem como *corpus* é **virtualmente** <ADM> <ADMVAL> inconcebível, na medida em que a noção de produtividade lexical se esteia FORTEMENTE <ADM> <ADMINT> em julgamentos de aceitabilidade de formas não <ADMPOL> <ADM> existentes.” (*corpus 3* – Art. 26)

h) Adjunto modal de tempo <ADMTEM>

Ex61.:

“A maioria dos teóricos não <ADM> <ADMTEMPOL> deixa de fazer referência à retórica clássica e aí o problema **já** <ADM> <ADMTEM> se colocava, uma vez que Aristóteles fala em metáfora tanto na Arte Retórica quanto na Arte Poética e, desse modo, o conceito de metáfora apresenta-se amplo, justificando a diversidade de enunciados de diferentes tipos que são ditos metafóricos.” (*corpus* 1 – Art. 3)

Ex62:

“Está no prelo, **ainda** <ADM> <ADMTEM>, um número especial da revista Alfa (volume 42) organizado por M. H. M. Neves, M. L. Braga e M. C. Paiva, que, sob o título Estudos em gramática funcional, reúne dez estudos de pesquisadores brasileiros, orientados nas diferentes vertentes do funcionalismo.” (*corpus* 3 – Art. 28)

i) Adjunto modal de tipicidade <ADMTIP>

Ex63.:

“A nova forma **tipicamente** <ADM> <ADMTIP> começa como uma variante usada esporadicamente, sua frequência aumenta à medida que o tempo passa e, finalmente, ela pode vir a substituir a forma antiga.” (*corpus* 2 – Art. 19)

Ex64.:

“Trabalhos sobre clíticos são os que **tipicamente** <ADM> <ADMTIP> (**sic**) trabalham com um problema morfo-sintático.” (*corpus* 3 – Art. 29)

j) Adjunto modal de predição <ADMPRED>

Ex65.:

“Em virtude de a transposição com modulação apresentar, na sua essência, características bastante <ADM> <ADMINTGI> similares às da modulação, podem estender-se as mesmas considerações feitas acima para tradução literária em relação à tradução técnica, que apresenta 3,4% de ocorrências no respectivo *corpus*, e também em relação à tradução jornalística, que registra, **contrariamente** <ADM> <ADMPRED> ao que se supunha para esse *corpus*, apenas <ADM> 2,7% de frequência.” (*corpus* 1 – Art. 8)

Ex66.:

“A variável sexo estabelece fronteira bastante <ADMINTGI> <ADM> nítida entre homens e mulheres, com as últimas demonstrando maior sensibilidade ao valor simbólico da variação. As mulheres, **diferentemente** <ADMPRED> <ADM> dos homens, fazem mais concordância nominal, usam mais ir a/para do que ir em e rotacizam menos o [l] dos grupos consonantais. Esse apego do sexo/gênero feminino às variantes lingüísticas mais prestigiadas se faz sentir não <ADMTEMPOL> <ADM> apenas <ADM> na produção, mas também na sua atitude em relação à variação, julgando de forma mais rígida o binômio padrão/não padrão.” (*corpus* 3 – Art. 30)

k) Adjunto modal de desejo <ADMDES>

Ex67.:

“As respostas, **feliz** <ADM> <ADMDES> ou **infelizmente** <ADM> <ADMDES> , serão obtidas na nossa prática diária e surgirão com a evolução natural tanto de nossa prática pedagógica quanto de pesquisas. “ (*corpus 2 – Art. 12*)

Ex68.:

“Constata-se, no entanto, que a tarefa que se impunha aos lingüistas nos anos sessenta **lamentavelmente** <ADM> <ADMDES> não <ADMPOL> <ADM> foi cumprida, pelo menos na extensão ou com a profundidade com que Mattoso Câmara certamente <ADMPRO> <ADM> pretendia. (*corpus 3- Art.21*)

l) Adjunto modal de persuasão <ADMPERS>

Ex69.:

“De fato, existe uma certa aceitação geral de que a parte que diz respeito à "fonêmica"¹ da língua portuguesa está **seguramente** <ADM> <ADMPERS> bem definida.” (*corpus 1 – Art. 3*)

n) Adjunto modal de suposição <ADMSUP>

Ex70.:

“Teríamos, pois, na base de recomendações para o emprego de pontuação em estruturas enfatizadas, **aparentemente** <ADM> <ADMSUP> uma alternância percebida como basicamente prosódica, que tradicionalmente é justificada pela necessidade de se quebrar a monotonia **supostamente** <ADM> <ADMSUP> característica da disposição linear de um enunciado em que as palavras não fossem destacadas por meio de pontuação. Não destacá-las seria, num caso extremo, correr o risco de que fossem percebidas "com um mesmo tom, ou tesão das fibras da Glottis que as cansaria logo.” (*corpus 2 - Art. 14*)

Ex71.:

“Dado o objetivo básico da pesquisa, o GT decidiu considerar como objetos legítimos de análise apenas <ADM> <ADMINT> construções morfológicas regulares, isto é, aquelas cujas propriedades semânticas e fonológicas correspondessem **exatamente** <ADM> <ADMSUP> ao previsto pela conjunção da base e do processo morfológico correspondente, já que apenas <ADM> <ADMINT> estas construções apresentam a dupla possibilidade de terem sido produzidas durante o ato de fala ou acessadas como formas previamente existentes no léxico.” (*corpus 3 – Art. 26*)

Uma primeira dificuldade consistiu na distinção realizada por Halliday (1994) entre Adjunto Modal e Adjunto de Comentário. Nos exemplos analisados nos *corpora* 1,2 e 3, percebemos que a classificação semântica dos adjuntos de comentário não poderia se restringir apenas aos adjuntos que incidissem sobre o todo oracional, posto que, em português brasileiro, alguns destes tipos de adjuntos foram realizados por advérbios de constituinte e não por advérbios sentenciais. Por outro lado, também os adjuntos modais

propriamente ditos, como os de probabilidade, por exemplo, foram realizados por advérbios sentenciais e não por advérbios de constituinte. Isto pode ser facilmente percebido nos exemplos apresentados anteriormente. Por este motivo, optamos por considerar todos os tipos de adjuntos como adjuntos modais simplesmente, sem levar em conta a distinção entre adjuntos de comentário e adjuntos modais propriamente ditos, pois essa diferenciação não é fundamental para o propósito desta pesquisa.

Em se tratando da classificação semântica dos tipos de adjuntos modais, cabe a observação de alguns casos em especial. Iniciemos por discutir os casos referentes aos adjuntos modais de intensidade. Como sugerimos nos exemplos 50, 51, 52, 53, e 54 os adjuntos modais de intensidade parecem expressar além do significado de intensificação/grau realizado por advérbios como *muito*, *pouco*, *bastante*, *extremamente*, *tão*; *quase*, *totalmente*, *completamente*, *apenas*, *somente*, *só*, entre outros; um significado complementar de preenchimento de expectativas realizado por advérbios como *meramente*, *apenas*, *só*, *somente*. Esta proposta de distinção encontra suporte na figura apresentada por Halliday e Matthiessen (2004:198) na qual os autores apresentam os adjuntos de intensidade da seguinte forma:

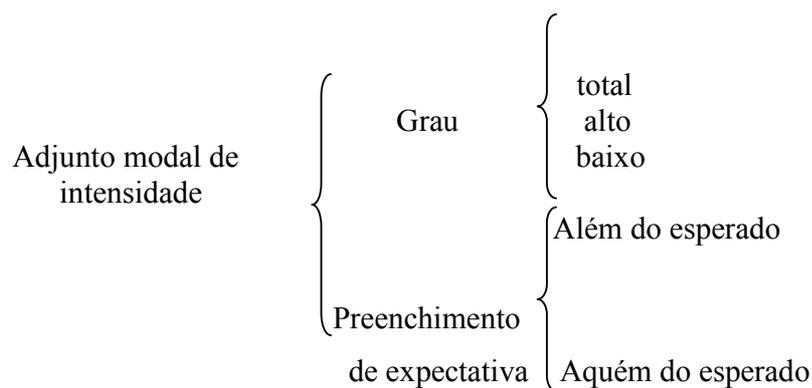


FIGURA 10 - Significados dos adjuntos modais de intensidade.

Vejamos como isto tem lugar nos exemplos 53 e 54 que já foram apresentados como ocorrências de adjunto modal de intensidade nos *corpora* desta Tese.

Ex53.:

“Tal assimilação (ou aprendizagem) por parte do professor é vista enquanto processo **meramente** <ADM> <ADMINT> (ou sobretudo) cognitivo (mental), concepção que, como já dissemos, tem por base a crença no sujeito ideal, consciente e uno.” (*corpus 1* – Art. 1)

Ex54.:

“Em que pese as limitações do modelo, o presente estudo facultou uma investigação objetiva e **razoavelmente** <ADM> <ADMINT> abrangente, ainda que não exaustiva, da frequência e da distribuição das modalidades tradutórias em três tipologias textuais distintas.” (*corpus 1* – Art. 8)

Nos exemplos 53 e 54 retomados acima, os adjuntos realizados pelos advérbios *meramente* e *razoavelmente* além de construírem uma significação de intensidade/grau sobre elementos da proposição também acrescentam uma significação sobre a realização ou não da expectativa do(a) autor(a) e/ou do(a) leitor(a) em relação ao conteúdo da proposição. No primeiro caso, o adjunto *meramente* informa ao(à) leitor(a) que a expectativa do(a) autor(a) era de que *a assimilação por parte do professor fosse vista não apenas como um processo cognitivo*, mas de uma outra forma. Já em 54, o adjunto *razoavelmente* parece responder a uma possível expectativa do(a) leitor(a) sobre a exaustividade da pesquisa em questão.

Outro caso que merece atenção diz respeito aos adjuntos modais de obviedade e persuasão. Ao que percebemos, durante o processo de classificação, tais adjuntos são realizados, preferencialmente, conforme descrições funcionais da língua portuguesa brasileira, por advérbios epistêmicos asseverativos (Neves, 2000) o que os coloca em uma linha muito tênue de distanciamento quanto aos significados modalizadores construídos. Segundo Neves (2000), os advérbios epistêmicos asseverativos afirmativos podem ser utilizados pelos falantes para apresentar o conteúdo proposicional como algo irrefutável

(*indubitavelmente, indiscutivelmente*), como resultado de uma evidência (*reconhecidamente, evidentemente*); como resultado da constatação da verdade dos fatos (*verdadeiramente, realmente*); como resultado da naturalidade dos fatos (*naturalmente, logicamente*); ou, ainda, como expressão da crença ou certeza do próprio falante (*certamente, seguramente*).

Nos *corpora* de análise, os adjuntos de obviedade foram realizados pelos advérbios epistêmicos *evidentemente* e *obviamente*, construindo, assim, o posicionamento da autoria como resultante de uma evidência.

Os adjuntos de persuasão, por sua vez, foram realizados por advérbios epistêmicos, tais como *verdadeiramente, realmente, naturalmente, seguramente, claramente*, etc. Nestes casos, os adjuntos construíram o posicionamento da autoria como resultante da constatação da verdade dos fatos (*verdadeiramente* e *realmente*), da naturalidade dos fatos (*naturalmente*) ou como resultante da crença dos(as) autores(as) (*seguramente* e *claramente*). Parece que, se compararmos as realizações dos adjuntos modais de obviedade e persuasão realizados por advérbios epistêmicos, perceberemos que em ambos os casos, o(a) autor(a) procura construir, frente aos interlocutores, a imagem de alguém que afirma algo sob alguma base confiável de sustentação e que, portanto, a informação pode ser tomada como aceitável. Sob o ponto de vista do significado interpessoal construído por esses adjuntos modais, não é fácil estabelecer, na maioria dos casos, diferenças que justifiquem claramente tal distinção. Mesmo assim, respeitando essa distinção que é proposta por Halliday (1994), centralizamos os adjuntos de obviedade somente nos casos em que o posicionamento é construído sob as bases argumentais do que é irrefutável e do que é evidente e lançamos todas as demais realizações com advérbios epistêmicos para a classificação dos adjuntos de persuasão. Fica, porém, a questão a ser

discutida para efeitos analíticos: dada a linha tênue que separa a distinção semântica entre os adjuntos modais de obviedade e persuasão, não seria mais produtivo agrupá-los todos sob o rótulo de adjuntos modais de persuasão, uma vez que, ao utilizarem ambos os tipos de adjuntos, os(as) autores(as) buscam convencer o(a) leitor(a) e angariar sua adesão?

Outra classificação que causou dúvida diz respeito aos adjuntos modais de suposição e validade. Tal dúvida deve-se, principalmente, ao uso dos advérbios focalizadores para a realização desses dois tipos de adjuntos modais, particularmente, no caso dos advérbios focalizadores *exatamente* e *justamente*.

É importante sublinhar que tais dúvidas acerca do reconhecimento e da classificação dos adjuntos modais em português brasileiro resultam, sobretudo, do fato de que este investimento analítico é pioneiro nesta tentativa e, portanto, está sujeito às imprecisões próprias de um terreno ainda pouco visitado. Assim, a tentativa de análise aqui proposta visa, apenas, iniciar uma discussão que ainda tem longa estrada a percorrer.

Desta feita, vencida a fase, longa e difícil, de mapeamento e classificação dos adjuntos modais, chegamos aos resultados quanto à frequência e à distribuição dos adjuntos nos *corpora* 1, 2 e 3. Vejamos tais resultados no ponto 5.2 que segue.

5.2 Frequência e Distribuição dos adjuntos modais nos exemplares dos *corpora* 1, 2 e 3.

Iniciaremos a apresentação destes dados a partir dos advérbios que realizaram a função de adjuntos modais e suas respectivas classificações nos *corpora* 1, 2 e 3.

QUADRO 17

Advérbios dos <i>corpora</i> 1, 2 e 3 que funcionaram como adjuntos modais (modalização)	
TIPO DE ADJUNTO	ADVÉRBIOS
ADMPOU – adjunto modal de polaridade	Não, sim, nem...
ADMINT – adjunto modal de intensidade	Muito, bastante, extremamente, excessivamente, pouco, bem, tão, quase, só, somente, apenas, propriamente, exclusivamente, relativamente, simplesmente, meramente, absolutamente, puramente, aproximadamente, fortemente, inteiramente, altamente, intimamente, praticamente, efetivamente, consideravelmente, completamente, totalmente, realmente, plenamente, parcialmente, unicamente, razoavelmente...
ADMPRO – adjunto modal de probabilidade	Possivelmente, provavelmente, talvez, certamente, indubitavelmente...
ADMUSU – adjunto modal de usualidade	Sempre, nunca, freqüentemente, raramente, dificilmente, correntemente, geralmente, constantemente, usualmente, normalmente, eventualmente...
ADMVAL – adjunto modal de validade	Didaticamente, morfologicamente, semanticamente, linguisticamente, comunicativamente, virtualmente, discursivamente, fonologicamente, foneticamente, biologicamente, teoricamente, transitivamente, tradicionalmente, cognitivamente, empiricamente, referencialmente, formalmente, informalmente, estilisticamente, resumidamente, conceitualmente, primariamente, descritivamente, composicionalmente, classicamente, crucialmente, principalmente, estritamente, especialmente, especificamente, particularmente, mormente, socialmente, tematicamente, essencialmente, pragmaticamente, potencialmente, idealmente, basicamente, metodologicamente, notadamente, intuitivamente, estatisticamente, culturalmente, lexicalmente, historicamente, dialogicamente, precisamente...
ADMTEM – adjunto modal de tempo	Já, ainda, desde, atualmente...
ADMSUP – adjunto modal de suposição	Exatamente, justamente, aparentemente, supostamente...
ADMOBV – adjunto modal de obviedade	Obviamente, evidentemente...
ADMDES – adjunto modal de desejo	Felizmente, infelizmente, lamentavelmente...
ADMPRED – adjunto modal de predição	Diferentemente, curiosamente, contrariamente...
ADMTIP – adjunto modal de tipicidade	Tipicamente...
ADMPERS – adjunto modal de persuasão	Realmente, verdadeiramente, naturalmente, seguramente, claramente...

O quadro acima nos mostra que os adjuntos de validade e intensidade foram os que apresentaram maior diversidade quanto aos advérbios utilizados para realizá-los, sendo que a função de adjunto de validade foi realizada por 48 advérbios distintos e a de adjunto modal de intensidade por 33 advérbios distintos. Os adjuntos de polaridade, apesar de terem sido os mais relevantes em termos de ocorrência, foram realizados por apenas três advérbios distintos, o que era esperado, pois os recursos de polaridade são limitados nas línguas.

A importância deste quadro demonstrativo diz respeito, principalmente, ao mapeamento dos advérbios que em português brasileiro podem realizar a função de adjunto modal com suas respectivas classificações. É certo, porém, que tal realização irá depender, sobremaneira, dos co-textos nos quais tais advérbios figurarem, como já foi demonstrado no tópico 5.1.

Passemos, agora, aos resultados sobre a frequência e a distribuição dos adjuntos modais em cada um dos *corpora* para depois realizarmos a comparação entre tais resultados. Começamos pelas tabelas 1, 2 e 3 que nos mostram os resultados referentes ao *corpus* 1 (10 artigos experimentais completos).

TABELA 1

Percentual de adjuntos modais realizados por advérbios simples em relação ao total de palavras não-repetidas (8.664) do *corpus* 1 (10 Artigos Experimentais completos)

Tipos de adjuntos modais	total	%
ADM	1.019	11.76
ADM - Polaridade	419	4.83
ADM - Intensidade	300	3.46
ADM - Validade	90	1.04
ADM - Usualidade	77	0.89
ADM - Probabilidade	46	0.53
ADM - Tempo	31	0.35
ADM - Suposição	20	0.23
ADM - Persuasão	16	0.30
ADM - Obviedade	08	0.09
ADM - Tipicidade	05	0.06
ADM - Predição	05	0.06
ADM - Desejo	02	0.02

Como observamos na TABELA 1, os advérbios que funcionam como adjuntos modais nos exemplares dos artigos experimentais correspondem a 11.76% do total de palavras não repetidas desse *corpus*. O percentual bastante significativo deve-se, principalmente, à utilização, por parte dos(as) autores(as), dos adjuntos modais de polaridade, de intensidade, de validade, de usualidade e de probabilidade, respectivamente (Cf. TABELA 2). Isto significa que os(as) autores(as) constroem significados interpessoais, significativamente, ao construírem negações, ao indicarem o grau de intensidade com que proferem suas proposições, ao delimitarem o campo de validade a partir do qual o conteúdo proposicional é válido, ao indicarem a frequência ou regularidade a partir da qual o(a) leitor(a) deve considerar o conteúdo da proposição e ao indicarem o grau de certeza ou dúvida a partir do qual o conteúdo proposicional é apresentado.

TABELA 2

Percentual dos tipos de adjuntos modais em relação ao total de adjuntos modais (1.019) do *corpus* 1 (10 Artigos Experimentais completos)

Tipos de adjuntos modais	total	%
ADM - Polaridade	419	41.11
ADM - Intensidade	300	29.44
ADM - Validade	90	8.83
ADM - Usualidade	77	7.55
ADM - Probabilidade	46	4.51
ADM - Tempo	31	3.04
ADM - Suposição	20	1.96
ADM - Persuasão	16	1.57
ADM - Obviedade	08	0.78
ADM - Tipicidade	05	0.49
ADM - predição	05	0.49
ADM - Desejo	02	0.19

Ao visualizarmos a TABELA 3 abaixo, percebemos que os adjuntos de polaridade, intensidade, validade, usualidade foram utilizados por todos os(as) autores(as) dos artigos; os adjuntos de probabilidade, suposição e obviedade foram utilizados por mais da metade dos(as) autores(as); os adjuntos de persuasão e tempo foram utilizados por

metade dos(as) autores(as) e, por fim, os adjuntos de predição, desejo e tipicidade, por menos da metade dos(as) autores(as).

TABELA 3

Distribuição dos adjuntos modais no *corpus* 1 (10 Artigos Experimentais completos)
(Resultado do cálculo da Lista de Consistência Detalhada)

Adjunto	Total de Artigos
ADM	10
ADMPOL - polaridade	10
ADMINT- intensidade	10
ADMUSU - usualidade	10
ADMVAL - validade	10
ADMPRO - probabilidade	09
ADMSUP - suposição	09
ADMOBV - obviedade	07
ADMPERS - persuasão	05
ADMTEM - tempo	05
ADMPRED - predição	04
ADMDES – desejo	01
ADMTIP - tipicidade	01

As tabelas 4, 5 e 6 que seguem abaixo revelam tais resultados em relação aos exemplares dos artigos teóricos (*corpus* 2). Vejamos.

TABELA 4

Percentual de adjuntos modais realizados por advérbios simples em relação ao total de palavras não-repetidas
(7.710) do *corpus* 2 (10 Artigos Teóricos completos)

Tipos de adjuntos modais	total	%
ADM	902	11.69
ADMPOL - Polaridade	392	5.08
ADMINT - Intensidade	250	3.24
ADMVAL – Validade	96	1.25
ADMTEM – Tempo	50	0.65
ADMUSU – Usualidade	47	0.61
ADMSUP - Suposição	32	0.41
ADMPRO – Probabilidade	25	0.32
ADMOBV - Obviedade	05	0.07
ADMDES – Desejo	02	0.03
ADMPERS - Persuasão	01	0.01
ADMPRED – Predição	01	0.01
ADMTIP - Tipicidade	01	0.01

TABELA 5

Percentual dos tipos de adjuntos modais em relação ao total de adjuntos modais (902) do *corpus 2* (10 Artigos Teóricos completos)

Tipos de adjuntos modais	total	%
ADMPOL - Polaridade	392	43.45
ADMINT - Intensidade	250	27.71
ADMVAL – Validade	96	10.64
ADMTEM – Tempo	50	5.54
ADMUSU – Usualidade	47	5.21
ADMSUP - Suposição	32	3.54
ADMPRO – Probabilidade	25	2.77
ADMOBV - Obviedade	05	0.55
ADMDES – Desejo	02	0.22
ADMPERS - Persuasão	01	0.11
ADMPRED – Predição	01	0.11
ADMTIP - Tipicidade	01	0.11

A TABELA 4 nos mostra que os adjuntos modais correspondem a 11.69% do total de palavras não repetidas dos exemplares de artigos teóricos (*corpus 2*) e que esse percentual deve-se, prioritariamente, ao uso dos adjuntos modais de polaridade, intensidade, validade, tempo e usualidade por parte dos(as) autores(as) destes exemplares. (Cf. TABELA 5)

Ao observarmos a TABELA 6, percebemos, ainda, que estes adjuntos foram recursos utilizados em todos os exemplares dos artigos, mas também o foram os adjuntos de probabilidade. Quanto à distribuição entre os exemplares dos artigos, também merecem atenção os adjuntos de suposição e obviedade que figuraram, respectivamente, em 8 e 5 exemplares do *corpus 2*.

TABELA 6

Distribuição dos adjuntos modais no *corpus* 2 (10 Artigos Teóricos completos)
(Resultado do cálculo da Lista de Consistência Detalhada)

Adjunto	Total de Artigos
ADM	10
ADMPOL – polaridade	10
ADMINT – intensidade	10
ADMUSU – usualidade	10
ADMVAL – validade	10
ADMPRO – probabilidade	10
ADMTEM – tempo	10
ADMSUP – suposição	08
ADMOBV – obviedade	05
ADMPRED – predição	01
ADMDES – desejo	01
ADMPERS – persuasão	01
ADMTIP - tipicidade	01

Quanto ao *corpus* 3 (Artigos de Revisão), observemos as tabelas 7,8 e 9, apresentadas abaixo.

TABELA 7

Percentual de adjuntos modais realizados por advérbios simples em relação ao total de palavras não-repetidas (10.067) do *corpus* 3 (10 Artigos de Revisão completos)

Tipos de adjuntos modais	total	%
ADM	962	9.55
ADMPOL - Polaridade	368	3.65
ADMINT - Intensidade	228	2.26
ADMTEM – Tempo	144	1.43
ADMVAL – Validade	124	1.23
ADMUSU – Usualidade	35	0.35
ADMPRO – Probabilidade	26	0.26
ADMSUP - Suposição	15	0.15
ADMPRED – Predição	07	0.07
ADMOBV - Obviedade	07	0.07
ADMDES – Desejo	05	0.05
ADMPERS - Persuasão	02	0.02
ADMTIP - Tipicidade	01	0.01

TABELA 8

Percentual dos tipos de adjuntos modais em relação ao total de adjuntos modais (962) do *corpus* 3 (10 Artigos de Revisão completos)

Tipos de adjuntos modais	total	%
ADMPOl - Polaridade	368	38.25
ADMINT - Intensidade	228	23.70
ADMTEM – Tempo	144	14.96
ADMVAL – Validade	124	12.88
ADMUSU – Usualidade	35	3.63
ADMPRO – Probabilidade	26	2.70
ADMSUP - Suposição	15	1.55
ADMPRED – Predição	07	0.72
ADMOBV - Obviedade	07	0.72
ADMDES – Desejo	05	0.52
ADMPERS - Persuasão	02	0.21
ADMTIP - Tipicidade	01	0.10

Na TABELA 7, verificamos que o percentual de adjuntos modais corresponde a 9.55% do total de palavras não repetidas do *corpus* e que este percentual deve-se, particularmente, aos adjuntos de polaridade, intensidade, tempo e validade, respectivamente.

Observando a TABELA 9, percebemos, ainda, que tais adjuntos figuraram em 100% dos exemplares, assim como também os adjuntos de usualidade, que, apesar da baixa frequência, foram utilizados como recurso interpessoal em todos os exemplares do *corpus* 3. Vale, ainda, salientar que os adjuntos de probabilidade e suposição foram utilizados em mais da metade dos artigos.

TABELA 9

Distribuição dos adjuntos modais no *corpus* 3 (10 Artigos de Revisão completos)
(Resultado do cálculo da Lista de Consistência Detalhada)

Adjunto	Total de Artigos
ADM	10
ADMPOL – polaridade	10
ADMINT – intensidade	10
ADMUSU – usualidade	10
ADMVAL- validade	10
ADMTEM – tempo	10
ADMPRO – probabilidade	06
ADMSUP – suposição	06
ADMPRED – predição	04
ADMOBV – obviedade	02
ADMDES – desejo	02
ADMPERS – persuasão	02
ADMTIP - tipicidade	01

Com esses resultados em mãos, verifiquemos comparativamente, a partir da TABELA 10, a utilização dos adjuntos modais nos três *corpora* analisados.

TABELA 10

Comparação entre os *corpora* 1, 2 e 3 (percentagem em relação ao número de palavras não-repetidas)

	Total de palavras não repetidas	Percentual de ADMs	ADMs mais recorrentes em ordem de frequência
<i>Corpus 1</i>	8.664	11.76%	Polaridade, intensidade, validade, usualidade e probabilidade.
<i>Corpus 2</i>	7.710	11.69%	Polaridade, intensidade, validade, tempo e usualidade (suposição).
<i>Corpus 3</i>	10.067	9.55%	Polaridade, intensidade, tempo, validade e usualidade.

Como podemos visualizar, os artigos experimentais e teóricos apresentaram, praticamente, o mesmo percentual de adjuntos modais em contraste com o percentual apresentado pelos artigos de revisão, que apesar de, significativamente, maiores em extensão, utilizaram em menor escala os adjuntos modais realizados por advérbios simples como recurso interpessoal de posicionamento.

Outra observação interessante diz respeito aos tipos de adjuntos que foram mais recorrentes em cada um dos *corpora*, uma vez que nos artigos experimentais e teóricos, os

três adjuntos mais relevantes quanto ao quesito frequência foram os de polaridade, intensidade e validade, respectivamente. Por outro lado, os adjuntos mais recorrentes nos artigos de revisão foram os adjuntos de polaridade, intensidade e **tempo**. Também chama a atenção o fato de que os adjuntos de probabilidade somente figuraram, como relevantes em termos de sua frequência, entre os artigos experimentais. Talvez isto tenha relação com a concentração deste tipo de adjunto na seção de Resultados e Discussão dos Dados, própria destes artigos. Isto somente poderá ser comprovado no próximo capítulo de análise, quando trataremos, especialmente, desta questão.

Estes dados parecem sugerir que:

- Os artigos experimentais e teóricos assemelham-se em relação ao uso de adjuntos modais, tanto no que diz respeito ao percentual de utilização dos adjuntos modais de uma forma geral, quanto no que diz respeito aos tipos de adjuntos que foram mais utilizados pelos(as) autores(as).
- Os artigos de revisão, apesar de maiores em extensão, utilizam em menor proporção do que os artigos experimentais e teóricos, os adjuntos modais realizados por advérbios simples. Isto pode indicar que os artigos de revisão permitem em menor grau a construção de significados de posicionamento e avaliação da autoria uma vez que têm como objetivo central apresentar o percurso histórico de um campo teórico, sem exigir o uso recorrente de estratégias interpessoais de posicionamento da autoria em prol do convencimento do público alvo. Os artigos experimentais e teóricos, por outro lado, têm como objetivos centrais convencer o(a) leitor(a) acerca do acerto e da validade das hipóteses apresentadas pelos(as) autores(as) e dos argumentos que as sustentam, requisitando, pois, com maior relevância o

uso de estratégias para construção de significados interpessoais e dos adjuntos modais por consequência.

- Quanto aos tipos de adjuntos que mais foram utilizados pelos(as) autores(as) dos artigos, podemos sugerir que: de uma forma geral, os autores dos artigos experimentais, teóricos e de revisão utilizaram o recurso da negação, e do grau de intensificação sobre o conteúdo proposicional como as duas estratégias mais recorrentes para a construção dos significados interpessoais por meio do uso de adjuntos modais. Por outro lado, os artigos experimentais e teóricos também apresentaram como bastante recorrente o uso dos adjuntos de validade que circunscrevem o campo de validação do conteúdo proposicional. Os artigos de revisão, por sua vez, apresentaram os adjuntos modais de tempo como o terceiro tipo de adjunto mais significativamente utilizado pelos(as) autores(as). É válido, ainda, ressaltar que somente os artigos experimentais apresentaram um percentual significativo de adjuntos modais de probabilidade e apenas os artigos teóricos apresentaram um percentual significativo de adjuntos modais de suposição.

Os artigos teóricos e os de revisão de literatura se assemelham no que diz respeito à sua organização retórica, posto que apresentam as unidades retóricas Introdução, Revisão de Literatura e Considerações Finais, mas não apresentam as unidades retóricas de Metodologia e Resultados e Discussão dos Dados como o fazem os artigos experimentais. Todavia, artigos teóricos e de revisão parecem diferenciar-se quanto ao uso de adjuntos modais como recursos interpessoais de construção de posicionamento da autoria. Quanto a esse quesito, os artigos teóricos parecem aproximar-se, sobremaneira, dos artigos

experimentais. Assim, podemos inferir que os artigos experimentais e teóricos permitem e, diríamos, requisitam maior utilização de significados interpessoais de posicionamento da autoria do que os artigos de revisão de literatura.

Assim, os resultados sugerem a confirmação de que os artigos experimentais, teóricos e de revisão diferem não somente quanto aos seus objetivos e organização retórica, mas também quanto aos recursos utilizados pelos(as) autores(as) para construir significados interpessoais.

De uma forma geral, os percentuais de frequência dos adjuntos modais nos *corpora* contestam a visão já amplamente refutada, embora ainda veiculada, de que o discurso científico se constitui unicamente em um espaço para apresentação de informações. Este discurso é, antes de tudo, um espaço de construção e negociação de significados, de alianças e disputas entre pares de uma cultura disciplinar.

Como já foi explicitado, o mapeamento dos adjuntos modais nos *corpora* teve como objetivo central levantar e mapear elementos léxico-gramaticais que foram utilizados pelos(as) autores(as) para construir significados interpessoais. Porém cabe, ainda, saber de que forma os adjuntos modais utilizados constroem o grau de compromisso desses(as) autores(as) em relação ao conteúdo proposicional, uma vez que alguns adjuntos funcionam para fortalecer esse compromisso, enquanto outros funcionam para enfraquecê-lo. Para tanto, é necessário verificar quais desses adjuntos funcionaram como marcadores metadiscursivos de atenuação ou de intensificação do comprometimento do autor em relação às suas proposições. Este será, portanto, o próximo passo de análise.

Capítulo 6

Observando os marcadores metadiscursivos

Interpersonal metadiscourse alerts readers to the author's perspective towards both the propositional information and the readers themselves, thus contributing to a writer-reader relationship and anticipating the subjective negotiability of statements. Metadiscourse here is a essentially interactional and evaluative and expresses a writer's persona. In academic writing this is socially defined by the discourse community and influences such matters as the author's intimacy and remoteness, the expression of attitude, degree of a reader involvement, apparent commitment to propositional content and so on.

Ken Hyland, *Persuasion and context: the pragmatics of academic metadiscourse*

Como já foi dito, neste capítulo passamos à verificação de quais dos adjuntos modais mapeados funcionaram como mecanismos metadiscursivos de acordo com Hyland (2000/ 2004). Os procedimentos deste mapeamento já foram apresentados e explicados no capítulo de metodologia desta tese. Seguindo a classificação dos principais tipos de marcadores metadiscursivos apontados por Hyland, verificamos que os adjuntos modais de probabilidade e suposição ora foram utilizados como marcadores de atenuação, ora como marcadores de ênfase; os adjuntos modais de persuasão, obviedade e alguns de intensidade funcionaram como marcadores de ênfase; os adjuntos modais de desejo e alguns de predição e de intensidade foram utilizados como marcadores atitudinais e alguns adjuntos de validade; de intensidade e de usualidade funcionaram como marcadores atributivos. Vejamos as frequências desses marcadores nos corpora 1 (artigos experimentais); 2 (artigos teóricos) e 3 (artigos de revisão) na tabela abaixo:

TABELA 11
 Comparação entre as ocorrências de marcadores interpessoais nos corpora 1, 2 e 3.

METADISCURSO INTERPESSOAL	AE (10 artigos experimentais)	AT (10 artigos teóricos)	AR (10 artigos de revisão)
<MATR> marcadores atributivos	274	219	248
<ME> marcadores de ênfase	44	50	32
<MA> marcadores de atenuação	46	18	13
<MAT> marcadores atitudinais	09	06	10
Total de marcadores metadiscursivos (soma dos marcadores acima)	373	293	303

Observando os números apresentados na tabela acima, percebemos que o número total de marcadores metadiscursivos é significativamente maior nos artigos experimentais (80 a mais que nos artigos teóricos e 70 a mais que nos artigos de revisão). Percebemos também que o principal tipo de marcador utilizado pelos(as) autores(as) de artigos experimentais, teóricos e de revisão foi o *marcador atributivo*, ou seja, aquele que circunscreve o campo de validade do conteúdo proposicional. É interessante, ainda, perceber que houve um equilíbrio significativo na quantidade de marcadores atributivos, marcadores de ênfase e de marcadores atitudinais nos três *corpora*. Por outro lado, chama a atenção o fato de que os artigos experimentais apresentaram um número bastante superior de *marcadores de atenuação* em relação aos artigos teóricos e aos artigos de revisão. Esses dados parecem sugerir que os artigos experimentais diferenciam-se dos artigos teóricos e dos artigos de revisão não somente quanto aos seus objetivos ou quanto à distribuição retórica de suas unidades informacionais, mas também quanto à construção do metadiscorso interpessoal. Assim, do ponto de vista da construção do metadiscorso

interpessoal, parece que os(as) autores(as) de exemplares de artigos experimentais utilizam mais marcadores de atenuação do que os autores de artigos teóricos e de revisão. Isto indica que há nestes artigos uma maior preocupação em minimizar o compromisso do(a) escritor(a) com a veracidade/precisão do conteúdo proposicional e que este conteúdo é construído sobre argumentos e razões plausíveis e sujeitas a contestação mais do que sobre conhecimento factual, tornando-se, pois, mais facilmente, objeto de debates e disputas.

Observemos, agora, a partir de uma amostragem dos *corpora* (5 exemplares de cada *corpora*), como esses marcadores metadiscursivos estão distribuídos nas unidades retóricas dos três tipos de artigos. Iniciemos observando a tabela abaixo que revela os números em relação aos artigos experimentais:

TABELA 12

Marcadores do metadiscurso interpessoal por unidade retórica – artigos experimentais (5 exemplares)

UR→ MI↓	INTRODUÇÃO	REV. LITERATURA	METODOLOGIA	RESULTADOS E DISCUSSÃO	CONSID. FINAIS
MARCADOR DE ATENUAÇÃO <MA>	_____	02	09	10	05
MARCADOR DE ÊNFASE <ME>	03	09	02	05	01
MARCADOR ATRIBUTIVO <MATR>	20	36	28	57	09
MARCADOR ATITUDINAL <MAT>	01	_____	_____	02	01

A partir da leitura da tabela, podemos verificar algumas importantes informações. Primeiro que os marcadores atributivos, tais como *principalmente*, *particularmente*, *estritamente*, etc. são o tipo de marcador predominante em todas as unidades retóricas dos 5 exemplares de artigos experimentais. Por outro lado, os

marcadores atitudinais do tipo *infelizmente, felizmente, inesperadamente*, etc. foram aqueles utilizados em menor escala em todas as unidades retóricas. Outra observação interessante é que a unidade retórica Resultados e Discussão foi aquela na qual os autores utilizaram em maior escala os marcadores metadiscursivos – um total de 74 marcadores metadiscursivos, contrapondo-se a 47 marcadores na unidade de Revisão de Literatura, 39 marcadores na seção de Metodologia, 24 na Introdução e 16 marcadores metadiscursivos na unidade retórica destinada às considerações finais. *Isto parece indicar que a seção de Resultados e Discussão é aquela na qual os autores mais regularmente constroem posicionamentos.*

Podemos explicar essa elevada proporção de marcadores metadiscursivos pela sua relação aos objetivos que norteiam a construção dessa unidade retórica, particularmente aos seguintes objetivos: *declaração de resultados; explicação de final (in)esperado e avaliação da descoberta* (MOTTA-ROTH, 2002b:79). Como podemos verificar, nessa seção os autores apresentam, comentam, interpretam e discutem os resultados obtidos em suas investigações e o fazem em relação aos conhecimentos já produzidos e acumulados na área de pesquisa. Há, portanto, uma preocupação em modalizar as declarações em busca de convencer os leitores acerca da validade da pesquisa e, portanto, em busca de angariar adesão. Além disso, como aponta Myers (1991) há ainda, a preocupação com o elemento da polidez em relação aos pares da comunidade acadêmica. O uso mais presente de marcadores metadiscursivos nessa seção dos artigos experimentais se justifica, pois, pelo fato de que, como afirma Silva (1999) a unidade retórica de resultados e discussão é a principal responsável pela garantia da permanência da pesquisa na sua área de atuação. É nesta seção que os autores argumentam a favor de seus achados e buscam, portanto, legitimar sua pesquisa e ganhar a adesão e o respeito de seus pares.

Outra observação relevante é que foi também nesta seção que os marcadores de atenuação e os marcadores atitudinais foram mais utilizados pelos autores dos artigos experimentais. Isto é relevante porque tais marcadores são os que mais explicitamente indicam posicionamento e avaliação. Esses dados parecem justificar por que os artigos experimentais são aqueles nos quais os autores mais utilizam marcadores de atenuação. Isso é resultante, exatamente, do alto percentual de uso desses marcadores na seção de Resultados e Discussão, seção essa que não figura nos demais tipos de artigos.

È válido observar, ainda, que os marcadores de atenuação não foram utilizados na seção Introdução e pouco foram utilizados na seção Revisão de Literatura. Esse fato, provavelmente, está relacionado aos objetivos dessas unidades retóricas. Ou seja, na Introdução dos artigos, os(as) autores(as) visam, mormente, situar o campo da pesquisa, assim como apresentar seus objetivos; na Revisão de Literatura, visam, principalmente, citar e estender pesquisas prévias (HENDGES, 2001). Não há, pois, uma preocupação com estratégias de convencimento e busca de aceitação de argumentos.

Vejamos alguns exemplos das realizações dos marcadores metadiscursivos no *corpus* de artigos experimentais e as nuances de significação que são construídas a partir desse uso. A apresentação dos excertos far-se-á inicialmente a partir dos marcadores de atenuação. É importante lembrar que verificamos os marcadores a partir do mapeamento da categoria gramatical dos adjuntos modais (HALLIDAY; 1994) que funcionaram como marcadores metadiscursivos. O objetivo aqui é realizar um olhar mais detido sobre as realizações desses marcadores metadiscursivos.

CORPUS 1 – 10 ARTIGOS EXPERIMENTAIS

Total de marcadores metadiscursivos – 373 ocorrências

Marcadores de atenuação (MA) – 46 ocorrências

Marcador de atenuação realizado por adjunto modal de probabilidade – <ADMPRO-MA> 43 ocorrências (talvez, provavelmente, possivelmente...)

Ex.72:

Proponho, portanto, uma mirada um pouco mais de perto na sugestão do grande mestre (adepto, **talvez** <ADM> <ADMPROMA> <MA> o único em nosso País, da fonologia do Círculo Lingüístico de Praga - Leite 1990:35) de que a oposição fonológica fundamental entre as consoantes no sistema fonológico do Português seja entre obstruintes e soantes, e de suas possíveis conseqüências. (*corpus 1 –Art.3*)

No exemplo acima, podemos perceber que o(a) autor(a) utiliza o adjunto modal de probabilidade como marcador de atenuação para, provavelmente, se resguardar de possíveis críticas caso existam outros pesquisadores adeptos da fonologia do Círculo Lingüístico de Praga. Além disso, evita ameaçar a interação com esses possíveis pesquisadores.

Já nos três exemplos abaixo, os (as) autores(as) atenuam a força de suas proposições, pois, nesses excertos, o que eles(as) estão fazendo é construir hipóteses que podem ser questionadas, contestadas e também reformuladas. Percebamos que, nestes casos, os(as) autores(as) dialogam com a audiência não para responder a possíveis críticas, mas para dizer que as proposições apresentadas são hipóteses construídas sob bases de uma análise que se coloca no campo do que é parcialmente percebido a partir de um determinado ângulo de observação (*talvez, provavelmente, possivelmente*). Isto significa que os(as) autores(as) aceitam a possibilidade de dialogar como outros resultados que partam de ângulos de observação distintos.

Ex. 73:

[...] segundo Corominas, (1961) e por aparecer em um contexto bem mais específico; ficou entre as palavras de nível médio de dificuldade, para os FE. (5) Palavras não-cognatas: "embora" (port.) = "aunque" (esp.); "beterraba" (port.) = "remolacha" (esp.). A nosso ver, o fato de existirem as variantes "beteraba" e "betabel", **possivelmente** <ADM> <ADMPROMA> <MA>, foi o que fez com que houvesse uma pequena variação nos números, a favor dos FE, o que não <ADMPOL> <ADM> chegou a alterar o resultado global. Em situação semelhante se encontra o par "pero" (esp., <lat. per hoc) = "porém" (port., <lat. proinde, através do arcaísmo 'porende'), só <ADM> <ADMINTMATR> <MATR> que, desta vez, a variação numérica favorece os FP, **possivelmente** <ADM> <ADMPROMA> <MA> porque o contraste entre as idéias está mais claro no texto em espanhol. (*corpus 1 – Art.6*)

Ex. 74:

[O termo emprestado da LP apresenta-se grafado em itálico no TT.] O empréstimo pode representar uma economia de tempo para o tradutor ao invés de recorrer a uma solução mais complexa envolvendo adaptações; daí, **talvez**, <ADM> <ADMPROMA> <MA> a sua maior incidência nos textos jornalísticos. Também o empréstimo pode ser utilizado pelo tradutor literário para passar a "cor local" pretendida pelo autor do TO. (*Corpus 1 – Art.8*)

Ex.75:

Parece-nos que a atividade desenvolvida pelos trabalhadores do período noturno não tem as mesmas características que a do pessoal do diurno, desse modo, é possível que esses informantes vivam relações diferentes, **talvez** <ADM> <ADMPROMA> <MA> porque suas posições na hierarquia da empresa não sejam as mesmas. (*corpus 1- Art.4*)

Já com os adjuntos de suposição apresentados nos próximos três exemplos abaixo, os (as) autores(as) enfraquecem a força de suas proposições ao posicionarem-se como alguém que não tem certeza quanto à veracidade do conteúdo proposicional. O adjunto modal *aparentemente* indica como os dados foram apreendidos e parece lançar a proposição como resultante de uma observação cujo valor de confiabilidade da validade proposicional (HYLAND, 1996:441) está pautado na aparência dos dados. É como se o(a) autor(a) dissesse: *isto foi o percebido pela aparência dos fatos.*

Marcador de atenuação realizado por adjunto modal de suposição <ADMSUP-MA> 03 ocorrências (aparentemente)

Ex. 76:

A segunda proposta pareceria mais interessante, por nos desocupar de justificar porque OCP funciona entre Núcleo e Coda mas - **aparentemente** <ADM> - <ADMSUPMA> <MA> não entre Onset e Núcleo. E também pareceria fazer mais jus ao caráter claramente fonético que os falantes nativos reconhecem nesse

tipo de nasalização, talvez <ADM> <ADMPROMA> <MA> explicando mais facilmente seu caráter gradiente (fazendo-o depender da taxa de alongamento da vogal, relacionada à velocidade da fala, proeminência no sintagma e frase, etc)26. (*corpus 1 – Art.3*)

Ex. 77

[...] consciente do que é uma leitura... né?... vai aprender mais Atente-se para o fato de que, em lugar de uma assimilação e, portanto, de uma reestruturação que tenderia a reorganizar de maneira homogênea as estruturas prévias no que diz respeito à teoria da leitura, nota-se a presença de várias vozes, acoplando-se umas às outras, sem que nenhuma, **aparentemente** <ADM> <ADMSUPMA> <MA>, desapareça. A mudança de concepção se dá pela justaposição de vozes que provêm [...] (*corpus 1- Art.1*)

Ex.78:

Diferentemente de Priscila, o que se privilegia aqui nas interações não é o jogo de ordenar, mas o de contar. Num processo **aparentemente** <ADM> <ADMSUPMA> <MA> semelhante ao de Priscila, há também uma grande incidência do jogo de nomear, segundo em frequência de incidência. O jogo de ordenar, não está, entretanto ausente: é o terceiro em incidência na 2ª e 3ª gravações. No caso da primeira gravação (02;02), a terceira maior incidência é do jogo de papéis, dentro do qual o jogo de ordenar, o de contar e o de nomear se dão. O exemplo 6 abaixo é um bom exemplo da tecitura do ordenar/nomear/contar, [...] (*corpus 1- Art. 10*)

É interessante perceber que ao utilizarem os marcadores de atenuação realizados por adjuntos modais de probabilidade <ADMPROMA>, os(as) autores(as) se responsabilizam mais fortemente pelo enunciado do que quando usam marcadores de atenuação realizados por adjuntos modais de suposição <ADMSUPMA>. Parece que isto se deve a que, no primeiro caso, a fonte do posicionamento, da interpretação é a autoria, no segundo, é a aparência dos dados; é como o objeto de análise se apresenta ao pesquisador. Há, portanto, graus distintos de agentividade (HYLAND, 1996), ou seja, o grau de associação do conteúdo proposicional com a fonte do conteúdo – a autoria.

Por exemplo, no excerto “*A segunda proposta pareceria mais interessante, por nos desocupar de justificar porque OCP funciona entre Núcleo e Coda mas - aparentemente <ADM> - <ADMSUPMA> <MA> não entre Onset e Núcleo.*” Podemos ler da seguinte forma: *OCP, aparentemente, não funciona entre Onset e Núcleo.* Se a proposição tivesse sido construída sem o marcador metadiscursivo, leríamos que *OCP não funciona entre Onset e Núcleo* e, portanto, o(a) autor(a) estaria comprometendo-se completamente com o conteúdo

proposicional. Se tivéssemos *OCP*, ***possivelmente***, *não funciona entre Onset e Núcleo*, o (a) autor (a) estaria dizendo que o conteúdo proposicional é o resultado de uma hipótese advinda de sua análise. Mas ao usar, *aparentemente*, o(a) autora(a) está dizendo que observou e constatou o que os dados mostraram (a aparência do objeto observado). Sua responsabilidade em relação à veracidade do conteúdo proposicional, portanto, diminui, uma vez que ele(a) parece mais constatar do que interpretar. Como podemos perceber, isto indica diferentes graus de verificação, agentividade e cooperação no uso dos marcadores de atenuação.

Já no exemplo (79) abaixo, o adjunto modal de suposição parece sugerir que o(a) autor(a) discorda de que *os efeitos de sentido sejam paradoxais*, mas diz que eles são *aparentemente paradoxais* talvez para não agredir a face dos leitores que assim o perceberam. Desta forma, o(a) autor(a) constrói seu argumento, negociando posicionamentos distintos dentro do próprio texto.

Ex.79:

Em (30), a identidade específica do Agente é desconhecida, e a inclusão, na oração em VPA, de um agente da passiva como “pelos criminosos” ou “pelos seqüestradores” seria redundante. No segundo período em (30), fica claro que tal Agente é pressuposto como predizível, segundo sugere o emprego do artigo definido no SN os bandidos:

A análise das ocorrências que apresentam agente da passiva revela uma situação mais complexa. A motivação, nesses casos, varia entre o efeito de desfocamento do Agente, apresentado em um plano secundário de importância, e, inversamente, a colocação do Agente em posição focal, em geral no final da oração. É indispensável observar que esses dois efeitos de sentido, **aparentemente** <ADM> <ADMSUPMA> <MA> paradoxais, só <ADM> <ADMINTMATR> <MATR> podem ser atribuídos às orações em função de seu co-texto específico de ocorrência. (*Corpus 1- Art.9*)

Vejamos, então, no diagrama abaixo, indicativos dos significados construídos pelos marcadores de atenuação que foram realizados por distintos adjuntos modais nos exemplares dos artigos experimentais analisados:

MARCADORES DE ATENUAÇÃO EM ARTIGOS EXPERIMENTAIS

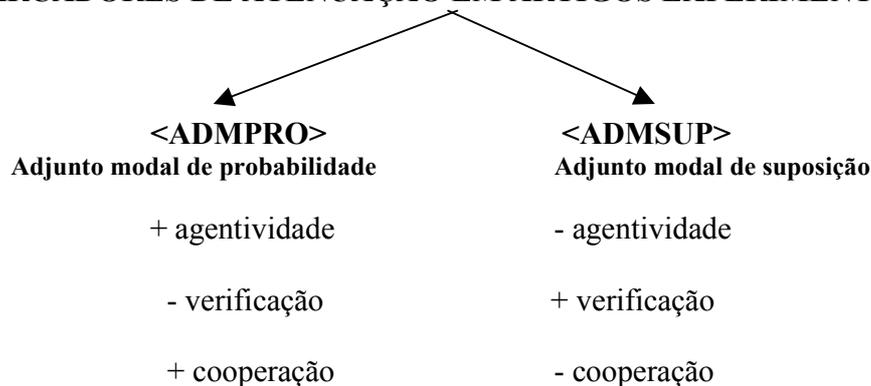


FIGURA 11 – Significados metadiscursivos dos marcadores de atenuação realizados por adjuntos modais (advérbios simples) *corpus* de artigos experimentais.

Como podemos perceber, o uso dos adjuntos modais de probabilidade expressa maior agentividade que o uso dos adjuntos de suposição, ou seja, ao usarem os adjuntos de probabilidade para atenuar o grau de exatidão/asseveração de suas proposições, os(as) autores(as) apresentam-se mais explicitamente como fonte dessas proposições e, portanto, mais responsáveis por elas. Por outro lado, ao utilizarem os adjuntos modais de suposição, lançam essa responsabilidade para os fatos, para as coisas no mundo, construindo, assim, um viés mais objetivo para suas proposições. É a partir daí que podemos dizer também que o grau de verificação é maior com o uso dos adjuntos modais de suposição, posto que este critério de caracterização refere-se ao grau de segurança que pode ser investido na proposição e, portanto, ao grau de confiabilidade que a audiência pode atribuir às declarações construídas. Como vimos, se, por um lado, adjuntos modais de probabilidade explicitam em maior medida a agentividade, por outro lado, diminuem o grau de verificação ao lançar o conteúdo proposicional como algo resultante de probabilidades/possibilidades advindas da interpretação da autoria. Já os adjuntos modais

de suposição, ao lançarem a agentividade para os fatos ampliam o grau de verificação, ao objetivar o conteúdo preposicional.

Quanto ao critério da cooperação, percebemos que os adjuntos modais de probabilidade posicionam a autoria em um lugar de diálogo aberto com sua audiência. Ao atenuar o grau de certeza de suas proposições, os(as) autores(as) posicionam-se em um terreno aberto à polêmica. Por outro lado, também posicionam-se como quem considera que o conhecimento é uma construção que mais do que certezas conduz a achados plausíveis e aceitáveis a partir de determinados parâmetros de investigação, mas nunca categóricos. Os exemplos nos mostraram que, já com os adjuntos modais de suposição, os(as) autores(as) procuram diminuir a margem para prováveis discordâncias, uma vez que suas informações provêm do que os dados apresentam, mais do que de suas interpretações sobre os dados.

Se voltarmos aos dados encontrados no levantamento quantitativo dos marcadores de atenuação presentes nos exemplares de artigos experimentais, verificaremos que das 46 ocorrências desses marcadores, 43 foram realizadas por adjuntos modais de probabilidade. Isto parece nos mostrar, portanto, que, predominantemente, os(as) autores(as) atenuaram suas proposições para construí-las como resultado de suas interpretações; para, antevendo a pluralidade de posições de seus pares na academia, manter o diálogo aberto; e para expressar sua visão sobre o conhecimento como construção e não como constatação.

Vejam os adjuntos que funcionaram como marcadores de ênfase nos artigos experimentais. Foram eles, os adjuntos de suposição, de persuasão, de obviedade, de probabilidade e alguns adjuntos de intensidade.

Marcadores de ênfase (ME) – 44 ocorrências

Marcador de ênfase realizado por adjunto modal de suposição - <ADMSUP-ME> 16 ocorrências (*justamente*)

Ex.80:

Noutras pesquisas, como Moraes (1990:69) têm sido apontados como provável razão os cursos de formação para professores, freqüentemente estruturalistas e prescritivos. Isso acontece **justamente** <ADM> <ADMSUPME> <ME> porque se trata, em Abrahão (1996), de verificar até que ponto as reflexões teóricas, que a própria pesquisadora havia proporcionado à professora ao longo de dois anos, foram capazes de transformar sua prática pedagógica (*Corpus 1 - Art.1*)

Ex.81:

Como vemos, reencontramos, nestes exemplos de interação, a função do jogo de nomear de construir a designação de novos objetos desconhecidos ainda da criança (tartaruga, hipopótamo, alpiste), mas também já vemos, pelos últimos turnos do exemplo, que a criança se encontra já numa situação de reciprocidade para um segundo tipo de atividade de linguagem sobre a ilustração, além da nomeação, que é o relato da ação figurada na ilustração ("Passarinhu tá duminu tamém."). É **justamente** <ADM> <ADMSUPME> <ME> este tipo de atividade que faz do jogo de contar o segundo em incidência nesta gravação. (*Corpus 1- Art. 10*)

Ex.82:

Como vimos acima, o autor chega a equacionar a noção de jogos de linguagem em Wittgenstein a certas visões de discurso, correntes em certas teorias do discurso, dentre elas a que estamos adotando. A nosso ver, é **justamente** <ADM> <ADMSUPME> <ME> a partir do conceito wittgensteiniano de jogo de linguagem que uma tal releitura pode ser articulada. (*Corpus 1- Art. 10*)

Ex.83:

O emprego da forma ativa correspondente não possibilitaria que essas nominalizações preenchessem a função de Tema não-marcado. No exemplo (3), é especialmente <ADM> <ADMVALMATR> <MATR> significativo o fato de que a forma perifrástica tomar decisão tenha sido escolhida em vez do Predicador decidir. Essa opção permite **justamente** <ADM> <ADMSUPME> <ME> tomar os eventos descritos anteriormente como ponto de partida da nova mensagem, o que formas alternativas com o verbo decidir não permitiriam. (*Corpus 1 – Art.9*)

Observando os exemplos acima, o que percebemos é que os(as) autores(as) utilizam o adjunto (*justamente*) como forma de afastar outras possibilidades explicativas para o que está sendo afirmado/explicado em cada um dos textos. Além disso, apresentam o conteúdo como resultado de raciocínio lógico. Neste caso, os(as) autores(as) deixam pouca margem de negociação e polêmica para o(a) leitor(a).

É interessante notar, porém, que essa margem de negociação depende consideravelmente do co-texto no qual está circunscrito o marcador de ênfase. Em (80), por exemplo, o fato é explicado a partir do posicionamento de Abrão (1996). Assim, a responsabilidade do(a) autor(a) é transferida a um outro membro da comunidade disciplinar com o qual o(a) autor(a) do artigo em questão concorde. Então, a justeza do argumento que dá suporte à proposição não tem sua fonte na autoria. Em (82), por outro lado, a responsabilidade sobre a justeza da proposição é lançada sobre a autoria por meio do uso do plural majestático, ampliando, assim, consideravelmente, o grau de agentividade imprimido à proposição.

Podemos perceber, pois, que o grau de verificação é maior em (80) do que em (82), pois o argumento é construído a partir de um conhecimento já estabelecido na comunidade disciplinar e, portanto, é posicionado como mais confiável.

Já quanto ao grau de cooperação/ negociação, no exemplo (82), o(a) autor(a) ao responsabilizar-se pela proposição, também assume a posição de construir o conteúdo proposicional como algo negociável. O que não ocorre em (80) uma vez que a responsabilidade sobre a proposição vem de uma fonte já estabelecida na comunidade disciplinar.

Já, com os adjuntos modais de persuasão, os(as) autores(as) constroem significados que visam maior engajamento com os(as) leitores(as), buscando, assim, melhores condições de aceitabilidade na interação. Assim, no exemplo (84) abaixo, o(a) autor(a) utiliza o adjunto *claramente* para construir o conteúdo proposicional como conhecimento partilhado e, portanto, aceito pela comunidade disciplinar. Desta feita, mesmo que o(a) leitor(a), por exemplo, seja um membro iniciante nesta comunidade e, portanto, não compartilhe a informação, ele (a) a tomará como conteúdo já consolidado

pelos membros experientes da comunidade e, portanto, como conteúdo a ser assimilado e aceito e, como resultante disto, dificilmente estabelecerá uma relação polêmica com o(a) autor(a) acerca deste ponto. Na verdade, aqui, o(a) leitor(a) é convidado a corroborar esta posição, uma vez que ela já é aceita pela comunidade disciplinar.

**Marcador de ênfase realizado por adjunto modal de persuasão – <ADMPERS-ME>
13 ocorrências (*claramente, realmente, naturalmente...*)**

Ex.84:

. A segunda proposta pareceria mais interessante, por nos desocupar de justificar porque OCP funciona entre Núcleo e Coda mas - aparentemente <ADM> - <ADMSUPMA> <MA> não entre Onset e Núcleo. E também pareceria fazer mais jus ao caráter **claramente** <ADM> <ADMPERSME> <ME> fonético que os falantes nativos reconhecem nesse tipo de nasalização, talvez <ADM> <ADMROMA> <MA> explicando mais facilmente seu caráter gradiente (fazendo-o depender da taxa de alongamento da vogal, relacionada à velocidade da fala, proeminência no sintagma e frase,etc)26. (*Corpus 1-Art.3*)

Já no exemplo (85) que segue, o uso do marcador de ênfase parece ter como objetivo proteger a face da autora analisada e citada no texto. O(a) autor(a) se coloca em posição de solidariedade com a tentativa de pesquisa da autora analisada e procura construir credibilidade para esta tentativa.

Ex.85:

[...] resultados insatisfatórios obtidos, apesar de ter demonstrado empenho e interesse ao participar do projeto, apesar de ter manifestado ser seu desejo construir uma prática de acordo com a abordagem comunicativa, talvez <ADM> <ADMROMA> <MA> tenham faltado a esta professora dois componentes básicos essenciais para atingir a renovação almejada: uma reflexão mais profunda em nível de abordagem e uma maior competência aplicada que, como já foi salientado, mostrou-se restrita. (p.306) É interessante notar que a expectativa da autora era **realmente** <ADM> <ADMPERSME> <ME> de que a professora, depois de dois anos de encontros e discussões sobre a abordagem comunicativa tivesse "renovado" sua prática, na exata medida do que lhe fora transmitido. (*Corpus1-Art.1*)

Em (86), o(a)autor(a) demonstra convicção e compromisso com o conteúdo proposicional. E em (87), apresenta este conteúdo como resultado natural dos fatos. Parece que no primeiro caso, a agentividade da autoria é mais explícita, pois resulta da convicção do(a) autor(a) acerca do que está sendo dito; no segundo caso são os fatos que se impõem,

diminuindo, assim, a intensidade da responsabilidade modal, sem diminuir, no entanto, a força assertiva da proposição.

Ex. 86:

Como vemos neste exemplo, o formato mais típico é o de um verbo de ação no imperativo, seguido ou não do vocativo, repetido muitas vezes. A este enunciado do adulto, em geral segue-se uma ação da criança. O gênero em construção é **claramente** <ADM> <ADMPERSME> <ME> aquele que Bakhtin (1979) designa como gêneros (primários) cotidianos e familiares. (*Corpus 1-Art.10*)

Ex.87:

As noções de atividade de linguagem e de gênero do discurso terão na análise este papel articulador entre os dois níveis e, por isso, destinamos todo o item 1. à sua explanação. 1. Matrizes de atividade, atividades ou jogos de linguagem e os gêneros do discurso Poucos são os trabalhos de investigação que tentam refletir sobre este ponto de articulação e, **naturalmente** <ADM> <ADMPERSME> <ME> , muitos deles se encontram no campo da aprendizagem ou da "construção do sujeito social". (*Corpus 1-Art.10*)

Quanto aos adjuntos de obviedade que funcionam como marcadores de ênfase, percebemos que os(as) autores(as) buscam através desse recurso construir o conteúdo proposicional como resultado de uma evidência. Colocado desta forma, o conteúdo proposicional é construído como algo que merece credibilidade e que, portanto, não pode ser facilmente questionado/negado. Aqui também, tal como com alguns adjuntos de persuasão, os(as) autores(as) lançam a responsabilidade sobre a proposição para os fatos, para as evidências e não para si, atribuindo, assim, um viés objetivo ao texto. Vejamos os exemplos:

**Marcador de ênfase realizado por adjunto modal de obviedade — <ADMOBV-ME>
08 ocorrências (*evidentemente, obviamente...*)**

Ex. 88:

Note-se o avanço em direção aos discursos disjuntos e autônomos (Bronckart et al., 1985) que estas práticas significam para a possibilidade de construção de ações decontextualizadas (desarticuladas do contexto atual), mas possíveis (assim como de "mundos possíveis" da ação). Do ponto de vista da construção da língua e da linguagem propriamente dita, **evidentemente** <ADMOBVME> <ME> <ADM> , estas novas práticas também provocam avanços. (*Corpus 1- Art.10*)

Ex.89:

Fica evidente que a relação entre Lingüística "pura" e Lingüística Aplicada (portanto, "impura") é uma relação de mão única: não cabe a esta, secundária, subordinada à primeira, de quem é o suplemento imperfeito, a reprodução, teorizar e influir sobre aquela, o que deixa, **evidentemente** <ADMOBVME> <ADM> <ME>, emergir uma certa tendência ideológica. (*Corpus 1- Art.1*)

Ex.90:

Em 30 ocorrências de VPA no *corpus* (cerca de 23%), o Objeto é um referente Novo na progressão temática. Em sete desses casos, isso ocorre no primeiro período da notícia, como nos exemplos abaixo: Nesses casos, a motivação para a opção por VPA não se deve, **evidentemente** <ADM> <ADMOBVME> <ME>, à tematização de um referente Dado. (*Corpus 1- Art.9*)

Ex.91:

Se existem maiores dificuldades, para o falante de espanhol do que para o de português, em relação à compreensão do texto escrito na outra língua, estas não se devem a fatores lingüísticos, mas, com certeza, a fatores meta-lingüísticos, tais como falta de motivação, de necessidade ou de interesse por parte do aprendiz. Além disso, se ele rejeita a outra cultura, por um motivo ou por outro, **obviamente** <ADM> <ADMOBVME> <ME>, isto irá afetar sua competência comunicativa (e lingüística). (*Corpus 1-Art.6*)

Passemos, agora, aos adjuntos modais de probabilidade que funcionam como marcadores de ênfase. Estes adjuntos indicam certeza da autoria quanto ao conteúdo proposicional, como em (92) ou são utilizados para reforçar a parcialidade dos resultados apresentados pelo(a) autor(a), como em (93) e (94). Observemos os exemplos:

Marcador de ênfase realizado por adjunto modal de probabilidade — <ADMPRO-ME> 04 ocorrências (*certamente, indubitavelmente...*)

Ex.92:

Contudo, existem também os fatores dificultadores, que são aqueles que interferem na compreensão. Apesar de se constituírem, em média, em apenas <ADM> <ADMINTMATR> <MATR> 10%, sua importância pode ser crucial. Por exemplo, a compreensão da parte essencial de um texto (ou de uma parte dele) pode depender de falsos cognatos. A não-compreensão destes, **certamente** <ADMPROME> <ME> <ADM>, compromete a compreensão do texto como um todo. (*Corpus 1-Art.6*)

Ex.93:

Procuraremos demonstrar, aqui, algumas das potencialidades de análise a partir do uso de *corpus* de TOs/TTs. No entanto, ressalte-se que, ao adotar uma dentre muitas das possíveis abordagens para a realização de um estudo descritivo-comparativo das estruturas de superfície entre TO/TT, este trabalho e o modelo no qual se baseia não contêm em si qualquer implicação específica sobre a natureza da linguagem e do par de línguas em estudo. Conviria, também, destacar que uma abordagem técnica não se coloca em contraposição mas,

certamente <ADM> <ADMPROME> <ME> , em relação de complementaridade com as abordagens mais textuais ou antropológicas. (*Corpus 1- Art.8*)

Ex.94:

De outro lado, '... constitui fato empírico que na labuta diária dos tradutores profissionais a tradução é uma operação centrada na palavra, e para sua execução os tradutores recorrem a dicionários, tesouros e assemelhados como a primeira ferramenta externa. **Indubitavelmente**,<ADM> <ADMPROME> <ME> essa não é toda a verdade. Mas poder-se-ia ousar sugerir que é uma parte significativa da verdade observada'.1" Pelo exposto, observa-se que a tradução vem passando por uma reestruturação conceitual que a coloca no centro do debate contemporâneo sobre processos de transmissão cultural e suas relações com a linguagem, o que enfatiza o caráter transformador e interpretativo da atividade tradutória. (*Corpus 1-Art.8*)

Quanto aos adjuntos modais de intensidade funcionando como marcadores de ênfase, podemos ver que em (95), o marcador passa a idéia de totalidade, de completude. Já em (96), o mesmo marcador lança o conteúdo proposicional a uma posição inegociável (*não se aplica de forma alguma a nosso universo de pesquisa...*). Aqui é interessante notar que tal força assertiva deve-se ao fato de que o autor está falando sobre um aspecto teórico/metodológico de sua pesquisa e, portanto, sente-se autorizado a fazê-lo peremptoriamente.

Marcador de ênfase realizado por adjunto modal de intensidade — <ADMINT-ME> 03 ocorrências (*realmente, absolutamente*)

Ex.95:

O exemplo 6 abaixo é um bom exemplo da tecitura do ordenar/nomear/contar, dentro do jogo de papéis. Vemos, neste fragmento, que, na situação de produção familiar de Helena, os três jogos se apresentam diferentemente da situação de produção familiar de Priscila. No caso do jogo de ordenar (veja enunciados enfatizados), Helena já é **absolutamente** <ADM> <ADMINTME> <ME> recíproca para esta atividade de linguagem e, na maior parte dos jogos de ordenar desta gravação, quem assimetiza a negociação - ordenando (ou pedindo), na forma exclamativa "Ô qué ação X!" - é a criança, sendo, boa parte das vezes "obedecida" pela mãe, ou então, sofrendo normatizações. (*Corpus 1 – Art.10*)

Ex.96:

Neste sentido é que também imputamos à noção habermasiana de ação um suposto agente racional e consciente, capaz de intenção, controle e eficácia - o sujeito da razão constituído -, que **absolutamente** <ADMINTME> <ME> <ADM> não se aplica a nosso universo de pesquisa que trata do sujeito social e psicológico em constituição. . (*Corpus 1 – Art.10*)

Em (97), por sua vez, a proposição é apresentada como resultado da constatação dos fatos, lançando o conteúdo proposicional a uma posição de difícil negociação, pois para que se negue a validade do metadiscurso, faz-se necessário negar a validade dos próprios fatos. É válido ressaltar, ainda, que o Sujeito “o padrão alterado de concordância” é construído como responsável pela proposição, ocultando, assim, a agentividade da autoria.

Ex.97:

O padrão alterado da concordância sugere que estamos **realmente** <ADMINTME> <ME> <ADM> diante de um processo de incorporação sintática, uma vez que incorporação sintática implica em intransitivização (Baker 1988). (*Corpus 1 – Art.7*)

Vejamos, então, o resumo dos significados construídos pelos marcadores de ênfase nos exemplares de artigos experimentais:

QUADRO 18
Significados dos marcadores de ênfase realizados por adjuntos modais
(advérbios simples) no *corpus* de artigos experimentais

Adj. Modais	Suposição	Persuasão	Obviedade	Probabilidade	Intensidade
Significados metadiscursivos	16 ocorrências	13 ocorrências	08 ocorrências	04 ocorrências	03 ocorrências
Agentividade	- (+)	- (+)	-	+	- (+)
Verificação	+ (-)	+	+	-	+
Cooperação	- (+)	+ (-)	-	+	-

Antes da análise do quadro, é importante esclarecer que a presença dos sinais (+) e (-) entre parênteses indica que tais significados ocorreram em maior ou menor escala. Por exemplo, nos adjuntos modais de suposição a não-ocorrência da agentividade marcada pelo sinal (-) foi a característica predominante, mas houve, em menor escala, a ocorrência de agentividade indicada por (+).

Feito o esclarecimento, vejamos, então, como podemos ler no quadro acima os significados construídos pelo uso dos marcadores de ênfase em artigos experimentais. Parece que, neste tipo de artigo, tais marcadores são utilizados, predominantemente, para imprimir um alto grau de verificação/confiabilidade ao texto. De uma forma geral estes marcadores também funcionam para emprestar objetividade ao texto, ocultando, na maioria das vezes, a responsabilidade da autoria sobre o conteúdo proposicional.

Quanto ao grau de cooperação, também percebemos uma maior tendência a construir as proposições de forma que seja difícil para o(a) leitor(a) questioná-las e, principalmente, refutá-las. É notório, no entanto, que na maioria dos casos, os(as) autores(as) escolhem os recursos metadiscursivos com vistas a angariar aceitação de seus pares na comunidade disciplinar. Assim, mesmo quando utilizam recursos que deixam pouca margem para negociação, o fazem porque consideram que a audiência irá aceitar, irá reconhecer a veracidade do dito.

Passemos, então, aos marcadores atributivos nos exemplares dos artigos experimentais.

Marcadores atributivos - <MATR> - 274 ocorrências

Marcador atributivo realizado por adjunto modal de validade - <ADMVAL-MATR> 90 ocorrências (*estritamente, principalmente, fundamentalmente, especialmente, particularmente...*)

Ex.98:

Sob qualquer perspectiva teorizante, porém, a tradução sempre se expressará em orações, sintagmas e palavras. E, são **precisamente** <ADMVALMATR> <MATR> os componentes **estritamente** <ADM> <ADMVALMATR> <MATR> lingüísticos (léxico e gramática) de uma tradução que permitem que a investigação do processo tradutório vá além da introspecção e do "apelo ao ouvido" (Gehring, 1998). No presente estudo, defende-se a idéia de que uma observação mais detalhada do microcosmo constituído pelos mecanismos lingüísticos frásticos e sub-frásticos, que se manifestam em todo e qualquer ato tradutório poderá contribuir, através de indícios comprováveis estatisticamente (*Corpus 1- Art.8*)

A maior ocorrência de elemento metadiscursivos que foram utilizados pelos(as) autores(as) corresponde aos chamados marcadores atributivos que constroem significados que dizem respeito à extensão por meio da qual o conteúdo proposicional é precisamente expresso. Nos *corpora* de análise, tanto com os artigos experimentais quanto com os artigos teóricos e de revisão de literatura, esses marcadores foram realizados por adjuntos modais de validade, de intensidade e de usualidade (HALLIDAY, 1994), cada um construindo graus de especificação distintos.

Iniciemos pelo tratamento dos adjuntos modais de validade. Tais adjuntos que foram realizados, basicamente, por advérbios focalizadores e por advérbios modalizadores delimitadores (NEVES, 2000), demarcam a extensão da validade a partir da qual o(a) leitor(a) pode considerar o conteúdo proposicional como válido. Assim, em (98), por exemplo, temos dois adjuntos de validade indicando alto grau de precisão/exatidão e de restrição sobre a informação proposicional. Percebemos que este alto grau de precisão implica o estreitamento da margem de negociação com os interlocutores, uma vez que reduz significativamente a liberdade interpretativa da audiência. Esses marcadores circunscrevem os limites dentro dos quais as proposições podem ser interpretadas.

No entanto, é fundamental observar que, na maioria dos usos deste tipo de adjunto, o que predominou foram adjuntos que, ao circunscreverem a proposição, abrem possibilidades para que os(as) leitores(as) observem-na a partir de outros ângulos. Assim, em (99), ao utilizar os adjuntos *essencialmente* e *principalmente*, o(a) autor(a) está dizendo que “*a gravação é constituída essencialmente de jogos de papéis*”, e, subjacente a isso está a informação de que “*a gravação é também constituída por outros elementos que são menos centrais que os jogos de papéis, mas que existem*. Se assim não o fosse, o(a)autor(a)

diria simplesmente “a gravação é constituída de jogos de papéis” e não utilizaria o marcador atributivo. O mesmo ocorre com o uso do adjunto *principalmente*.

Ex.99:

[...]em lugar da regularidade de matrizes de atividade e de atividades de linguagem que encontramos na amostra de Priscila, o que vemos nesta segunda amostra é uma variedade de atividades entre as três gravações (que reproduz bem a variedade encontrada ao longo da coleta): a primeira gravação é constituída, **essencialmente** <ADM> <ADMVALMATR> <MATR>, de um jogos de papéis (“brincar de casinha”); a segunda, **principalmente** <ADM> <ADMVALMATR>, <MATR> da nomeação de figuras de um livro ilustrado e a terceira, da recontagem e leitura de contos populares ou de fadas e outras histórias. Esta variação será responsável também por uma variedade maior nos resultados encontrados. Cabe esclarecer que, embora a primeira gravação seja ela inteira, um grande episódio de jogo. (*Corpus 1- Art.10*)

Em (100), temos um significado muito similar. Quando o (a) autor(a) apresenta a teoria de D’Angelis (1998), utiliza o adjunto *particularmente* para circunscrever o foco a partir do qual está se referindo à teoria. É como se dissesse: *você leitor pode perceber outro aspecto central na teoria de D’Angelis, mas, em se tratando da abordagem sobre “as línguas indígenas na América do Sul”, a questão da nasalidade é o foco do estudo e é a partir desta delimitação que estou construindo a validade/veracidade de minha proposição*. Fazendo isto, o(a) autor(a) limita o espaço a partir do qual o leitor pode avaliá-lo. O mesmo ocorre com o uso do adjunto *especialmente*.

Ex.100:

Um aspecto central em D’Angelis (1998) é a discussão do tratamento dado à nasalidade e aos processos envolvendo nasalização, harmonia nasal e desnasalização, **particularmente** <ADM> <ADMVALMATR> <MATR> em línguas indígenas da América do Sul. **Especialmente** <ADM> <ADMVALMATR> <MATR> relevante, naquele trabalho, é a avaliação que faz da proposta de Piggott (1992), resgatando-a em sua intuição fundamental para dar-lhe uma reinterpretação e melhor desenvolvimento. (*Corpus 1- Art.3*)

Percebemos, pois, que o uso desses marcadores, na maioria dos casos, estabelece um caráter fortemente dialógico para a proposição. Vejamos, agora, como a especificação é construída por meio dos adjuntos modais de intensidade.

**Marcador atributivo realizado por adjunto de intensidade — <ADMINT-MATR>
133 ocorrências (*somente, praticamente, apenas...*)**

Ex.101:

Todavia, não se registrou nenhuma ocorrência dessa categoria no *corpus* de textos jornalísticos. Nos outros dois *corpora*, levantaram-se **somente** <ADM> <ADMINTMATR> <MATR> três ocorrências, com 0,1%, tanto nos textos literários como nos textos técnicos, correspondendo a **apenas** <ADM> <ADMINTMATR> <MATR> 0,07% do total geral da amostragem. (*Corpus 1- Art.8*)

Ex.102:

No entanto, a medida de associação, usando Goodman e Kruskal, revelou um nível de associação baixo, com uma redução proporcional do erro de 0.4. Isto significa que a probabilidade de prever com acerto o tipo de antecedente, uma vez que se saiba o tipo de termo anafórico, aumenta **apenas** <ADM> <ADMINTMATR> <MATR> em 4%, se comparada ao acaso. A Tabela 5 apresenta o cruzamento dos números do tipo de termo anafórico com as estratégias de processamento. (*Corpus 1- Art.5*)

Os marcadores atributivos realizados por adjuntos modais de intensidade parecem construir o significado delimitador, por meio de advérbios restritivos (BIBER et al., 1999), mas também constroem, agregado a esse significado, um viés afetivo sobre a informação. Vejamos. Em (101), o uso dos adjuntos *somente* e *apenas* direciona o foco da atenção do(a) leitor(a), enfatizando uma dada informação da proposição e, ao fazer isso, o(a) autor(a) pode sugerir que esperava um resultado diferente do que foi encontrado (*mais ocorrências*). Desta forma, além de delimitar o conteúdo proposicional, o(a) autor(a) pode estar querendo expressar uma quebra de expectativa sua ou da audiência. Isto é mais fácil de perceber se lermos a proposição sem a presença dos dois marcadores: *Nos outros dois corpora, levantaram-se três ocorrências, com 0,1%, nos textos literários como nos textos técnicos, correspondendo a 0,07% do total geral da amostragem.* O mesmo pode ser percebido em (102).

Em (103), por outro lado, o(a) autor(a) ao dizer *praticamente*, constrói o conteúdo proposicional dentro de uma escala de grau de completude/totalidade. Assim está buscando especificar o grau de abrangência dos fenômenos que pertencem ao escopo da

Linguística Computacional e, ao mesmo tempo, buscando proteger-se de uma possível crítica quanto à sua afirmação.

Ex.103:

Deste modo, a linguística de *corpus* está intimamente relacionada à linguística computacional, um termo genérico utilizado para abranger **praticamente** <ADM> <ADMINTMATR> <MATR> qualquer uso de computadores para a análise e geração de línguas humanas. Compreende-se, portanto, que uma parcela substancial da pesquisa produzida segundo abordagens baseadas em *corpus* venha da área de inteligência artificial, muitas vezes em projetos conjuntos com lingüistas (*Corpus 1- Art.1*)

Quanto aos adjuntos de usualidade apresentados abaixo, podemos perceber que eles também circunscrevem o grau de validade do conteúdo proposicional, mas tomando como parâmetro a frequência/usualidade a partir da qual é válido afirmar algo. É importante dizer que também neste caso, assim como com os adjuntos de intensidade, a validade é construída em uma escala – escala de usualidade na qual teríamos nos pontos extremos, os significados expressos pelos adjuntos *sempre* e *nunca* e entre eles uma gama de significados intermediários *geralmente, usualmente, comumente, regularmente...*). observemos os exemplos:

**Marcador atributivo realizado por adjunto de usualidade — <ADMUSU-MATR>
(51 ocorrências – sempre, geralmente, quase, freqüentemente...)**

Ex. 104:

[...] com relação à chamada pesquisa básica ou teórica, que abordamos ligeiramente no início deste artigo, corresponde aproximadamente à mesma relação entre LA e professores: a estes parece caber a tarefa de "aplicar", ou seja, colocar em prática, na sala de aula a metodologia que os lingüistas aplicados defendem, a partir de pesquisas, muitas vezes empíricas, é bem verdade, mas **sempre** <ADM> <ADMUSUMATR> <MATR> em condições que **nunca** <ADM> <ADMUSU> ou **raramente** <ADM> <ADMUSUMATR> <MATR> correspondem às reais situações de sala de aula, tão diversificadas quanto forem os países, as regiões, os grupos. (*corpus 1 – Art. 1*)

Em (104), por exemplo, é interessante observar que o(a) autor(a), inicialmente, é bastante enfático(a) quanto à abrangência de sua afirmação, pois usa seguidamente os dois adjuntos prototípicos dos extremos da escala de usualidade (*sempre; nunca*), logo em

seguida, porém, ele(ela) constrói uma retificação, utilizando um outro adjunto (*raramente*) que sugere que houve uma reflexão sobre uma possível reação da audiência frente a proposições tão enfáticas. Essa retificação resulta, provavelmente, de um reconhecimento por parte da autoria de que afirmar que algo *sempre* ou *nunca* ocorre não é uma postura muito apreciável no ambiente acadêmico, uma vez que sugere que é possível ao(à) pesquisador(a) apreender a totalidade de um fenômeno. Curiosamente, as ocorrências dos adjuntos *sempre* e *nunca* não foram irrelevantes. Observemos mais um exemplo em (105)

Ex. 105:

Um falante de português poderia entender que havia algumas crianças à esquerda de um escritório quando, na verdade, o que havia eram botões de rosa à esquerda de uma escrivãzinha. Essenciais, também, são os articuladores sintáticos, devido ao papel que desempenham na frase (unir idéias). Desta forma, uma frase como "embora [= "em boa hora"] estivesse tarde, fomos à praia" é incompreensível para um falante de espanhol (que **nunca** <ADM> <ADMUSUMATR> <MATR> tenha sido exposto ao português) porque o conectivo do espanhol é completamente <ADMINTMATR> <MATR> <ADM> diferente ("aunque", do latim). Devido à diferença, não há transferência, e a compreensão fica comprometida. (*corpus 1 – Art.6*)

Em (106), por outro lado, percebemos o uso do adjunto *geralmente* que expressa o cuidado do(a) autor(a) em graduar em uma escala intermediária a ocorrência do fenômeno. Isto, por um lado, demonstra uma percepção de que o conteúdo proposicional é resultado de uma observação em um dado momento no tempo, de um recorte temporal realizado pelo(a) pesquisador(a) e, por outro lado, que a comunidade disciplinar pode reagir desfavoravelmente frente a afirmações categóricas.

Ex. 106:

As condições de gravação podem ser desfavoráveis ou mesmo imprevisíveis. Dependendo do ambiente onde as gravações ocorram, pode ser inteiramente impossível controlar interferências potencialmente <ADM> <ADMVALMATR> <MATR> desastrosas na rotina das gravações. Deste modo, não é surpreendente que os pesquisadores que tentam coletar dados da língua falada prefiram métodos menos arriscados, o que **geralmente** <ADMUSUMATR> <MATR> <ADM> significa gravar em ambientes protegidos, tais como estúdios ou dependências das universidades. Os informantes recebem algum tipo de tarefa, a qual gera uma interação mediada pela fala, ou são simplesmente <ADM> <ADMINTMATR> <MATR> entrevistados por um pesquisador sobre algum tópico considerado adequado. (*corpus 1 – Art.5*)

Em (107), o(a) autor(a) constrói uma articulação entre os dois recursos, mas é interessante observar que quando utiliza o adjunto *sempre* o faz a partir da autoridade de outro autor, descomprometendo-se, portanto, da responsabilidade sobre a proposição. Ao utilizar o adjunto *frequentemente*, por outro lado, apresenta uma informação que pode ser identificado como sua.

Ex. 107:

Ainda em quarto lugar, tem-se o (03) empréstimo nos textos jornalísticos, com 2,9%. Nos textos literários essa modalidade está em sétimo lugar, com 2,3%, e nos textos técnicos, devido à baixa incidência de 0,7%, cai para a décima posição. O empréstimo constitui um processo tradutório efetivo, porquanto o segmento inexistente na LC contém uma marca da cultura da LP. Aubert diferencia-o da simples transcrição, porque, no empréstimo, o termo novo mostra-se **sempre** <ADM> <ADMUSUMATR> <MATR> como um desvio em relação à LC, sem o ser, porém, na LP. **Frequentemente** <ADM> <ADMUSUMATR> <MATR>, apresenta-se em itálico ou com aspas, grifos, etc (*corpus* 1 – Art.8)

Vejamos, agora, os marcadores atitudinais nos exemplares de artigos experimentais.

Marcador atitudinal realizado por adjunto modal de predição -- <ADMPRED-MAT> 02 (*contrariamente*; *curiosamente*).

Ex. 108:

Em virtude de a transposição com modulação apresentar, na sua essência, características bastante similares às da modulação, podem estender-se as mesmas considerações feitas acima para tradução literária em relação à tradução técnica, que apresenta 3,4% de ocorrências no respectivo *corpus*, e também em relação à tradução jornalística, que registra, **contrariamente** <ADM> <ADMPREDMAT> <MAT> ao que se supunha para esse *corpus*, apenas <ADM> <ADMINTMATR> <MATR> 2,7% de frequência. (*Corpus* 1- Art.8)

Ex. 109:

Observe-se que se trata de um quadro construído sobre as mesmas distinções ou correlações fundamentais identificadas para a posição de onset, ou seja: obstruintes x soantes, contínuas x descontínuas. O quadro 4 exige, no entanto, a previsão de uma terceira posição em cada caso, a saber, uma posição em que a neutralização atinge uma das oposições fundamentais (no quadro 4, marcada por Ø). O resultado é um quadro **curiosamente** <ADM> <ADMPREDMAT> <MAT> simétrico. (*Corpus* 1- Art.3)

Quanto aos adjuntos modais de predição, vejamos que eles expressam uma quebra de expectativa por parte do(a) autor(a). Em (108) o marcador atitudinal está apontando para quebra de uma expectativa em relação a uma hipótese. Em (109), o(a) autor(a) além de indicar uma quebra de expectativa, o faz apresentando seu estado de espírito ante aos resultados encontrados. Podemos compreender isto através da paráfrase *Eu sinto X diante de P*.

A mesma paráfrase pode ser utilizada para compreender os adjuntos modais de desejo, apresentados abaixo, como marcadores da atitude do(a) autor(a) frente ao conteúdo proposicional.

**Marcador atitudinal realizado por adjunto modal de desejo — <ADMDES-MAT>
02 ocorrências (infelizmente, lamentavelmente)**

Ex.110:

Diferentes projetos que a empresa está utilizando ou implantando vêm designados no jornal por siglas derivadas de expressões em inglês. As informantes declararam que inventam "apelidos" para esses projetos, pois têm dificuldade em memorizar as siglas. **Infelizmente** <ADM> <ADMDESMAT> <MAT> , nenhum desses "apelidos" foi explicitado na coleta, mas a informante A. emprega o figurante ferramenta como um termo genérico que vale para qualquer dessas siglas, como vemos no exemplo (17). (17) A. agora ... eles estão estudando também... as reuniões os quadros de comunicação (+++) porque é o tal negócio... eu não sei... pode até ser que eu esteja errada... mas... eles... tudo bem... tá certo... esse pessoal... vamos supor... vamos falar esse pessoal aqui... não não sei nem que se trata isso aqui (eu não li ainda) mas vamos supor... esse pessoal aqui... eles eram... eles eles...trabalham lá dentro... eles [...](*Corpus 1- Art.4*)

Ex. 111:

[...]dois grupos do diurno tenham mostrado mais semelhanças, ficamos com a interrogação a respeito do que teria causado a ocorrência de metáforas com maior frequência numa das coletas do que na outra (pelo menos no que se refere aos conceitos que elas expressam, pois não nos detivemos na verificação de metáforas que manifestassem relações de outro tipo). **Lamentavelmente** <ADM> <ADMDESMAT> <MAT> , tanto a questão a respeito da diferença entre o noturno e o diurno quanto à ocorrência de mais metáforas numa das coletas do que na outra não pode ser verificada com base no material de que dispomos para nossa análise e não podemos coletar mais dados uma vez que a empresa decidiu não prosseguir com o trabalho a respeito do jornal. (*Corpus 1- Art.4*)

Assim, tanto em (110) quanto em (111), o(a) autor(a) expressa seus sentimentos em relação ao que vai apresentar na proposição. É interessante observar que em ambos os

casos, os(as) autores(as) estão fazendo observações metodológicas. Isto pode indicar que talvez a seção de metodologia dos artigos favoreça este tipo de posicionamento uma vez que no ato da investigação, da aplicação dos instrumentais de análise, muitas vezes os (as) pesquisadores(as) se deparam com frustrações quanto ao que havia sido planejado como percurso para a pesquisa.

Quanto aos adjuntos modais de intensidade construindo significados relacionados à atitude da autoria, o que podemos perceber é que parecem realizar uma atitude de valoração frente ao conteúdo proposicional.

Marcador atitudinal realizado por adjunto modal de intensidade — <ADMINTMAT> 05 ocorrências – (razoavelmente; consideravelmente)

Ex.112:

Considerando cada texto do *corpus* isoladamente, pode-se novamente constatar o predomínio da uniformidade quanto às três categorias de maior ocorrência. Vistos em separado, quatro dos seis textos técnicos mostram predominância da regularidade quanto às três modalidades mais recorrentes. Destaca-se, porém, o TT4 sobre 'Prática Dentária', como **consideravelmente** <ADM> <ADMINTMAT> <MAT> desviante, por apresentar a transposição (40,2%) como a categoria mais utilizada, seguida, ainda que com pouca diferença, da tradução literal (39,6%). (*Corpus 1- Art.8*)

Ex.113:

Sob esse ângulo, a pesquisa de *corpus* de textos traduzidos seria uma das possíveis abordagens que poderia trazer dados relevantes para a teoria da tradução, e, talvez, <ADM> <ADMPROMA> <MA> vir a diminuir um pouco a suspeita de uma boa parte dos profissionais em relação à teoria. Em que pesem as limitações do modelo, o presente estudo facultou uma investigação objetiva e **razoavelmente** <ADM> <ADMINTMAT> <MAT> abrangente, ainda que não exaustiva, da frequência e da distribuição das ocorrências das modalidades tradutórias em três tipologias textuais distintas. (*Corpus 1- Art.8*)

Vejamos, agora, a distribuição dos marcadores metadiscursivos realizados por adjuntos modais nas unidades retóricas dos exemplares de artigos teóricos.

TABELA 13

Marcadores metadiscursivos por unidade retórica – artigos teóricos (5 exemplares)

UR→ MI↓	INTRODUÇÃO	DISCUSSÃO TEÓRICA	CONSID. FINAIS
MARCADOR DE ATENUAÇÃO <MA>	01	06	_____
MARCADOR DE ÊNFASE <ME>	01	22	02
MARCADOR ATRIBUTIVO <MATR>	07	84	04
MARCADOR ATITUDINAL <MAT>	_____	_____	_____

Como podemos visualizar, os artigos teóricos apresentaram apenas três unidades retóricas distintas: Introdução, Discussão Teórica e Considerações Finais. A unidade retórica que mais apresentou marcadores metadiscursivos, provavelmente por conta de sua maior extensão (26.531 palavras em detrimento de 2.622 palavras da Introdução e 1.624 palavras da seção de Considerações Finais), foi a seção dedicada à discussão teórica que totalizou 112 marcadores metadiscursivos. As seções Introdução e Considerações Finais totalizaram 09 e 06 marcadores metadiscursivos, respectivamente. Isso parece indicar que a construção do metadiscorso interpessoal, em artigos teóricos, é realizada, prioritariamente, na seção dedicada à discussão teórica.

É importante, ainda, notar que o uso de marcadores metadiscursivos atributivos foi extramente predominante em relação aos demais marcadores do metadiscorso interpessoal. Por outro lado, os marcadores atitudinais não foram utilizados pelos autores e os marcadores de atenuação o foram em pequena escala. A escolha predominante dos(as) autores(as) por marcadores atributivos parece ter relação com o fato de que, neste tipo de

artigo, os(as) autores(as), ao realizarem a discussão teórica, necessitam, a todo momento, circunscrever o campo de validade daquilo que estão afirmando, pois ao lidarem com teorias de “outros”, as afirmações somente ganham validade quando circunscritas em relação à autoria e às afiliações teóricas. Poderemos visualizar isso com maior clareza quando passarmos à observação mais detida de exemplos das realizações desse tipo de marcador.

Vale também ressaltar que os marcadores de ênfase tiveram significativa importância na construção do metadiscorso interpessoal, pois foi o segundo tipo de marcador predominantemente escolhido pelos autores.

CORPUS 2 – 10 ARTIGOS TEÓRICOS

Total de marcadores metadiscursivos –293 ocorrências

Marcadores de atenuação (MA) – 18 ocorrências

Marcadores de atenuação realizados por adjunto modal de probabilidade — <ADMPRO-MA> 14 ocorrências (possivelmente, provavelmente, talvez)

Ex.114:

Formalmente, <ADM> <ADMVALMATR> <MATR> temos: (10) Papel Temático-Tipo Seja um conjunto T de pares <d,id> em que d é um predicador de n-posições argumentais e id o índice de um de seus argumentos (possivelmente <ADM> <ADMPROMA> <MA> um diferente i para cada predicador): - um papel temático-tipo t é a intersecção de todos os papéis temáticos individuais determinados por T. (*Corpus 2 – Art.13*)

Ex.115:

Esse último, no entanto manifesta-se plenamente na expressão: "o filho de um próspero comerciante de Cleveland", onde, além de identificar a referência (como em todos os casos de co-referência), a expressão desempenha a função de informar sobre um aspecto do passado do ator **provavelmente** <ADM> <ADMPROMA> <MA> desconhecido para a maioria dos leitores. (*Corpus 2 – Art.11*)

Ex.116:

O estado sincrônico é resultado de um desenvolvimento passado que continua no presente. O princípio do uniformitarismo, que se tornou um ingrediente essencial em grande parte das pesquisas lingüísticas históricas (cf. Labov, 1974; Romaine, 1982), prevê que tendências hoje em curso devem ter atuado em

estágios anteriores e **possivelmente** <ADM> <ADMPROMA> <MA> continuarão a atuar. Segundo Hopper & Traugott (1993:38), isso significa que, operacionalmente <ADM> <ADMVALMATR> <MATR> , não se pode reconstruir nenhuma regra ou gramática para uma língua morta que não seja atestada em uma língua viva. (*Corpus 2* – Art.19)

Ex.117:

O importante é ficar registrado que, de uma forma ou de outra, num ou noutro sentido, a imbricação entre linguagem e ideologia é enfatizada pela teoria marxista. **Talvez** <ADM> <ADMPROMA> <MA> seja este posicionamento que marque a diferença radical entre tal concepção e as teorias lingüísticas de orientação positivista. Linguagem como fenômeno histórico. (*Corpus 2* – Art.18)

Nos exemplos acima, com exceção de (115), percebemos que os adjuntos modais de probabilidade são utilizados quando o(a) autor(a) deseja fazer algum comentário sobre as teorias de outros(as) autores(as). Isto, claramente, demonstra como aponta Myers (1999) uma preocupação em manter bom relacionamento com os pares da área disciplinar, construindo uma posição de respeito e humildade frente a esses pares. Essa posição de respeito e humildade se estende, na verdade, ao conjunto da produção científica da área disciplinar, ou seja, ao conhecimento já construído e aceito por esta comunidade.

Em (115), como já foi salientado, a função é distinta, primeiro porque no trecho no qual o marcador de atenuação está inserido, o(a) autor(a) está realizando a análise de um exemplo; em segundo lugar porque a significação de atenuação parece visar resguardar o(a) autor(a) de uma possível crítica quanto à veracidade do fato de que a informação é desconhecida pela maioria dos leitores. Assim, ao dizer *provavelmente*, o (a) autor(a) considera que algum leitor pode ser conhecedor dessa informação.

Quanto aos adjuntos de suposição, as ocorrências acontecem em contextos nos quais os(as) autores(as) estão realizando análises de exemplos, e, portanto, construindo significados hipotéticos. Vejamos as ocorrências:

Marcador de atenuação realizado por adjunto modal de suposição — <ADMSUP-MA> 04 ocorrências (supostamente, aparentemente)

Ex.118:

Quando usamos como sujeito de uma oração "o homem mais bonito do mundo" e "o grande ator", estamos não só identificando a referência (sobre quem iremos fazer um comentário), remetendo-a anaforicamente ao referente lingüístico, mas como também informando sobre uma crença **supostamente** <ADM> <ADMSUPMA> <MA> consensual e, ao mesmo tempo, compartilhando dessa crença. (*Corpus 2- Art.11*)

Ex.119:

Teríamos, pois, na base de recomendações para o emprego de pontuação em estruturas enfatizadas, **aparentemente** <ADM> <ADMSUPMA> <MA> uma alternância percebida como basicamente prosódica, que tradicionalmente é justificada pela necessidade de se quebrar a monotonia **supostamente** <ADM> <ADMSUPMA> <MA> característica da disposição linear de um enunciado em que as palavras não fossem destacadas por meio de pontuação. (*Corpus 2- Art.14*)

Em (118), é interessante notar que o marcador de atenuação não somente expressa a suposição da autoria, mas indica que esta suposição é compartilhada pela audiência o que é um mecanismo para angariar a adesão do(a) leitor(a), posicionando-o(a) como co-responsável pela proposição. Isto se dá, particularmente, pelo uso da primeira pessoa do plural (*usamos*) para posição de sujeito proposicional. Como podemos perceber, este plural não é equivalente ao plural majestático, na verdade, como apontaram Bernardino e Macedo (2004), é uma forma de dizer que o pronome nós corresponde a autor(a) + audiência.

Em (119), por outro lado, o uso do adjunto modal como marcador de atenuação cumpre outra função. O(a) autor(a) está construindo um enunciado para negar seu conteúdo no parágrafo seguinte. Observemos o uso temático do verbo no futuro do pretérito (*teríamos*) para envolver a proposição como resultante de apreciação da autoria e, ao mesmo tempo, suavizar o matiz crítico que esta apreciação irá desencadear. Os usos de *aparentemente* e *supostamente* continuam a construção desta crítica suavizada, além de remeter a responsabilidade proposicional para outros, posto que ao dizer [...] *de se quebrar*

a monotonia supostamente característica da disposição linear de um enunciado[...], o(a) autor(a) está dizendo que alguém, que não é ele(ela), sustenta esta suposição. Portanto, o que podemos perceber aqui é que os marcadores de atenuação são construídos para suavizar a construção deste diálogo polêmico com outros teóricos.

Assim, quanto aos significados construídos pelos marcadores de atenuação nos artigos teóricos, podemos apresentar o seguinte diagrama:



FIGURA 12— Significados metadiscursivos dos marcadores de atenuação realizados por adjuntos modais (advérbios simples) no *corpus* de artigos teóricos

Como o diagrama indica, assim como com os artigos experimentais, os adjuntos modais de probabilidade indicaram maior agentividade por parte da autoria do que os adjuntos de suposição. Por outro lado, ambos os tipos de adjuntos apresentaram baixo grau de verificação e alto grau de cooperação. O baixo grau de verificação é perceptível posto que em todos os exemplos, percebemos que as proposições são construídas como declarações advindas de uma interpretação seja por parte da autoria, seja por parte de outros(as) autores(as) que são citados no texto. É provável que isto ocorra por conta dos próprios objetivos que norteiam a construção dos artigos teóricos e da caracterização retórica desses artigos que aponta para a centralização do texto na unidade retórica que

denominamos aqui de Discussão Teórica na qual os(as) autores(as) discutem adequações de conceitos, controvérsias entre campos teóricos, etc. Esta afirmação, no entanto, somente poderá ser confirmada no próximo ponto da análise no qual iremos verificar como esses marcadores foram distribuídos nas unidades retóricas dos artigos.

Quanto ao alto grau de cooperação construído pelos marcadores de atenuação, acreditamos que se deve também ao forte teor dialógico desse tipo de artigo, uma vez que os objetivos que norteiam a construção de artigos teóricos mantêm os(as) autores(as) desses artigos em constante diálogo explícito com os pares da área disciplinar, exigindo, portanto, a utilização de recursos que explicitem essa consciência dialógica, construindo margens para negociação.

Assim corroborando a posição de Hyland (1996), percebemos que o uso dos marcadores de atenuação apresenta um caráter polipragmático, ou seja, esses marcadores podem recobrir um vasto e rico espectro de significações.

É interessante reiterarmos, ao compararmos os corpora 1 e 2, que os artigos experimentais apresentaram muito mais marcadores de atenuação que os artigos teóricos e que, em ambos os corpora, a realização da atenuação se deu, predominantemente, pelo uso dos adjuntos modais de probabilidade. A explicação desta constatação, no entanto, somente poderá ser discutida no próximo ponto de análise no qual relacionaremos estas ocorrências com os propósitos e a caracterização retórica dos artigos em questão. Passemos agora ao tratamento dos marcadores de ênfase nos artigos experimentais.

Marcadores de ênfase (ME) – 50 ocorrências

Os adjuntos modais de suposição e probabilidade, foram as escolhas predominantes dos(as) autores(as) para enfatizar a força asseverativa de suas proposições.

Como podemos perceber, por meio dos exemplos, os adjuntos de suposição foram utilizados, principalmente, para apresentar o posicionamento de pesquisadores(as) citados(as) pela autoria. Vejamos nos exemplos.

Marcador de ênfase realizado por adjunto modal de suposição — <ADMSUP-ME> 28 ocorrências (justamente, exatamente)

Ex.120:

Ora, aqui é importante salientar-se que as "dificuldades" para pronunciar tal ou qual som novo, de produzir tal ou qual entoação não dizem respeito a questões meramente <ADM> <ADMINTPE> <ADMINT> articulatórias. **Justamente** <ADM> <ADMSUPME> <ME> porque a perspectiva aqui sustentada considera insatisfatória a mera articulação dual do biológico com o social devido à exclusão do simbólico e do significativo (cf. M. Pêcheux, 1990b)²³. (*Corpus 2- Art.20*)

Ex.121:

Os estudos sócio-interacionais buscam **exatamente** <ADM> <ADMSUPME> <ME> investigar a forma como os participantes focalizam, constroem e manipulam aspectos do contexto, sendo tais ações constitutivas das atividades nas quais estes participantes estão engajados. (*Corpus 2- Art.16*)

Ex. 122:

Além disso, estas próprias são instituídas pela intervenção de um "espírito significativo" que determina originariamente os sentidos das palavras, e não por forças sociais atuando historicamente. O aspecto comunicativo e interacional da linguagem é relegado, então, a um plano secundário. A crítica wittgensteiniana consiste **justamente** <ADM> <ADMSUPME> <ME> em elevar este aspecto a nível primário. (*Corpus 2- Art.18*)

Ex.123:

Entretanto, não há nada de estranho nesses fatos, quando se pensa que os papéis temáticos se caracterizam justamente <ADM> <ADMSUPME> <ME> por essas variadas interseções possíveis (agente/paciente, agente/fonte, agente-destinatário). E é **justamente** <ADM> <ADMSUPME> <ME> o caráter mais flexível e aberto do conceito de papéis temáticos adotado que facilita a estratégia de atribuir um estatuto teórico não a papéis temáticos assim definidos, mas a certos acarretamentos cruciais para a gramática de uma dada língua. . (*Corpus 2- Art.13*)

Percebe-se, aqui, que esses adjuntos constroem, por um lado, um valor asseverativo para a proposição e, ao mesmo tempo, agregado a esse significado asseverativo, constroem um valor focalizador.

Assim, temos:

Justamente/ Exatamente	}	significado asseverativo – é certo que; é confiável que...
		significado focalizador - é X e não outra coisa diferente de X

Ao construir tais significação, os(as) autores(as) optam por proposições com alto valor de verificação/confiabilidade e, por isso mesmo, com pouco espaço para negociar divergências.

É interessante perceber, ainda, que se um(a) leitor(a) se posicionar em desacordo com a proposição, a polêmica será estabelecida entre leitor (a) e texto citado e não entre leitor(a) e autoria do texto em questão. Pois esse último constrói sua participação apenas como mediador desta interação. Ele(ela) apenas apresenta com “justeza”; com “exatidão” o posicionamento de outros autores. Isto também justifica dizermos que este recurso é responsável por um baixo grau de agentividade.

Marcador de ênfase realizado por adjunto modal de probabilidade — <ADMPRO-ME> 11 ocorrências (certamente)

Ex.124:

Além disso, a palavra comunicação sugere pleno entendimento entre sujeitos, o que, de igual forma, nem sempre corresponde ao real. Por fim, pode-se entender o termo em questão como transmissão de informações de um sujeito para outro sujeito através de um veículo, o que suporia conceber a linguagem como um código, algo que **certamente** <ADMPROME> <ME> <ADM> constitui uma de suas dimensões, mas que diz muito pouco da complexidade do fenômeno lingüístico⁴. Portanto, uma teoria marxista da linguagem deve ir além de uma concepção comunicativa. (*Corpus 2- Art.18*)

Ex.125:

Existem inúmeras questões problemáticas envolvendo esse tipo de construção componencial, principalmente <ADM> <ADMVALMATR> <MATR> em estudos sobre os verbos leves, sendo relevante, pois, uma maior reflexão sobre o assunto. **certamente** <ADMPROME> <ME> <ADM>, essa hipótese acarretará conseqüências ainda não analisadas. E, certamente <ADMPROME> <ME> <ADM>, algumas respostas podem ser dadas dentro de outras perspectivas teóricas. Porém, com este artigo, pretendo que esses problemas, sempre tão discutidos em outros quadros teóricos, possam ser tratados dentro da perspectiva semântica de uma teoria de papéis temáticos incorporada a uma teoria gramatical. (*Corpus 2- Art.13*)

Ex.126:

Em síntese, os limites de alcance da TGT expressam o apagamento dos aspectos comunicativos e pragmáticos, inerentes ao léxico das linguagens especializadas. Caracteriza-se, desse modo, um forte reducionismo diante do funcionamento da linguagem, aspecto que, inclusive, se tornou um dos focos principais das críticas à TGT. **Certamente** <ADMPROME> <ME> <ADM>, encontra-se aí também uma das razões pelas quais o campo de estudos dos léxicos especializados não alcançou o devido prestígio entre os estudiosos dos linguagem. (*Corpus 2- Art.15*)

Ex.127:

Assim, desta perspectiva não se entende a língua enquanto código (códigos são explícitos) mas enquanto estrutura verbal simbólica, cujas marcas formais ganham sentido ao se realizarem em processos discursivos, historicamente determinados, e determinantes na constituição do sujeito. Portanto, como já disse, operar-se com a noção de formação discursiva **certamente** <ADM> <ADMPROME> <ME> possibilitará superar a mera descrição de realizações lingüísticas e levará a formular hipóteses explicativas sobre jogos de implícitos e efeitos de sentido no processo de produção em L2, entendido como processo de inscrição do sujeito de enunciação em discursividades da língua alvo. (*Corpus 2- Art.20*)

Quanto aos adjuntos modais de probabilidade, podemos perceber que constroem significados asseverativos que expressam as crenças e/ou certezas dos(as) próprios(as) autores(as). É possível perceber que os(as) autores(as) utilizam este recurso para expressar sua opinião/interpretação como algo confiável. Desta feita, podemos dizer que os marcadores de ênfase construídos por intermédio dos adjuntos modais de probabilidade são utilizados para estabelecer maior responsabilidade da autoria em relação ao conteúdo proposicional; maior agentividade e um grau de confiabilidade que está pautado na confiança que a comunidade disciplinar tem no(a) próprio(a) autor(a) do texto.

Dito desta forma, percebemos que o grau de verificação que é impresso pelo adjunto de probabilidade, é, entre os demais marcadores de ênfase, o menor.

Passemos ao olhar sobre os adjuntos de obviedade.

Marcador de ênfase realizado por adjunto modal de obviedade — <ADMOBV-ME> 05 ocorrências (evidentemente)

Ex.128:

Conforme suas próprias palavras: "Para as ciências e as técnicas, as palavras são efetivamente o 'substituto' das coisas, isto é, desse ponto de vista, a 'significação' coincide com a designação, o que não ocorre na linguagem como tal." (Coseriu; 1986: 96) **Evidentemente** <ADMOBVME> <ME> <ADM>, uma afirmação de tal ordem restringe-se a uma certa categoria de ciência, justificando a atemporalidade do pensamento de Coseriu. No entanto, essa concepção restrita permite também compreender que o revisionismo que atinge a terminologia é influenciado pela alteração de paradigmas científicos, culturais e tecnológicos do mundo contemporâneo. (*Corpus 2- Art.15*)

Ex. 129:

A esse tipo de paralelismo em que os aspectos quantitativos são simétricos, Garcia opõe, de um lado, aqueles em que a "estrutura verbal" (1988: 35), e não a sua cadência e duração, é semelhante, e, de outro, aqueles em que ocorre "correlação de sentido", os denominados "paralelismos semânticos" (1988: 36). **Evidentemente**, <ADM> <ADMOBVME> <ME> é uma concepção tradicional do ritmo (que o iguala a metro) que possibilita ao autor, a nosso ver, estabelecer esse tipo de distinção. Em concepções nas quais o ritmo ocupa papel central na organização simultânea dos fatos fônicos, gramaticais e semânticos da linguagem, como se pode observar em Moraes (1991) e sobretudo em Meschonnic (1982), todas essas formas de paralelismo são, de um modo ou de outro, rítmicas, na medida em que as unidades que se alternam delimitam-se, ao mesmo tempo, pelo jogo que estabelecem entre aspectos fônicos (métricos ou não), gramaticais[...] (*Corpus 2- Art.14*)

Ex.130:

Tais estruturas são sistematizáveis e finitas, o que possibilita a construção de uma teoria consistente sobre o contexto. Nas palavras de Goffman: Digamos que, em dada cultura, há um conjunto limitado de esquemas básicos de interpretação (cada um, **evidentemente** <ADMOBVME> <ME> <ADM>, realizado num número infinito de formas), de tal forma que o conjunto como um todo é potencialmente <ADM> <ADMVALMATR> <MATR> aplicável ao "mesmo" evento. Suponha, também, que estes enquadres fundamentais formam, por sua vez, um enquadre - um enquadre dos enquadres. (*Corpus 2- Art.16*)

Ex.131:

Isto porque, para o autor italiano, "qualquer discurso é situacional, isto é, pertence a uma situação histórico-social determinada. Qualquer situação está embebida de falsa-consciência; e como é discurso, isso ocorre no nível do falso-pensamento, isto é, da ideologia" (:145). **Evidentemente** <ADMOBVME> <ME> <ADM> que, para Rossi-Landi, os dois projetos fundamentais, o inovador e revolucionário e o conservador e reacionário, não são ideológicos na mesma medida: Todas as ideologias privilegiam seu próprio discurso. As ideologias conservadoras o privilegiam estaticamente, fundando-o no passado e subtraindo

assim o seu objeto ao devir histórico-social. (...) Elas são levadas a se fazerem passar por não-ideológicas. (:145) (*Corpus 2- Art.18*)

Estes adjuntos têm seu valor enfático centrado no modo de evidência da modalidade epistêmica, ou seja, a força verificativa da proposição é construída a partir de uma convicção relativa que exige evidências que abonem o conteúdo proposicional. É construída, assim, por meio de advérbio do tipo asseverativo afirmativo (NEVES, 2000) que apresenta o conteúdo proposicional como uma evidência. Dizer que algo é evidente é, segundo Houaiss (2001), dizer que *algo é certo, que não dá margem à dúvida, que é manifesto, que é visível*.

Desta feita, há uma tentativa, por parte dos (as) autores(as) de angariar a confiabilidade dos(as) leitores(as) ao dizer que a proposição apresentada é resultante de uma evidência e, sendo assim, minimizar uma possível tensão polêmica entre o texto e a audiência. Percebamos que este efeito de sentido é, fortemente, intensificado pelo uso temático que os autores fazem deste marcador. Este uso temático induz o(a) leitor(a) a antes mesmo de apropriar-se do conteúdo proposicional, já tomá-lo como resultado de uma evidência e, portanto, como confiável.

Quanto aos adjuntos de ênfase realizados pelos adjuntos modais de intensidade, é importante notar que ao dizer *efetivamente, realmente*, os autores estão buscando construir a validade de suas proposições como resultado da verdade dos fatos, do que *realmente* ocorre. Assim, posicionam-se como quem verifica a factualidade e, portanto, aos fatos lançam a responsabilidade sobre o conteúdo proposicional.

É interessante observar, ainda, que em (132), o (a) autor(a) ao dizer *efetivamente*, está sugerindo que há uma teoria da terminologia que não tem um caráter

investigatório. Existe, pois, subliminarmente, um caráter polêmico neste enunciado que não se expressa claramente, mas que intenta ser percebido.

**Marcador de ênfase realizado por adjunto modal de intensidade — <ADMINT-ME>
05 ocorrências (efetivamente, realmente)**

Ex.132:

A constituição de todo esse aparato teórico inovador também acolhe o diálogo com a epistemologia da ciência, para ampliar seu poder explicativo. Ao mesmo tempo, o conjunto dos princípios de uma teoria da terminologia, **efetivamente** <ADMINTME> <ME> <ADM> de caráter investigatório, compreende sua pluralidade constitutiva, como ângulos complementares e não antagônicos no propósito de dar conta do fenômeno terminológico. Sob esse eixo, convergem os aspectos lingüísticos cognitivos e sociais de que se ocupam os estudos terminológicos. (*Corpus 2- Art.15*)

Ex.133:

A conduta racional supõe que o participante conduz uma conversa de forma efetiva e cooperativa. Neste sentido, as implicaturas se baseiam na crença, compartilhada por falantes e ouvintes, de que as máximas não são, em geral, burladas durante a conversa; se esta burla ocorre, produz-se uma implicatura. A burla das máximas, portanto, na verdade mostra que estas são **efetivamente** <ADMINTME> <ME> <ADM> operacionais. Por exemplo, uma sentença como "Você é o açúcar do meu café", que contém uma falsidade categorial, quebraria a máxima da qualidade. (*Corpus 2- Art.16*)

Ex.134:

De acordo com Swales (1985), o ano de 1962 marca o início do ensino de inglês instrumental no mundo moderno com a publicação do artigo "Some measurable characteristics of modern scientific prose" de Barber, embora este não seja o ano em que o ensino instrumental **realmente** <ADM> <ADMINTME> <ME> começou, pois, de certa forma, e de maneira informal, o ensino instrumental sempre existiu, basta que consideremos, por exemplo, os contatos entre os impérios antigos, como o grego e o romano, por exemplo, onde, sem dúvida, a língua era utilizada para contato com os novos povos conquistados e, por certo, pelo que se tem notícia a respeito do ensino de línguas estrangeiras, não havia um ensino de línguas formal, a língua era aprendida, portanto, com o fim específico de estabelecer relações de dominação[...] (*Corpus 2- Art.17*)

Ex.135:

Neste último caso, localizamos especificamente o estudo de Green (1996), que discute "ambigüidade pragmática" em função do conceito de "ambigüidade semântica", não se referindo à polêmicas entre as abordagens sócio-pragmáticas. Contudo, deve-se registrar que há **efetivamente** <ADMINTME> <ME> <ADM> divergências entre as abordagens sócio-pragmáticas de análise do discurso, identificadas por Schiffrin (1994), no tocante, entre outros aspectos, às noções de contexto e comunicação. (*Corpus 2- Art.16*)

Por fim, temos uma ocorrência de marcador de ênfase realizado por adjunto modal de persuasão. Neste caso, os(as) autores(as) apóiam a validade proposicional em sua própria convicção acerca do dito. Como podemos ver no exemplo abaixo:

**Marcador de ênfase realizado por adjunto modal de persuasão — <ADMPERS-ME>
01 ocorrência (claramente)**

Ex.136:

[...] língua (norma culta) e cultura, é estilisticamente <ADMVALMATR> <MATR> <ADM> recomendável evitar um uso excessivo de pronomes (o que não parece ser o caso da língua inglesa, onde os pronomes pessoais são usados como co-referência sem qualquer economia). Pode-se também observar que em qualquer narrativa onde haja um ou mais agentes explícitos, por exemplo, a coesão lexical referencial é **claramente** <ADMPERSME> <ME> <ADM> predominante, a não ser em eventuais comentários do narrador: "O carro finalmente pegou. Carro velho é assim mesmo, né? Pois é, mas aí ele saiu disparado pela Rio-Bahia como se estivesse dirigindo uma BMW ! O carro parecia mais um saco de batata rolando ladeira abaixo. . ." (programa Rádio Globo ao Vivo, Janeiro,1996). (*Corpus 2*- Art.11)

Assim, como nos mostra o quadro abaixo, os marcadores de ênfase nos artigos teóricos, assim como nos artigos experimentais, foram predominantemente utilizados para construir verificação/confiabilidade, para ocultar a agentividade e, conseqüentemente, minimizar a margem de críticas às proposições construídas.

QUADRO 19
Significados dos marcadores de ênfase realizados por adjuntos modais
(advérbios simples) no *corpus* de artigos teóricos

Adj. modais Significados metadiscursivos	Suposição 28 ocorrências	Probabilidade 11 ocorrências	Obviedade 05 ocorrências	Intensidade 05 ocorrências	Persuasão 01 ocorrência
Agentividade	-	+	-	-	+ (-)
Verificação	+	-	+	+	-
Cooperação	-	+	-	-	+

Ao compararmos os dois corpora, percebemos que os artigos teóricos apresentaram maior quantidade de marcadores de ênfase com predomínio dos adjuntos de suposição e probabilidade. É interessante observar, ainda, que nos exemplares de artigos experimentais, houve maior incidência de adjuntos que ora construíam (+) agentividade; ora (-) agentividade e/ou (+) verificação/(-) verificação e/ou (+) cooperação/(-) cooperação. Foram os casos dos adjuntos modais de suposição e de persuasão. Com os artigos teóricos, isso ocorreu apenas em um exemplar. Ou seja, nos artigos teóricos, os adjuntos modais construíram significados de ênfase mais estáveis, mais homogêneos do que nos artigos experimentais. Outra distinção a ser observada é que nos exemplares de artigos experimentais houve uma forte ocorrência de adjuntos modais de persuasão realizando significados de ênfase. Em contraposição, nos artigos teóricos houve apenas uma realização deste tipo de adjunto como marcador de ênfase.

Mais uma vez, pensamos que tais diferenças se devem aos diferentes propósitos e às diferenças na organização retórica destes artigos.

Por fim, quanto ao uso dos marcadores de atenuação e ênfase, é fundamental salientar que, de um modo geral, o uso desses marcadores é efetivado em pontos dos textos nos quais os(as) autores(as) não se sentem à vontade para construir declarativas não modalizadas que se impõem como verdades inegociáveis. Como diz McCabe (2004), o uso de qualquer marcador de modalidade coloca o conteúdo da proposição como objeto de negociação entre escritor e leitor ao passo que o uso de declarativas não modalizadas simula uma relação consensual entre os mesmos.

Assim, o uso desses marcadores em maior ou menor grau abre as proposições a interpretações variadas, sugerindo, pois, a falta de consenso e pondo em questão a responsabilidade sobre as proposições.

Passemos, agora, às realizações dos marcadores atributivos nos exemplares de artigos experimentais.

Marcadores atributivos - <MATR> - 219 ocorrências

Marcador atributivo realizado por adjunto modal de validade -- <ADMVAL-MATR> 91 ocorrências (especificamente, empiricamente, particularmente, fundamentalmente...)

Ex. 137:

Justamente <ADM> <ADMSUPME> <ME> porque a perspectiva aqui sustentada considera insatisfatória a mera articulação dual do biológico com o social devido à exclusão do simbólico e do significante (cf. M. Pêcheux, 1990b)²³. **Especificamente** <ADM> <ADMVALMATR> <MATR> em relação à segunda língua, C. Melman (1992) realiza, nesse sentido, observações interessantes: "(...) a fala se desenvolve para cada um de nós sobre uma dupla escala. . (Corpus 2 – Art.20)

Como podemos observar em (137), o(a) autor do texto utiliza o adjunto de validade para circunscrever a validade de todo o conteúdo proposicional que vem a seguir. A posição temática do adjunto possibilita que o(a) autor(a) de antemão direcione o foco a partir do qual deseja que sua audiência perceba a informação. É interessante notar, ainda, que a especificação é realizada em relação à teoria de um autor citado. Mais uma vez, parece que o(a) autor procura antever a possibilidade de que a audiência possa observar a teoria deste mesmo autor sob um ângulo distinto. O mesmo ocorre em (138).

Ex.138:

Está muito próxima das posições de van Dijk e Swales, muito embora este último também recuse o diálogo como um gênero. Swales concebe o gênero à maneira dos gêneros secundários de Bakhtin (**particularmente** <ADM> <ADMVALMATR> <MATR> dos gêneros escritos). De qualquer forma, para Bakhtin e Swales (posso inferir) o ato comunicativo tem base no gênero e não na seqüência, como quer Adam. (Corpus 2 – Art.12)

Já em (139), encontramos uma realização da função de adjunto de validade que foi típica dos exemplares de artigos teóricos: o adjunto que circunscreve um campo de validade para o que irá ser afirmado. Ou seja, o que o(a) autor(a) diz é que *do ponto de*

vista empírico, a idéia é insustentável. Este recurso foi recorrente nos exemplares de artigos teóricos por meio de adjuntos como *sintaticamente, semanticamente, conceptualmente, socialmente, cognitivamente, etc.* É o que mostram os exemplos abaixo.

Ex.139:

Portanto, são produto de trabalho humano. Não conferir à linguagem o caráter de trabalho seria, para Rossi-Landi, considerá-la, em primeiro lugar, como algo apenas <ADM> <ADMINTMATR> <MATR> natural, como a digestão ou a respiração, isto é, como algo que não sofre condicionamentos históricos. Além de **empiricamente** <ADM> <ADMVALMATR> <MATR> insustentável, essa tese nega a existência de qualquer elemento diferencial entre os homens e os animais em relação à linguagem que não seja o fator biológico:[...] (*Corpus 2* – Art.18)

Ex.140:

Este subprincípio guarda estreita relação com o traço frequência (Traugott e Heine, 1991), anteriormente mencionado como associado à gramaticalização. Em termos de repetição, a questão da saliência informacional se destaca no estudo da quantidade icônica. O segundo subprincípio, o de proximidade, postula que, quanto mais próximos estiverem dois conteúdos, **conceptual** <ADM> <ADMVALMATR> <MATR> e **cognitivamente**, <ADM> <ADMVALMATR> <MATR> mais próximas também deverão estar as formas que os representam. O traço proximidade, assim definido por Givón (1995), tem correspondência com o princípio de adjacência, preconizado pelo autor como fator de gramaticalização; segundo este princípio, a distância espaço-temporal na cadeia da fala tende a refletir distância conceptual. : (*Corpus 2* – Art.19)

Observemos, agora, os adjuntos modais de intensidade que funcionaram como marcadores atributivos nos exemplares de artigos teóricos:

Marcador atributivo realizado por adjunto modal de intensidade — <ADMINTMATR> 98 ocorrências (só, somente, apenas)

Ex.141:

Segundo a lingüista, a coesão lexical **somente** <ADM> <ADMINTMATR> <MATR> se manifesta através de relações de sentido ("sense relations") entre "palavras de conteúdo", relações essas que transcenderiam o texto. A coesão, nesse caso, estaria na rede semântica formada pela relação entre esses itens lexicais presentes em um determinado co-texto. Entre os exemplos sugeridos por Halliday e Hasan (1976), **somente** <ADM> <ADMINTMATR> <MATR> o "d" seria um caso de co-referencialidade. (*Corpus 2* – Art.12)

Ex.142:

Este artigo apresenta algumas novas hipóteses a respeito do léxico, embora a discussão não se atenha exclusivamente a este, pois as propostas lexicais que serão apresentadas **só** <ADM> <ADMINTMATR> <MATR> fazem sentido se inseridas em um modelo específico: uma teoria de papéis temáticos. Portanto, será introduzida, brevemente, uma teoria de papéis temáticos que pode ser classificada como semântico-lexical, pois é uma abordagem baseada exclusivamente nos itens lexicais e na composição destes. Serão

mostradas, também, as vantagens de se usar uma teoria de papéis temáticos como parte de uma teoria gramatical, utilizando-se para tal, dados do português brasileiro. (*Corpus 2* – Art.13)

Ex.143:

O contexto social - como, por exemplo, os papéis interacionais desempenhados pelos participantes em dado evento - não está, para este autor, **apenas** <ADM> <ADMINTMATR> <MATR> "circundando" a interação. Para Goffman, sem a análise de enquadres, não é possível explicar o quanto o significado de um ato se aproxima do "significado literal"; não é possível explicar, inclusive, por que um ouvinte opta por interpretar um ato de fala como direto ou indireto4. (*Corpus 2* – Art.16)

Ex. 144:

Maria da Graça KRIEGER (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)> A constituição de uma terminologia própria marca, em toda ciência, o advento ou o desenvolvimento de uma conceitualização nova, assinalando, assim, um momento decisivo de sua história. Poder-se-ia mesmo dizer que a história particular de uma ciência se resume na de seus termos específicos. Uma ciência **só** <ADM> <ADMINTMATR> <MATR> começa a existir ou consegue se impor na medida em que faz existir e em que impõe seus conceitos, através de sua denominação. (*Corpus 2* – Art. 15)

É interessante observar que, diferentemente do que ocorre com esses adjuntos nos exemplares de artigos experimentais, o valor agregado aqui não parece ser o valor afetivo, mas o valor de estabelecimento de uma condição. Ou seja, os marcadores além de circunscreverem a validade do conteúdo proposicional, parecem estabelecer uma relação condicional entre partes desse conteúdo. Isto corrobora a posição de Thompson e Zhou (2000) para os quais a coerência de um texto somente pode ser adequadamente compreendida se o conceito de coerência proposicional for complementado pelo conceito de coerência avaliativa e isto envolve, entre outras coisas, o reconhecimento da função conjuntiva dos adjuntos modais. Assim, um adjunto modal realizado por advérbio não apenas comenta o conteúdo da oração da qual faz parte, como também sugere um tipo específico de conexão entre duas orações, estabelecendo, portanto, uma ligação coesiva.

Por fim, temos os marcadores atributivos realizados por adjuntos modais de usualidade. Os exemplos abaixo mostram significações similares às que foram analisadas nos exemplares dos artigos experimentais, ou seja, significações que indicam uma

delimitação quanto à frequência a partir da qual a proposição pode ser tomada como válida por parte da audiência.

Marcadores atributivos realizados por adjunto modal de usualidade – <ADMUSUMATR> 30 ocorrências (sempre, geralmente, nem sempre...)

Ex. 145:

Uma Segunda justificativa para o estudo diacrônico é que os fatores cognitivos e comunicativos que subjazem ao significado gramatical são mais claramente revelados à medida que a mudança ocorre, ou seja, em situações de dinamismo ao invés de situações de estabilidade. Dado que os elementos lingüísticos são altamente convencionais e usados inconscientemente, podem ser descritos e interpretados de vários modos, mas a natureza da mudança **geralmente** <ADMUSUMATR> <MATR> <ADM> aponta para a interpretação que é adequada (cf. Bybee et al., 1994). (*Corpus 2* – Art.19)

Ex. 146:

Coincido com C. Revuz, quando diz que na aprendizagem de uma língua estrangeira há um momento no qual o que aparece com maior evidência é a operação lingüístico-discursiva de nomeação. Se levamos em conta a processualidade do dizer (M. Pêcheux e C. Fuchs, 1975, em F. Gadet e T. Hak, 1990; E. Orlandi, 1983) e suas não-coincidências (J. Authier-Revuz, 1995), compreendemos que esse nomear deve ser entendido **sempre** <ADM> <ADMUSUMATR> <MATR> como uma operação prenhe de mediações. Na Análise do Discurso, essas mediações decorrentes da opacidade da linguagem são trabalhadas em diversos “momentos” da teoria. (*Corpus 2* – Art. 20)

Ex.147:

Associado a este, mas num contexto mais restrito está o discurso institucional, que compreende a relação entre um leigo e um especialista, como na relação médico-paciente, ou advogado-cliente, por exemplo. O discurso da área de negócios, finalmente, apresenta muitas características do discurso profissional, principalmente <ADMVALMATR> <MATR> <ADM> em relação à interdiscursividade, mas apresenta uma distinção marcante, que é o papel dos interactantes, que se encontram, **geralmente** <ADM> <ADMUSUMATR> <MATR>, num mesmo nível. (*Corpus 2* – Art.17)

Observando os exemplares analisados em ambas as categorias de artigos (experimentais e teóricos), percebemos que, na maioria dos casos, os significados realizados por esses elementos delimitadores são similares. A diferença está nas realizações de delimitadores como *cognitivamente*, *cientificamente*, etc. que apresentaram realização distinta, uma vez que, nos artigos teóricos, foram utilizados para circunscrever campo de validação do conteúdo proposicional, o que não ocorreu significativamente nos artigos experimentais.

E para finalizar o mapeamento e a análise dos significados realizados pelos marcadores metadiscursivos nos artigos experimentais e teóricos, passemos ao tratamento dos marcadores atitudinais. Esses marcadores constroem uma avaliação afetiva do escritor em relação ao texto. Geralmente, expressam surpresa, avaliação de importância, concordância/discordância, etc. Esses significados foram realizados, no *corpus 2*, particularmente, pelos adjuntos modais de desejo e intensidade.

Marcadores atitudinais (MAT) – 06 ocorrências

Marcador atitudinal realizado por adjunto modal de desejo – <ADMDES-MAT> 02 ocorrências (felizmente, infelizmente)

Ex.148:

algumas respostas às perguntas colocadas por Waters no texto em epígrafe na introdução deste trabalho, mostrando a ampliação da área de ensino de inglês instrumental - mais especificamente <ADM> <ADMVALMATR> <MATR> , neste caso, o inglês para fins gerais de negócios, referido neste artigo como inglês para negócios e o inglês para fins específicos de negócios, aqui utilizado como inglês instrumental para negócios -, correspondendo ao "second coming" sugerido por Waters. As respostas, **feliz** <ADM> <ADMDESMAT> <MAT> ou **infelizmente** <ADM> <ADMDESMAT> <MAT> , serão obtidas na nossa prática diária e surgirão com a evolução natural tanto de nossa prática pedagógica quanto de pesquisas. (*Corpus 2 – Art. 17*)

Marcador atitudinal realizado por Adjunto modal de intensidade – <ADMINT-MAT> 04 ocorrências – (razoavelmente; consideravelmente)

Ex.149:

Vejam que nas frases abaixo, consideradas estativas, em que não há os traços de controle ou causa direta, as passivas não são aceitas: (29) a. O fazendeiro tem/possui cem alqueires de terra. b.*Cem alqueires de terra são tidos/possuídos pelo fazendeiro. Mas observem que se usarmos os mesmos verbos, porém, para descrevermos eventos que tenham características agentivas, cujo traço de controle estaria presente na posição de argumento externo, a passiva é **razoavelmente** <ADM> <ADMINTMAT> <MAT> <ADMINTPE> boa: (30) a. Suzana teve seus três filhos em uma cabana. b. Os três filhos de Suzana foram tidos em uma cabana. (31) a. O diabo possuiu o homem totalmente. b. O homem foi possuído pelo diabo. (*Corpus 2 – Art. 13*)

Ex.150:

Contudo, apesar da defesa deste forte arcabouço social, Goffman aponta também o caráter negociado das interpretações. Por esta razão, a análise de enquadres de Goffman (...) começa com o fato que, embora de um ponto de vista em particular algo momentaneamente possa parecer como real, na verdade, o que está acontecendo é **simplesmente** <ADM> <ADMINTPE> <ADMINTMAT> <MAT> uma piada, um sonho, um acidente, um erro, um mal-entendido, uma manipulação, uma apresentação teatral, e assim por diante. (*Corpus 2* – Art. 16)

CORPUS 3 - ARTIGOS DE REVISÃO DE LITERATURA

Chegamos, por fim, à tabela que nos mostra a distribuição dos marcadores metadiscursivos nas unidades retóricas dos artigos de revisão de literatura. A primeira coisa a ser ressaltada é que os artigos de revisão apresentaram, assim como os artigos teóricos, apenas três unidades retóricas: Introdução, Revisão de Literatura e Considerações Finais.

Observando a tabela abaixo, percebemos que é na seção Revisão de Literatura que está concentrada a maioria dos marcadores metadiscursivos, totalizando 153 em detrimento de 23 marcadores da seção Considerações Finais e 16 marcadores da seção Introdução. Assim como nos artigos experimentais e nos teóricos, os marcadores metadiscursivos atributivos predominaram em relação aos demais tipos de marcadores e os marcadores atitudinais foram os que, em menor escala, foram utilizados pelos(as) autores(as).

É interessante, ainda, observar que o marcador de atenuação não foi utilizado pelos(as) autores(as) na seção de introdução. Fato que, aliás, foi comum também aos artigos experimentais e teóricos.

TABELA 14
 Marcadores metadiscursivos por unidade retórica –
 Artigos de revisão (5 exemplares)

UR→ MI↓	INTRODUÇÃO	REVISÃO DE LITERATURA	CONSID. FINAIS
MARCADOR DE ATENUAÇÃO <MA>	_____	10	02
MARCADOR DE ÊNFASE <ME>	01	19	03
MARCADOR ATRIBUTIVO <MATR>	12	120	17
MARCADOR ATITUDINAL <MAT>	03	04	01

Vejamos, agora, alguns exemplos de realizações desses marcadores. Iniciemos pelos marcadores de atenuação. É importante salientar que, assim como na análise dos outros dois *corpora*, os exemplos foram coletados a partir do *corpus* completo de 10 exemplares de artigos e que os exemplos foram retirados do texto como um todo e não por unidade retórica.

Como podemos ver abaixo, os marcadores de atenuação totalizaram 13 ocorrências em um *corpus* de 10.067 palavras não-repetidas. Isso corresponde a 0.13.% do total desse *corpus*. Esses marcadores foram realizados por adjuntos modais de probabilidade (09 ocorrências) e de suposição (04 ocorrências) e estiveram concentrados na seção de revisão de literatura.

Marcadores de atenuação - total de 13 ocorrências

Marcador de atenuação realizado por adjunto modal de probabilidade <ADMPROMA> – 09 ocorrências (talvez...)

Ex.151:

A formulação desse processo, do ponto de vista da aprendibilidade de gramáticas, não se apresentava atraente para o estudo do desenvolvimento centrado na criança, **talvez** <ADM> <ADMPROMA> <MA> por abstrair a criança num procedimento de aprendizagem. (*Corpus 3 – Art. 21*)

Ex.152:

Não estamos endossando a metáfora bélica quando propomos comparar modelos, afinal pode ser que as diferentes soluções sejam compatíveis, o que levaria a sua unificação. Neste caso, poderíamos aderir à metáfora da cebola descrita por Marcelo Dascal: a semântica formal explicaria até certo ponto - o fato de que os operadores e, mas, não só...mas também constituem uma sentença verdadeira se e somente <ADM> <ADMINTMATR> <MATR> se suas partes forem verdadeiras -, sendo complementada pela argumentativa, que descreveria as diferenças entre estes operadores, **talvez** <ADM> <ADMPROMA> <MA> de maneira próxima à noção de implicatura convencional em Grice.¹² Parece ser a postura de unificação que embasa o artigo de Geraldini, Guimarães e Ilari (1985), "Os operadores de argumentação e o diálogo", em que se lê: "De Saussure até as orientações chomskianas é sabido que a lingüística moderna, em sua prática efetiva de análise tem abordado unidades cuja complexidade sintática não vai além da frase complexa. Unidades maiores ? por exemplo o parágrafo e o texto ? têm sido por assim dizer abandonadas a outras disciplinas. (*Corpus 3 . Art. 24*)

Marcador de atenuação realizado por adjunto modal de suposição – 04 ocorrências (supostamente...)

Ex. 153:

A semântica argumentativa e a cognitiva, em especial a praticada por aqueles que aderiram às teses do Grupo de Berkeley, elegeram, por razões históricas - a forte presença da descrições lógico-formais -, a semântica formal como abordagem a ser desacreditada, quer porque ela **supostamente** <ADM> <ADMSUPMA> <MA> não daria conta de dados empíricos, quer porque sua concepção de linguagem baseada, segundo estas abordagens, na teoria de correspondência é inadequada. Não se trata apenas de afirmar que existe apenas uma semântica formal, mas que ela se vincula a uma certa metafísica e a uma certa teoria de verdade. (*Corpus 3 – Art.24*).

Ex. 154:

A análise da alternância entre nós e a gente fornece fortes evidências de uma mudança das formas de referência à primeira pessoa do plural, com gradativa substituição de nós pela expressão genérica a gente, em diversas funções sintáticas (que nós temos aqui uma dificuldade muito grande de colocar a documentação do bar em dia/Então, a gente num tem condição de fazer uma documentação certa) (Omena, 1987; 1996). O emprego **supostamente** <ADM> <ADMSUPMA> <MA> facultativo de artigos frente a possessivos e patronímicos (o meu livro/meu livro, o Arthur/Arthur) foi submetido ao rigor da metodologia quantitativa, desnudando-se, assim, diferenças significativas de contextos favoráveis a uma ou outra variante (Silva, 1996c). (*Corpus 3 – Art. 30*)

Para não tornar nossa leitura cansativa, não alongaremos os comentários sobre os significados produzidos por tais marcadores já que o fizemos em relação aos demais tipos de artigos. Em síntese, podemos dizer que os marcadores de atenuação realizados por adjuntos modais de suposição construíram, nesse *corpus*, um sentido cooperativo entre autor e leitor; apresentaram um baixo grau de agentividade uma vez que a responsabilidade com a veracidade do conteúdo proposicional foi lançada a um outrem e como este outrem não é identificado, ou seja, a responsabilidade sobre o conteúdo proposicional está dissolvida em um conhecimento da comunidade, então o grau de verificação é também baixo, pois não há total confiabilidade na fonte da informação.

Quanto aos marcadores metadiscursivos construídos por adjuntos modais de probabilidade, podemos dizer que apresentaram alto grau de agentividade e de cooperação, pois, ao utilizarem esses marcadores, os(as) autores(as) se mostram mais explicitamente como fonte da proposição e, portanto, abrem maior espaço para dialogar com seus leitores, apresentando, conseqüentemente, baixo grau de verificação.

Vejam, então, a figura abaixo com o resumo dos significados construídos por pelos marcadores de atenuação:

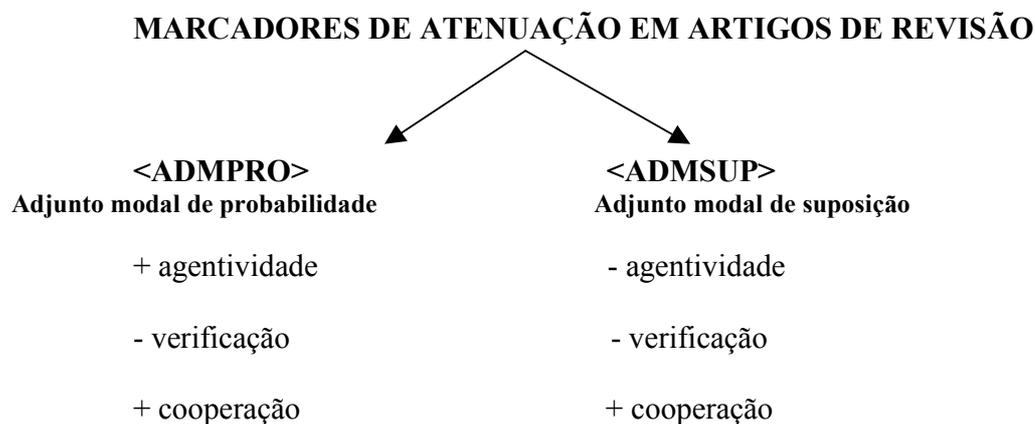


FIGURA 13 – significados construídos pelos marcadores metadiscursivos de atenuação em artigos de revisão de literatura.

Voltemos, agora, nosso olhar para os marcadores metadiscursivos de ênfase. Os marcadores de ênfase totalizaram 32 ocorrências o que corresponde a 0.31.% em um *corpus* de 10.067 palavras não-repetidas.

Tais marcadores foram realizados por meio de adjuntos modais de probabilidade (16 ocorrências); de obviedade (07 ocorrências); de suposição (07 ocorrências) e de persuasão (02 ocorrências). Vejam alguns exemplos:

Marcador de ênfase realizado por adjunto modal de suposição <ADMSUPME> - 07 ocorrências (exatamente, precisamente)

Ex. 155:

Os estudos do português arcaico que aqui relatamos, embora escritos na visão da TPP, tiveram o sólido suporte de Mattos e Silva, na seleção e leitura dos textos. São eles os trabalhos de Ribeiro (1993, 1995, 1996b), principalmente <ADMVALMATR> <MATR> <ADM> sobre a ordem dos constituintes; e o de Augusto & Guimarães 1996), sobre o sujeito na Carta de Caminha. Parecem ter sido **exatamente** <ADMSUPME> <ME> <ADM> as mesmas propriedades do francês antigo que se perderam no português, conforme diz Roberts (1993b), embora em período de tempo muito maior. Os demais estudos tomam principalmente <ADMVALMATR> <MATR> <ADM> os dados do clássico para o presente. (*Corpus 3* – Art. 29)

Ex. 156:

Nossa rápida reconstrução da constituição de modelos na semântica nos dá a dica para entendermos a diversidade sem precisarmos afastá-la na homogeneidade do projeto final ou torná-la insuperável no isolamento de cada teoria: o conhecimento em si mesmo parcial e fragmentado se constrói na conversa propiciada pela diversidade de abordagens. Neste sentido, a diversidade é condição necessária para o conhecimento. Se todos fizessem semântica formal seria o fim da semântica. A melhor metáfora não é, portanto, a do projeto único, nem a dos caminhos isolados, mas de uma conversa na diferença; quanto mais conversamos, mais os conceitos circulam, mais revisões são necessárias, mais conhecimento comum é gerado. Evidentemente <ADM> <ADMOBVME> <ME> a conversa é mais animada se os participantes tiverem clareza do seu lugar, da sua diferença com relação ao outro; e é daqui que se conclui o contrário da afirmação de Kato (1998): é muito importante o ponto de vista epistemológico e quanto mais clareza tivermos sobre ele mais produtiva pode ser a conversa, **precisamente** <ADM> <ADMSUPME> <ME> porque entendemos melhor nossos limites teóricos. (*Corpus 3* – Art.24)

Marcador de ênfase realizado por adjunto modal de persuasão <ADMPERSME> - 02 ocorrências (claramente)

Ex. 157:

Tais resultados claramente contradiziam o que era pressuposto por Chomsky (1964 apud Allen & van Buren, 1971)). Contudo, como admite Snow (1986), estas evidências só poderiam eliminar a necessidade de uma predisposição específica para a aquisição de línguas caso fosse demonstrado que outras espécies, comparado o nível de inteligência, seriam bem sucedidas na tarefa de adquirir uma língua humana, mediante dados simplificados, o que **claramente** <ADMPERSME> <ME> <ADM> não é o caso (cf. Aitchison,1976). Além disso, a existência desse registro especial não implica que o uso deste seja uma condição necessária para a aquisição de uma língua. Ingram (1989) apresenta um sumário de estudos etnográficos que revelam diferentes atitudes culturais em relação ao bebê que fazem com que não lhe seja dirigida a palavra até que ele fale, seja como forma de proteger sua alma, entre os Quiché da Guatemala, porque tal atitude iria de encontro a convenções de etiqueta, entre os Samoanos da Nova Guiné, porque bebês ainda "não são humanos", entre os Javaneses, ou simplesmente <ADM> <ADMINTMATR> <MATR> por provocarem ciúme entre os Mundugumor. (*Corpus 3* – Art. 21)

Ex. 158:

A gramática gerativa tem se centrado em dois tipos de pesquisa. O primeiro tipo tem a ver com os princípios e o segundo com os parâmetros, embora nem sempre <ADM> <ADMUSUMATR> <MATR> seja fácil distinguir um do outro, pois muitos dos parâmetros são associados a determinados princípios. O português, à primeira vista, apresenta, ainda, outros fenômenos que fazem duvidar de certos princípios e conceitos dentro da TPP, como é, por exemplo, o caso do domínio dos pronomes (Princípio de Ligação). Enquanto línguas como o inglês apresentam uma distribuição **claramente** <ADMPERSME> <ME> <ADM> complementar dos pronomes pessoais e dos reflexivos, o PB não apresenta uma distinção tão clara. (*Corpus 3* – Art. 29)

Marcador de ênfase realizado por adjunto modal de obviedade <ADMOBVME> - 07 ocorrências (evidentemente, obviamente)

Ex. 159:

Nossa rápida reconstrução da constituição de modelos na semântica nos dá a dica para entendermos a diversidade sem precisarmos afastá-la na homogeneidade do projeto final ou torná-la insuperável no isolamento de cada teoria: o conhecimento em si mesmo parcial e fragmentado se constrói na conversa propiciada pela diversidade de abordagens. Neste sentido, a diversidade é condição necessária para o

conhecimento. Se todos fizessem semântica formal seria o fim da semântica. A melhor metáfora não é, portanto, a do projeto único, nem a dos caminhos isolados, mas de uma conversa na diferença; quanto mais conversamos, mais os conceitos circulam, mais revisões são necessárias, mais conhecimento comum é gerado. **Evidentemente** <ADM> <ADMOBVME> <ME> a conversa é mais animada se os participantes tiverem clareza do seu lugar, da sua diferença com relação ao outro; e é daqui que se conclui o contrário da afirmação de Kato (1998): é muito importante o ponto de vista epistemológico e quanto mais clareza tivermos sobre ele mais produtiva pode ser a conversa, precisamente <ADM> <ADMSUPME> <ME> porque entendemos melhor nossos limites teóricos. (*Corpus 3 – Art.24*)

Ex. 160:

À parte fornecer cópias de materiais às instituições acadêmicas às quais esteve ligado (Museu Nacional, UnB, Unicamp), em cumprimento de cláusulas dos respectivos convênios e durante a vigência dos mesmos, o contato privilegiadamente mantido pelo SIL foi sempre <ADM> <ADMUSUMATR> <MATR> de caráter pessoal. Linguístas estrangeiros por vezes manifestam estranheza quanto ao fato de que, no Brasil, diferentemente <ADMPREDMAT> <MAT> <ADM> do que ocorre em muitos países, não exista colaboração mútua entre membros do SIL e linguístas locais. **Obviamente** <ADM> <ADMOBVME> <ME>, há linguístas que se interessam antes de tudo pelos dados, independentemente da fonte dos mesmos e do custo que sua obtenção representa para as comunidades falantes. Contudo, em geral não é este o ponto de vista dos linguístas brasileiros, que conscientes de sua responsabilidade social não ficam indiferentes a questões de ordem ética e política. (*Corpus 3 – Art. 22*)

Marcador de ênfase realizado por adjunto modal de probabilidade <ADMPROME> - 16 ocorrências (certamente)

Ex. 161:

Em segundo lugar, se a associação sintaxe/semântica **certamente** <ADM> <ADMPROME> <ME> dá conta de um certo número de trabalhos, há tantos trabalhos em sintaxe que não fazem referência explícita à semântica, quanto trabalhos em semântica que nada dizem sobre sintaxe; a descrição dos progressivos realizada por Ilari e Mantonelli (1983) é um exemplo deste último caso. Assim, se nossa meta é delinear orientações teóricas, é preciso observar esse aspecto; quando assim o fazemos, notamos que, mesmo nos vinte primeiros anos de lingüística brasileira, já há várias semânticas. De Oliveira (1978), por exemplo, trata do sintagma nominal complexo dentro de uma abordagem gerativa, ao passo que Salomão (1978) critica a abordagem formal, apontando para a impossibilidade, presumida por Katz e Fodor (1963), de a semântica descrever o significado independente do contexto. Seu artigo pretende mostrar que uma análise que abrisse mão da distinção semântica/pragmática, sem, contudo, assumir a abordagem argumentativa, que a autora também mostra ser insuficiente, seria a melhor. Sua conclusão direciona para a funcionalista como a melhor solução teórica. (*Corpus 3 – Art. 24*)

Ex. 162:

Essa amostra, mais conhecida por *Corpus Censo*,⁴ revelou-se fértil manancial para o estudo da heterogeneidade da fala carioca. Foi possível constatar que, a depender da conjugação de fatores lingüísticos e extralingüísticos, *os carioca, em dias de sol, curte ir na praia e, depois, adora toma umas cervejinha, assistino o jogo de futebol*. A frase anterior ilustra algumas variações já estudadas a partir do *Corpus Censo*, mas, **certamente** <ADMPROME> <ME> <ADM>, não as esgota. Estudos de diversos fenômenos variáveis em todos os subsistemas lingüísticos permitiram a construção de um quadro bastante completo do universo da variação presente na fala dos cariocas com escolarização média. (*Corpus 3 – Art. 30*)

Observando os exemplos, podemos perceber os seguintes significados construídos pelos marcadores de ênfase:

QUADRO 20
Significados dos marcadores de ênfase em exemplares de artigos de revisão de literatura

Adj. Modais Sig. metadiscursivos	Probabilidade	Suposição	Persuasão	Obviedade
Agentividade	+	- (+)	-	-
Verificação	-	+ (-)	+	+
Cooperação	+	- (+)	-	-

Observando o grau de agentividade expresso no quadro acima, podemos sugerir que, nos artigos de revisão de literatura, os marcadores de ênfase, parecem, de uma forma geral, colocar o autor em posição de quem não se apresenta como fonte de suas proposições, pois ao construir a ênfase através dos adjuntos de persuasão, obviedade e, em menor escala, suposição, o(a) autor(a) lança a agentividade para as evidências, os fatos ou afirmações de outros autores já consolidadas na comunidade disciplinar. Assim, o grau de verificação da proposição é considerável.

Aqui é interessante observar que ao utilizarem esses marcadores de ênfase, os(as) autores(as) intentam minimizar o grau de intervenção dos(as) leitores(as), levando-os (as) à aceitação do conteúdo proposicional, mas, de certa forma, ao se posicionarem como a fonte do enunciado, deixam o conteúdo proposicional aberto ao questionamento, à discordância.

Passemos agora à observação dos marcadores atributivos. Os marcadores metadiscursivos atributivos totalizaram 248 ocorrências, sendo 123 realizadas por adjuntos modais de validade; 93 realizadas por adjuntos modais de intensidade e 32 ocorrências realizadas por adjuntos modais de usualidade. Vejamos alguns exemplos dessas ocorrências. Iniciemos pelos marcadores atributivos realizados por adjunto modal de validade. Nesses casos, assim como nos artigos experimentais e teóricos, os marcadores constroem significados que delimitam, especificam o grau de validade do conteúdo proposicional. É o que pode ser percebido nos exemplos.

Marcador atributivo realizado por adjunto modal de validade <ADMVALMATR> - 123 ocorrências, (especialmente, particularmente, pragmaticamente)

Ex. 163:

Os estudos funcionalistas têm tido grande incremento no Brasil, nos últimos anos, **particularmente** <ADM> <ADMVALMATR> <MATR> nos anos 90. Os pólos de interesse estão localizados **especialmente** <ADMVALMATR> <MATR> <ADM> nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. (Coprus 3 – Art. 28)

Ex.164:

São apresentados 1.589 trabalhos entre teses de doutorado e dissertações de mestrado na área dos estudos lingüísticos, dos quais 98 se debruçam sobre aspectos dialetais nos seus mais diferenciados enfoques. não cabe enumerar todas elas, mas convém assinalar que recobrem o país, parafraseando Nascentes, do Oiapoque ao Chuí, pois há trabalhos produzidos sobre, pelo menos, áreas de dezenove estados brasileiros, começando pelo Pará e chegando ao Rio Grande do Sul. Postas estas linhas gerais da história dos estudos dialetais no Brasil, procuro, no item que segue, examinar a produção no campo da geografia lingüística, **especificamente** <ADM> <ADMVALMATR> <MATR> no que se refere à realização de atlas lingüísticos. (Corpus 3- Art. 25)

Ex.165:

Ainda na década de 70, a interação comunicativa e o diálogo passaram a atrair atenção no estudo do desenvolvimento lingüístico. Halliday (1975) apresentava uma análise funcionalista das emissões vocais de seu filho Nigel, numa fase dita "pré-lingüística", segundo a qual uma série de intenções identificadas com funções da linguagem são atribuídas à criança. Bates (1976) concebe uma origem pragmática para a linguagem, introduzindo uma concepção teórica que tem como principal problema dar conta da descontinuidade entre o que seriam categorias de natureza comunicativa e categorias gramaticais no desenvolvimento (ver também Bates, Camaoni, Volterra, 1979; Bates & MacWhinney, 1982). Bruner(1983)15., parafraseando Austin (1962), pergunta-se "how to get things done with words?" e introduz

o problema de como a criança desenvolve a habilidade de produzir enunciados **pragmaticamente** <ADM> <ADMVALMATR> <MATR> efetivos num dado contexto. A proposta de Bruner, ao contrário das demais, não tribui uma origem pragmática para língua. (*Corpus 3 – Art. 21*)

Já com os adjuntos modais de intensidade exemplificados abaixo, tais marcadores expressam o grau de completude ou incompletude a partir do qual os conteúdos proposicionais devem ser considerados pelo leitor.

Marcador atributivo realizado por adjunto modal de intensidade <ADMINTMATR> - 93 ocorrências (totalmente, aproximadamente, quase, apenas, somente)

Ex. 166:

Embora haja dados **totalmente** <ADM> <ADMINTMATR> <MATR> precisos, os estudiosos em geral concordam com a estimativa de que atualmente são ainda faladas no Brasil cerca de 180 línguas indígenas. Estima-se também que desde a chegada dos portugueses houve a perda de 1.000 línguas, o que representa 85% das línguas existentes no território brasileiro no século XVI. As línguas remanescentes são todas minoritárias, calculando-se em **aproximadamente** <ADM> <ADMINTMATR> <MATR> 155.000 o número total de falantes. É muito variável o número de falantes por língua, havendo **apenas** <ADM> <ADMINTMATR> <MATR> uma, o Ticuna, com cerca de 20.000. Três línguas o Makuxi, o Terena e o Kaingang, contam com 10.000 falantes; vinte línguas têm entre 1.000 e 10.000 falantes, e as outras 156 têm menos de mil, sendo que dentre elas, 40 são faladas por menos de cem pessoas, havendo casos de línguas com menos de 20 falantes (Rodrigues, 1993). (*Corpus 3 – Art.22*)

Ex.167:

A concentração **quase** <ADM> <ADMINTMATR> <MATR> exclusiva nos estudos sincrônicos que marcou a Linguística brasileira nos anos sessenta, setenta e oitenta teve como consequência, como exposto no item 2., o avanço positivo na direção de um conhecimento bem generalizado e aprofundado sobre a realidade heterogênea do português brasileiro, sobretudo no seu aspecto social, tanto no que diz respeito à variação estrática em geral, como no que diz respeito à distância, mesmo a polarização, entre o chamado português padrão, ou seja, o veiculado pela tradição normativa, também o português culto, ou seja, o utilizado pelas camadas sociais de escolaridade alta, em relação ao português corrente ou popular, das camadas sociais 3/4 a maioria brasileira 3/4 que, ou não alcançam a escola ou **apenas** <ADM> <ADMINTMATR> <MATR> alcançam os primeiros anos de escolaridade. (*Corpus 3 – Art.27*)

Ex.168:

O APFB ao lado dos dados estritamente <ADM> <ADMVALMATR> <MATR> lingüísticos traz nas suas cartas dados etnográficos, muitos deles acompanhados de ilustrações de objetos segundo a descrição que apresentavam os informantes ou pela exibição que deles faziam. (MAPA 3). Embora, por dificuldade de financiamento, publicado **somente** <ADM> <ADMINTMATR> <MATR> em 1987, o Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS) quanto à recolha de dados e preparação de cartas se segue imediatamente ao APFB e tem os seus originais prontos para impressão desde 1973. Foi executado pelo grupo de pesquisadores da Bahia, tendo como autores Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Suzana Cardoso, Vera Rollemberg e Nelson Rossi. A escolha do Estado de Sergipe para dar prosseguimento ao trabalho feito na Bahia deve-se à continuidade geográfica, à maior facilidade de acesso, pois foi realizado pela mesma equipe

de pesquisadores do APFB, e ao fato de estar incluído na área do "falar baiano", segundo a divisão de Nascentes. O ALS dá mais alguns passos à frente na metodologia adotada no APFB, a saber: (*Corpus 3 – Art. 25*)

Vejamos, agora os marcadores atributivos realizados por meio de adjuntos modais de usualidade.

Marcador atributivo realizado por adjunto modal de usualidade <ADMUSUMATR> - 32 ocorrências (sempre, geralmente, nunca)

Ex.169:

A Linguística chamada moderna, que tem seu marco inicial em 1916, o que parece consensual, só <ADM> <ADMINTMATR> <MATR> se difunde no Brasil na década de sessenta, a partir de 1963, como dito antes, mas sobretudo depois da reforma universitária de 1968 que trouxe à cena a chamada dedicação exclusiva para os professores que pesquisassem e os Programa de pós-graduação, e, com eles, a obrigatoriedade da pesquisa no âmbito das Universidades. Entretanto, desde 1938, inicia Mattoso Câmara Jr. seu solitário percurso de semeador da Linguística moderna no Brasil, percurso que, curiosamente <ADM>, <ADMPREDMAT> <MAT> teve **sempre** <ADM> <ADMUSUMATR> <MATR> o respaldo do filólogo Sousa da Silveira, ilustre catedrático de Filologia Portuguesa entre 1940 e 1954 na antiga Universidade do Brasil. É ele que incentiva a publicação e faz o prefácio à primeira edição, de 1941, das Lições de linguística, depois rebatizada como Princípios de Linguística Geral, onde lamenta a descontinuidade da Linguística nos currículos acadêmicos, iniciada em 1938 na malograda por razões políticas Universidade do Distrito Federal, e que só <ADM> <ADMINTMATR> <MATR> voltará, não como cátedra, à Universidade do Brasil, em 1948. (*Corpus 3 – Art. 27*)

Ex.170:

Além da consideração do aspecto diacrônico, que indicou um processo de diferenciação entre as duas variedades do português, puderam depreender-se propriedades gerais, comuns tanto ao português brasileiro quanto ao português europeu, que confirmaram a significância do 'status informacional' dos constituintes na organização linear da sentença. No nível do discurso, a análise confirmou uma idéia **geralmente** <ADM> <ADMUSUMATR> <MATR> aceita, a de que sujeitos com graus baixos de acessibilidade tendem a aparecer depois do verbo com mais frequência que os sintagmas nominais comparativamente mais acessíveis. A ordem de constituintes já constituía tema da dissertação de Mestrado defendida na Unicamp (Berlinck, 1988), que, numa acepção ampla, já se orientava por uma visão funcionalista, optando por investigar a língua em uso, com ênfase em seus aspectos variáveis. (*Corpus 3 – Art. 28*)

Ex.171:

A semântica não era uma já nos primeiros anos de Linguística no Brasil (talvez <ADM> <ADMPROMA> <MA> **nunca** <ADM> <ADMUSUMATR> <MATR> tenha sido uma) e os semanticistas sabiam disto, e Salomão (1978) o comprova. Altman (1998) menciona três vertentes teóricas na semântica: a semiótica, cuja base teórica são a semântica analítica de Pottier, que no Brasil foi desenvolvida por Cidmar Pais, e a semântica estrutural de influência de Greimas, cujo representante brasileiro foi Ignácio Assis Silva; a semântica argumentativa, que a autora associa a Carlos Vogt, "Vogt seguiu cursos de Ducrot e desses primeiros contatos resultaram as futuras visitas de Ducrot à Unicamp, onde ministrou vários cursos de Lógica e Semântica Argumentativa" (1998: 157); e a semântica formal ou linguística, de "vocaçao científica" (1998: 226), que se deu "em torno das proposições de Chomsky, Katz e Fodor, Lakoff e Jackendoff" (1998: 204). Mesmo que o foco da atenção não sejam os modelos teóricos, porque o interesse é a reconstrução da história

da lingüística enquanto instituição, a descrição dos vinte primeiros anos deixa transparecer a pluralidade na semântica, independente da unidade lingüística adotada. (*Corpus 3 – Art.24*)

Como podemos perceber nos exemplos, os marcadores metadiscursivos atributivos realizados por adjuntos modais de usualidade indicam um *continuum* em uma escala referente ao grau de freqüência/usualidade a partir do qual o leitor deve tomar o conteúdo proposicional como válido.

Nos artigos de revisão de literatura tivemos as seguintes freqüências quanto ao uso dos extremos dessa escala (*sempre* e *nunca*): das 32 ocorrências de marcadores atributivos realizados por adjuntos de usualidade, 21 corresponderam ao uso do adjunto modal “*sempre*”, 04 ao uso do adjunto “*nunca*”. As demais ocorrências foram de adjuntos como “*raramente*”, “*geralmente*”, “*frequentemente*” e “*eventualmente*”. Vejamos a comparação das ocorrências desses marcadores nos três *corpora* a partir dos dados apresentados na tabela abaixo:

TABELA 15
Marcadores interpessoais atributivos realizados por adjuntos modais de usualidade

	Artigos experimentais	Artigos teóricos	Artigos de revisão de literatura
Total de marcadores atributivos realizados por ADMUSU	51	30	32
<i>Nunca</i>	04	-	04
<i>Sempre</i>	17	18	21
Demais marcadores (<i>geralmente, usualmente, frequentemente, normalmente, dificilmente, comumente, eventualmente, raramente</i>).	30	12	07

Como podemos visualizar na tabela, os marcadores atributivos realizados por adjuntos modais como *sempre* e *nunca*, que correspondem aos extremos da escala de

usualidade, corresponderam a 41.17% do total de marcadores atributivos realizados por esses adjuntos no *corpus* de artigos experimentais. No *corpus* de artigos teóricos corresponderam a 60% desse total e no de artigos de revisão de literatura corresponderam a 78.12%. Esses dados, talvez, indiquem que os artigos experimentais são menos afeitos a declarações peremptórias sobre o grau de frequência a partir do qual o conteúdo proposicional pode ser construído. Aqui é interessante informar, ainda, que quando da análise das unidades retóricas dos artigos experimentais, percebemos que a unidade retórica Introdução somente apresentou os marcadores que indicaram o extremo da escala. Foram 4 ocorrências de marcadores metadiscursivos utilizados por adjuntos de usualidade, sendo duas ocorrências do adjunto *sempre* e duas ocorrências do adjunto *nunca*. Na seção Revisão de Literatura, tivemos 6 ocorrências de adjuntos de usualidade, sendo 4 referentes ao adjunto *sempre*, 1 referente ao adjunto *nunca* e 1 referente ao adjunto *geralmente*. Na seção Metodologia, também tivemos a ocorrência de 6 marcadores metadiscursivos realizados por adjuntos de usualidade, mas vejamos a diferença: das 6 ocorrências, 3 foram do adjunto *geralmente*, 2 foram dos adjuntos *difícilmente* e *normalmente*, cada um, e apenas 1 ocorrência indicou o extremo da escala de usualidade a partir do uso do adjunto *nunca*. O adjunto *sempre* não foi utilizado nessa unidade retórica. Na unidade de Resultados e Discussão dos Dados, tivemos a ocorrência de 9 marcadores, sendo 1 ocorrência de *nunca*, 1 ocorrência de *geralmente*, 3 ocorrências do adjunto *sempre* e 4 ocorrências do adjunto *frequentemente*. Por fim, nas Considerações Finais, tivemos duas ocorrências de marcadores: *geralmente* e *frequentemente*. Podemos perceber, então, que o fato de os artigos experimentais apresentarem as seções de Metodologia e de Resultados e Discussão parece ser o elemento definidor da diferença quanto ao uso desses adjuntos nos

três tipos de artigos, posto que nessas unidades retóricas, os autores, comumente, não realizam afirmações categóricas.

Quanto aos marcadores metadiscursivos de atitude, os exemplares de artigos de revisão totalizaram 10 ocorrências, sendo 05 ocorrências realizadas por adjuntos modais de desejo (*felizmente, infelizmente, lamentavelmente*) e 05 realizadas por adjuntos modais de predição (*diferentemente, curiosamente*).

Marcador metadiscursivo de atitude – total de 10 ocorrências

Marcador de atitude realizado por adjunto modal de desejo – 05 ocorrências (lamentavelmente, infelizmente)

Ex.172:

Constata-se, no entanto, que a tarefa que se impunha aos lingüistas nos anos sessenta **lamentavelmente** <ADM> <ADMDESMAT> <MAT> não foi cumprida, pelo menos na extensão ou com a profundidade com que Mattoso Câmara certamente <ADMPROME> <ME> <ADM> pretendia. (*Corpus 3 – Art. 23*)

Ex.173:

Uma análise quantitativa, um percurso possível, cujo objetivo fosse investigar exaustivamente os trabalhos produzidos na área, e, de posse desses dados, traçar um mapa dos modelos, poderia fazer chegar a um resultado completamente <ADM> <ADMINTMATR> <MATR> distinto do nosso. **Infelizmente**, <ADM> <ADMDESMAT> <MAT> não há pesquisas sobre a semântica no Brasil, nem para desmentir nem para corroborar nosso estudo, que adota uma posição mais interpretativa, um olhar próximo daquele do epistemólogo. Se a história da semântica no Brasil permanece terreno inexplorado, sua análise de um ponto de vista epistemológico é frágil, porque ela se sustenta em dados históricos. (*Corpus 3 – Art. 24*)

Marcador de atitude realizado por adjunto modal de predição – 05 ocorrências (diferentemente, curiosamente)

Ex.174:

No que se refere a áreas afins, **diferentemente** <ADMPREDMAT> <MAT> <ADM> do que ocorreu nos Estados Unidos, no Brasil a Lingüística Indígena não se insere no campo da Antropologia, embora nas fases iniciais da implantação da Lingüística os estudos de línguas indígenas estivessem ligados a museus, como o Paranaense e o Nacional e, dentro destes, vinculados aos setores de Antropologia. (*Corpus 3 – Art. 22*)

Ex.175:

A Lingüística chamada moderna, que tem seu marco inicial em 1916, o que parece consensual, só <ADM> <ADMINTMATR> <MATR> se difunde no Brasil na década de sessenta, a partir de 1963, como dito antes, mas sobretudo depois da reforma universitária de 1968 que trouxe à cena a chamada dedicação exclusiva para os professores que pesquisassem e os Programa de pós-graduação, e, com eles, a obrigatoriedade da pesquisa no âmbito das Universidades. Entretanto, desde 1938, inicia Mattoso Câmara Jr. seu solitário percurso de semeador da Lingüística moderna no Brasil, percurso que, **curiosamente** <ADM>, <ADMPREDMAT> <MAT> teve sempre <ADM> <ADMUSUMATR> <MATR> o respaldo do filólogo Sousa da Silveira, ilustre catedrático de Filologia Portuguesa entre 1940 e 1954 na antiga Universidade do Brasil. É ele que incentiva a publicação e faz o prefácio à primeira edição, de 1941, das Lições de lingüística, depois rebatizada como Princípios de Lingüística Geral, onde lamenta a descontinuidade da Lingüística nos currículos acadêmicos, iniciada em 1938 na malograda por razões políticas Universidade do Distrito Federal, e que só <ADM> <ADMINTMATR> <MATR> voltará, não como cátedra, à Universidade do Brasil, em 1948. (*Corpus 3 – Art. 27*)

Passemos, agora, às considerações finais desta tese, realizando uma releitura dos dados apresentados a partir da comparação das ocorrências entre os três corpora.

Capítulo 7

Considerações finais

Academic writing is not just about conveying an ideational content; it is also about the representation of self.

Ken Hyland, *Authority and invisibility: Authorial identity in academic writing*

O pretendido neste momento da tese é reunir e sistematizar os achados discutidos nos capítulos 5 e 6 de análise e ver como esses achados responderam à pergunta central que movimentou esta pesquisa. Iniciemos, pois, retomando, tal pergunta: como os marcadores metadiscursivos interpessoais (HYLAND:2000) realizados por adjuntos modais (HALLIDAY, 1994) são utilizados por autores(as) brasileiros(as) da área de lingüística em exemplares de artigos acadêmicos experimentais, teóricos e de revisão de literatura (SWALES, 2004)?

É interessante ver que, ao longo do desenvolvimento da tese, nossa pergunta de pesquisa gerou uma outra pergunta que os dados analisados e discutidos permitem responder: a observação dos marcadores metadiscursivos em cada tipo de artigo poderia revelar diferenças entre artigos experimentais, teóricos e de revisão de literatura? Assim, embora não fosse o objetivo central de nossa investigação, acabamos por apresentar um sub-produto de nossa pesquisa ao revelarmos aspectos que diferenciam estas três categorias de artigos. Isto poderá ser visto ao longo da apresentação da sistematização dos resultados.

Como é possível perceber pelo encaminhamento dado aos capítulos 5 e 6, o procedimento analítico partiu primeiro do levantamento e mapeamento dos adjuntos modais em exemplares das três categorias de artigos (Capítulo 5) para depois, no

capítulo 6, verificar quais desses adjuntos, de fato, funcionaram como marcadores metadiscursivos interpessoais em acordo com o proposto por Hyland (2000). É importante salientar que ao longo do percurso analítico, uma gama considerável de dados e informações foi trazida à tona, mas, neste momento, vamos nos deter em resumir e sistematizar os dados e resultados centrais aos quais chegamos. Para isto, construímos as figuras 13, 14 e 15 apresentadas a seguir.

As figuras 13, 14 e 15 apresentam o resumo das ocorrências dos marcadores metadiscursivos interpessoais nos *corpora* 1, 2 e 3 respectivamente. Inicialmente, as figuras apresentam o total de marcadores metadiscursivos mapeados nos *corpora* para depois apresentar o número total de cada um dos tipos de marcadores metadiscursivos interpessoais. A seguir apresentam cada um dos tipos de marcadores metadiscursivos, indicando quais e quantos foram os adjuntos modais que os realizaram e, ao final, as figuras nos mostram indicativos sobre a distribuição desses marcadores metadiscursivos em cada uma das unidades retóricas identificadas nos exemplares dos artigos experimentais, teóricos e de revisão de literatura. Vejamos, então, as figuras.

Resumo das ocorrências dos marcadores metadiscursivos interpessoais em artigos experimentais (*corpus 1*)

ARTIGO EXPERIMENTAL (10 exemplares)						
Total de marcadores metadiscursivos – 373						
<ul style="list-style-type: none"> 274 marcadores atributivos 46 marcadores de atenuação 44 marcadores de ênfase 09 marcadores atitudinais 						
Principais adjuntos modais que realizaram os marcadores metadiscursivos:						
Marcadores metadiscursivos atributivos (274 ocorrências)						
<ul style="list-style-type: none"> Adjuntos modais de validade (90 ocorrências) - estritamente, essencialmente, particularmente, especialmente, fundamentalmente, principalmente. Adjuntos modais de intensidade (133 ocorrências) - somente, só praticamente, apenas. Adjuntos modais de usabilidade (51 ocorrências) – sempre, nunca, Geralmente, quase, frequentemente. 						
Marcadores metadiscursivos de atenuação (46 ocorrências)						
<ul style="list-style-type: none"> Adjuntos modais de probabilidade (43 ocorrências)- talvez, provavelmente, possivelmente. Adjunto modal de suposição (03 ocorrências) – aparentemente. 						
Marcadores metadiscursivos de ênfase (44 ocorrências)						
<ul style="list-style-type: none"> Adjunto modal de suposição (16 ocorrências) – justamente, exatamente. Adjunto modal de persuasão (13 ocorrências) – claramente, realmente, naturalmente, verdadeiramente, seguramente. Adjunto modal de obviedade (08 ocorrências) – evidentemente, obviamente. Adjunto modal de probabilidade (04 ocorrências) – certamente, indubitavelmente. Adjunto modal de intensidade (03 ocorrências) – realmente, absolutamente. 						
Marcadores metadiscursivos atitudinais (09 ocorrências)						
<ul style="list-style-type: none"> Adjunto modal de predição (02 ocorrências) – contrariamente, curiosamente. Adjunto modal de desejo (02 ocorrências) – infelizmente, lamentavelmente. Adjunto modal de intensidade (05 ocorrências) – razoavelmente, consideravelmente. 						
Marcadores metadiscursivos por unidade retórica em 5 exemplares de artigos experimentais						
	Introdução	Revisão de literatura	de Metodologia	Resultados e discussão	Considerações finais	
Marcador atributivo	20	36	28	57	09	
Marcador de atenuação		02	09	10	05	
Marcador de ênfase	03	09	02	05	01	
Marcador atitudinal	01			02	01	

FIGURA 14 - Resumo das ocorrências dos marcadores metadiscursivos interpessoais em artigos experimentais.

Resumo das ocorrências dos marcadores metadiscursivos interpessoais em artigos teóricos (*corpus 2*)

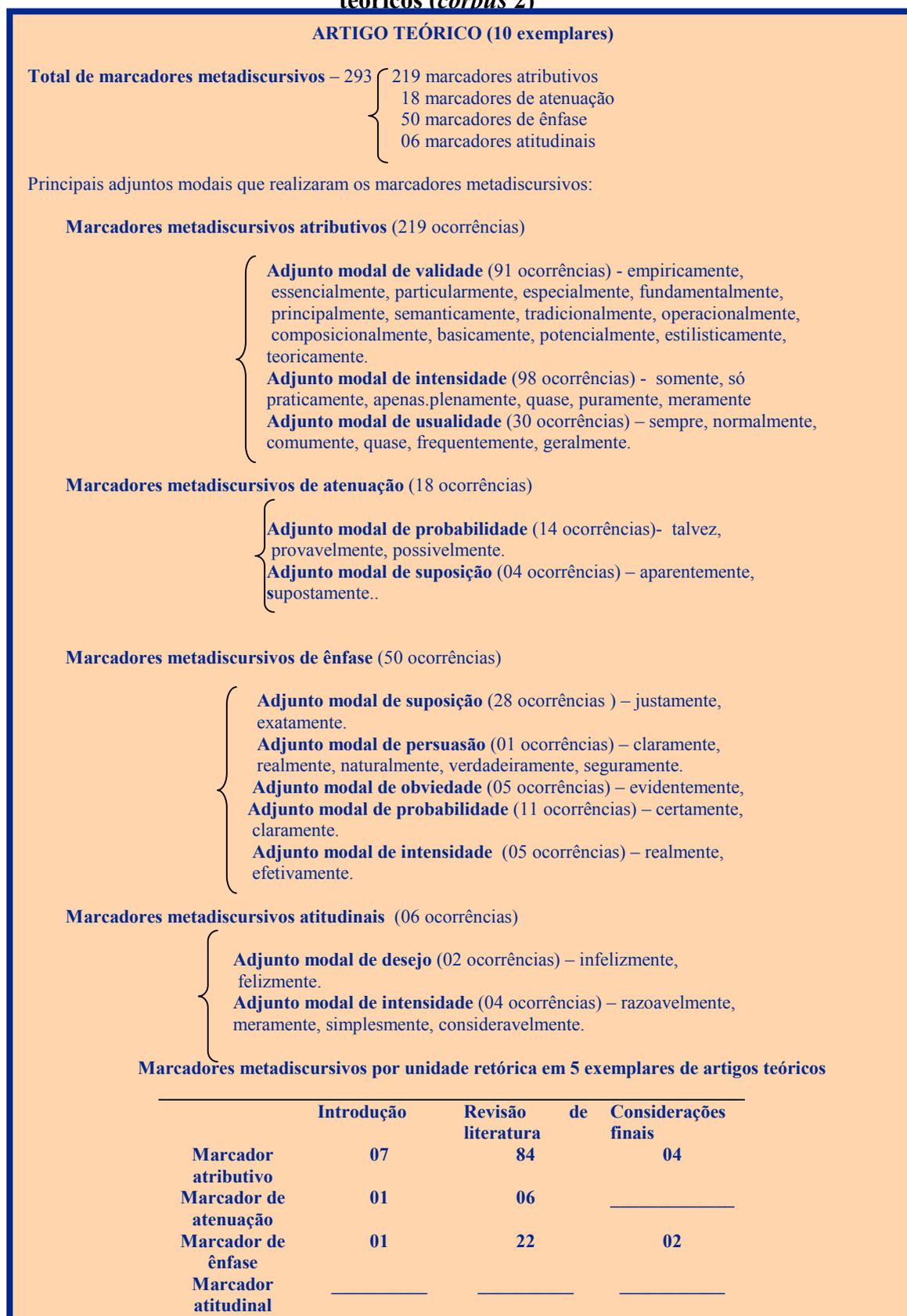


FIGURA 15 - Resumo das ocorrências dos marcadores metadiscursivos interpessoais em artigos teóricos.

Resumo das ocorrências dos marcadores metadiscursivos interpessoais em artigos de revisão de literatura (*corpus 3*)

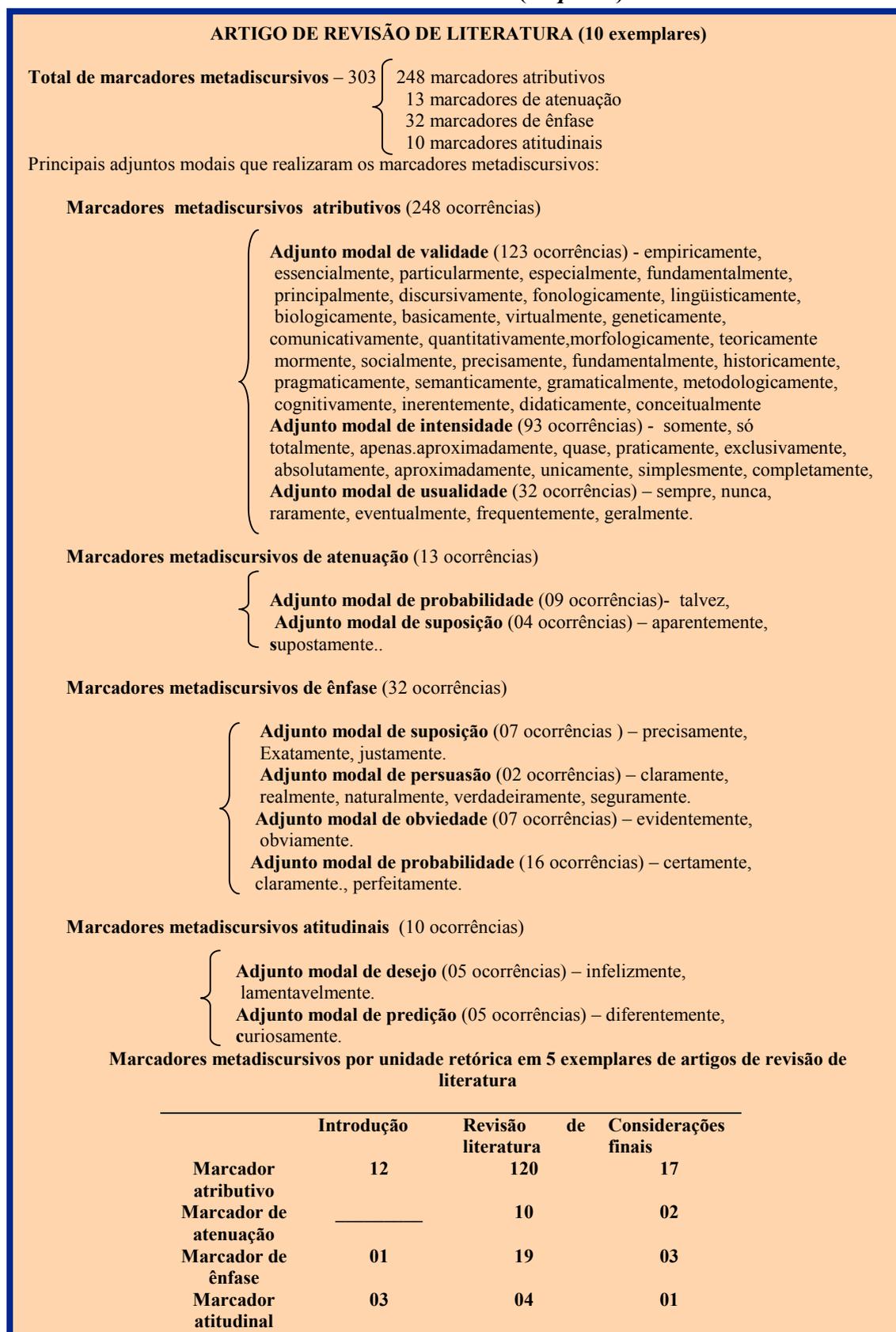


FIGURA 16 - Resumo das ocorrências dos marcadores metadiscursivos interpessoais em artigos de revisão de literatura.

Antes da leitura das figuras, é importante fazer algumas observações. Se retornarmos às conclusões parciais apontadas no Capítulo 5 quando fizemos o levantamento dos adjuntos modais nos *corpora*, verificaremos os seguintes resultados:

- *Os artigos experimentais e teóricos apresentaram, praticamente, o mesmo percentual de adjuntos modais em contraste com o percentual apresentado pelos artigos de revisão, que apesar de, significativamente, maiores em extensão, utilizaram em menor escala os adjuntos modais realizados por advérbios simples.*
- *Outra observação interessante diz respeito aos tipos de adjuntos que foram mais recorrentes em cada um dos corpora, uma vez que nos artigos experimentais e teóricos, os três adjuntos mais relevantes quanto ao quesito frequência foram os de polaridade, intensidade e validade, respectivamente. Por outro lado, os adjuntos mais recorrentes nos artigos de revisão foram os adjuntos de polaridade, intensidade e **tempo**. Também chama a atenção o fato de que os adjuntos de probabilidade somente figuraram, como relevantes em termos de sua frequência, entre os artigos experimentais. Talvez isto tenha relação com a concentração deste tipo de adjunto na seção de Resultados e Discussão dos Dados, própria destes artigos.*
- *Os artigos experimentais e teóricos assemelharam-se em relação ao uso de adjuntos modais, tanto no que diz respeito ao percentual de utilização dos adjuntos modais de uma forma geral, quanto no que diz respeito aos tipos de adjuntos que foram mais utilizados pelos(as) autores(as).*

- *Os artigos de revisão, apesar de maiores em extensão, utilizam em menor proporção do que os artigos experimentais e teóricos, os adjuntos modais realizados por advérbios simples. Isto **pode** indicar que os artigos de revisão permitem em menor grau a construção de significados interpessoais de posicionamento da autoria uma vez que têm como objetivo central apresentar o percurso histórico de um campo teórico, sem exigir o uso recorrente de estratégias interpessoais de posicionamento da autoria em prol do convencimento do público alvo. Os artigos experimentais e teóricos, por outro lado, têm como objetivos centrais convencer o(a) leitor(a) acerca do acerto e da validade das hipóteses apresentadas pelos(as) autores(as) e dos argumentos que as sustentam, requisitando, pois, com maior relevância o uso de estratégias para construção de significados interpessoais e dos adjuntos modais por consequência.*
- *Os artigos teóricos e os de revisão de literatura se assemelham no que diz respeito à sua organização retórica, posto que apresentam as unidades retóricas Introdução, Revisão de Literatura e Considerações Finais, mas não apresentam as unidades retóricas de Metodologia e Resultados e Discussão dos Dados como o fazem os artigos experimentais. Todavia, artigos teóricos e de revisão parecem diferenciar-se quanto ao uso de adjuntos modais como recursos interpessoais de construção de posicionamento da autoria. Quanto a esse quesito, os artigos teóricos parecem aproximar-se dos artigos experimentais. Assim, podemos inferir que os artigos experimentais e teóricos permitem e, diríamos, requisitam maior*

utilização de significados interpessoais de posicionamento da autoria do que os artigos de revisão de literatura.

Os indicativos apresentados acima resultaram do levantamento dos adjuntos modais nos três *corpora* de análise e foram tomados como temporários uma vez que somente a investigação de como esses adjuntos modais iriam funcionar como marcadores metadiscursivos poderia nos dar uma interpretação mais apropriada dos dados. Então vejamos, a partir das figuras 14, 15 e 16, quais adjuntos funcionaram como marcadores metadiscursivos e que significados foram construídos.

Como verificamos na FIGURA 14, o *corpus* 1 apresentou um total de **373** ocorrências de adjuntos modais funcionando como marcadores metadiscursivos, o que corresponde a 36.60% do total de adjuntos modais (1.019) (Cf. TABELA 1) mapeados nesse *corpus*. O *corpus* 2, por sua vez, apresentou **295** ocorrências de adjuntos modais funcionando como marcadores metadiscursivos o que corresponde a 32.70% do total de adjuntos modais (902) (Cf. TABELA 4) mapeados nesse *corpus*. Por fim, o *corpus* 3 apresentou um total de **303** marcadores metadiscursivos realizados por adjuntos modais o que corresponde a 31.50% do total de adjuntos modais mapeados nesse *corpus* (962) (Cf. TABELA 7). Como já apontamos no Capítulo 6 desta tese, os números indicam que os(as) autores(as) de artigos experimentais utilizaram mais marcadores metadiscursivos interpessoais do que os(as) autores(as) de artigos teóricos e de revisão de literatura. É fundamental perceber que esta ocorrência superior de marcadores metadiscursivos nos artigos experimentais está diretamente ligada à maior ocorrência dos marcadores metadiscursivos de atenuação nesta categoria de artigo. Cabe ainda salientar que ao analisarmos de uma forma mais detalhada as ocorrências desses marcadores, verificamos que há outras distinções que merecem ser consideradas.

É, principalmente, quando olhamos as realizações desses marcadores no contexto e nas unidades retóricas dos artigos que conseguimos perceber com mais clareza tais distinções.

Antes de voltarmos à leitura das figuras 14, 15 e 16, é importante considerarmos ainda duas questões de cunho metodológico. A primeira questão é que mapear os adjuntos modais em um texto, apesar de ser um caminho metodológico adequado para verificar unidades léxico-gramaticais do metadiscorso interpessoal, a priori, não nos diz tudo sobre os significados interpessoais construídos nesse texto, uma vez que os mesmos tipos de adjuntos podem prestar-se a significados bastante distintos. Por exemplo, quando, no capítulo 5, mapeamos os adjuntos modais de probabilidade em cada um dos *corpora*, os números desses adjuntos não foram capazes de revelar quais significados interpessoais estavam sendo construídos ali, pois havia adjuntos como *possivelmente* e *certamente* que, apesar de serem ambos adjuntos modais de probabilidade, construíam significados diferentes. Dessa forma, foi ao olhar tais adjuntos como marcadores metadiscursivos que, então, conseguimos realizar interpretações mais apropriadas desses significados. Essa constatação justifica o porquê de termos encontrado resultados distintos ao mapearmos os adjuntos modais (CAPÍTULO 5) e depois ao olharmos tais adjuntos sob a ótica das categorias do metadiscorso interpessoal propostas por Hyland (1998/2000) (CAPÍTULO 6). A segunda questão é que observar somente o número geral de ocorrências dos marcadores metadiscursivos pode falsear resultados, pois são as realizações nos co-textos e nas unidades retóricas dos gêneros que, de fato, apontam para os significados construídos. Além disso, cada tipo de marcador constrói significados distintos. É, pois, fundamental observar as ocorrências de cada tipo separadamente.

Voltando, então, às figuras 14, 15 e 16, observamos que:

Nos três *corpora* o marcador metadiscursivo mais utilizado pelos(as) autores(as) foi o marcador atributivo. Ou seja, nas três categorias de artigos, os(as) autores(as) apresentaram uma forte preocupação em delimitar o campo de validade no qual suas proposições foram construídas ou, dito de outra forma, preocuparam-se em construir significados que dizem respeito à extensão por meio da qual o conteúdo proposicional é precisamente ou não precisamente expresso. Nos três *corpora*, esses marcadores foram realizados por adjuntos modais de **validade**, **intensidade** e **usualidade**, cada um construindo graus de especificações distintos.

Os marcadores atributivos realizados por adjunto modal de validade (*principalmente, estritamente, especificamente, etc.*), foram utilizados para demarcar a extensão da validade a partir da qual o(a) leitor(a) poderia considerar o conteúdo proposicional como válido, ou seja, para demarcar os limites dentro dos quais as proposições poderiam ser interpretadas. Esses marcadores indicaram variações no grau de precisão/exatidão com o qual o conteúdo proposicional seria construído. Nos três *corpora*, os marcadores atributivos realizados por adjuntos modais de validade construíram uma forte relação dialógica entre autores(as) e leitores(as), uma vez que, ao circunscreverem as proposições em um campo de validade, os(as) autores(as) estão sugerindo que a mesma questão pode ser observada a partir de ângulos distintos. É interessante observar que marcadores que circunscrevem um campo teórico ou metodológico de validade (*semanticamente, pragmaticamente, etc.*) foram mais recorrentemente encontrados nos artigos teóricos e de revisão de literatura. Isto era esperado uma vez que os artigos teóricos centram-se na discussão de cunho estritamente teórico e os artigos de revisão objetivam percorrer uma panorama teórico. Ambos, como vemos, articulam constantemente variadas teorias e por isso necessitam, a todo o

momento, circunscrever afirmações dentro de campos teóricos e metodológicos específicos.

Quanto aos marcadores atributivos realizados por adjuntos modais de intensidade (*só, somente, apenas...*), construíram significados delimitadores, direcionando o foco da atenção do(a) leitor(a) para determinado aspecto do conteúdo proposicional. Nos artigos experimentais, agregado a esse significado, esse tipo de marcador metadiscursivo construiu, ainda, um significado afetivo de avaliação, na maioria das vezes, indicando quebra de expectativa do(a) autor(a) ou da audiência. Nos artigos teóricos e de revisão de literatura, outro significado foi percebido agregando-se ao valor delimitador desse marcador: o significado de estabelecimento de uma condição para a validade do conteúdo proposicional, ou seja, *X é válido, somente, só apenas se Y*.

Os marcadores atributivos realizados por adjuntos modais de usualidade (*sempre, nunca, geralmente, usualmente, etc.*) também circunscreveram o grau de validade do conteúdo proposicional, mas o fizeram tomando como parâmetro a frequência/usualidade a partir da qual é válido dizer algo. Comparando os três *corpora* foi interessante perceber que, quanto ao uso dos marcadores atributivos que construíram significados nos extremos da escala de usualidade (*sempre e nunca*), os(as) autores(as) de artigos de revisão de literatura foram os que mais utilizaram os marcadores *sempre e nunca*, seguidos pelos(as) autores(as) de artigos teóricos. Por outro lado, os(as) autores(as) de artigos experimentais foram os que menos usaram esses marcadores e os que mais usaram marcadores como *geralmente, comumente, raramente, etc.* Isso parece sugerir que autores(as) de artigos experimentais fazem menos afirmações peremptórias que autores(as) de artigos teóricos e de revisão de literatura.

Por fim, é importante sublinhar que ao observarmos os *corpora* a partir da presença desses marcadores nas unidades retóricas dos exemplares de artigos experimentais, teóricos e de revisão, verificaremos que os marcadores atributivos são os que predominam em todas as unidades retóricas nas três categorias de artigos.

Voltando às figuras, vejamos, agora, as ocorrências dos marcadores de atenuação. Nos três *corpora*, esses marcadores foram realizados por adjuntos modais de **probabilidade** (*talvez, provavelmente, possivelmente, etc.*) e **suposição** (*aparentemente, supostamente, etc.*), com predomínio absoluto dos adjuntos de probabilidade. Podemos verificar que o número de marcadores de atenuação foi bastante superior nos exemplares dos artigos experimentais se comparado ao número desses marcadores em artigos teóricos e de revisão de literatura. Isto pode indicar que há por parte dos(as) autores(as) de artigos experimentais uma maior preocupação em minimizar seu compromisso com a veracidade/precisão do conteúdo proposicional, construindo, assim, tal conteúdo sobre argumentos e razões plausíveis mais do que sobre afirmações peremptórias. Isso corrobora as considerações sobre o pouco uso dos marcadores atributivos realizados por adjuntos modais que estão no extremo da escala de usualidade. É importante ressaltar que, ao utilizarem os marcadores de atenuação realizados por adjuntos modais de probabilidade (maioria das ocorrências), os(as) autores(as) expressam maior grau de agentividade, ou seja, ao atenuar o grau de asseveração de suas proposições, esses(as) autores(as) acabam por apresentar-se mais explicitamente como fonte dessas proposições. Por outro lado, ao lançar o conteúdo proposicional como algo resultante de probabilidades/possibilidades advindas da interpretação da autoria, o uso desses marcadores diminui o grau de verificação das proposições e amplia o grau de cooperação, posto que posiciona a autoria em um lugar aberto ao questionamento, à divergência. Assim, parece que em artigos experimentais,

os(as) autores(as), predominantemente, atenuaram suas proposições para construí-las como resultado de suas interpretações, para, antevendo a pluralidade de posições de seus pares na academia, manterem o diálogo aberto; e para expressar uma visão do conhecimento como construção e não como constatação.

Se observarmos nas figuras 14,15 e 16 as informações referentes à distribuição desses marcadores nas unidades retóricas dos artigos, verificaremos que nos artigos experimentais os marcadores de atenuação estão concentrados, predominantemente, nas seções de Metodologia e Resultados e Discussões, pouco aparecendo na seção Revisão de Literatura, apesar da larga extensão desta seção nesses artigos. Por outro lado, em artigos teóricos e de revisão de literatura, os marcadores de atenuação estão, predominantemente, na seção Revisão de Literatura. Do exposto, talvez, possamos inferir que é característica das unidades retóricas de Metodologia e de Resultados e Discussão o uso de marcadores metadiscursivos interpessoais de atenuação e que isto está diretamente ligado aos objetivos retóricos dessas unidades. Chama a atenção, ainda, o fato de que nos três *corpora* esses marcadores não foram utilizados na unidade retórica Introdução. Isto, provavelmente, está relacionado ao fato de que nesta unidade retórica os(as) autores(as) objetivam, principalmente, situar o campo da pesquisa e apresentar seus objetivos. Não há, portanto, uma preocupação com estratégias de convencimento acerca de achados e busca de aceitação de resultados.

É interessante fazer, ainda um comentário sobre o uso dos marcadores de atenuação em artigos teóricos e de revisão. Aqui, além de termos um número bem menor desses marcadores em relação ao que foi detectado em artigos experimentais, temos também que esses marcadores foram utilizados para estabelecer bom relacionamento ao fazer comentários sobre posicionamentos de outros(as) autores(as). O que não ocorreu nos artigos experimentais. Isso parece estar ligado ao fato de esses

marcadores estarem predominantemente na seção Revisão de Literatura em artigos teóricos e de revisão.

Vejam, agora, as ocorrências dos marcadores metadiscursivos interpessoais de ênfase. Ao observarmos as figuras, verificamos que o número de ocorrências desses marcadores é muito próximo nas três categorias de artigos, sendo levemente maior em artigos teóricos. Os marcadores de ênfase foram realizados por adjuntos modais de **suposição, persuasão, probabilidade, obviedade e intensidade**.

Os marcadores de ênfase, de uma forma geral, foram utilizados para emprestar um maior grau de verificação/confiabilidade ao conteúdo proposicional. Em linhas gerais, esses marcadores foram usados para imprimir um viés objetivo às proposições, ocultando, na maioria das vezes, a responsabilidade da autoria sobre o conteúdo proposicional. É, ainda, importante ressaltar que o uso desses marcadores também provocou baixo grau de cooperação entre autores(as) e leitores(as), uma vez que ao dizer *evidentemente, obviamente, naturalmente* os(as) autores(as) estão minimizando o espaço para questionamentos e discordâncias por parte da audiência.

Quanto ao aspecto da baixa cooperação, é interessante estabelecer uma ressalva: como afirma McCabe (2004), o uso de qualquer marcador de modalidade coloca o conteúdo da proposição como objeto de negociação entre escritor(a) e leitor(a) ao passo que o uso de declarativas não modalizadas simula uma relação consensual entre os(as) mesmos(as). Então, percebemos que o uso dos marcadores de ênfase deu-se, principalmente, em pontos dos textos nos quais os(as) autores(as) não se sentiram à vontade para construir declarativas não modalizadas que se impõem como verdades não negociáveis.

Quanto à presença desses marcadores nas unidades retóricas de artigos experimentais, teóricos e de revisão de literatura, podemos verificar que, de uma forma

geral, estes marcadores estão mais concentrados na seção Revisão Literatura nas três categorias de artigos.

Quanto ao uso dos marcadores atitudinais por parte dos(as) autores(as), podemos perceber que este tipo de marcador foi o menos utilizado em todas as três categorias de artigos. Na amostragem analisada nos artigos experimentais, esses marcadores foram utilizados nas unidades retóricas Introdução, Resultados e Discussão e Considerações Finais. Nos cinco exemplares de artigos teóricos analisados para efeito de verificação das unidades retóricas, nenhuma ocorrência desses marcadores foi registrada, por isso, somente neste caso, verificamos os demais exemplares para, então saber em quais unidades retóricas tais marcadores foram utilizados. Em primeiro lugar, é importante salientar que tais marcadores foram utilizados somente em três dos dez exemplares de artigos teóricos (os exemplares AT13, AT17 e AT18). Em AT13 e AT17 tais marcadores ocorreram na seção Considerações Finais e em AT18, na Introdução. Portanto, não houve registro de marcadores atitudinais na seção Revisão de Literatura.

Nos artigos de revisão de literatura, tivemos a maior ocorrência de marcadores atitudinais e tais ocorrências estiveram ao longo das três unidades retóricas desses artigos: Introdução; Revisão de Literatura e Considerações Finais.

Ao final dessa descrição do uso dos marcadores metadiscursivos por autores(as) da área de lingüística em exemplares de artigos experimentais, teóricos e de revisão de literatura, podemos apresentar alguns indicativos:

1. Diferentemente do que havíamos indicado quando do levantamento dos adjuntos modais, a grande distinção entre essas três categorias de artigos está entre artigos experimentais de um lado e artigos teóricos e de revisão de literatura do outro.

2. Esta distinção deve-se, principalmente, às diferenças quanto ao uso dos marcadores metadiscursivos interpessoais de atenuação nos três *corpora*, uma vez que esse tipo de recurso metadiscursivo foi, preferencialmente, utilizado nos artigos experimentais. Esta afirmação corrobora os dados encontrados no capítulo 5 sobre o predomínio do uso de adjuntos modais de probabilidade nos exemplares dos artigos experimentais. Afirmamos isto porque foram, justamente, os adjuntos modais de probabilidade que, predominantemente, funcionaram como marcadores metadiscursivos de atenuação.
3. Este fato deve-se à presença marcante desses marcadores na unidade retórica Resultados e Discussão que é típica somente dos artigos experimentais.

Assim, podemos dizer que, em contraste com artigos teóricos e de revisão de literatura, em artigos experimentais, os(as) autores(as) têm uma maior preocupação em atenuar a força asseverativa de suas afirmações, assim como em apresentar-se como fonte de suas proposições, deixando um espaço de negociação mais amplamente aberto com seus pares na academia. E podemos dizer que isto se deve ao caráter claramente investigativo desse tipo de artigo que está expresso na seção de Resultados e Discussão que lhe é típica.

É certo que os dados aqui apresentados são parciais uma vez que trabalhamos com um *corpus* de pequenas dimensões, mas os indicativos acima apontados constituem um importante ponto de partida para investigar em *corpus* de maior envergadura a construção do metadiscurso interpessoal em exemplares de gêneros

do discurso acadêmico. Considerando, ainda, que se trata de um estudo pioneiro sobre marcadores metadiscursivos em português brasileiro.

Os resultados aqui encontrados são ainda uma relevante contribuição uma vez que nos mostram que a questão da construção do metadiscurso interpessoal é um importante elemento da caracterização dos gêneros acadêmicos e da distinção entre gêneros, posto que apontam para as peculiaridades sobre como os(as) pesquisadores-autores(as) constroem seus posicionamentos frente ao conteúdo proposicional e frente a seus pares da comunidade disciplinar. Desta feita, podemos dizer que nossa pesquisa contribui para o ensino de redação acadêmica, uma vez que pode esclarecer a membros iniciantes de uma comunidade disciplinar como são construídos os significados interpessoais e como isto é feito pelos pares mais expertos desta comunidade.

Salientamos, ainda, que paralelamente aos objetivos pretendidos e realizados nesta pesquisa, contribuímos ainda para a descrição da função de Adjunto Modal (HALLIDAY, 1994) em um *corpus* do português brasileiro. Tanto as reflexões metodológicas e analíticas quanto da classificação dos adjuntos, quanto o levantamento de ocorrências mais freqüentes para cada categoria, representam dados que acreditamos sejam relevantes para uma futura descrição da modalidade em português brasileiro.

Por fim, esperamos que os dados e as considerações aqui apresentadas possam constituir terreno fértil para o surgimento de outras questões, de outras perguntas, de outras inquietações e, conseqüentemente, de outros empreendimentos de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A.D. Identidade e subjetividade no discurso acadêmico: explorando práticas discursivas. In: LIMA, P. L. C.; ARAÚJO, A. D. (Org.) *Questões de Lingüística: miscelânea*. Fortaleza: Ed. UECE/UFC, 2005. p. 11 -30.

ASKEHAVE, I.; SWALES, J. M. Genre indentification and communicative purpose: a problem and a possible solution. *Applied Linguistics*, v. 22, n.2, p. 195-212, 2001.

AZEREDO, J.C. *Fundamentos de gramática do português*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

BALLOCO, A. E. Identity academic discourse: constructing an insider's ethos in prose about literature. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, n. 40, p. 17-2, 2002.

BAZERMAN, C. Sístems of genres and the enactment of social intentions. In: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. (Org.) *Genre and the new rhetoric*. TAYLOR & FRANCIS, 1978, p. 79 – 101.

_____. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Tradução de Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: CORTEZ, 2005.

BERNARDINO, C. G. *Depoimento dos alcoólicos anônimos: um estudo do gênero textual*. Fortaleza, 2000. Dissertação – Universidade Federal do Ceará.

BERNARDINO, C. G. ; MACEDO, T.S.C.L. de. *Análise de um exemplar do gênero textual artigo científico: um olhar a partir do diálogo entre a análise de gêneros e a metafunção interpessoal de M.A. K. Halliday*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004. 79f. Trabalho final de disciplina.

BHATIA, V. K. *Analysing genre: language use in professional settings*. New York: Longman, 1993.

_____. *Worlds of written discourse: a genre-based view*. London, Continuum, 2004.

BIASI-RODRIGUES, B. *Estratégias de condução de informação em resumos de dissertações*. Florianópolis, 1998. Tese – Universidade Federal de Santa Catarina.

_____. *Diferentes abordagens teóricas sobre gêneros textuais e suas implicações para o ensino*. 2004 (mimeo)

BIBER, D. et al. *Longman grammar of spoken and written English*. Longman, 1999.

BLOOR; BLOOR. *The functional analysis of English: a hallidayan approach*. London: ARNOLD, 1995.

BRIONES, S. *et al.* A metáfora gramatical no inglês científico. *The ESPECIALIST*, v. 24, n. 2, p. 131-142, 2003.

BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Tradução de Ana Rachel Machado e de Péricles Cunha. São Paulo: Educ. 1999.

BUTT, D. *et al.* *Using functional grammar: an explorer's guide*. National Center for English Language Teaching and Research, 2003.

BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. (ed.). *Modality in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995.

CASTILHO, A. T. *A predicação adverbial no português falado*. São Paulo, 1993. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M. Advérbios modalizadores. In: ILARI, R. (Org.) *Gramática do português falado: níveis de análise lingüística*. 4ª ed. rev. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. p. 199-247.

CONRAD, S.; BIBER, D. Adverbial marking of stance in Speech and writing. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. *Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 57 – 73.

CROMPTON, P. Hedging in academic writing: some theoretical problems. *English for Specific Purpose*, vol. 16, n. 04, p. 271-287, 1997.

CUNHA, C. ; CINTRA, L.F.L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A., 1985.

EGGINS, S. *An introduction to systemic functional linguistics*. London and New York: CONTINUUM, 1994.

EGGINS, S.; MARTIN, J.R. Genres and registers of discourse. In: DIJK VAN, T. A. (org.) *Discourse as structure and process*. London: SAGE Publications, 1997. p. 231-291.

FIGUEIREDO-SILVA, M. I. R. de. *Teaching academic reading: some initial findings from a session on hedging*. Texto apresentado para conferência no Departamento de Lingüística Aplicada e Teórica da Universidade de Edinburgh. 2001.

FIORIN, J. L. Modalização: da língua ao discurso. *ALFA*, São Paulo, v. 44, 171-192, 2000.

FRANÇA, J. L. Manual para normalização de publicações técnico-científicas. 6. ed. rev. e ampl. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. Introduction new views of genre and their implications for education. In: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. *Learning and teaching genre*. Boyton / Cook Publishers, 1994. Introdução, p. 1-22.

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 2004.

HEMAIS, B.; BIASI-RODRIGUES, B. *A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais*. 2004 (inédito)

HENDGES, G.R. *Novos contextos, novos gêneros: a revisão de literatura em artigos acadêmicos eletrônicos*. Santa Maria, 2001. Dissertação – Universidade Federal de Santa Maria.

HUNSTON, S.; THOMPSON, G. *Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2000. Introdução, p. 1 – 27.

HYLAND, K. Writing without conviction? Hedging in science research articles. *Applied Linguistics*. v. 17, n. 04, p. 433-454, 1996.

_____. Scientific claims and community values: articulating an academic culture. *Language & Communication*. v. 17, n 1, p. 19-31, 1997.

_____. Persuasion and context: the pragmatics of academic metadiscourse. *Journal of Pragmatics* . n. 30, p. 437 – 455, 1998.

_____. *Hedging in scientific research articles*. Amsterdam: John Benjamins, 1998.

_____. Boosting, hedging and negotiation of academic knowledge. *Text*, 18(3), p.349-382, 1998.

_____. Academic attribution: citation and the construction of disciplinary knowledge. *Applied Linguistics*. 20/3, p. 341 –367, 1999.

_____. Talking to students: Metadiscourse in introductory coursebooks. *English for Specific Purposes*, v. 18, n. 1, p. 3-26, 1999.

_____. *Disciplinary discourse: social interactions in academic writing*. Singapura: Pearson Edacation Limited, 2000.

_____. Options of identity in academic writing. *ELT Journal*. v. 56/4, p. 351-358, 2002.

_____. Genre: language, context, and literacy. *Annual Review of Applied Linguistics*, Cambridge University Press, n.22, p. 113-135, 2002.

HYLAND, K.; TSE, P. Metadiscourse in academic writing: a reappraisal. *Applied Linguistics*. v. 25. n. 2, p.156-177, junho,2004.

HYON, S. Genre in three traditions: implications for ESL. *TESOL QUARTERLY*, v.30, n. 04, 1996.

ILARI, R. Sobre os advérbios focalizadores. In: ILARI, R. (Org.) *Gramática do português falado: níveis de análise linguística*. 4ª ed. rev. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. p.181-198.

ILARI, R. et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. T. *Gramática do português falado: a ordem*. 3. Ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996, p.65-141.

JONHS, A. M. *Genre in the classroom: multiples perspectives*. USA: Lawrence Erlbaum Associates, 2002.

LEEUWEN, T. V. *Introducing social semiotics*. London: Routledge, 2005. Capítulo 6 – Genre. p. 117-138.

LECKIE-TARRY, H. The specification of a text: register, genre and language teaching. In: GHADESSY, M. (Org.). *Register analysis: theory and practice*. London and New York: Pinter Publishers, 1993, p. 26 – 42.

_____. *Language and context: a functional linguistic theory of register*. London: David Birch, 1995.

LOCK. G. *Functional English Grammar: an introduction for second language teacher*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

MARTIN, J.R; MATTHIESSEN, C. M. I. M.; PAINTER, C. *Working with Functional Grammar*. London: Arnold, 1997.

MCCABE, A. Mood and modality in Spanish and English history textbooks: the construction of authority. *Text*. 24(1), p. 1-29, 2004.

MILLER, C. R. Genre as social action. In: FREEDMAN. A. & MEDWAY, P. (Org.) *Genre and new rhetoric*. London: Taylor & Francis, 1994, p. 67-78.

MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru: EDUSC, 2002.

_____. (Org.). *Redação acadêmica: princípios básicos*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Imprensa Universitária, 2002b.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. Uma análise de gênero de resumos acadêmicos (abstracts) em Economia, Linguística, e Química. *Revista do Centro de Letras e Artes - UFSM*, v. 18, n. 1-2, p. 53-90, jan./dez. 1996.

MYERS, G. Politeness and certainty: the language of collaboration in an AI Project. *Social Studies of Science*, v.21, p. 37-73, 1991.

_____. The pragmatics of politeness in scientific articles. *Applied Linguistics*, v.10, n.1, p.1-33, 1999.

NEVES, M. H. de M. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. V (org.). *Gramática do português falado*. VI DESENVOLVIMENTOS. Campinas: Editora da UNICAMP / FAPESP, 1996, p. 163-199.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MACEDO, T. S. C. L. *A citação como recurso de afiliação acadêmica*. Belo Horizonte, 2006. Tese - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

OLIVEIRA, J. M. *As vozes da ciência: a representação do discurso nos gêneros artigo acadêmico e de divulgação científica*. Belo Horizonte, 2005. Tese - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

OLIVEIRA, M. A. Algumas notas sobre a colocação dos advérbios qualitativos no português falado. In: ILARI, R. (Org.) *Gramática do português falado: níveis de análise linguística*. 4ª ed. rev. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. p. 287-293.

PALMER, F.R. *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PALTRIDGE, B. *Genre and the language learning classroom*. USA: The University of Michigan Press, 2001.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Editora Ática, 2000.

POSSENTI, S. Ordem e interpretação de alguns advérbios em português. In: ILARI, R. (Org.) *Gramática do português falado: níveis de análise linguística*. 4ª ed. rev. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. p. 295-338.

SILVA, L.F. da. *Análise de gênero: uma investigação da seção de Resultados e Discussão em artigos científicos em química*. Santa Maria, 1999. Dissertação – Universidade Federal de Santa Maria.

SWALES, J. M. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: University Press, 1990.

_____. *Re-thinking genre: another at discourse community effects*. Comunicação apresentada em Re-thinking Genre Colloquium, Ottawa: Carleton University, 1992. (inédito).

_____. *Other floors, other voices : a textography of a small university building*. London: Lawrence Erlbaum Associates, 1998.

_____. *Research genres: explorations and applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SWALES, J.M.; FEAK, C. B. *English in today's research world: a writing guide*. USA: University of Michigan Press, 2000.

THOMPSON, G. *Introducing Functional Grammar*. London: Arnold, 2002.

THOMPSON, G; ZHOU, J. Evaluation and organization in text: the structuring role of evaluative disjuncts. IN: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. J. (Ed.). *Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2000. p.121-141.

VARTALLA, T. Remarks on the communicative functions of hedging in popular scientific and specialist research articles on medicine. *English for Especific Purpose*, v. 18, n. 2. p.177-200, 1999.

WHITE, P. R. R. Beyond modality and hedging: a dialogic view of the language of intersubjective stance. *Text*, v. 23, n. 2. p. 259-284, 2003.

REFERÊNCIAS DOS *CORPORA* DE ANÁLISE

BASILIO, M., M. P. A morfologia no Brasil: indicadores e questões. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 15, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: outubro de 2003.

BONINI, A. Reflexões em torno de um conceito psicolinguístico de tipo de texto. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 15, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: outubro de 2003.

CAMBRAIA, C. N. ; MEGALE, H. Filologia portuguesa no Brasil. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 15, Ed. Especial, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: outubro de 2003.

CANÇADO, M. O papel do léxico em uma teoria dos papéis temáticos. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 16, n. 2, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: outubro de 2003.

CANOLLA, C. As metáforas da produção: reflexões sobre o discurso de áreas. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 16, n. 1, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: outubro de 2003.

CAMARGO, D. C. Uma análise de semelhanças e diferenças na tradução de textos técnicos, jornalísticos e literários. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 20, n. 1, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: outubro de 2003.

CARDOSO, S. A. M. A dialectologia no Brasil: perspectivas. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 15, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: outubro de 2003.

CHACON, L. Pontuação e a demarcação de aspectos rítmicos da linguagem. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 13, n. 1, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: outubro de 2003.

CORACINI, M. J. R. F. A teoria e a prática: a questão da diferença no discurso sobre e da sala de aula. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 14, n. 1, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: outubro de 2003.

CORREA, L. M. S. Aquisição da linguagem: uma retrospectiva dos últimos trinta anos. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 15, edição especial, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: outubro de 2003.

COSTA, N. B. Contribuições do marxismo para uma teoria crítica da linguagem. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 16, n. 1, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: outubro de 2003.

D'ANGELIS, W. R. Sistema fonológico do português: discutindo o consenso. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 18, n. 1, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: outubro de 2003.

HAWAD, H. F. A voz verbal e o fluxo informacional do texto. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 20, n. 1, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: outubro de 2003.

HENRIQUES, E. R. Intercompreensão de texto escrito por falantes nativos de português e de espanhol. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 16, n.2, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: outubro de 2003.

KATO, M. A.; RAMOS, J. Trinta anos de sintaxe gerativa no Brasil. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 15, ED. Especial, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: outubro de 2003.

KRIEGER, M. G. Terminologia revisitada. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 16, n. 2, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: outubro de 2003.

MARTINS, C. A indeterminação dos significados nos estudos sócio-pragmáticos: divergências teórico-metodológicas. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 18, n. 1, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: outubro de 2003.

NEVES, M. H. M. Estudos funcionalistas no Brasil. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 15, Ed. Especial, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: outubro de 2003.

OLIVEIRA, R. P. Uma história de delimitações teóricas: trinta anos de semântica no Brasil. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 15, Ed. Especial, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: outubro de 2003.

ROCHA, M. Relações anafóricas em português falado: uma abordagem baseada em corpus. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 16, n. 2, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: outubro de 2003.

ROJO, R. H. R. Agir, obedecer e as formas de dizer e ação: as interações familiares na construção das ações, da linguagem e do sujeito social. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 15, n. 2, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: outubro de 2003.

SANDALO, I. A violação da condição em Kadiwéu. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 18, n. 1, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: outubro de 2003.

SANTOS, R. Categoria sintáticas vazias e retração de acento em português brasileiro. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 18, n. 1, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: outubro de 2003.

SCHERRE, M. P.; PAIVA, M. C. Retrospectiva sociolingüística: contribuições do Peul. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 15, ED. Especial, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: outubro de 2003.

SEKY, L. A lingüística indígena no Brasil. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 15, Ed. Especial, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: outubro de 2003.

SERRANE-INFANTE, S. Formações discursivas e processos identificatórios na aquisição de línguas. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 15, n. 1, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: outubro de 2003.

SILVA, R. V. M. Orientações atuais da lingüística histórica brasileira. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 15, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: outubro de 2003.

VEREZA, S. C. Contextualizando o léxico como objeto de estudo: considerações sobre sinonímia e referência. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 16, n. 1, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: outubro de 2003.

VIANA JR., O. Inglês instrumental para negócios. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 15, edição especial, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: outubro de 2003.

VOTRE, S.; OLIVEIRA, M. R.; CUNHA, M. A. F. A interação sincronia/ diacronia no estudo da sintaxe. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 15, n. 1, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: outubro de 2003.

